

# ALTA FIDELIDADE

"Um clássico  
imediató."  
*The Guardian*



Nick  
Hornby



COMPANHIA DAS LETRAS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

NICK HORNBY

# Alta fidelidade

*Tradução*  
Christian Schwartz



COMPANHIA DAS LETRAS

*Para Virginia*

ANTES...

Em ordem cronológica, meus cinco términos de namoro mais memoráveis de todos os tempos, aqueles que eu levaria pra uma ilha deserta:

1. Alison Ashworth
2. Penny Hardwick
3. Jackie Allen
4. Charlie Nicholson
5. Sarah Kendrew

Esses foram os que doeram de verdade. Tá vendo seu nome aí no meio, Laura? Acho que, raspando, até entrava nos dez mais, mas entre os *top five* não tem lugar pra você; essa lista está reservada para aquele tipo de humilhação e desgosto que você simplesmente não é capaz de causar. Isso provavelmente soou mais cruel do que eu pretendia, mas o fato é que a gente já passou da idade em que é capaz de deixar o outro na pior, o que é uma coisa boa, e não uma coisa ruim, então não precisa levar pro lado pessoal o fato de não ter entrado na lista. Essa época já era e, porra, demorou; ser infeliz realmente significava alguma coisa antes. Agora é só uma aporrinhão, tipo um resfriado ou falta de dinheiro. Se você queria detonar comigo de verdade, devia ter aparecido antes na minha vida.

## 1. ALISON ASHWORTH (1972)

Quase todo final de tarde a gente saía pra zoar no parque na esquina da minha casa. Eu morava em Hertfordshire, mas daria na mesma se morasse em qualquer subúrbio da Inglaterra: aquele era um típico subúrbio com seu típico parque — a três minutos de casa, bem em frente a uma rua com um pequeno comércio (um supermercado, uma banca de jornal, uma loja de bebidas). Nada ali em volta serviria como pista da localização geográfica do lugar; se o comércio estivesse aberto (e fechava sempre às cinco e meia da tarde, à uma às quintas, e nem abria aos domingos), seria possível entrar na banca e dar uma olhada no jornal local, mas nem isso revelaria muita coisa.

A gente tinha doze ou treze anos, e não fazia muito tempo que havia descoberto a ironia — ou, ao menos, o que eu mais tarde entendi que se chamava ironia: só nos permitíamos brincar nos balanços e no gira-gira e nos outros equipamentos infantis que enferrujavam por ali se fosse com certo tipo de distanciamento autoconsciente e irônico. Isso envolvia uma simulação de indiferença (assobiar, ou bater papo, ou manusear um maço de cigarros ou uma caixa de fósforos serviam bem ao propósito), ou um flerte com o perigo, e aí saltávamos dos balanços do ponto mais alto que podiam atingir, embarcávamos no gira-gira no pico de velocidade de seus giros, nos aboletávamos num dos extremos do barco viking até que, ali, atingíssemos uma posição quase vertical no ar. Uma vez que se conseguisse provar que aquelas diversões infantis tinham potencial pra arrebentar a cabeça de alguém, brincar no parquinho se tornava, de certa forma, aceitável.

Não sabíamos o que era ironia, porém, quando se tratava de meninas. Não tínhamos tido tempo ainda pra desenvolvê-la. Uma hora elas nem existiam, não de um jeito que pudesse nos interessar, de qualquer maneira, e de repente a gente não podia mais se livrar delas; estavam por toda parte, em todo canto. Uma hora o que a

gente queria era dar uns cascudos nelas por serem nossas irmãs, e de repente o que a gente queria era... a gente não sabia bem o que passou a querer de repente, na verdade, mas era alguma coisa, alguma coisa. Quase que da noite pro dia, aquelas irmãs todas (não havia nenhum outro tipo de menina até então) tinham se tornado interessantes, *perturbadoras* até.

Vejam, o que tínhamos nós de diferente do que tivéramos até ali? Vozes esganiçadas, mas isso não ajuda muito, sério — só te torna ridículo, não desejável. E nossos nascentes pelos púbicos eram um segredo nosso, estritamente guardado entre nós e nossas cuecas, e demoraria anos até que uma representante do sexo oposto pudesse verificar que eles estavam ali, bem onde deveriam estar. As meninas, por outro lado, muito claramente tinham peitos, e um novo jeito de andar, como complemento: braços cruzados na frente, uma postura que simultaneamente disfarçava a novidade e chamava atenção pra ela. E também tinha a maquiagem e o perfume, invariavelmente baratos e às vezes aplicados de uma maneira desajeitada, até cômica, mas ainda assim um sinal aterrador de que as coisas progrediam sem nós, longe de nós, pelas nossas costas.

Comecei a ficar com uma delas... não, não foi bem assim, porque não tive absolutamente participação nenhuma no processo de decisão. E também não posso dizer que ela começou a ficar comigo: a expressão "ficar com" é que é o problema, pois meio que sugere algo de igual pra igual, uma paridade. O que aconteceu foi que a irmã do David Ashworth, Alison, se destacou do bloco feminino que se reunia todo final de tarde perto do banco do parque e me adotou, me colocou debaixo da asa e me tirou de perto do barco viking.

Não consigo lembrar agora como foi que ela fez isso. Não acho que eu estivesse nem mesmo consciente do que acontecia, ali na hora, porque no meio do nosso primeiro beijo, do meu primeiro beijo, ainda me lembro de ter me sentido completamente pasmo e totalmente incapaz de explicar como tinha sido que a Alison Ashworth e eu nos tornáramos íntimos daquele jeito. Não tinha certeza nem de como fora parar do lado das meninas no parque, longe do irmão dela e do Mark Godfrey e do resto dos meninos, tampouco de como tínhamos nos afastado do bloco feminino, ou



ainda de como a Alison havia feito pra insinuar, movendo o rosto na minha direção, que eu devia colocar minha boca na dela. O incidente todo desafia qualquer explicação racional. Mas essas coisas todas aconteceram, e depois aconteceram mais uma vez, a maioria delas, no fim da tarde seguinte, e na tarde depois dessa também.

O que é que eu achava que estava fazendo? O que é que ela achava que estava fazendo? Hoje, quando tenho vontade de beijar pessoas daquele jeito, na boca e com língua e tudo mais, é porque quero outras coisas também: sexo, cinema na sexta à noite, companhia e bate-papo, família e amigos compartilhados, remédio na cama quando estou doente, ouvidos interessados nos meus discos e CDs, talvez um menininho chamado Jack e uma menininha chamada Holly ou Maisie, ainda não me decidi. Mas eu não queria nenhuma dessas coisas da Alison Ashworth. Filhos, não, porque a gente era criança, nem cinema na sexta à noite, porque íamos aos sábados de manhã, tampouco remédio na cama, porque era minha mãe quem ia buscá-los, nem mesmo sexo, sexo, particularmente, é que não, Deus me livre, a mais imunda e aterradora invenção daquele início dos anos 70.

Então qual era a justificativa para aquela pegação? A verdade é que não tinha justificativa; a gente estava simplesmente perdido nas trevas. Um pouco por imitação (pessoas que eu já havia visto beijar até 1972: James Bond, Simon Templar, Napoleon Solo, Barbara Windsor e Sid James, ou talvez Jim Dale, Elsie Tanner, Omar Sharif e Julie Christie, Elvis, e um monte de outras pessoas em preto e branco que minha mãe queria assistir, embora essas nunca mexessem a cabeça de um lado pro outro), um pouco por sujeição aos hormônios, outro tanto por pressão da turma (o Kevin Bannister e a Elizabeth Barnes já estavam naquilo fazia umas duas semanas) e mais um tanto por pânico cego... Não havia consciência, ou desejo, ou prazer, para além de um frio na barriga desconhecido e mais ou menos gostoso. Éramos animaizinhos, o que não queria dizer que, depois de uma semana, estaríamos arrancando nossas camisetas; significava apenas que, metaforicamente falando, tínhamos começado a farejar a bunda um do outro sem achar o odor ali completamente repulsivo.

Mas, escuta só, Laura. Na quarta tarde do nosso relacionamento, cheguei ao parque e a Alison estava sentada no banco, abraçada ao Kevin Bannister, e nem sinal da Elizabeth Barnes. Ninguém — nem a Alison, nem o Kevin, nem eu, nem os retardados esperando sua iniciação sexual enquanto se aboletavam num dos extremos do barco viking — ninguém disse nada. Fiquei tonto, vermelho, e de repente tinha esquecido como fazia pra andar sem ter que perceber cada parte do meu corpo. O que fazer? Pra onde ir? Eu não queria briga; não queria sentar lá com os dois; não queria ir pra casa. Então, olhando fixamente pros maços vazios de cigarro que dividiam o pátio entre meninas e meninos, e sem levantar a cabeça, olhar pra trás ou pra nenhum dos lados, voltei às numerosas fileiras de meninos solteiros junto ao barco viking. No meio do caminho, cometi meu único erro de avaliação: parei e consultei meu relógio, e juro pela minha vida que não sei o que estava tentando com aquilo ou quem eu queria enganar. Que tipo de compromisso marcado, afinal, poderia ter levado um menino de treze anos a dar as costas a uma menina e seguir na direção do parquinho, palmas das mãos suadas, coração acelerado, tentando desesperadamente não chorar? Com certeza nenhum compromisso marcado pras quatro horas de alguma tarde no final de setembro.

Filei um cigarro do Mark Godfrey e fui sentar sozinho no gira-gira.

“Vaca”, disparou o irmão da Alison, David, e sorri agradecido pra ele.

E foi isso. Onde é que eu tinha errado? Primeira tarde: parque, cigarro, pegação. Segunda tarde: idem. Terceira tarde: idem. Quarta tarde: pé na bunda. Tá bom, tá bom. Talvez eu devesse ter percebido os sinais. Talvez estivesse pedindo para aquilo acontecer. Lá pela segunda tarde, devia ter me dado conta de que a relação estava estagnada, de que eu tinha deixado as coisas se deteriorarem a ponto de ela procurar outro. Mas ela podia ter tentado me avisar! Podia pelo menos ter me dado mais uns dias pra acertar o passo!

Minha relação com a Alison Ashworth tinha durado seis horas (as duas horas entre a saída da escola e a hora do programa *Nationwide* na tevê, multiplicadas por três dias), de modo que nem dá pra argumentar que eu já tinha me acostumado com a companhia da

menina, que não sabia o que fazer sem ela. Na verdade, mal consigo lembrar qualquer coisa sobre a Alison hoje. Cabelo preto comprido? Talvez. Baixinha? Mais baixa que eu, certamente. Olhos puxados, quase orientais, rosto moreno? Essa pode ser a descrição dela ou de alguma outra pessoa. Sei lá. Mas, se estivéssemos pensando nessa lista pelo grau de sofrimento causado, colocaria a Alison lá em cima, no segundo lugar. Seria legal pensar que, à medida que fui ficando mais velho, os tempos mudaram, as relações se tornaram mais sofisticadas, as mulheres menos cruéis, o couro mais grosso, as reações mais afiadas, os instintos mais desenvolvidos. Mas parece que alguma coisa daquele final de tarde persiste em tudo o que me aconteceu desde então; todas as minhas histórias românticas seguintes parecem ser versões daquela primeira. Claro, nunca mais tive que percorrer aquele longo trajeto, minhas orelhas queimando com a mesma fúria, e nunca mais precisei contar maços de cigarro pra evitar os olhares gozadores e uma enxurrada de lágrimas... na verdade não, de fato não, não daquele jeito. É só que, às vezes, parece que sim.

## 2. PENNY HARDWICK (1973)

Penny Hardwick era uma boa menina, e hoje em dia sou fã de boas meninas, mas não tinha tanta certeza disso na época. Ela tinha um bom pai e uma boa mãe, uma boa casa, espaçosa, com um quintal, uma árvore e um laguinho de peixes, e tinha o corte de cabelo de uma boa menina (era loira e usava o cabelo na altura do ombro, aparência imaculadamente saudável e esportiva, estilo representante de turma), os olhos sorridentes de uma boa menina e uma irmã mais nova que era uma boa menina e sorria educadamente quando abria a porta pra mim e colaborava quando queríamos que sumisse de vista. A Penny tinha os modos de uma boa menina — minha mãe adorava ela — e um boletim de boa menina. A Penny era graciosa e seus cinco cantores favoritos eram Carly Simon, Carole King, James Taylor, Cat Stevens e Elton John. Muita gente gostava da Penny. Ela era tão boa menina, na verdade, que não me deixava colocar a mão por baixo, ou sequer por cima, do seu sutiã, e então terminei com ela, embora não tenha dito por quê, obviamente. Ela chorou e a odiei por isso, porque fez com que eu me sentisse mal.

Posso imaginar que tipo de pessoa a Penny se tornou: uma boa pessoa. Fiquei sabendo que fez faculdade, se saiu bem e acabou conseguindo emprego como produtora de rádio na BBC. Aposto que é uma mulher inteligente, compenetrada, talvez às vezes um pouco demais, e ambiciosa, mas não aquele tipo de gente ambiciosa que dá náuseas; ela já era uma mistura dessas coisas quando a gente namorou, e, em outro momento da minha vida, eu teria achado aquelas qualidades todas atraentes. Na época, porém, não estava interessado em qualidades, só em peitos, portanto ela não era pra mim.

Eu queria poder dizer a você que conversávamos longamente sobre coisas interessantes e que mantivemos uma amizade sólida ao longo dos nossos anos de adolescência — ela seria uma boa amiga

—, mas não acho que alguma vez a gente tenha conversado. A gente ia ao cinema, ia a festas e discotecas, e se engalfinhava. Se engalfinhava no quarto dela, no meu quarto, na sala da casa dela, na sala de estar da minha casa, nos quartos das casas onde fossem as festas, nas salas das casas onde fossem as festas e, no verão, se engalfinhava onde quer que houvesse um pedaço de gramado. E a gente se engalfinhava sempre pela mesma razão. Às vezes eu ficava tão entediado de tentar uma pegadinha nos peitos dela que fazia uma incursão ao meio das pernas, um gesto que era um pouco como debochar da própria desgraça: como tentar arranjar cincão emprestado e, tendo o pedido negado, responder que então pode ser quinze.

Era o tipo de pergunta que rolava entre os meninos da minha escola (uma escola só de meninos): “Já pegou?”; “Ela deixa você pegar?”; “Ela deixa por dentro ou por fora?”, e assim por diante. Às vezes eram perguntas em tom de gozação, pras quais se esperava um “não” como resposta: “Ela não tá te deixando nem encostar, né?”; “Ainda não rolou nem uma pegadinha, hein?”. As meninas, por sua vez, tinham que se contentar em falar na voz passiva. Penny usava a expressão “ser tocada”: “Ainda não estou preparada pra ser tocada”, ela se justificava, paciente e talvez um pouco triste (parecia compreender que um dia — mas não ainda — precisaria ceder e que, quando acontecesse, não ia gostar daquilo), enquanto removia pela milésima vez minha mão pousada próxima a um dos peitos. Ataque e defesa, invasão e expulsão... era como se aqueles peitos fossem pequenas porções de território que tivessem sido ilegalmente anexadas pelo sexo oposto — eram território nosso por direito e o queríamos de volta.

Felizmente, porém, havia traidoras, quintas-colunas, nas fileiras opositoras. Alguns meninos conheciam outros meninos que tinham “autorização” das namoradas pra fazer o que bem quisessem; em certos casos, as tais namoradas teriam ainda participado ativamente ao serem molestadas. Ninguém nunca ouvira falar de uma menina que tivesse chegado a se despir ou mesmo a tirar ou afrouxar os acessórios íntimos, claro. Isso teria sido participar ativamente demais. Segundo o que eu entendia, as meninas em questão tinham

apenas se posicionado de forma a incentivar o acesso. “Ela encolhe a barriga e tudo”, comentou o Clive Stevens, em aprovação à namorada do irmão dele; levei quase um ano pra sacar como era fundamental a manobra. Não admira que ainda lembre o nome da menina que a executava tão bem (Judith); uma parte de mim ainda quer conhecê-la.

Leia qualquer revista feminina e você encontrará ali a mesma queixa repetidas vezes: os homens — aqueles meninos, só que dez, vinte ou trinta anos depois — são um desastre na cama. Não estão interessados nas “preliminares”; não desejam estimular as zonas erógenas do sexo oposto; são egoístas, fominhas, desajeitados, toscos. Impossível não ver em tais queixas algo de irônico. Naquela época, tudo o que a gente queria eram preliminares, mas as meninas não estavam interessadas. Não queriam ser tocadas, acariciadas, estimuladas, excitadas; na verdade, era comum que qualquer tentativa do tipo fosse repreendida com murros. Não surpreende tanto, na verdade, que não sejamos muito bons nessas coisas. Passamos dois ou três longos e extremamente educativos anos aprendendo, na marra, a nem sequer pensar nelas. No intervalo entre os catorze e os vinte e quatro anos, as preliminares passam de algo que os meninos querem fazer e as meninas não a alguma coisa que as mulheres desejam e pra qual os homens não têm paciência. (Ou pelo menos é o que eles dizem. Eu, particularmente, gosto das preliminares — em grande parte porque a época em que tudo o que eu queria era dar uma pegadinha continua alarmantemente acesa na minha cabeça.) Se quer saber o que eu acho, a leitora de revista feminina e o menino de catorze anos formariam o par perfeito.

Se alguém, naquela época, me perguntasse por que eu era tão obcecado por um naco dos peitos da Penny Hardwick, não saberia o que dizer. E, se alguém perguntasse pra Penny por que tanta obsessão em me impedir de tocá-los, aposto que ela também teria penado pra responder. O que é que eu tanto queria? Não estava, com aquilo, pedindo algum tipo de reciprocidade, afinal. E por que ela não desejava ter suas zonas erógenas estimuladas? Não faço ideia. Tudo o que sei é que a gente podia, se quisesse, encontrar as

respostas pra todo tipo de pergunta difícil ali, enfiadas naquele interregno entre o primeiro pelo púbico e a primeira camisinha usada.

E, também, talvez eu nem quisesse colocar a mão por baixo do sutiã da Penny tanto quanto pensava que queria. Talvez outras pessoas quisessem mais do que eu mesmo que eu fizesse isso. Depois de uns dois meses me engalfinhando com a Penny em tudo quanto era sofá da cidade, entreguei os pontos: tinha admitido a um amigo, coisa que não deveria ter feito, pensando agora, que não estava chegando a lugar nenhum, meu amigo tinha contado a alguns outros amigos e virei o idiota alvo de chacotas cruéis e desagradáveis. Dei à Penny uma última chance, no meu quarto, numa noite em que minha mãe e meu pai tinham ido ao teatro assistir a uma montagem local de *Toad of Toad Hall*; forcei a barra de um jeito que teria assustado e deixado indignada uma mulher adulta, mas não consegui nada, e mal nos falamos quando a acompanhei até a casa dela.

No encontro seguinte, fui displicente e, ao tentar me beijar no fim da noite, ela recebeu um chega pra lá. “Qual é a graça disso?”, perguntei. “Nunca dá em nada.” Quando a gente voltou a se ver, ela me perguntou se eu queria continuar a ficar e virei a cara. Tínhamos ficado juntos três meses, o que, no oitavo ano, era o mais perto que se conseguia chegar de um relacionamento estável. (A mãe e o pai dela tinham até chegado a conhecer minha mãe e meu pai. E simpatizaram.) Aí ela chorou, e eu a odiei por me fazer sentir culpado e porque ela que tinha me levado a terminar.

Fiquei com uma menina chamada Kim, que eu sabia que já tinha liberado e (acertei no prognóstico) não teria problemas em liberar pra mim; Penny começou a ficar com o Chris Thomson, um menino que era meu colega de sala e tinha no currículo mais namoradas do que todos nós, os outros, juntos. Eu estava em território estranho, e ela também. Certa manhã, talvez umas três semanas depois da minha última engalfinhada com a Penny, o Thomson entrou na sala aos berros. “Ei, Fleming, seu mongu. Adivinha quem eu encaçapei ontem à noite?”

Senti a sala rodar.

“Em três meses não rolou nem uma pegadinha nos peitos com você, e já na primeira semana eu transei com ela!”

Acreditei no cara; todo mundo sabia que ele era capaz de conseguir o que quisesse de quem quisesse. Eu havia sido humilhado, batido, posto no chinelo; me senti idiota, pequeno e muito, muito mais novo do que o retardado do Thomson, aquele grandalhão desagradável e bocudo. Não devia ter me importado tanto. O Thomson ocupava uma classe especial nos assuntos envolvendo o baixo ventre, e tinha um monte de nerдинhos cabaços na outra turma do oitavo ano que nunca tinham chegado perto de andar abraçado com uma menina. Mesmo o lado da contenda em que eu estava, ainda que não fosse ouvido, devia lhes parecer incrivelmente sofisticado. Não tinha ficado assim tão feio pra mim. Mas eu não conseguia entender o que acontecera. Como teria se dado aquela transformação na Penny? Como ela tinha passado de uma menina que não deixava nada pra uma menina que deixava tudo? Talvez fosse melhor não pensar muito sobre o assunto; não queria me sentir mal por mais ninguém além de mim mesmo.

Espero que a Penny tenha superado bem essa fase, sei que eu superei, e suspeito que até o Chris Thomson tenha conseguido crescer sem se tornar a pior pessoa do mundo. Pelo menos é difícil imaginá-lo irrompendo naquele banco ou seguradora ou concessionária de carros onde arranjou emprego, largando com estrondo a pasta de trabalho e informando com euforia tosca a um dos colegas que “encaçapou” a esposa do dito cujo. (Não é tão difícil de imaginar, porém, que ele tenha mesmo encaçapado a mulher. O Thomson já parecia, naquela época, do tipo encaçapador de esposas.) Mulheres que recriminam os homens — e há muita coisa a ser recriminada neles — deveriam se lembrar de como começamos e do caminho que tivemos de percorrer.



### 3. JACKIE ALLEN (1975)

A Jackie Allen era namorada do meu amigo Phil, e eu a roubei dele de um jeito lento e paciente, ao longo de alguns meses. Não foi fácil. Exigiu um bom tempo e grandes doses de dedicação e engodo. O Phil e a Jackie tinham começado a ficar mais ou menos na mesma época que a Penny e eu, com a diferença de que o caso deles continuou a durar e durar: toda aquela fase cheia de risadinhas e hormônios do oitavo ano, o fim do mundo dos exames de admissão no ensino médio, o primeiro ano, até chegar naquele arremedo de sobriedade adulta pré-universidade. Os dois eram nosso casal de ouro, nossos Paul e Linda, nossos Newman e Woodward, prova viva de que, num mundo cético e volúvel, ainda era possível crescer, ou ao menos ficar mais velho, sem andar pulando de galho em galho a cada semana.

Não tenho muita certeza de por que eu quis foder com tudo, do ponto de vista dos dois e de todo mundo que precisava da companhia deles pra sair. Sabe quando a gente vê aquelas camisetas todas empilhadas numa loja de roupas, lindamente dobradas e organizadas por cores, e compra uma? Chegando em casa, ela nunca parece a mesma coisa. Só parecia legal na loja, você se dá conta tarde demais, porque estava acompanhada de suas iguais. Bom, foi meio que um negócio assim. Tive a esperança de que, ficando com a Jackie, um pouco daquela dignidade de uma decana no assunto fosse passar pra mim, mas, claro, sem o Phil ela não era nada daquilo. (Se era isso que eu queria, devia ter dado um jeito de ficar com os dois, mas esse tipo de coisa já é bem complicado de encarar na vida adulta; aos dezessete anos, então, é razão suficiente pra morte por apedrejamento.)

O Phil começou a trabalhar aos sábados numa loja de roupas masculinas, e aí dei o bote. Aqueles de nós que não trabalhavam ou que, como eu, só trabalhavam depois da escola, mas não nos fins de semana, costumávamos nos encontrar nos sábados à tarde na High

Street, onde ficávamos circulando pra cima e pra baixo, gastando tempo e dinheiro demais na Harlequin Discos e nos permitindo “uns luxos” (tínhamos adotado, sei lá como, a mesma expressão usada por nossas mães na escassez do pós-guerra), um café coado, por exemplo, que reputávamos como a última palavra pra quem quisesse parecer *cool* ao estilo francês. Às vezes dávamos uma passada na loja pra ver o Phil; às vezes ele me deixava usar o desconto a que tinha direito como vendedor. O que não me impediu de trepar com a namorada dele.

Eu sabia, conforme tinham me ensinado tanto a Alison quanto a Penny, que terminar com alguém podia ser sofrido, mas não que começar um relacionamento também. A Jackie e eu, porém, sofríamos de um jeito emocionante, adulto. A gente se encontrava às escondidas e se telefonava às escondidas e transava às escondidas e dizia às escondidas coisas como “O que é que a gente vai fazer?” e conversava sobre como seria legal quando não precisasse mais fazer tudo às escondidas. Nunca parei pra pensar se seria mesmo ou não. Não deu tempo.

Eu tentava não ficar falando muito mal do Phil — já me sentia bem culpado trepando com a namorada dele e tudo mais. Mas se tornou inevitável, porque, quando a Jackie expressava suas dúvidas em relação a ele, eu era obrigado a alimentá-las como se fossem gatinhos pequeninos e doentes, até que se tornassem saudáveis e robustos ressentimentos, dotados da agilidade própria dos felinos pra entrar e sair das nossas conversas à vontade.

E então, certa noite, numa festa, vi o Phil e a Jackie recolhidos num canto, juntos, e o Phil, obviamente transtornado, pálido, estava a ponto de cair no choro, e aí ele foi pra casa e, na manhã seguinte, ela telefonou pra saber se eu estava a fim de sair pra uma caminhada, e a gente saiu, e já não estava mais fazendo as coisas às escondidas; e o namoro durou mais ou menos três semanas.

Você diria que isso foi infantil, Laura. Diria que é idiota da minha parte comparar Rob e Jackie com Rob e Laura, nós dois já nos trinta e tantos, estabelecidos na vida, morando juntos. Diria que o adultério entre adultos bate de longe o adultério entre adolescentes, mas estaria equivocada. Várias vezes, desde então, fui um dos

vértices de algum triângulo, mas a pior foi aquela primeira vez em que estive nessa posição. O Phil nunca mais falou comigo; nossa turma das compras de sábado também não queria nossa companhia. Minha mãe recebeu uma ligação da mãe do Phil. Ir pra escola se tornou desconfortável por algumas semanas.

Compare com o que acontece se, hoje, eu aprontar uma dessas: posso passar a frequentar outros bares e outras casas noturnas, deixar que a secretária eletrônica atenda as ligações, posso sair mais, ficar mais em casa, colocar pra funcionar meu compasso social e desenhar um novo círculo de amigos (e, de qualquer modo, meus amigos nunca são os amigos dela, seja ela quem for), evitar todo e qualquer contato com pais que desaprovam o que fiz. Esse tipo de anonimato, no entanto, não era uma opção naquela época. A gente era obrigado a ficar lá e aguentar o que viesse, fosse o que fosse.

O que me deixou mais perplexo de tudo foi a sensação insípida de decepção que me tomou quando a Jackie ligou naquela manhã de domingo. Não dava pra entender. Vinha planejando aquela conquista fazia meses e, quando finalmente aconteceu a capitulação, o que senti foi nada — menos do que nada até. Não podia dizer isso pra Jackie, obviamente, mas não estava muito em condições, por outro lado, de demonstrar o entusiasmo que senti que ela precisava, então decidi mandar tatuar o nome dela no meu braço direito.

Sei lá. Ficar com aquela marca pro resto da vida parecia muito mais fácil do que ter que contar pra Jackie que tudo não tinha passado de um erro grotesco, que eu só estava de bobeira mesmo; segundo minha lógica, se pudesse mostrar pra ela a tatuagem, me pouparia o esforço de ficar inventando histórias que estavam além da minha capacidade com as palavras. Devo esclarecer que não sou fã de tatuagens; não sou, nem era então, do tipo rock 'n' roll decadente ou um brutamontes bebedor de barris de cerveja. Mas, mais ou menos nessa época, houve uma desastrosa moda das tatuagens na nossa escola, e posso apostar que vários caras de seus trinta e tantos anos, hoje contadores e professores de escola primária, gerentes de RH e programadores de computador, carregam mensagens terríveis ("MANCHESTER UNITED", "LYNYRD SKYNYRD") gravadas a fogo na pele.

O que eu queria era um singelo "J ♥ R" tatuado no antebraço, mas Victor, o tatuador, não deixou barato.

"Qual das duas letras é ela? O 'J' ou o 'R'?"

"O 'J'."

"E faz quanto tempo que você está ficando com essa pequena 'J'?"

Eu estava morrendo de medo daquele ambiente agressivamente masculino — dos demais clientes (todos do time dos brutamontes bebedores de barris de cerveja, e os quais pareciam, inexplicavelmente, se divertir por me verem ali), das mulheres peladas pregadas às paredes, dos lúgubres modelos de mostruário, a maioria convenientemente exposta nos antebraços do próprio Victor, até mesmo do linguajar levemente desbocado do tatuador.

"Tempo suficiente."

"Aqui sou eu que decido se essa porra é suficiente, e não você."

O que me fez pensar que aquele era um jeito estranho de vender um serviço, mas decidi guardar a observação pra outro momento.

"Uns meses."

"E você vai casar com ela, é isso? Ou embuchou a menina?"

"Não. Nenhum dos dois."

"Então vocês só estão ficando? Não estão enrolados?"

"Isso."

"E como você conheceu essa menina?"

"Ela estava ficando com um amigo meu."

"Ah, é? E quando eles terminaram?"

"Sábado."

"Sábado." O cara ria que nem um louco. "Não quero a sua mãe vindo aqui reclamar comigo depois. Cai fora daqui."

Caí fora dali.

Victor tinha acertado na mosca, claro; na verdade, várias outras vezes, quando fui vítima dos males do coração, fiquei tentado a procurá-lo. Ele teria sido capaz de dizer em dez segundos se alguém valia uma tatuagem ou não. Mas, mesmo depois que o Phil e a Jackie, em êxtase e lágrimas, reataram, as coisas não voltaram mais a ser como eram. Algumas das meninas da escola dela e alguns dos rapazes da nossa escola concluíram que a Jackie tinha me usado pra

renegociar os termos de sua relação com o Phil, e as compras de sábado à tarde nunca mais foram as mesmas. E a gente deixou de admirar casais que estivessem juntos há muito tempo; éramos sarcásticos quando falávamos deles, e eles próprios eram sarcásticos a seu respeito. No intervalo de algumas semanas, o status de "casados" tinha deixado de ser alguma coisa a que aspirávamos pra se transformar em motivo de escárnio. Aos dezessete anos, nos tornamos tão amargurados e pouco românticos quanto nossos pais.

Tá vendo, Laura? Você não vai mudar tudo, como fez a Jackie. Pra nós dois isso já aconteceu vezes demais; a gente vai simplesmente voltar pros amigos e pros bares e pra vida que tinha antes, e vai ficar por isso mesmo, ninguém vai notar a diferença, provavelmente.

#### 4. CHARLIE NICHOLSON (1977-1979)

Conheci a Charlie na faculdade: eu estudava mídia e ela, design, e logo que a vi pela primeira vez soube que era o tipo de garota que eu vinha querendo conhecer desde a idade em que comecei a querer conhecer garotas. Ela era alta, cabelo loiro e curto (dizia ter conhecido um pessoal que estudava no St. Martin's com uns amigos do Johnny Rotten, mas nunca chegou a me apresentar ninguém), e parecia diferente, dramática e exótica. Até o nome dela me soava diferente, dramático e exótico, pois até então, no mundo em que eu vivia, meninas tinham nomes de meninas, e os nomes não muito interessantes, inclusive. Ela falava pra caramba, então não havia espaço para aqueles silêncios longos e cheios de ansiedade que pareciam ter caracterizado a maior parte dos meus relacionamentos no final do ensino médio, e a Charlie, quando falava, dizia coisas notavelmente interessantes — sobre o curso dela, sobre o meu, sobre música, filmes, livros e política.

E ela gostava de mim. Ela gostava *de mim*. Ela gostava. Ela *gostava*. Ou, ao menos, eu achava que sim. Eu *achava* que sim. Etc. Nunca tive total certeza do que as mulheres gostam em mim, mas sei que certa devoção ajuda (até eu sei como é difícil resistir a alguém que te acha irresistível) e eu era, certamente, devotado: não era inconveniente, pelo menos não até perto do fim, e nunca abusava da hospitalidade dela, não enquanto ainda havia alguma hospitalidade da qual abusar, mas era gentil e sincero e compenetrado e dedicado, e lembrava de coisas sobre ela, e dizia pra ela que ela era bonita, e dava presentinhos que tinham a ver, geralmente, com uma conversa nossa recente. Nada disso me dava trabalho, claro, e nada era feito por algum tipo de cálculo: eu tinha facilidade pra lembrar coisas sobre ela porque não pensava em mais nada, e achava, de verdade, que ela era bonita, e não conseguiria me controlar pra não comprar os presentinhos, e não precisava fingir devoção a ela. Não havia esforço ali. De modo que, quando uma das

amigas da Charlie, uma garota chamada Kate, disse pensativa, no horário de almoço de um dia qualquer, que quem dera ela pudesse encontrar alguém como eu, fiquei surpreso e empolgado. Empolgado porque a Charlie estava escutando aquilo, e mal não ia fazer que ela escutasse, mas surpreso também, pois tudo o que eu fazia era desprovido de interesse próprio. E no entanto era o bastante, parecia, pra me transformar em alguém desejável. Estranho.

E, também, a mudança pra Londres tinha facilitado essa história de as garotas gostarem de mim. Na minha cidade, a maioria me conhecia, ou conhecia minha mãe e meu pai — ou alguém que me conhecia, ou conhecia minha mãe e meu pai —, desde que eu era pequeno, e por consequência eu sempre tinha a desconfortável sensação de que minha infância podia ser exposta ao mundo a qualquer momento. Como levar uma garota a um pub pra menores de idade pra beber uns drinques se, como você bem sabia, no closet de casa ainda estava pendurado seu uniforme dos escoteiros? Por que uma garota ia querer beijá-lo se sabia (ou conhecia alguém que sabia) que, apenas alguns anos antes, você havia teimado em enfeitar sua jaqueta impermeável costurando nela emblemas que trouxe de lembrança dos parques de Norfolk Broads e Exmoor? Por todo lado, na casa dos meus pais havia fotos minhas com orelhas de abano e roupas desastrosas, montado em tratores, batendo palmas, exultante, pra trenzinhos em miniatura adentrando estaçõezinhas em miniatura; e, embora mais tarde eu viesse a descobrir, aliviado, que minhas namoradas achavam essas fotos umas gracinhas, àquela altura tudo me parecia ainda muito fresco pra me deixar confortável. Tinham sido apenas seis anos para aquele menino de dez se tornar o de dezesseis; será que era tempo suficiente pra uma transformação de tal magnitude? Aos dezesseis, aquela jaqueta impermeável com os emblemas era só uns dois números menor que as que eu usava.

A Charlie não me conhecera aos dez anos de idade, porém, tampouco conhecia alguém que tivesse me conhecido. Já me encontrara um jovem adulto. Com idade suficiente pra votar; pra passar a noite com ela, a noite inteira, no alojamento estudantil em que ela morava; e pra ter opiniões e pagar uma bebida pra ela num

pub, garantido pela certeza de que minha carteira de motorista, trazendo uma suada prova de maioridade, estava no bolso... e eu já tinha idade pra ter uma história. Na minha cidade, eu não tinha uma história, só o que havia eram coisas que todo mundo já sabia, e que, portanto, não valia a pena serem repetidas.

Mas ainda assim eu me sentia uma fraude. Eu era como esse pessoal que de repente raspa a cabeça e sai dizendo que *sempre* foi punk, que já era punk antes de inventarem o punk: sentia como se a qualquer momento fossem me desmascarar, como se alguém fosse irromper no bar da universidade brandindo uma das minhas fotos com a jaqueta impermeável e gritando: "O Rob já foi um *menino!* Um *molequinho!*", e a Charlie ia assistir àquilo e me dar um pé na bunda. Nunca me ocorreu que, na casa dos pais dela, em St. Albans, ela provavelmente escondia uma pilha de livros de historinhas de pôneis e vestidos ridículos de festa. Na minha cabeça, ela já havia nascido com aqueles brincos enormes, jeans boca de sino e um entusiasmo incrivelmente sofisticado por um sujeito cuja arte era salpicar tinta laranja por aí.

A gente namorou por dois anos, e cada minuto desse tempo foi, pra mim, como me equilibrar num parapeito perigosamente estreito. Nunca conseguia me sentir confortável, não sei se vocês me entendem; não havia espaço pra dar uma espreguiçada e relaxar. Ficava deprimido com meu guarda-roupa pouco vistoso. Ficava ansioso pensando nas minhas habilidades como amante. Não conseguia entender o que ela tinha visto no sujeito da tinta laranja, não importava quantas vezes ela me explicasse. Me preocupava que nunca, jamais eu chegaria a ser capaz de dizer pra ela alguma coisa interessante ou divertida sobre o que quer que fosse. Os colegas da Charlie no curso de design me deixavam intimidado, e eu tinha certeza de que ela ia acabar ficando com um deles. Ela ficou com um deles.

Saí do ar por uns tempos. E fui ficando cada vez mais fora de sintonia. Rondei o alojamento da Charlie até que uns amigos dela me flagraram e ameaçaram me dar uma boa lição. Decidi que ia



matar o Marco (Marco!), o colega com quem ela estava ficando, e passei longas horas, de madrugada, pensando em como ia fazer, embora apenas murmurasse algum cumprimento e desse o fora rapidinho toda vez que topava com ele. Andei roubando umas coisinhas de estabelecimentos comerciais — a motivação pra isso, precisamente, me escapa agora. Tomei uma dose a mais de Valium e na mesma hora enfiei o dedo na garganta. Escrevi pra ela cartas intermináveis, algumas das quais postei, e ensaiei diálogos intermináveis, nenhum dos quais chegamos a ter. E, quando dei por mim, depois de uns dois meses de escuridão, descobri surpreso que tinha largado a faculdade e estava trabalhando numa loja de discos e cassetes de segunda mão em Camden.

Foi tudo tão rápido. Eu meio que esperava que minha vida adulta fosse me parecer uma estrada longa, significativa e instrutiva, mas tudo aconteceu naqueles dois anos; às vezes sinto que todas as coisas e pessoas depois daquele período foram apenas distrações menores. Tem gente que nunca superou os anos 60, ou a guerra, ou quando a banda em que tocava abriu pra o Dr. Feelgood num pub chamado Âncora da Esperança, e aí passa o resto de seus dias andando pra trás; nunca superei, de verdade, a Charlie. Foi ali que as coisas importantes, as coisas que definem quem eu sou, aconteceram.

Algumas das minhas canções favoritas: “Only Love Can Break Your Heart”, do Neil Young; “Last Night I Dreamed That Somebody Loved Me”, dos Smiths; “Call Me”, da Aretha Franklin; “I Don’t Want to Talk About It”, qualquer versão. E tem também “Love Hurts” e “When Love Breaks Down” e “How Can You Mend A Broken Heart” e “The Speed Of The Sound Of Loneliness” e “She’s Gone” e “I Just Don’t Know What To Do With Myself” e... Algumas dessas músicas eu ouvi, em média, uma vez por semana (trezentas vezes no primeiro mês e, depois, de vez em quando), e isso desde os meus dezesseis ou dezenove ou vinte e um anos. Como é que uma coisa dessas não deixaria marcas? Como é que isso não acabaria transformando o cara naquele tipo de pessoa suscetível a se quebrar em pedacinhos quando o primeiro amor não dá certo? O que vem antes, a música ou o sofrimento? Eu ouvia música porque sofria? Ou sofria porque

ouvira música? Será que aqueles discos todos é que me deixavam melancólico?

As pessoas se preocupam que as crianças brinquem com armas e que os adolescentes joguem video games agressivos; assusta que possam ser dominados por algum tipo de cultura da violência. Mas ninguém se incomoda que esses jovens ouçam milhares — literalmente milhares — de canções sobre corações partidos e rejeição e dor e sofrimento e perda. As pessoas mais infelizes que conheço, em termos românticos, são as que mais curtem música pop; e não sei se foi a música pop que causou o sofrimento, mas o certo é que essas pessoas já escutam canções tristes há mais tempo do que vivem suas vidas infelizes.

Enfim. Dicas de como não planejar a sua carreira profissional: a. terminar com a namorada; b. largar a faculdade; c. ir trabalhar numa loja de discos; d. continuar trabalhando em lojas de discos pelo resto da vida. A gente vê aquelas fotos dos habitantes de Pompeia e pensa: que estranho, um joguinho rápido de dados enquanto descansa do chá e pronto, petrificado, e é assim que as pessoas vão se lembrar de você pelos próximos mil anos. E se aquela era a primeira vez na vida que você jogava dados? E se você só estava ali pra fazer companhia pro seu amigo Augustus? E se bem naquela hora você tivesse acabado de escrever um poema brilhante ou algo do tipo? Não seria chato ser lembrado como um jogador de dados? Às vezes olho pra minha loja (porque não fiquei parado nos últimos catorze anos! Faz uns dez que peguei dinheiro emprestado pra abrir minha própria loja!), olho pros clientes de todo sábado e sei exatamente como devem se sentir aqueles habitantes de Pompeia, se é que sentem alguma coisa (se bem que o importante, ali, é que não sentem). Estou petrificado nessa pose de dono de loja pra sempre, e por causa de umas poucas semanas em 1979, quando dei uma pirada. Podia ser pior, imagino; se eu tivesse ido bater na porta de um posto de recrutamento do Exército, ou entrado no primeiro matadouro. Mas, ainda assim, sinto como se tivesse feito uma careta no momento em que mudava o vento, e

agora sou obrigado a andar por aí assim, com aquela cara, pelo resto da vida.

Acabei deixando de postar as cartas; uns meses mais tarde, parei de escrevê-las também. Continuava a ter fantasias em que assassinava o Marco, embora esses homicídios imaginados se tornassem mais rápidos (daria a ele um breve momento pra registrar o que estava pra acontecer e BUM!) — não era muito a minha aquela coisa doente de saborear uma morte lenta. Voltei a ir pra cama com outras pessoas, ainda que encarasse cada um desses novos casos como lance de sorte, exceção, nada que viesse alterar a imagem desoladora que tinha de mim mesmo então. (E, como James Stewart em *Um corpo que cai*, tinha criado pra mim um “ideal”: cabelo loiro e curto, metida a artista, atordoante e tagarela, alguém que me levasse a cometer erros desastrosos.) Parei de beber tanto, parei de ouvir as letras das músicas com tanta fascinação mórbida. (Durante algum tempo, considerei inquietantemente relevante qualquer canção que falasse de alguém que perde alguém, o que abrange praticamente toda a música pop; considerando que eu trabalhava numa loja de discos, isso significa que eu ficava inquieto mais ou menos o tempo todo.) Desisti de bolar as frases matadoras com que deixaria a Charlie se contorcendo no chão, arrependida e se odiando.

Me cerquei de todos os cuidados, porém, pra não ir fundo demais no que quer que fosse, trabalho ou relacionamentos: tinha me convencido de que a Charlie podia ligar a qualquer momento e eu teria, portanto, de entrar imediatamente em ação. Cheguei a ter dúvidas até sobre se devia ou não abrir minha própria loja, pensando que a Charlie podia querer que eu a acompanhasse numa mudança pra fora do país e eu não teria como me aprontar a tempo; casamento, hipotecas e paternidade estavam fora de questão. Ao mesmo tempo, eu era realista: de quando em quando me atualizava sobre a vida da Charlie, já imaginando uma sequência de eventos desastrosos (Ela foi morar com o Marco! Compraram um apartamento juntos! Casou com ele! Está grávida! É uma menina!), apenas como forma de me manter a postos, pois aqueles eram eventos que exigiriam toda uma série de ajustes e

redirecionamentos pra que minhas fantasias continuassem vivas (Ela não vai ter pra onde ir quando eles se separarem! Ela não vai ter *mesmo* um lugar pra onde ir quando eles se separarem, e eu é que vou precisar sustentá-la! O casamento vai fazer ela acordar! Assumir a filha de um outro homem vai mostrar a ela o cara incrível que eu sou!). Não havia novidade que eu não fosse capaz de digerir; nada do que ela e o Marco fizessem me convenceria de que aquilo era mais do que uma fase que estávamos passando. Eles continuam juntos, até onde sei, e quanto a mim, hoje, voltei a ser solteiro.

## 5. SARAH KENDREW (1984-1986)

A lição que aprendi do fracasso com a Charlie é que a gente deve escolher parceiros à altura. Ela não estava na mesma categoria: bonita demais, esperta demais, espirituosa demais, tudo demais. E o que eu sou? Mediano. Um meio-médio. Não sou o cara mais inteligente do mundo, mas tampouco, certamente, o mais burro: li coisas como *A insustentável leveza do ser* e *O amor nos tempos do cólera*, e entendi, acho (os dois são sobre garotas, certo?), mas não gostei muito; meus cinco livros favoritos de todos os tempos são: *O sono eterno*, do Raymond Chandler, *Dragão vermelho*, do Thomas Harris, *Sweet Soul Music*, do Peter Guralnick, *O guia do mochileiro das galáxias*, do Douglas Adams, e, sei lá, algum outro do William Gibson ou do Kurt Vonnegut. Leio o *Guardian* e o *Observer*, e também o *NME* e revistas de música; não sou contra umas incursões a Camden pra ver filmes legendados (top five dos filmes legendados: *Betty Blue*, *Subway*, *Ata-me*, *O silêncio do lago*, *Diva — Paixão perigosa*), embora no geral prefira filmes americanos (top five do cinema americano e, portanto, melhores cinco filmes de todos os tempos: *O poderoso chefão*, *O poderoso chefão II*, *Taxi Driver*, *Os bons companheiros* e *Cães de aluguel*).

Não sou tão mal em termos de aparência; na verdade, se colocarmos, digamos, o Mel Gibson num dos extremos do espectro de beleza e no outro, sei lá, o Berky Edmonds, que na escola se tornou lendário por sua feiura grotesca, acho que consigo, raspando, entrar no time do Mel. Uma namorada me disse, certa vez, que eu parecia um pouquinho com o Peter Gabriel, e ele até que passa, né? Minha altura é mediana, nem gordo nem magro, nada de barba feiosa, limpinho, sempre de jeans e camiseta e, por cima, jaqueta de couro mais ou menos o ano inteiro, exceto no verão, quando a deixo em casa. Voto nos trabalhistas. Tenho uma coleção de vídeos de séries cômicas clássicas — *Monty Python*, *Faulty Towers*, *Cheers* e

por aí vai. Quase sempre compreendo as reivindicações feministas, mas não as mais radicais.

Minha genialidade, se é que dá pra chamar assim, é juntar todas essas características medianas num só pacote compacto. Quase dá pra dizer que tem milhões de caras como eu, só que não, na verdade: muitos têm gosto musical impecável, mas não leem; muitos leem, mas são gordos; muitos são simpáticos ao feminismo, mas usam barbas ridículas; muitos têm um senso de humor digno do Woody Allen, mas se parecem com o Woody Allen. Tem muitos caras que bebem demais, muitos que se comportam como idiotas quando estão dirigindo, muito que se metem em brigas, ficam se exibindo com dinheiro, ou usam drogas. Não faço nenhuma dessas coisas, sério; se me saio bem com as mulheres, não é porque tenho virtudes, mas porque não tenho essas sombras.

Ainda assim, o cara precisa perceber quando a areia é muita pro seu caminhão. E a Charlie era muita areia pro meu; depois dela, eu estava determinado a nunca mais me meter com parceiras de outra categoria, e então, durante cinco anos, até conhecer a Sarah, fiquei só no raso, sem mergulhar. A Charlie e eu não combinávamos. O Marco e a Charlie, sim; a Sarah e eu, também. Ela era medianamente atraente (pequena, magra, belos olhos castanhos, dentes tortos, cabelo escuro na altura do ombro, sempre parecendo que precisava de um corte, por mais assiduamente que ela frequentasse os salões de beleza), e a Sarah se vestia mais ou menos como eu. Cinco artistas favoritos de todos os tempos: Madness, Eurythmics, Bob Dylan, Joni Mitchell, Bob Marley. Cinco filmes favoritos de todos os tempos: *A mocidade é assim mesmo*, *Diva — Paixão perigosa* (olha aí!), *Gandhi*, *Desaparecido — Um grande mistério*, *O morro dos ventos uivantes*.

E ela era triste, no sentido original da palavra. Tinha levado um pé na bunda, uns anos antes, de uma versão masculina da Charlie, um cara chamado Michael que queria ser alguém na BBC. (Nunca conseguiu, o babaca, e nos comprazíamos por dentro a cada dia que passava sem que o víssemos na tevê ou o ouvíssemos no rádio.) O cara tinha marcado época na vida da Sarah, exatamente como a Charlie na minha, e ao se separar ela havia decidido se afastar dos

homens por um tempo, mais ou menos como minha decisão de manter distância de mulheres. Fazia sentido que continuássemos nosso jejum juntos, somando nossos ódios ao sexo oposto e, ao mesmo tempo, dividindo a cama com alguém. Nossos amigos estavam todos comprometidos, nossas carreiras pareciam ter se consolidado como duradouras, tínhamos medo de acabar sozinhos pelo resto de nossas vidas. Somente certo tipo de gente é capaz de, aos vinte e seis anos, ter medo de acabar sozinho pelo resto da vida; a gente era desse tipo. Tudo parecia se precipitar e, passados uns meses, ela veio morar comigo.

Não chegávamos a encher um cômodo. Não que tivéssemos poucas coisas: ela trouxe um monte de livros (era professora de literatura), eu tinha minhas centenas de discos, e o apartamento, além disso, é bem apertado — moro aqui há mais de dez anos e quase sempre me sinto como numa daquelas casinhas de cachorro de desenho animado. O que quero dizer é que nenhum de nós dois era muito espaçoso, ou intenso, de modo que, quando estávamos juntos, ficava claro pra mim que o único lugar que ocupávamos era o espaço dos nossos corpos. Não éramos capazes de nos *projetar* como certos casais.

Tentávamos, às vezes, quando saíamos com gente ainda mais quieta; nunca conversamos sobre por quê, de repente, nos tornamos mais barulhentos e estridentes, mas tenho certeza de que ambos sabemos que isso aconteceu. E passamos a nos comportar assim pra compensar o fato de que a vida rolava em outro lugar, de que, em algum canto, o Michael e a Charlie estavam juntos, curtindo mais do que nós com pessoas mais glamorosas que nós, e fazer barulho era meio que uma atitude desafiadora, resistência última, fútil, mas necessária. (Pode-se observar isso em tudo quanto é lugar: jovens de classe média cujas vidas já começam a decepcioná-los sendo ruidosos demais em restaurantes, casas noturnas e bares. “Olhem só! Não sou tão chato quanto vocês pensam! Sei curtir!” Trágico. Feliz de mim que aprendi a gostar de ficar em casa, sossegado.) O nosso foi um casamento de conveniência, tão cínico e mutuamente vantajoso quanto qualquer outro, e eu achava, de

verdade, que talvez pudesse passar uma vida inteira ao lado dela. Não me importaria. Ela era legal.

Tem uma piada que, certa vez, ouvi num desses *sitcoms* — *Man About The House*, talvez? — uma piada muito ruim, na qual um cara sai à noite com uma garota bem gorda e de óculos, faz ela ficar bêbada e, quando vai levá-la pra casa, tenta alguma coisa. “Não sou esse tipo de moça!”, ela reage, gritando. Ele olha pra ela chocado. “Mas... mas você *devia* ser”, responde o cara. Ri da piada quando tinha dezesseis anos, mas só voltei a pensar nela quando a Sarah veio me dizer que tinha conhecido outro cara. “Mas... mas você *não podia*”, era o que eu queria ter retrucado. Não estou dizendo que a Sarah não fosse desejável — ela era, sem dúvida, e o tal outro cara devia, afinal, estar a fim dela. Só digo que ela ter conhecido outro feria o próprio espírito do nosso trato. Tudo que realmente tínhamos em comum (a admiração por *Diva* — *Paixão perigosa* que compartilhávamos, verdade seja dita, sobreviveu a nós por mais alguns meses) era termos levado um pé na bunda, além de, no geral, sermos contra pés na bunda — éramos fervorosamente antiforas. Então como é que acabei levando um?

Eu não estava sendo realista, claro. Há sempre o risco de perder qualquer pessoa cuja companhia valha a pena, a menos que, de tão paranoico com a perda, se escolha alguém indesejável, alguém que não ofereça as condições pra ser cobiçado por ninguém mais em hipótese nenhuma. Quando se decide entrar nesse negócio, é preciso aceitar a possibilidade de que pode dar errado, de que alguém chamado Marco, ou Tom, nesse caso, vai aparecer pra te chatear. Mas eu não via as coisas desse jeito naquela época. Só o que conseguia ver, então, era que, depois de rebaixado de divisão, ainda assim tinha dado errado, e isso me parecia uma boa causa pra grandes doses de sofrimento e autocomiseração.

E aí eu conheci você, Laura, e a gente foi morar junto, e agora você saiu de casa. Mas, sabe, não tem nada de *novo* nisso que você está me fazendo; se está querendo forçar a barra pra entrar naquela lista, precisa caprichar. Não sou mais tão vulnerável quanto era quando a Alison ou a Charlie me chutaram, você não desestruturou todo o meu dia a dia como a Jackie, não me fez sentir mal comigo



mesmo como a Penny (e nem a pau conseguiria me humilhar, como fez o Chris Thomson), e, hoje, estou mais forte do que era quando conheci a Sarah — sei, apesar das sombras e da insegurança que emergem das profundezas quando a gente leva um pé na bunda, que você não foi minha última e melhor chance de relacionamento. Então, quer saber? Bela tentativa. Quase, mas não deu. A gente se vê.

HOJE...

# 1.

Laura vai embora logo de manhã na segunda-feira, carregando uma mala de mão e uma sacola de compras. Dá o que pensar, sério, ver que ela está levando tão pouco, essa mulher que adora suas coisas, suas cerâmicas e seus livros, suas gravuras e a pequena escultura que comprou na Índia: olho pra mala e penso: Meu Deus, ela realmente não quer mais morar aqui.

A gente se abraça na porta, ela está chorando um pouquinho.

“Não sei muito bem o que estou fazendo”, diz.

“Dá pra perceber”, digo, que é meio que uma piada, meio não. “Você não precisa ir agora. Pode ficar quanto quiser.”

“Obrigado. Mas já fizemos a parte mais difícil. Eu ia acabar, sabe...”

“Bom, fica só esta noite, então.”

Ela apenas faz uma careta, porém, e alcança a maçaneta da porta.

A saída é atrapalhada. Ela não tem uma mão livre, mas tenta mesmo assim abrir a porta, só que não consegue, então abro pra ela, mas fico atravancando o caminho, de modo que sou obrigado a sair até o patamar da escada pra que ela possa sair também, e aí ela precisa ficar segurando a porta porque estou sem a chave, e então tenho que me espremer pra passar por ela e eu mesmo segurar a porta antes que feche. E é isso.

Me dá remorso dizer que uma sensação incrível, em parte de liberdade, em parte de um entusiasmo ansioso, me invade por

algun lugar nas unhas dos pés e me arrebatada como uma grande onda. Já senti isso antes e sei que não significa muito — confunde, porque não quer dizer, por exemplo, que vou passar as semanas seguintes em êxtase. Mas sei também que devia ficar com essa sensação, aproveitá-la enquanto durar.

Eis o que fiz pra celebrar meu retorno ao Reino dos Solteiros: sento na minha poltrona, a que vai continuar aqui em casa comigo, e arranco pedacinhos do estofado do braço; acendo um cigarro, embora seja ainda muito cedo e eu não esteja a fim de um, simplesmente porque agora estou livre pra fumar no apartamento a hora que quiser sem causar uma briga; fico imaginando se já conheci a próxima pessoa com quem vou pra cama ou se vai ser alguém a quem ainda não fui apresentado; fico imaginando como ela é e se vamos transar aqui ou no apartamento dela, e como será que é esse apartamento; decido que vou mandar pintar a logo da Chess Records na parede da sala. (Tinha uma loja em Camden com todas elas — da Chess, da Stax, da Motown, da Trojan — reproduzidas em estêncil na parede de tijolos ao lado da entrada, que dava um visual incrível. Talvez eu conseguisse descobrir o cara que havia feito lá e pedisse pra ele pintar versões menores aqui.) Me sinto legal. Estou bem. Saio pra trabalhar.

Minha loja se chama Championship Vinyl. Vendemos punk, blues, soul e R&B, alguma coisa de ska, outro tanto de indie, algum pop dos anos 60 — tudo aquilo que o verdadeiro colecionador procura, conforme diz a frase na vitrine, em irônica inscrição retrô. Estamos localizados numa rua tranquila de Holloway, cuidadosamente escolhida de modo a atrair o mínimo de passantes e clientes ocasionais; não há razão pra que alguém passe por aqui, a menos que more perto, e o pessoal que vive nas redondezas não parece especialmente interessado no meu Stiff Little Fingers selo branco (vinte e cinco pratas, preço especial — paguei dezessete por ele em 1986) ou na minha edição mono de *Blonde On Blonde*.

Consigo me manter graças às pessoas que se dão ao trabalho de, aos sábados, sair de casa especialmente pra vir comprar aqui —

rapazes, sempre rapazes, com seus óculos à la John Lennon, jaquetas de couro e montes de sacolas de compras de formato quadrado — e às encomendas por correio: anúncio na contracapa das revistas descoladas de rock e recebo cartas de rapazes, sempre rapazes, de Manchester e Glasgow e Ottawa, jovens que parecem passar uma parte desproporcional de seu tempo à procura de singles desaparecidos dos Smiths e de discos do Frank Zappa marcados com um “ORIGINAL NÃO RELANÇADO”. Os caras estão tão próximos da loucura que não faz mais diferença.

Estou atrasado e, quando chego à loja, o Dick já está lá, encostado à porta lendo um livro. Tem trinta e um anos e o cabelo comprido, preto e oleoso; usa uma camiseta do Sonic Youth, uma jaqueta de couro preta que bravamente tenta dar a impressão de que já viu melhores dias, embora ele a tenha comprado faz só um ano, e um ridículo e enorme par de fones pro Walkman, os quais cobrem não apenas suas orelhas, mas metade do rosto. O livro é uma biografia do Lou Reed em edição de bolso. A sacola de compras a seus pés — esta, sim, já viu dias melhores — propagandeia um selo independente americano da moda; Dick teve um trabalhão pra conseguir a sua e fica bem nervoso só de algum de nós chegar perto dela. Ele a usa pra carregar seus cassetes; já ouviu a maior parte do que temos na loja e prefere ele mesmo trazer coisas diferentes pra escutar no trabalho — fitas dos amigos, edições especiais que encomenda pelo correio — do que perder seu tempo ouvindo o que quer que seja pela segunda vez. (“Quer dar uma chegada no pub pra almoçar, Dick?”, eu ou o Barry perguntamos pra ele uma ou duas vezes na semana. Ele olha pesaroso pra sua pequena pilha de fitas e suspira: “Adoraria, mas ainda tenho todas essas pra encarar hoje”.)

“Bom dia, Richard.”

Ele se atrapalha, nervoso, com os fones gigantes, fica com um dos lados preso à orelha, enquanto o outro lhe tapa um olho.

“Ah, oi. Oi, Rob.”

“Desculpa o atraso.”

“Não, sem problemas.”

“O fim de semana foi bom?”

Destranco a porta e ele se apressa em catar suas coisas.

“Tudo bem, é, legal. Achei o primeiro disco dos Liquorice Comfits em Camden. Aquele baseado no *Testament of Youth*. Não chegou a ser lançado aqui. Só importado do Japão.”

“Ótimo.” Não sei de que porra ele tá falando.

“Vou gravar pra você.”

“Valeu.”

“Porque você falou que curtiu o segundo deles. *Pop, Garotas Etc.* O que tem a Hattie Jacques na capa. Mas você não deve ter visto a capa. Só te dei uma fita gravada.”

Certamente ele deve ter gravado o disco dos Liquorice Comfits pra mim, e certamente falei pra ele que tinha gostado. Meu apartamento está repleto de fitas gravadas pelo Dick, a maior parte das quais nunca escutei.

“Bom, e você? Como foi o fim de semana? Legal? Não tão legal?”

Não consigo imaginar que tipo de conversa teríamos, o Dick e eu, se contasse pra ele do meu fim de semana. Era provável que ele simplesmente virasse poeira ao ouvir que a Laura tinha me deixado. Esse tipo de coisa não era o forte do Dick; na verdade, se algum dia eu confessasse qualquer coisa de natureza remotamente pessoal — que tinha um pai e uma mãe, digamos, ou que frequentara a escola quando era mais novo —, acho que ele ia corar, e começar a gaguejar, e perguntar se eu já havia escutado o último disco do Lemonheads.

“Meio a meio. Partes legais e partes não tão legais.”

Ele assente com a cabeça. Era, obviamente, a resposta mais acertada.

A loja cheira a cigarro velho, mofo e plástico de capa de disco, e é um ambiente apertado e escuro e sujo e entulhado, em parte porque era assim que eu a queria — é como uma loja de discos deve ser, e só mesmo fãs do Phil Collins pra querer comprar naquelas coisas que, de tão limpas e asseadas, parecem lojas de artigos pra casa — e em parte porque nunca tenho paciência pra uma faxina e uma reforma.

Em cada uma das laterais tem uns suportes em que os clientes podem fuçar, e mais alguns na vitrine, e CDs e cassetes nas paredes, em gabinetes de vidro, e é mais ou menos isso; espaço

relativamente suficiente, desde que não apareçam clientes, de modo que quase sempre dá pro gasto. O estoque, nos fundos, é maior do que a parte da loja, na frente, mas não mantemos nada em estoque, na verdade, só umas pilhas de discos de segunda mão pros quais ninguém quer se dar ao trabalho de pensar em preço, então o lugar é mais um quarto da bagunça mesmo. Só de olhar pra loja já passo mal, sério. Tem dias que meu medo é me descontrolar, arrancar do teto o móbile de papelão do Elvis Costello, atirar na rua o suporte com a marcação "Cantores Country A-K" e ir trabalhar numa Virgin Megastore pra nunca mais voltar.

O Dick põe um disco pra tocar, algum troço psicodélico da Costa Oeste, e prepara um café pra gente enquanto vejo a correspondência; aí tomamos o café; então ele tenta enfiar uns discos nos suportes, que gemem e cambaleiam, e empacoto algumas encomendas; aí dou uma olhada nas palavras cruzadas do *Guardian* enquanto ele lê uma revista de rock americana importada; depois é ele quem dá uma olhada nas palavras cruzadas do *Guardian* enquanto leio a revista de rock americana importada; e, quando nos damos conta, é minha vez de fazer café.

Mais ou menos às onze e meia, um irlandês bêbado chamado Johnny entra aos tropeços. Vem nos visitar umas três vezes por semana, e suas aparições já se tornaram sequências coreografadas e roteirizadas que nem ele nem eu queremos mudar. Neste mundo hostil e imprevisível, contamos um com o outro pra ter alguma estabilidade.

"Vai se foder, Johnny", eu digo pra ele.

"Então meu dinheiro não serve pra você?", ele responde.

"Você não tem dinheiro nenhum. E a gente não tem nada aqui que você queira comprar."

É a deixa pra que ele se entregue a uma entusiástica interpretação de "All Kinds of Everything", da Dana, o que por sua vez é minha deixa pra sair de detrás do balcão e conduzi-lo à porta, o que dá a ele nova deixa pra se agarrar a um dos suportes de discos, o que então funciona como deixa pra eu abrir a porta com uma das mãos, obrigá-lo a soltar o suporte com a outra e botá-lo

pra fora. Chegamos a essa série de movimentos já faz uns dois anos, de modo que estamos mais do que ensaiados agora.

O Johnny é nosso cliente pré-almoço. Este não é um emprego pros muito ambiciosos.

O Barry só aparece depois do almoço, o que é normal. Tanto o Dick quanto o Barry foram contratados pra meio período, três dias por semana, mas não demorou muito depois de eu empregá-los pra que ambos começassem a vir todos os dias, inclusive aos sábados. Eu não sabia o que fazer a respeito — se os dois realmente não tinham outro lugar aonde ir nem outra coisa pra fazer, não queria, entendem, enfatizar isso, pra evitar alguma crise, tipo, espiritual —, então subi um pouquinho o salário deles e deixei quieto. O Barry interpretou o aumento como um sinal de que devia voltar a trabalhar menos, de modo que, desde então, não dei a ele mais aumento nenhum. Isso foi há quatro anos, e ele nunca comentou o assunto.

Ele entra na loja cantarolando um *riff* do Clash. “Cantarolando” não é, na verdade, a palavra certa: o que ele faz é aquela imitação de guitarra típica de qualquer garotinho, lábios projetados pra frente, dentes cerrados, “da-dá!”. O Barry tem trinta e três anos.

“E aê, caras? Ei, Dick, que música é essa, meu? É uma merda.” Faz uma careta e aperta o nariz com os dedos. “Eca!”

O Barry intimida o Dick, a ponto do Dick raramente dizer uma palavra quando o Barry está na loja. Só interfiro se o Barry estiver sendo realmente ofensivo, de modo que fico apenas assistindo enquanto o Dick estica o braço, alcançando o som na estante e desliga a fita.

“Porra, valeu. Você é uma criança, Dick. Precisa de alguém cuidando o tempo inteiro. Só não sei por que tem que ser sempre eu. Rob, você não ouviu quando ele colocou esse negócio pra tocar? Tá de brincadeira, meu?”

Ele fala sem trégua, e quase nada do que diz faz sentido. Fala muito sobre música, mas também um monte sobre livros (Terry Pratchett e o que mais tiver monstros, planetas e por aí vai), sobre filmes e sobre mulheres. Pop, garotas etc., como dizem os Liquorice



Comfits. Mas seus papos são simples enumerações: se assistiu a um filme legal, o Barry não vai descrever o enredo, ou que emoções a história provocou nele, e sim falar da colocação do filme na sua lista de melhores do ano, de melhores de todos os tempos, de melhores da década — o Barry pensa e fala em termos de cinco e dez mais e, conseqüentemente, o Dick e eu também. E o tempo todo faz a gente escrever as listas: “Certo, caras. Os cinco melhores filmes com o Dustin Hoffman”. Ou então melhores solos de guitarra, ou melhores discos de músicos cegos, ou melhores séries produzidas por Gerry e Sylvia Anderson (“Não acredito que você colocou o *Captain Scarlet* primeiro, Dick. O cara nunca morria! Que graça tem?”), ou melhores sabores de guloseimas em potes de vidro (“Se vocês colocarem ruibarbo ou creme de baunilha no top five, paro já”).

O Barry enfia a mão no bolso da jaqueta de couro, tira uma fita, coloca no som e escancara o volume. Em segundos a loja está trepidando ao som da linha de baixo de “Walking on Sunshine”, do Katrina and the Waves. É fevereiro. Faz frio. Está chovendo. A Laura foi embora. Não estou a fim de ouvir “Walking on Sunshine”. Não estou no clima, por alguma razão.

“Desliga isso, Barry”, preciso gritar feito um comandante de bote salva-vidas no meio de um vendaval.

“Não dá pra aumentar mais.”

“Eu não falei ‘aumenta’, seu imbecil. Falei ‘desliga’.”

Ele ri e se encaminha pra sala do estoque, berrando a parte dos metais: “Da-dá! Da da da da da da-dá da-da-da-dá”. Eu mesmo desligo o som. O Barry volta pra loja.

“Que que você tá fazendo?”

“Não estou a fim de ouvir ‘Walking on Sunshine’!”

“É uma fita nova que eu gravei. Uma fita pras manhãs de segunda. Fiz ontem à noite, especialmente pra hoje.”

“Tá, só que agora já é a porra da tarde de segunda-feira. Você devia acordar mais cedo.”

“E você teria me deixado ouvir a fita de manhã, então?”

“Não. Mas pelo menos assim tenho uma desculpa pra desligar.”

“Você não quer alguma coisa pra te animar? Que tal chacoalhar um pouco esse teu esqueleto sofrido de meia-idade?”

"Não."

"O que você gosta de escutar quando está putado, então?"

"Não sei. 'Walking on Sunshine', com certeza, não."

"Certo, vou avançar um pouco a fita."

"O que tem depois?"

"'Little Latin Lupe Lu'."

Solto um gemido.

"Mitch Ryders and the Detroit Wheels?", pergunta Dick.

"Não. The Righteous Brothers." Dá pra perceber, pela voz, que o Barry está na defensiva. Fica óbvio que nunca ouviu a versão de Mitch Ryders and the Detroit Wheels.

"Ah. Ah, bom. Deixa pra lá." O Dick jamais ousaria dizer que o Barry tinha feito a escolha errada, mas a sugestão fica clara.

"Que foi?", o Barry diz, eriçado.

"Nada."

"Não, vai, fala. Qual é o problema com os Righteous Brothers?"

"Nenhum. É só que prefiro a outra versão", responde Dick, voz mansa.

"Besteira."

"Por que é besteira alguém expressar suas preferências?", pergunto.

"Se é a preferência errada, é besteira."

O Dick dá de ombros e sorri.

"Que foi? Qual é? Por que esse sorrisinho superior aí?"

"Deixa ele em paz, Barry. Não interessa. A gente não vai mesmo ouvir essa sua porra de 'Little Latin Lupe Lu', então dá um tempo."

"Desde quando esta loja está sob um regime fascista?"

"Desde que você entrou nela com essa fita."

"Só estou tentando animar a gente um pouco. Só isso. Mil perdões. Vai, põe aí alguma merda nostálgica e triste, nem ligo."

"Também não é alguma merda nostálgica e triste que eu quero. Quero apenas algo que dê pra eu ignorar."

"Ótimo. Essa que é a graça de trabalhar numa loja de discos, certo? Pôr pra tocar coisas que a gente não está a fim de ouvir. Pensei que essa fita ia servir, sabe, pra gerar discussão. Estava aqui pronto pra perguntar quais são, pra vocês, os cinco melhores discos

pra se ouvir numa manhã chuvosa de segunda e tal, e vocês vêm e estragam tudo.”

“Fazemos isso na segunda que vem.”

“Pra quê?”

E assim por diante, e sucessivamente, pelo resto da minha vida profissional.

O que eu queria era um top five de discos pra não sentir nada; com essa lista, o Dick e o Barry estariam me fazendo um favor. Quanto a mim, vou escutar Beatles assim que chegar em casa. *Abbey Road*, provavelmente, mas vou programar o CD pra pular “Something”. Os Beatles eram figurinhas de brinde no chiclete, ver *Help* na sessão de sábado de manhã, brincar com guitarrinhas de plástico e cantar “Yellow Submarine” se esgoelando no fundão do ônibus da escola. Eles pertencem a mim, e não a mim e à Laura, ou a mim e à Charlie, nem a mim e à Alison Ashworth, e, mesmo que ouvi-los me faça sentir alguma coisa, não vai ser alguma coisa ruim.

## 2.

Me preocupava como ia ser voltar pra casa à noite, mas tudo bem: a sensação suspeita de bem-estar que começou de manhã continua comigo. E, de qualquer modo, as coisas dela não vão estar aí pra sempre, espalhadas por todo lado. Logo a Laura vem fazer a limpa, e essa atmosfera de navio à deriva sem tripulação — a edição de bolso do Julian Barnes lida pela metade no criado-mudo e as calcinhas no cesto da roupa suja — vai embora com ela. (Calcinhas se revelaram uma terrível decepção quando passei a morar com mulheres. Nunca cheguei a me recuperar do choque que foi a descoberta de que elas, como nós, guardam as melhores para aquelas noites em que sabem que vão dormir com alguém. Quando a gente mora com uma mulher, uns trapos velhos, desbotados e encolhidos, comprados em lojas populares, de repente começam a aparecer pendurados pra secar pela casa inteira; os sonhos lascivos da época da escola, de uma vida adulta cercada de lingerie exótica pra todo sempre, amém... esses sonhos viram pó.)

Removo os vestígios do trauma da noite passada — o edredom extra largado no sofá, as bolinhas de lenço de papel, as canecas de café com bitucas de cigarro boiando no líquido frio e gorduroso, aí ponho Beatles pra tocar e, quando termino de ouvir *Abbey Road* e as primeiras faixas de *Revolver*, abro a garrafa de vinho branco que a Laura trouxe pra casa na semana passada e sento pra assistir as maratonas de *Brookside* que tenho gravadas.

A exemplo daquelas freiras que acabam todas menstruando ao mesmo tempo, a mãe da Laura e a minha terminaram por, misteriosamente, sincronizar suas ligações semanais. Quem telefona primeiro é a minha.

“Alô, querido, sou eu.”

“Oi.”

“Tudo bem?”

“Indo.”

“Como foi a semana?”

“Ah, você sabe.”

“E a loja, como vai?”

“Indo. Altos e baixos.” Seria ótimo se a loja tivesse altos e baixos. Altos e baixos significariam uns dias melhores que outros, com mais ou menos clientes. O que, falando francamente, não era o caso.

“Seu pai e eu estamos bem preocupados por causa dessa recessão.”

“Pois é. Você falou.”

“Você tem sorte da Laura ter um emprego bom. Se não fosse por ela, acho que vocês dois já estariam perdendo o sono.”

*Ela foi embora, mãe. Me atirou pros lobos. A vaca fodeu com tudo e me largou...* Não. Não posso fazer isso. Não me parece a maneira certa de dar más notícias.

“Só Deus sabe quanta coisa ela já tem pra se preocupar, e ainda esquentar a cabeça com uma loja atulhada de umas velharias de discos pop...”

Como descrever o jeito como as pessoas nascidas antes de 1940 pronunciam a palavra “pop”? Venho assistindo a isso, uma sílaba cuspidada de um jato pelos meus pais — movimento da cabeça para a frente e expressão idiota no rosto (porque fãs de música pop são idiotas) durante o tempo que levam para expelir a palavra —, faz mais de duas décadas.

“Me espanta ela não te fazer vender essa loja e arranjar um emprego de verdade. Incrível a Laura ainda aguentar firme depois de tanto tempo. Se fosse comigo, já tinha deixado pra trás você e essa sua vida há anos.”

*Calma, Rob. Não entre na dela. Não caia na armadilha. Não... Ah, foda-se.*

“Pois ela me deixou, eu e essa minha vida, então acho que você pode comemorar.”

“Pra onde ela foi?”

“Sei lá, pô. Foi embora... simples assim. Saiu de casa. Sumiu.”

Segue-se um longo, longo silêncio. Dura tanto, na verdade, que consigo assistir a uma briga inteira entre o Jimmy e a Jackie Corkhill e, nesse tempo, não ouvir mais do que um suspiro prolongado e sofrido do outro lado da linha.

“Alô? Tem alguém aí?”

E agora, sim, ouço alguma coisa — o som da minha mãe chorando baixinho. O que acontece com as mães? O que é que está acontecendo aqui? Como adulto, a gente sabe que, cada vez mais, vai estar na posição de cuidar da pessoa que cuidou da gente no começo da vida, é o curso normal das coisas; mas minha mãe e eu trocamos de papéis quando eu tinha uns nove anos. Qualquer coisa ruim que tenha me acontecido nas duas últimas décadas — castigos na escola, notas baixas nas provas, socos na cara, pau na faculdade, fins de namoro — terminou desse mesmo jeito, com minha mãe visível ou audivelmente chorosa. Teria sido melhor pra nós dois se eu tivesse me mudado pra Austrália aos quinze anos e de lá ligasse pra casa uma vez por semana contando uma série de grandes feitos fictícios. A maior parte dos meninos de quinze anos acharia difícil ter que se virar sozinho, do outro lado do mundo, sem dinheiro nem amigos nem família nem emprego nem formação, mas não eu. Seria moleza, comparado com a ladainha que era obrigado a escutar semana após semana.

Não é... bom, *não é justo*. Nada justo. Nunca foi justo. Desde que saí da casa dos meus pais, tudo o que ela faz é se queixar, se preocupar e mandar recortes do jornal local descrevendo os pequenos triunfos de antigos colegas de escola. Isso é ser uma boa mãe? Não pelos meus critérios. Quero solidariedade, compreensão, conselhos e dinheiro, não necessariamente nessa ordem, mas esses são conceitos desconhecidos na casa de Canning Close.

“Está tudo bem comigo, se é por isso que você está chateada.”

Sei que não é por isso que ela está chateada.

“Você sabe que não é por isso que estou chateada.”

“Pois devia ser, não devia? Não devia, não? Mãe, acabo de levar um pé na bunda. Não estou muito bem.” Nem muito mal — Beatles, meia garrafa de Chardonay e *Brookside* fizeram seu efeito —, mas isso eu não vou contar pra ela. “Já não estou conseguindo segurar minha própria barra, que dirá a sua.”

“Eu sabia que isso ia acontecer.”

“Pois, se você sabia que ia acontecer, por que está tão chateada?”

“O que é que você vai fazer agora, Rob?”

“Vou beber o resto de uma garrafa de vinho na frente da tevê. Então vou pra cama. Aí levanto e vou pro trabalho.”

“E depois?”

“Conheço uma moça legal e temos filhos.”

É a resposta certa.

“Se fosse fácil assim.”

“E é. Prometo: da próxima vez que a gente se falar, vou ter resolvido essa questão.”

Ela quase sorri. Dá pra ouvir do outro lado. Começo a ver alguma luz no fim desse comprido e escuro túnel telefônico.

“Mas o que foi que a Laura disse? Você sabe dizer por que ela foi embora?”

“Não, na verdade.”

“Pois eu sei.”

O alarme soa por um momento, até que compreendo do que ela está falando.

“Não tem nada a ver com a gente se casar, mãe, se é isso que você está pensando.”

“Isso é o que *você* diz. Gostaria de ouvir o lado dela.”

*Devagar. Não entre... Não caia na... Ah, foda-se.*

“Mãe, quantas vezes ainda vou ter que dizer, pelamordedeus? A Laura *não queria* casar. Ela não é desse tipo. Por assim dizer. As coisas não são mais assim hoje em dia.”

“Sei lá como é que as coisas são hoje em dia. Só sei que você conhece alguém, vocês vão morar juntos, ela sai de casa. Você conhece alguém, vocês vão morar juntos, ela sai de casa.”

Bem observado, penso.  
"Cala a boca, mãe."

A sra. Lydon liga alguns minutos mais tarde.

"Alô, Rob. É a Janet."

"Oi, sra. L."

"Como vai?"

"Tudo bem. E a senhora?"

"Bem, obrigado."

"E o Ken?"

O pai da Laura não é dos caras mais brilhantes — tem angina e, por isso, precisou se aposentar cedo.

"Indo. Altos e baixos. Sabe como é. A Laura está?"

Interessante. Ela não ligou pra casa dos pais. Um indício de culpa, talvez?

"Não está. Foi na Liz. Digo pra ela ligar de volta?"

"Se ela não voltar muito tarde."

"Sem problema."

E essa é a última vez que a gente vai se falar, provavelmente. "Sem problema": as últimas palavras que direi a uma pessoa de quem fui relativamente íntimo até que nossas vidas tomassem rumos diferentes. Estranho, né? A gente passa o Natal na casa da pessoa, se preocupa com as operações dela, abraça, beija, dá flores, vê a pessoa só de camisola... e aí, pronto, é isso. Adeus pra sempre. E, cedo ou tarde, outra sogra, outros Natais, mais veias com varizes. São todas iguais. Só muda o endereço — e a cor da camisola.



### 3.

Estou no fundo da loja, tentando dar uma organizada na bagunça, quando entreouço uma conversa do Barry com um cliente — homem, meia-idade, a julgar pelo jeito de falar, e certamente nem um pouco antenado.

“Estou procurando um disco pra minha filha. É um presente de aniversário. ‘I Just Called to Say I Love You’. Você teria?”

“Ah, sim”, o Barry responde. “Claro que tenho.”

Sei muito bem que o único single do Stevie Wonder que temos na loja, no momento, é “Don’t Drive Drunk”; faz uma cara que está por aí e nunca conseguimos nos livrar dele, mesmo colocando a sessenta pence. Qual é a do Barry?

Saio do estoque pra ver o que está acontecendo. O Barry está lá, parado, sorrindo pro cara, que parece um pouco confuso.

“Posso levar então?” Ele meio que sorri, aliviado, como se fosse um garotinho que tivesse lembrado, finalmente, de dizer “por favor”.

“Não, desculpe, mas não pode.”

O cliente, mais velho do que eu tinha imaginado e usando uma boina e uma capa de chuva de um bege encardido, não se mexe; dá pra ver que está pensando: nem queria ter entrado nessa toca barulhenta e escura dos infernos, pra começar, e ainda termina sendo zoad.

“Por que não?”

“Oi?” Barry estava ouvindo Neil Young, que nesse exato minuto fez o ataque de guitarras.

“Por que não?”

“Porque é uma porcaria de um lixo sentimental, só por isso. Isto aqui parece o tipo de loja que vende essa porra de ‘I Just Called to Say I Love You’, hã? Agora vê se dá o fora, porque você está me fazendo perder tempo.”

O velho dá meia-volta e sai, enquanto o Barry se sacode de rir, exultante.

“Muito obrigado, Barry.”

“Que foi?”

“Você acaba de expulsar uma porra de cliente da loja.”

“A gente nem tinha o que ele queria. Eu só estava me divertindo um pouco, o que não te custou um centavo.”

“Não é essa a questão.”

“Ah, qual é a questão, então?”

“A questão é que não quero, nunca mais, que você fale daquele jeito com quem quer que seja que entre aqui.”

“Por que não? Você acha que aquele bobão daquele velho panaca podia virar cliente assíduo?”

“Não, mas... Escuta, Barry, a loja não está indo bem. Sei que a gente costumava tirar uma onda com qualquer um que viesse pedir coisas que não são do nosso gosto, mas isso tem que acabar.”

“Besteira. Se a gente tivesse o disco, eu teria vendido pra ele, você ficaria cinquenta pence ou uma libra mais rico e nunca mais ia ver o cara na vida. Grande merda.”

“Que mal o cara te fez?”

“Você sabe que mal ele me fez. Me ofendeu com seu péssimo gosto.”

“O péssimo gosto nem era dele. Era da filha.”

“Você está ficando mole com a idade, Rob. Antigamente, teria dado uma corrida no sujeito.”

Ele tinha razão: antigamente. Parece que foi há muito tempo. A verdade é que já não sou mais capaz de produzir esse tipo de fúria.

Na terça à noite, reorganizo minha coleção de discos; quase sempre faço isso em períodos de estresse emocional. Tem gente que

acharia essa uma maneira bem tediosa de passar uma noite, mas não sou desse tipo. Isto aqui é minha vida, e é legal poder abrir caminho nela, enterrar os braços nela, tocá-la.

Durante o tempo que a Laura morou aqui, os discos ficaram organizados por ordem alfabética; antes, a organização era por ordem cronológica, começando com o Robert Johnson e terminando com, sei lá, o Wham!, ou algum som africano, ou qualquer outra coisa que eu estava ouvindo quando a gente se conheceu. Hoje, porém, estou a fim de algo diferente, então tento lembrar a ordem em que comprei os discos: é assim que espero escrever minha autobiografia, sem nem ter que pegar numa caneta. Tiro todos das estantes, faço pilhas que recobrem o assoalho da sala, procuro *Revolver* e começo por ele; quando termino, sou perpassado por um sentido de identidade, pois, afinal, isto aqui sou eu. Gosto de poder olhar pra minha trajetória, de Deep Purple a Howling Wolf em vinte e cinco movimentos; não sinto mais dor com a lembrança de ter passado todo um período celibatário ouvindo "Sexual Healing", ou envergonhado de lembrar que formei um clube do rock na escola, no qual eu e meus colegas do ensino médio nos reuníamos pra falar de *Ziggy Stardust* e *Tommy*.

Mas o que gosto mesmo é da sensação de segurança que meu novo sistema de organização dá; com ele, pareço mais complicado do que realmente sou. Tenho alguns milhares de discos, e vocês precisariam se transformar em mim — ou, no mínimo, serem especialistas em Flemingologia — pra conseguir encontrar um deles. Se quero escutar, digamos, *Blue*, da Joni Mitchell, preciso lembrar que o comprei pra alguém no outono de 1983, mas pensei melhor e não dei o presente, por razões que prefiro, na verdade, não mencionar. Ora, vocês não sabem nada disso, então estão ferrados, não estão? Teriam que me pedir pra desenterrar o disco pra vocês, e acho isso enormemente reconfortante, por alguma razão.

Uma coisa esquisita acontece na quarta. O Johnny chega, canta "All Kinds of Everything", tenta passar a mão num punhado de capas de discos. E estamos lá, fazendo nossa pequena coreografia em

direção à porta da rua, quando ele se contorce pra se soltar, olha pra mim e diz: "Você é casado?"

"Não, Johnny, não sou. E você?"

Preso debaixo do meu sovaco, ele começa a rir às sacudidelas, uma risada assustadora, maníaca, que fede a álcool, tabaco e vômito e termina numa explosão de catarro.

"Você acha que eu estaria nessa merda se tivesse uma mulher?"

Não digo nada — apenas me concentro em continuar nosso tango até a saída —, mas a autoavaliação cortante do Johnny atrai a atenção do Barry — talvez ele ainda esteja puto pela reprimenda de ontem —, que se debruça no balcão e diz: "Não ajuda muito, Johnny. O Rob tem uma mulher legal em casa, e olha só pra ele. Está em péssimo estado. Corte de cabelo ruim. Espinhas. Moletom horroroso. Meias deploráveis. A única diferença entre você e ele, Johnny, é que você não precisa pagar o aluguel de uma loja todo mês".

Tenho que aguentar esse tipo de troço vindo do Barry o tempo todo. Hoje, porém, não estou disposto e dou uma encarada que, supostamente, é pra fazer ele calar a boca, mas que ele interpreta como um convite a abusar ainda mais de mim.

"Rob, estou fazendo isso pro seu próprio bem. Esse é o pior moletom que eu já vi na vida. Nunca me apareceu um tão ruim sendo usado por alguém com quem eu tenha o costume de conversar. É uma desgraça pra raça humana. Nem o David Coleman usaria um desses no *A Question of Sport*. O Joan Noakes mandaria prender por crime de lesa-moda. O Val Doonican daria uma olhada só e..."

Atiro o Johnny na calçada, fecho a porta com força, cruzo o espaço da loja correndo, pego o Barry pelas lapelas de sua jaqueta de camurça marrom e declaro que, se tiver que ouvir mais uma só palavra daquela sua ladainha patética, inútil e sem sentido sobre a minha vida, mato ele. Quando o largo, estou tremendo de fúria.

O Dick sai da sala do estoque e fica ciscando por ali.

"Ei, caras", ele sussurra. "Ei."

"Qual é a tua, meu? Você é idiota, ou o quê?", o Barry me pergunta. "Se essa jaqueta tiver estragado, você vai ter que pagar,

velho." É o que ele diz, que eu vou "ter que pagar". Meu Deus. E aí sai pisando duro da loja.

Vou pra sala do estoque e sento num degrau da escada portátil, o Dick agora cisca ali perto da porta.

"Tá tudo bem?"

"Tá, sim. Desculpe." Escolho o caminho mais fácil. "Olha só, Dick, não tenho mulher legal nenhuma mais em casa. Ela foi embora. E, se a gente algum dia voltar a ver o Barry, você podia contar isso pra ele."

"Claro que sim, Rob. Sem problema. Sem problema mesmo. Vou contar da próxima vez que encontrar com ele", responde Dick.

Só faço que sim com a cabeça, sem dizer nada.

"Eu tenho... tenho umas outras coisas pra falar com ele, então, sem problema. Vou contar pra ele sim, sabe, da Laura, quando tiver que falar dessas outras coisas", continua o Dick.

"Legal."

"Antes de entrar no meu assunto vou falar primeiro do teu, claro. Porque o meu não é muito... Na verdade, é só sobre um show que vai ter amanhã à noite no Harry Lauder. Então conto pra ele antes. Boas e más notícias, tipo", o Dick diz e dá uma risada nervosa. "Ou melhor, más e boas notícias, porque o Barry gosta dessa pessoa que vai tocar no Harry Lauder." Uma expressão de horror cruza seu rosto. "Quer dizer, ele gostava da Laura também, não foi isso que eu... E ele gosta de você. É só que..."

Digo que entendi o que ele quer dizer e peço que me traga uma xícara de café.

"Claro. Com certeza. Rob, olha só. Você quer, tipo, conversar sobre isso?"

Por um momento, fico quase tentado: abrir o coração pro Dick seria uma experiência única. Mas digo que não tem muito o que falar e chega a passar pela minha cabeça que ele vai me abraçar.

## 4.

Vamos os três ao Harry Lauder. Já está tudo bem com o Barry; o Dick passou o recado assim que ele voltou pra loja, e agora os dois estão fazendo o melhor que podem pra cuidar de mim. O Barry preparou uma fita com uma compilação elaboradamente comentada, e o Dick passou a repetir suas perguntas quatro ou cinco vezes, em vez das costumeiras duas ou três. E os dois meio que insistiram pra que eu viesse a esse show.

O Lauder é um pub enorme, com um teto tão alto que a fumaça de cigarro se acumula acima das cabeças, como uma nuvem de histórias em quadrinhos. É um lugar antigo, ar gelado, bancos com estofamento rasgado e arrancado, atendentes mal-humorados, e a clientela assídua ou é assustadora ou está desacordada, e os banheiros são alagados e fedorentos, e não é servida comida à noite, e o vinho é hilariante de tão ruim, e a cerveja tem gás e gelo demais; em outras palavras, um típico pub do norte de Londres. A gente não vem muito no Lauder, embora o lugar fique logo ao lado, pois as bandas que geralmente tocam aqui são daquele estilo punk de segunda classe, horrorosas, do tipo que o cara pagaria metade do salário pra não ter que escutar. Mas, de vez em quando, aparece na programação algum artista obscuro americano de *folk/country*, alguém que poderia ter trazido seu bando de fãs no próprio carro. O pub tem quase um terço da lotação esta noite, o que é bastante, e o Barry vai logo chamando a atenção, ao entrarmos, pras presenças

do Andy Kershaw e de um cara que escreve pra *Time Out*. É o máximo de badalação que o Lauder é capaz de atrair.

A moça que viemos assistir se chama Marie LaSalle; lançou dois discos solo por um selo independente e uma de suas músicas chegou a ser interpretada pela Nanci Griffith. O Dick conta que a cantora está morando por aqui agora; leu em algum lugar que ela acha a Inglaterra mais aberta ao tipo de som que faz, o que, presume-se, significa que lhe proporcionamos uma indiferença feliz, em lugar de ativa hostilidade. Tem um monte de rapazes sozinhos aqui — sozinhos não no sentido de solteiros, mas de sem amigos. Perto deles, nós três — eu, rabugento e monossilábico, o Dick, encucado e tímido, e o Barry, hoje solicitamente controlado — ainda conseguimos ser uma numerosa e agitada turma de colegas de trabalho saindo pra se divertir.

Não há banda de abertura, apenas um lixo de som eletrônico tocando, todo chiado, algum country rock bem escolhido, e o pessoal fica por ali, acalentando seus copos de cerveja e lendo os panfletos que nos empurraram na entrada do bar. Às nove, Marie LaSalle sobe ao palco (modo de falar — a coisa não passa de uma pequena plataforma com um par de microfones uns poucos metros à nossa frente); às nove e cinco, pra minha intensa irritação, e já sem graça, estou aos prantos, meu mundo insensível dos últimos dias completamente desaparecido.

Tenho tentado evitar várias canções desde que a Laura foi embora, mas a que Marie LaSalle escolhe pra abrir seu show, a música que me faz chorar, nem é uma delas. A música que me faz chorar nunca antes me fez chorar; na verdade, a música que me faz chorar costumava me dar engulhos. É um hit da minha época de faculdade, e a Charlie e eu revirávamos os olhos e enfiávamos o dedo na garganta quando alguém — invariavelmente um estudante de geografia ou uma garota do curso de pedagogia (e não vejo razão, aqui, pra me acusarem de ser esnobe, se não estou afirmando nada além de uma verdade pura e simples) colocavam essa música pra tocar no jukebox do bar. A música que me faz chorar é a versão de Marie LaSalle pra “Baby, I Love Your Way”, do Peter Frampton.

Imaginem estar ali, de pé, com o Barry e o Dick, que usava sua camiseta dos Lemonheads, ouvindo uma versão cover de uma música do Peter Frampton e abrir o berreiro! Peter Frampton! "Show Me The Way"! Aquele permanente! Aquela espécie de bexiga ridícula que o cara usava pra soprar e fazer a guitarra soar como o Pato Donald! *Frampton Comes Alive*, topo das paradas de rock americanas por, sei lá, setecentas e vinte semanas, um disco comprado, provavelmente, por todos os descerebrados e cabeças de vento cocainômanos de Los Angeles! Compreendo que era extrema minha necessidade de sintomas que me ajudassem a entender que estou profundamente traumatizado por eventos recentes, mas será que eles precisavam ser tão radicais? Será que Deus não podia ter se contentado com alguma coisa apenas medianamente horrorosa — um velho sucesso da Diana Ross, digamos, ou um Elton John do início da carreira?

E não parou por aí. Como resultado da versão cover de Marie LaSalle pra "Baby, I Love Your Way" ("Sei que eu não devia gostar dessa música, mas gosto", ela diz, sorriso maroto, ao terminar o número), me vejo entre dois estados aparentemente contraditórios: a. de repente sinto falta da Laura com uma paixão que, nos últimos quatro dias, tinha estado completamente ausente, e b. me apaixono por Marie LaSalle.

Essas coisas acontecem. Com homens, pelo menos. Ou com este homem aqui, em particular. Às vezes. É difícil explicar como ou por que o cara se vê assim, puxado pra dois lados diferentes ao mesmo tempo, e obviamente certa dose de irracionalidade sonhadora é um dos requisitos. Mas a coisa tem certa lógica também. Marie é bonita, com aquele jeito de olhar provocativo à americana — parece uma Susan Dey um pouquinho mais rechonchuda, fase pós-*Família Dó-Ré-Mi*, pré-*L.A. Law* — e, se for pra cair de quatro espontaneamente e sem motivo por alguém, não é das piores escolhas. (Certa manhã de sábado, acordei, liguei a tevê e me vi arrebatado pela Sarah Green, do *Going Live*, uma devoção que, na época, preferi não alardear.) E ela é charmosa, pelo que percebo, e não dá pra dizer que não tenha talento: assim que se livra da droga do Peter Frampton, ela se dedica a tocar canções próprias, e são boas,



tocantes, divertidas, delicadas. Minha vida toda venho querendo ir pra cama — não, ter um relacionamento — com uma artista: ia gostar que ela compusesse suas músicas em casa e me perguntasse o que eu achava, incluindo talvez alguma piada só nossa numa das letras e que me incluísse nos agradecimentos, no encarte do disco, quem sabe até com uma foto minha na capa interna, em algum canto do cenário de fundo, e eu ia vê-la tocar de cima do palco, nas coxias (embora fosse parecer meio pateta no Lauder, cujo palco não tem coxias: eu ficaria lá parado, sozinho, à vista de todos).

A parte da Marie na história é fácil de entender, portanto. A da Laura pede um pouco mais de explicação, mas o negócio, acho, é o seguinte: uma canção sentimental tem esse grande poder de levar a gente pro passado enquanto, ao mesmo tempo, carrega pro futuro, de modo que é alguma coisa simultaneamente nostálgica e esperançosa. A Marie, aqui, é a parte da esperança, do futuro — talvez não ela, necessariamente, mas alguém como ela, alguém que seja capaz de revirar um pouco as coisas. (É exatamente isto: sempre acho que as mulheres vão me salvar, me conduzir a uma vida melhor, que elas podem me mudar e redimir.) E a Laura é a parte do passado, a última pessoa que amei, e reinvento nosso tempo juntos ao ouvir aqueles doces e pegajosos acordes de violão, e então, antes mesmo que me dê conta, estamos nós dois no carro tentando cantar as harmonias de “Sloop John B”, errando tudo e dando risada. Na vida real, nunca fizemos isso. Nunca cantamos no carro, e certamente nunca rimos por errar alguma coisa. É por isso que eu não devia estar ouvindo música pop neste momento.

Hoje à noite não importa, na verdade, que seja de um jeito ou de outro. A Marie podia chegar junto quando eu estivesse indo embora e perguntar se eu não queria sair pra comer alguma coisa; ou eu podia ir pra casa e a Laura estar lá, tomando seu chá e esperando, ansiosa para ser absolvida. Ambos os delírios, do tipo sonhar acordado, soam atraentes e me fariam feliz.

Depois de uma hora de show, mais ou menos, Marie faz um intervalo. Fica ali pelo palco, dando goles numa Budweiser, e um

cara aparece com uma caixa de fitas, que coloca ao lado dela. Custam cinco libras e noventa e nove, ou seja, seis. Cada um de nós três compra a sua e, pra nossa desgraça, ela se dirige a nós.

“Estão curtindo?”

Fazemos que sim com a cabeça.

“Que bom, porque eu estou.”

“Que bom”, digo, e parece que é o melhor que posso fazer naquele momento.

Só tenho uma nota de dez, de modo que fico lá, feito um dois de paus, enquanto o cara tenta catar quatro moedas de uma libra pra me dar de troco.

“Você está morando em Londres, então, é isso?”, pergunto pra ela.

“Ã-hã. Perto daqui, na verdade.”

“Está gostando?”, pergunta Barry. Boa. Eu não teria conseguido pensar nisso.

“É legal. Ei, vocês parecem ser o tipo de caras que devem saber dessas coisas. Tem alguma boa loja de discos por aqui, ou vou precisar ir até o West End?”

Pra que se ofender? Somos o tipo de caras que conhecem lojas de discos. É o que parecemos, e é isso que somos.

Na pressa de responder, o Barry e o Dick quase se atropelam.

“Ele é dono de uma!”

“Ele é dono de uma!”

“Em Holloway!”

“Logo ali, na Seven Sisters Road!”

“Championship Vinyl!”

“A gente trabalha lá!”

“Você ia adorar conhecer!”

“Apareça!”

Ela ri daquele ataque de entusiasmo.

“E o que vocês vendem?”

“Coisa boa, de tudo um pouco. Blues, country, vintage soul, new wave...”

“Parece ótimo.”

Surge outra pessoa querendo falar com ela, que então sorri delicadamente e nos dá as costas. Voltamos pro lugar de onde assistíamos o show.

“Por que vocês foram falar pra ela da loja?”, pergunto aos dois.

“Não sabia que era informação confidencial”, o Barry diz. “Quer dizer, eu sabia que estamos sem clientes, mas achei que isso era uma coisa ruim, e não uma estratégia de negócios.”

“Ela não vai comprar nada.”

“Não, claro que não. Foi por isso que perguntou se a gente conhecia alguma loja boa de discos. Só está querendo aparecer lá pra nos fazer perder tempo.”

Sei que estou sendo idiota, mas não quero que a Marie vá até a loja. Se for, posso acabar gostando mesmo dela, e aí ficaria esperando que ela voltasse sempre, e então, quando ela de fato aparecesse, isso me deixaria nervoso, me faria me comportar como um estúpido e, provavelmente, depois de alguns volteios, tentar um convite desastrado pra um drinque, e ela podia ou não entender a insinuação, ou recusar de cara, o que me deixaria com cara de idiota. E, na volta pra casa depois do show, já estou me perguntando se ela vai aparecer amanhã e, se aparecer, se isso significa alguma coisa e, se significa, pra qual de nós três, embora o Barry não esteja no páreo, provavelmente.

Porra. Odeio esse troço. A que idade o cara precisa chegar pra isso ter um fim?

Quando chego em casa, tem duas mensagens na secretária eletrônica, uma da Liz, amiga da Laura, e outra da própria Laura. As mensagens dizem o seguinte:

1. Rob, é a Liz. Só estou ligando pra saber, bom, pra ver se você está bem. Dá uma ligada aqui uma hora dessas. É... Não estou tomando o partido de ninguém. Por enquanto. Beijão, tchau.

2. Oi, sou eu. Tem umas coisinhas que eu preciso pegar. Você pode me ligar no trabalho de manhã? Obrigada.

Gente louca seria capaz de ler todo tipo de coisa nessas duas mensagens; gente sã concluiria que a primeira pessoa que ligou é alguém carinhoso, afetuoso, e que a segunda pessoa não está nem aí. Não sou louco.

## 5.

Ligo pra Laura logo cedo. Meu estômago embrulha enquanto disco o número, e o mal-estar aumenta ainda mais quando a telefonista transfere a ligação. Ela costumava me reconhecer, mas agora não há nada na voz que indique isso. A Laura quer dar uma passada em casa no sábado à tarde, enquanto estou no trabalho, pra pegar mais umas lingerie, e digo que por mim tudo bem; devíamos ter parado por aí, mas tento levar a conversa pra outro rumo e ela não gosta da ideia, porque está no ambiente de trabalho, só que insisto, e ela acaba chorando antes de desligar. Me sinto um idiota, mas não consegui me conter. Nunca consigo.

Me pergunto o que ela diria se soubesse que, ao mesmo tempo, estou nervoso com a possibilidade da Marie aparecer. Acabamos de ter uma conversa telefônica na qual sugeri que ela fodeu com a minha vida e, enquanto durou a ligação, acreditei no que estava dizendo. Mas agora — e sou capaz de fazer isso sem qualquer embaraço ou insatisfação comigo mesmo — me angustio com o que vestir, pensando se fico melhor com a barba por fazer ou feita e que música devo colocar pra tocar hoje na loja.

Às vezes parece que a única maneira que um homem tem de julgar a própria capacidade de ser uma pessoa legal, a própria *decência*, é olhando pras suas relações com as mulheres — ou melhor, com a atual ou as potenciais parceiras sexuais. É muito fácil ser legal com seus chapas. Você pode pagar uma bebida ou dar uma fita de presente pros caras, pode ligar pra ver se estão bem... Um

sem-número de métodos rápidos e indolores que é possível usar pra se tornar um Cara Gente Fina. Mas, quando se trata de namoradas, é bem mais complicado manter um comportamento consistentemente nobre. Uma hora o sujeito está se comportando de acordo, limpando a privada e expressando seus sentimentos, todas aquelas coisas que um homem moderno deve fazer; no momento seguinte, está sendo manipulador, birrento, duas-caras e mentiroso como qualquer outro. Não consigo entender.

À tarde ligo pra Liz. Ela é legal comigo. Fala o quanto está chateada e que belo casal ela achava que éramos, que eu tinha feito bem pra Laura, feito ela encontrar um centro, sair um pouco de si mesma, se divertir, que eu tinha transformado a Laura numa pessoa mais agradável, calma e relaxada, possibilitado a ela se interessar por algo além do trabalho. A Liz não usa exatamente essas palavras — estou interpretando. Mas é o que ela quer dizer, acho, quando fala que formávamos um belo casal. Ela pergunta como estou, se estou me cuidando; me diz que não acha que o tal de Ian seja grande coisa. Combinamos de sair pra beber alguma coisa na semana que vem. Desligo.

Quem é esse tal de Ian, cacete?

A Marie entra na loja pouco tempo depois. Estamos lá, os três. Coloquei a fita dela pra tocar e, quando a vejo chegar, tento desligar antes que ela repare, mas não dá tempo, de modo que acabo desligando bem na hora que ela começa a dizer alguma coisa a respeito, aí ligo de novo e fico vermelho. Ela ri. Vou pra sala do estoque e não saio mais. O Barry e o Dick vendem pra ela umas setenta libras em fitas cassete.

Quem é esse tal de Ian, cacete?

O Barry irrompe como uma explosão na sala do estoque. “Simplesmente estamos na lista de convidados da Marie pro show no White Lion, só isso. Os três.”

Na última meia hora me humilhei diante de uma pessoa em quem estou interessado e descobri, acho, que minha ex está tendo um caso. Não quero saber da lista de convidados do White Lion.

“Isso é muito, muito sensacional, Barry. Lista de convidados do White Lion! Tudo o que precisamos fazer é dar um pulo em Putney e

voltar, e teremos economizado cinco pratas cada um. Nada como ter amigos influentes, hein?”

“A gente podia ir no seu carro.”

“Mas o carro não é meu. É da Laura. É a Laura que tem carro. Então vão ser duas horas de metrô, ou pegamos um táxi que vai sair, nossa, cinco pra cada um. Do caralho.”

O Barry dá de ombros como quem diz: que fazer com um cara desses? E sai. Me sinto mal, mas não falo nada pra ele.

Não conheço ninguém chamado Ian. A Laura não conhece ninguém chamado Ian. Ficamos juntos três anos e nunca ouvi ela mencionar nenhum Ian. Não tem nenhum Ian no trabalho dela. Ela não tem nenhum amigo chamado Ian, e também não tem nenhuma amiga com um namorado chamado Ian. Não digo que nunca tenha conhecido ninguém chamado Ian na vida inteira dela — na escola devia ter algum, mesmo Laura frequentando uma escola só de meninas —, mas tenho quase certeza de que, desde 1989, a Laura tem vivido sua vida num universo livre de Ians.

E essa certeza, essa descrença na existência dos Ians, dura até eu chegar em casa. No parapeito da janela interna onde ficam as correspondências, logo ao lado da porta de entrada pro hall do prédio, três envelopes se misturam aos panfletos de entrega de comida e cartões de centrais de táxi: uma conta pra mim, um extrato de banco pra Laura... e um aviso de vencimento da assinatura de tevê no nome do sr. I. Raymond (Ray pros íntimos e, o que é mais importante, pros vizinhos), o cara que até seis semanas atrás morava no apartamento de cima.

Quando entro em casa, estou tremendo e sinto náuseas. Sei que é ele; soube que era ele no momento em que vi a correspondência. Me lembro da Laura ter subido pra falar com ele algumas vezes; me lembro da Laura... não exatamente *flertando*, mas certamente conferindo o cabelo mais vezes e com um sorriso mais bobo do que parecia estritamente necessário quando, no Natal passado, o cara apareceu pra um drinque. Fazia bem o tipo dela — menino carente, descolado, atencioso, alma melancólica na medida exata pra parecer interessante. Nunca gostei muito do sujeito; agora odeio esse puto.

Há quanto tempo? Com que frequência? Da última vez que falei com Ray — Ian —, na noite anterior à mudança dele... será que já estava rolando alguma coisa? Será que ela se esgueirava escada acima quando eu estava fora? Será que John e Melanie, o casal do térreo, sabem de alguma coisa? Passo um longo tempo procurando pelo cartão que ele nos deu, com seu novo endereço, mas sumiu, o que é significativo e um mau presságio — a menos que eu tenha jogado no lixo, então adeus presságio e significado. (E o que eu faria se achasse o cartão? Ligaria pra ele? Apareceria na casa nova pra ver se o cara estava acompanhado?)

Agora começo a lembrar de coisas: os macacões dele; a música (africana, latina, búlgara, qualquer porra de *world music* que fosse moda naquela semana); a risada histérica, nervosa, de dar nos nervos; os terríveis odores culinários que costumavam infestar as escadas do prédio; as visitas que em geral ficavam até muito tarde, bebiam além da conta e, na hora de ir embora, faziam barulho demais. Não sou capaz de lembrar nada de bom desse cara.

Consigo bloquear a pior, mais dolorosa e perturbadora das lembranças até ir pra cama, quando ouço a mulher que agora mora aqui em cima marchando pra lá e pra cá e batendo as portas do guarda-roupa. Não tem como haver coisa pior, é algo pra fazer uma pessoa (um homem?) na minha posição suar o mais frio e pegajoso dos suores: *a gente costumava escutar o cara fazendo sexo*. Dava pra ouvir os ruídos dele; dava pra ouvir os ruídos dela (e houve duas ou três parceiras diferentes durante o tempo em que nós três — nós quatro, contando quem quer que fosse a pessoa na cama com Ray — convivemos separados por alguns metros quadrados de assoalho rangente e estuque se soltando).

“O cara aguenta bastante”, eu disse uma noite, nós dois acordados, deitados olhando o teto. “Quem me dera ter essa sorte”, a Laura falou. Foi uma piada. Rimos. Ha, ha, a gente ria. Ha, ha, ha. Não estou rindo agora. Jamais uma piada me tomou assim de náusea e paranoia e insegurança e autopiedade e terror e dúvida.

Quando uma mulher abandona um homem, e esse homem fica infeliz (sim, finalmente, passados a anestesia e o otimismo tolo e a fase de dar de ombros como quem diz: quem se importa?, me sinto



infeliz — embora ainda queira ser incluído em algum canto do cenário de fundo da foto de capa do próximo disco da Marie)... é isso que acontece, então? Às vezes acho que sim, às vezes que não. Passei por um período como este depois da história da Charlie e do Marco, em que imaginava os dois juntos, *fazendo aquilo*, o rosto da Charlie se contorcendo com uma paixão que eu nunca tinha sido capaz de provocar.

Devo dizer, embora não esteja nem um pouco a fim (o que quero é me depreciar, sentir pena de mim, celebrar minhas inadequações — é o que se faz em momentos assim), que acho que as coisas iam bem nesse Departamento. Acho. Mas, nos temores da minha imaginação, a Charlie se entregava tão ruidosamente quanto faria uma personagem qualquer de filme pornô. Era um brinquedo do Marco, a cujo toque respondia com guinchos de prazer orgásmico. Nenhuma mulher no mundo inteiro jamais teve trepadas melhores do que a Charlie com o Marco dentro da minha cabeça.

Mas aquilo não foi nada. Não tinha nenhum fundamento na realidade. Até onde sei, o Marco e a Charlie nunca nem chegaram a consumir a relação, e ela passou a década seguinte tentando — sem conseguir — um resgate do tranquilo e discreto êxtase das noites que dormimos juntos. Sei, porém, que o Ian era, por assim dizer, um amante dos diabos; assim como a Laura. Escutei aquilo; assim como a Laura. Na verdade, aquilo me enchia o saco; achava que o dela também. Agora não tenho certeza. Foi por isso que ela foi embora? Porque queria experimentar um pouco do que acontecia no andar de cima?

Nem sei por que isso é tão importante. O Ian podia ser melhor de papo do que eu, melhor cozinhando, ou trabalhando, ou nas tarefas domésticas, ou pra poupar dinheiro, ou pra ganhar dinheiro, ou pra gastar dinheiro, ou pra entender livros ou filmes; podia ser mais legal que eu, mais bonito, mais inteligente, mais limpinho, mais naturalmente generoso, mais solícito, um ser humano melhor em qualquer aspecto que se queira mencionar... e eu não me importaria. Sério. Aceito e compreendo que não se pode ser bom em tudo, e sou tragicamente incompetente em algumas áreas muito

importantes. Mas sexo é diferente; saber que um sucessor é melhor na cama é impossível de engolir, não sei por quê.

Entendo o bastante pra saber que isso é uma coisa idiota. Sei, por exemplo, que o melhor sexo que tive na vida não foi importante; o melhor sexo que tive na vida foi com uma garota chamada Rosie, com quem dormi apenas quatro vezes. Não foi suficiente (só ter sexo bom, quero dizer, porque as quatro vezes foram mais do que suficientes). Ela me deixava louco, e eu a ela, e o fato de que tínhamos a manha de gozar ao mesmo tempo (isso, me parece, é o que as pessoas entendem por sexo bom, e dane-se o que diz a dra. Ruth sobre compartilhar e ter consideração e bater papo na cama e a importância de posições e algemas) não serviu pra nada.

Então o que, exatamente, me embrulha o estômago ao pensar no “Ian” com a Laura? Por que me importar assim com quanto tempo ele aguenta e quanto tempo eu aguento, e com os ruídos que ela fazia pra mim e os ruídos que ela faz pra ele? É só que, acho, isso é o fim: ainda ouço o Chris Thomson, aquele neandertal adúltero do oitavo ano, pirado de testosterona, me chamando de mingo e dizendo que tinha encaçapado minha namorada. E aquela voz continua a me fazer sentir mal.

Durante a noite, tenho um daqueles sonhos que não são sonhos, na verdade, só sequências da Laura trepando com o Ray, do Marco trepando com a Charlie, e fico feliz de acordar de madrugada, porque significa interromper aquilo. Mas o alívio dura apenas alguns segundos e logo tudo volta: em algum lugar a Laura está, de fato, trepando com o Ray (talvez não agora, exatamente, porque são três e cinquenta e seis, mas, com toda aquela resistência — uma *inaptidão para o clímax*, ha, ha —, nunca se sabe), e estou aqui, neste apartamento apertado e idiota, e tenho trinta e cinco anos, e sou o proprietário de um minúsculo negócio indo à falência, e meus amigos não parecem nem um pouco amigos, mas pessoas cujos números de telefone ainda não perdi. E, caso eu voltasse a adormecer e dormisse por quarenta anos e acordasse sem dentes, ao som da Melody Radio, numa casa de repouso, não ficaria muito

preocupado, pois a pior parte da minha vida, ou seja, o resto dela, já teria passado. E eu não teria nem precisado me matar.

Acabo de começar a me dar conta de que é importante que alguma coisa esteja rolando em algum lugar, no trabalho ou em casa, senão a gente fica inerte. Se eu morasse na Bósnia, ter uma namorada não ia parecer a coisa mais importante do mundo, mas aqui, em Crouch End, parece. O cara precisa do maior lastro possível pra evitar sair flutuando à deriva; precisa de gente em volta, coisas acontecendo, senão a vida se torna algo como a produção de um filme que, sem dinheiro, não tem mais cenários nem locações nem atores coadjuvantes, e resta apenas um sujeito encarando a câmera sem nada pra fazer nem ninguém com quem falar, e quem acreditaria, então, num personagem desses? Preciso de mais material, mais recheio, mais *detalhes* aqui, porque, no momento, corro o risco de despencar do abismo.

“Você tem algo de melancólico?”, uma moça pergunta na tarde seguinte. Depende, sinto vontade de responder; tem dias que sim, outros que não. Uns dias atrás não tinha; agora tenho muita melancolia, demais, mais do que consigo administrar. Queria poder distribuí-la melhor, quero dizer a ela, com mais equilíbrio, mas parece que não sou capaz de me organizar. Vejo que a moça não está interessada nos meus problemas de controle interno de estoque, porém, então simplesmente aponto a seção de soul, bem perto da saída da loja, junto à de blues.

## 6.

Exatamente uma semana depois da Laura ter ido embora, recebo um telefonema de uma mulher de Wood Green que tem alguns singles pelos quais ela acha que talvez eu possa me interessar. Normalmente não me dou ao trabalho quando aparece esse pessoal fazendo a limpa em casa, mas a mulher parece saber do que fala: murmura coisas sobre selos brancos e capas e todo tipo de troço a sugerir que não estamos tratando só de uma meia dúzia de discos riscados da Electric Light Orchestra que o filho deixou pra trás quando foi morar sozinho.

A casa é enorme, o tipo de lugar que parece ter saído da rota em outra parte de Londres e ido parar em Wood Green, e a dona não é das mais simpáticas. Está beirando os cinquenta, bronzeado falso e um rosto de aspecto suspeitosamente retesado; e, embora use jeans e camiseta, a calça exibe uma marca italiana onde se deveria ler Wrangler ou Levi's, ao passo que a camiseta é decorada, na frente, com uma porção de pedras de strass arranjadas de modo a formar o símbolo da paz.

Ela não sorri, tampouco me oferece uma xícara de café ou me pergunta se tive dificuldade pra achar o lugar, debaixo daquela chuva de vento congelante que me impedia até de consultar o guia de ruas colocado bem na frente da cara. Simplesmente me conduz até uma porta no corredor, adentramos um escritório, ela acende as luzes, aponta pros singles — centenas deles, na estante mais alta,

todos acondicionados em caixas de madeira feitas sob medida — e sai pra que eu possa dar uma olhada.

Não há livros nas estantes que cobrem as paredes, apenas discos, CDs, cassetes e um equipamento de som hi-fi; os cassetes exibem pequenas etiquetas de numeração, sempre um sinal de que o colecionador é sério. Tem também um par de guitarras encostadas às paredes e uma espécie de computador que, pela aparência, talvez seja capaz de produzir algo de musical, caso se esteja inclinado a tanto.

Subo numa cadeira e começo a baixar as caixas com os singles. São sete ou oito no total e, embora tente não olhar pro que tem dentro delas ao colocá-las no chão, tenho um vislumbre do primeiro da última caixa: é um James Brown da época da King, com uns trinta anos, e começo a ter comichões de ansiedade.

Quando passo a explorar direito as caixas, percebo que aquele é o carregamento que sempre sonhei encontrar, desde que comecei a colecionar discos. São singles dos Beatles exclusivos dos fã-clubes, os primeiros do Who, originais do Elvis do início dos anos 60, braçadas de singles raros de blues e soul, e... *uma cópia de "God Save the Queen", dos Sex Pistols, pela A&M!* Nunca vi um desses! Nunca vi uma pessoa que tivesse visto um desses! E, não, ah, não, meu Deus — "You Left the Water Running", do Otis Reding, lançado sete anos após a morte dele e imediatamente recolhido pela viúva porque ela não...

"Que tal?" Ela está encostada no batente da porta, braços cruzados, um meio sorriso apontado pra seja qual for a cara ridícula que estou agora.

"É a melhor coleção de discos que já vi na vida." Não faço ideia de quanto oferecer. Aquele lote deve valer pelo menos uns seis ou sete paus e ela sabe disso. De onde vou tirar uma grana dessas?

"Me dê cinquenta pilas e pode levar o que quiser hoje mesmo."

Olho pra ela. Adentramos oficialmente a Terra da Fantasia, onde senhorinhas pagam um bom dinheiro pra te convencer a levar de suas casas a mobília Chippendale. Só que não estou negociando com nenhuma senhorinha, e ela sabe perfeitamente que o que tem ali

vale muito mais do que cinquenta pilas. O que é que está acontecendo?

“É material roubado?”

Ela ri. “Não compensaria, não acha, roubar isso aí tudo de alguém pra ganhar cinquentão? Não, são do meu marido.”

“E vocês não andam se dando muito bem no momento?”

“Ele está na Espanha com uma garota de vinte e três anos. Amiga da minha filha. Teve a puta cara de pau de me ligar pra pedir dinheiro emprestado e recusei, aí ele me pediu pra vender os singles e mandar um cheque no valor do que conseguisse por eles, descontada uma comissão de dez por cento. Aliás, acabo de me lembrar. Será que você podia incluir uma nota de cinco? Quero emoldurar e colocar na parede.”

“Deve ter levado um tempão pra reunir isso tudo.”

“Anos. Essa coleção é o mais perto que ele chegou de realizar alguma coisa.”

“Ele trabalha?”

“Diz que é músico, mas...” Ela faz uma careta de descrença e desprezo. “Só sabe me tirar dinheiro e ficar aí sentado com sua bundona gorda, olhando pros selos dos discos.”

Imaginem voltar pra casa e descobrir que seus singles do Elvis e do James Brown e do Chuck Berry já eram, por puro despeito. O que vocês fariam? O que vocês diriam?

“Olha só, será que não posso te pagar um valor decente? Você nem precisa contar pra ele por quanto vendeu. Podia mandar os quarenta e cinco pilas e torrar o resto. Ou doar pra caridade. Ou algo do tipo.”

“Não foi isso que combinei com ele. Quero ser malévola, mas justa.”

“Desculpe, mas é só que... Não quero me envolver nisso.”

“Você que sabe. Muitos outros vão querer.”

“É, eu sei. É por isso que estou tentando encontrar uma saída honrosa. Que tal mil e quinhentos? O lote provavelmente vale umas quatro vezes isso.”

“Sessenta.”

“Mil e trezentos.”

“Setenta e cinco.”

“Mil e cem. É minha menor oferta.”

“Noventa. E não aceito um centavo a mais.” Ambos estamos sorrindo agora. Difícil imaginar outra soma de circunstância que resultasse numa negociação desse tipo.

“Aí ele ia ter dinheiro pra voltar pra casa, sabe, e essa é a última coisa que eu quero.”

“Desculpe, mas acho que é melhor você procurar outra pessoa.” Voltando à loja, vou cair em prantos e chorar feito um bebê por um mês, mas não sou capaz de fazer uma coisa dessas com o cara.

“Tudo bem.”

Levanto pra ir embora, então me ajoelho de novo: só quero dar uma última olhada.

“Você me vende esse do Ottis Reding?”

“Claro. Dez pence.”

“Ah, qual é? Me deixa te dar uma nota de dez, e o resto, por mim, você pode até dar.”

“Tá. Só porque você se deu ao trabalho de vir até aqui. E porque tem princípios. Mas chega. Não vou te vender mais nada avulso.”

De modo que vou até Wood Green pra voltar com um “You Left the Water Running” novo em folha, pelo qual paguei dez libras. Não é uma manhã de trabalho ruim. O Barry e o Dick vão ficar impressionados. Mas, se chegarem a saber do resto, de Elvis e James Brown e Jerry Lee Lewis e Pistols e Beatles, vão sofrer um imediato e possivelmente perigoso choque traumático, e vou precisar mandá-los pra terapia, e...

Por que será que acabei ficando do lado de um cara mau, que abandonou a mulher e se mandou pra Espanha com uma ninfeta? Por que não consigo sentir seja lá o que for que a mulher dele está sentindo? Talvez eu devesse ir pra casa e passar adiante a escultura da Laura, pra qualquer um que queira quebrá-la em pedacinhos e reaproveitar o material; talvez me sentisse melhor. Mas sei que não vou fazer isso. A única imagem que vejo é a da cara do sujeito recebendo seu patético cheque pelo correio, e não consigo evitar de me sentir desesperada e dolorosamente mal por ele.

Seria legal poder dizer que a vida é repleta de incidentes exóticos como esse, mas não é. O Dick grava pra mim o primeiro dos Liquorice Comfits, conforme o prometido; o Jimmy e a Jackie Corkhill dão um tempo nas brigas; a mãe da Laura não liga, mas a minha sim. Ela acha que a Laura talvez voltasse a se interessar por mim se eu começasse um curso noturno. Concordamos que pensamos diferente; mais precisamente, desligo na cara dela. E o Dick, o Barry e eu vamos de táxi ao White Lion pra assistir a Marie, e nossos nomes constam, de fato, da lista de convidados. A corrida custa exatamente quinze libras, mas o valor não inclui a gorjeta, e uma cerveja custa duas libras no bar. O White Lion é menor do que o Lauder, de modo que está com metade da lotação, em vez de dois terços vazio, e é também muito mais agradável, tem até um número de abertura, uma porcaria de um cantor/compositor local pra quem o mundo acabou logo depois de "Tea for the Tillerman", do Cat Stevens, e não numa explosão, mas num estalo.

As boas notícias: 1. "Baby I Love Your Way" não me faz chorar, embora me embrulhe um pouco o estômago; 2. recebemos uma menção: "Barry, Dick e Rob, são vocês lá no fundo? Legal ver vocês aqui, galera". E então ela se dirige ao público: "Alguém aí já foi na loja deles? Championship Vinyl, no norte de Londres? Vocês deviam conhecer". E o pessoal se vira pra olhar pra gente, e os três nos entreolhamos, encabulados, e o imbecil do Barry está prestes a começar a rir de empolgação; 3. continuo querendo aparecer em algum lugar de uma capa de disco, apesar do mal-estar violento que sinto ao chegar pra trabalhar de manhã, depois de ter passado metade da noite acordado fumando cigarros que enrolei com o tabaco de umas bitucas e bebendo licor de banana e sentido falta da Laura. (Esta é uma boa notícia? Talvez seja má, a prova cabal e definitiva de que estou maluco, mas é uma boa notícia na medida em que ainda preservo certa ambição e a Melody Radio não é minha única visão de futuro.)

As más notícias: 1. a Marie chama alguém pra cantar com ela o bis. Um cara. Que divide com ela o microfone numa intimidade que não me agrada, faz a harmonia de "Love Hurts" e, enquanto canta, olha pra ela de um jeito que sugere que ele está à minha frente na



fila pra conseguir um lugar na capa do disco. A Marie continua a se parecer com a Susan Dey, e o tal cara — ela apresenta: “T-Bone Taylor, o segredo mais bem guardado do Texas” — parece uma versão melhorada do Daryl Hall, da dupla Hall & Oates, se é que dá pra imaginar a criatura. Tem cabelo comprido e loiro, maçãs do rosto salientes e é um gigante musculoso (está usando um colete jeans, sem nada por baixo), com uma voz que faz o cara do comercial da Guinness parecer uma mocinha, uma voz tão grave que parece desabar no palco com um estrondo e rolar na nossa direção feito uma bala de canhão.

Sei que minha autoconfiança sexual não está alta no momento, e sei que as mulheres não se interessam, necessariamente, por cabelo loiro comprido, maçãs do rosto e altura; que, às vezes, o que elas estão procurando é um moreno baixo com certa largura, cabelo escuro e maçãs do rosto discretas, mas mesmo assim! Olha só pra eles! Susan Dey e Daryl Hall! Entrelaçando as linhas melódicas cruas de “Love Hurts”! Trocando saliva, quase! Menos mal que eu estava usando minha camiseta favorita quando ela apareceu na loja no outro dia, ou não teria a menor chance.

Não tenho outras más notícias. Só essa.

Quando o show termina, pego minha jaqueta do chão e vou saindo.

“São só dez e meia”, o Barry diz. “Vamos tomar mais uma.”

“Faça isso se quiser. Vou nessa.” Não estou a fim de beber com um cara chamado T-Bone, mas tenho a sensação de que é isso, exatamente, o que o Barry quer fazer. Tenho a sensação de que tomar um drinque com um cara chamado T-Bone pode vir a se tornar o ponto alto do Barry na década. “Não quero estragar sua noite. Só não estou a fim de ficar.”

“Nem mais meia hora?”

“Na verdade, não.”

“Me dá um minuto, então. Preciso dar uma mijada.”

“Eu também”, acrescenta Dick.

Assim que eles saem, me mando rápido e pego um táxi. É o máximo estar deprimido; a gente pode se comportar mal à vontade.

Será que é tão errado o cara querer estar em casa com sua coleção de discos? Não que colecionar discos seja a mesma coisa que colecionar selos, ou bolachas de cerveja, ou dedais antigos. Tem um mundo inteiro na minha coleção, um mundo mais legal, mais sujo, mais violento, mais pacífico, mais colorido, mais vulgar, mais perigoso, mais amoroso do que o mundo em que vivo; aqui tem história e geografia e poesia e um sem-número de outras coisas que eu devia ter estudado na escola, inclusive música.

Quando chego em casa (vinte pilas de Putney até Crouch End, e nada de gorjeta), faço uma xícara de chá, plugo os fones e me embrenho por toda e qualquer música irada sobre mulheres do Bob Dylan e do Elvis Costello que tenho em casa; depois delas, me aferro a um disco ao vivo do Neil Young até minha cabeça zumbir e, quando termino o Neil Young, vou pra cama e fico olhando pro teto, o que não é mais a atividade neutra e sonhadora que um dia já foi. Foi uma piada, né, aquela história toda de Marie? Eu devia estar de brincadeira, pensando que ali tivesse alguma coisa pra mim, uma transição fácil, sem sobressaltos. Posso ver isso agora. Me dou conta de tudo assim que as coisas acontecem — sou muito bom com o passado. É o presente que não consigo entender.

Chego atrasado pra trabalhar, e o Dick já tem um recado da Liz. É pra eu ligar no trabalho dela, urgente. Não tenho nenhuma intenção de ligar pra ela no trabalho. Ela quer cancelar nossa saída pra beber, sei por que e não vou deixar que isso aconteça. Ela vai ter que se explicar pessoalmente.

Faço o Dick retornar a ligação e dizer que tinha esquecido, mas que hoje não vou aparecer na loja — fui a uma feira de discos em Colchester e devo voltar à noite, especialmente pra comparecer a um encontro. Não, o Dick não tem o número de onde estou. Não, o Dick acha que não vou ligar pra loja. Não atendo mais o telefone o resto do dia, pro caso dela tentar me achar ali.

Marcamos de nos encontrar em Camden, num pub tranquilo na Parkway. Chego cedo, mas trouxe uma *Time Out*, então sento num canto com minha cerveja e umas castanhas de caju e fico vendo quais filmes assistiria se tivesse com quem ir ao cinema.

O encontro com a Liz não dura muito. Ela vem pisando duro na direção da minha mesa — é uma pessoa legal, a Liz, mas ela é enorme e, quando está braba, como agora, fica bem assustadora — e até tento sorrir, mas vejo que não vai funcionar, pois ela está bem decidida pra que eu a faça mudar de ideia.

“Você é um puta de um babaca, Rob”, ela diz, e então vira as costas e sai do pub, e as pessoas da mesa ao lado se voltam pra me encarar. Fico vermelho, olho fixo pra *Time Out* e tomo um bom gole de cerveja, na esperança de que o copo na frente da cara esconda minha face corada.

Ela está certa, claro. Sou um puta de um babaca.

## 7.

Por uns anos, no final da década de 80, fui DJ de uma casa noturna em Kentish Town, e foi lá que conheci a Laura. Não chegava bem a ser uma casa noturna, era mais uma sala na parte de cima de um pub, na verdade, mas que, durante uns seis meses, teve sua popularidade junto a certo público londrino — um povo quase fashion, o preto predominando em roupas de marcas descoladas, que se deslocava em hordas do mercado pra lugares como o Town and Country e o Dingwalls e o Electric Ballroom e o Camden Plaza. Eu era um bom DJ, acho. Pelo menos o público parecia feliz; as pessoas dançavam, ficavam até tarde, me perguntavam onde podiam comprar alguns dos discos que eu colocava pra tocar e voltavam, semana após semana. Chamávamos o lugar de Groucho Club, por conta da história do Groucho Marx de não querer se associar a nenhum clube que o quisesse como sócio; mais tarde, descobrimos que havia outro Groucho Club em algum lugar do West End, mas ninguém parecia se confundir sobre qual era qual. (Por falar nisso, as cinco mais pra lotar a pista do Groucho: “It’s a Good Feeling”, do Smokey Robinson and the Miracles; “No Blow No Show”, do Bobby Bland; “Mr. Big Stuff”, do Jean Knight; “The Love You Save”, dos Jackson Five; “The Ghetto”, do Donny Hathaway.)

E eu adorava, adorava mesmo aquilo. Olhar de cima pra uma sala cheia de cabecinhas se agitando ao som da música que você escolheu é algo que levanta o astral, e, durante aqueles seis meses em que a casa teve bom movimento, fui mais feliz do que nunca. Foi

a única época em que me senti realizado de verdade, embora mais tarde tenha percebido que era uma falsa realização, porque não era mérito meu, mas da música que eu tocava: qualquer um que mandasse ver em alto volume seus discos pra dançar preferidos num lugar lotado de gente, pra pessoas que tinham pagado pra ouvi-los, sentiria exatamente o mesmo. Dance music é feita, afinal, pra empolgar — apenas confundi as coisas.

Enfim, conheci a Laura durante aquela época, no verão de 87. Ela diz que já tinha ido ali umas três ou quatro vezes até que reparei nela, e pode ser que seja verdade mesmo — ela é baixinha, e magrinha, e linda, uma espécie de Sheena Easton antes da transformação hollywoodiana (embora a Laura, com seu cabelo espetado de advogada radical e suas botas e seus olhos azuis-claros, parecesse mais durona que a Sheena Easton), mas havia mulheres mais bonitas ali e, quando a gente procura meio preguiçosamente, o que vê são as mais bonitas. Aí, nessa terceira ou quarta vez que apareceu lá, ela veio até meu pequeno parlatório e falou comigo, e gostei do jeito direto dela: me pediu pra colocar uma música que eu realmente amava (“Got To Get You Off My Mind”, do Solomon Burke, caso alguém esteja se perguntando), mas que, sempre que eu tentava tocar, esvaziava a pista.

“Você estava aqui alguma vez que toquei essa?”

“Estava.”

“Bom, você viu o que aconteceu. O pessoal começa a querer ir pra casa.”

O single tem três minutos e meio de duração, e depois de um minuto e meio eu era obrigado a tirá-lo. Então colocava “Holiday”, da Madonna; aqui e ali, em momentos de crise, lançava mão de algo moderno, como um paciente adepto da homeopatia que, às vezes, tem que tomar remédios tradicionais, ainda que os desaprove.

“Desta vez não vai acontecer isso.”

“Como você sabe?”

“Porque fui eu quem trouxe metade dessa galera aí, e garanto que faço eles dançarem.”

Então pus a música pra tocar e, claro, a Laura e os amigos dela lotaram a pista de dança, mas, um a um, foram todos se

dispersando de novo, balançando as cabeças e rindo. É uma música difícil de dançar; um negócio meio R&B em ritmo quebrado, com uma introdução que para e continua. A Laura persistia e, embora quisesse conferir se ela, com dificuldades, levaria a brincadeira até o fim, fiquei nervoso por ver que o pessoal não estava dançando e rapidinho troquei pra “The Love You Save”.

Quando entraram os Jackson Five, ela parou de dançar e veio direto na minha direção, mas estava sorrindo e disse que não ia mais pedir aquela música. Só queria saber onde comprar o disco. Falei que, se aparecesse na semana seguinte, eu traria uma fita gravada pra ela, que pareceu bem feliz com isso.

Demorei horas pra montar a tal fita. Pra mim, fazer uma coletânea gravada é como escrever uma carta — significa apagar e repensar e começar de novo um monte de vezes, e eu queria que aquela ficasse boa, porque... pra ser sincero, porque não tinha conhecido nenhuma garota tão promissora quanto a Laura desde que começara como DJ, e conhecer mulheres promissoras era pro que devia servir, em parte, ser DJ. Chegar a uma boa compilação é tão difícil quanto se separar. Você precisa dar o pontapé inicial com algo especial, pra prender a atenção (cheguei a começar com “Got to Get You Off My Mind”, mas aí me toquei que talvez ela não fosse além da primeira música do primeiro lado, caso eu entregasse logo de cara o que ela queria, de modo que escondi a música no meio do segundo lado), em seguida tem que subir um grau, ou manter a mesma proporção, e não pode misturar música branca com música negra, a menos que a primeira soe como a segunda, assim como também não dá pra colocar duas faixas do mesmo artista em sequência, exceto se a fita for inteira em pares, e... ah, tem uma porção de regras.

Enfim, trabalhei e retrabalhei aquela, e ainda tenho algumas demos jogadas aqui pelo apartamento, protótipos da fita final sobre os quais, numa última ouvida, mudei de ideia. E, na sexta à noite, minha noite de DJ, tirei a fita do bolso da jaqueta quando ela veio falar comigo e dali continuamos. Foi um bom começo.

A Laura era — é — advogada, embora, quando a gente se conheceu, fosse um tipo diferente de advogada do que é hoje: naquela época, trabalhava pra uma firma de assistência jurídica (daí,

acho, as idas à casa noturna e a jaqueta preta de couro estilo motociclista). Agora, trabalha pra um grande escritório de advocacia (daí, acho, os restaurantes e os terninhos caros e o cabelo espetado que se foi e um gosto pelo sarcasmo enfastiado antes oculto), não porque tenha passado por algum tipo de conversão política, mas porque acabou desempregada e não conseguiu mais encontrar trabalho na área de assistência jurídica. Teve que pegar um emprego que paga quarenta e cinco paus por ano porque não arranjou outro que pagasse abaixo de vinte; dizia que isso é tudo que se precisa saber sobre o thatcherismo, e acho que tinha certa razão. Ela mudou ao começar no novo emprego. Sempre levou tudo muito a sério, mas antes essa característica tinha um alvo: podiam ser as preocupações dela com os direitos dos inquilinos, ou os senhorios em áreas de favela, ou crianças vivendo em lugares sem água encanada. Hoje em dia, a Laura só leva a sério o trabalho *em si* — estar trabalhando demais, a grande pressão, como está se saindo, o que pensam dela os sócios da firma, esse tipo de coisa. E, quando não está preocupada em levar a sério o trabalho, o estresse é quanto ao porquê de levar tão a sério o trabalho, ou esse tipo de trabalho, ao menos.

Às vezes — não com muita frequência, ultimamente — eu conseguia fazer ou dizer alguma coisa que permitia a ela escapar de si mesma, e era quando dávamos mais certo; ela quase sempre reclama da minha “trivialidade incansável”, mas isso tem sua utilidade.

Nunca fiquei loucamente apaixonado por ela, o que costumava me preocupar em relação ao futuro, a longo prazo: eu pensava — e, considerando a maneira como acabamos, talvez ainda pense — que todo relacionamento precisa daquele tipo de empurrão violento que é a paixão, uma maneira de largar bem e passar os primeiros obstáculos. E então, quando a força daquele primeiro empurrão acaba e a gente quase para, é olhar em torno pra ver o que se tem. Talvez seja algo completamente diferente, talvez mais ou menos a mesma coisa, só que mais suave e tranquilo, ou talvez não tenha sobrado nada.

Com a Laura, mudei por um tempo minha concepção desse processo todo. Não houve, pra nenhum dos dois, noites de insônia nem perda de apetite nem esperas agoniadas pra que o telefone tocasse. Mas seguimos adiante, enfim, independentemente de tudo isso, e porque não precisávamos nos preocupar com perder aquele impulso inicial, tampouco nos incomodamos em parar pra olhar em torno e ver o que tínhamos, pois era o que sempre tivéramos. Ela não me fazia sofrer, ou me deixava ansioso ou inquieto e, quando fomos pra cama, não entrei em pânico nem me deixei abater, se é que vocês me entendem, e acho que sim.

Saíamos muito juntos, e ela ia à casa noturna toda semana, e se mudou pro meu apartamento quando acabou o contrato do apartamento dela, em Archway, e tudo estava bem, e assim continuou por anos e anos. Se quisesse ser obtuso, eu diria que foi o dinheiro que mudou tudo: quando ela trocou de emprego, de repente passou a ter um monte, ao passo que, quando perdi o trabalho de DJ e a recessão pareceu ter tornado a loja invisível a quem passava em frente, fiquei sem nenhum. Essas coisas, claro, complicam a vida, e é preciso pensar em todo tipo de rearranjo, além de enfrentar algumas batalhas e traçar limites. Mas, na verdade, não foi o dinheiro. Fui eu. Como disse a Liz, sou um babaca.

Na noite anterior ao meu encontro com ela em Camden, a Liz e a Laura saíram juntas pra comer alguma coisa, e a Liz cobrou a Laura sobre a história do Ian, e a Laura não estava planejando dizer nada em defesa própria, porque isso significaria me atacar, e ela tem um senso de lealdade poderoso, às vezes equivocado. (Eu, por exemplo, não teria sido capaz de me conter.) Mas a Liz cutucou além da conta, e a Laura explodiu, deixando verter uma torrente de coisas a meu respeito, e as duas choraram, e a Liz então se desculpou de cinquenta a cem vezes por ter falado do que não sabia. Aí, no dia seguinte, foi a vez da Liz explodir, tentar me ligar e, finalmente, entrar naquele pub me xingando. Não sei de nada disso com certeza, claro. Não tive contato nenhum com a Laura e apenas um breve e infeliz encontro com a Liz. Mas, ainda assim, não é



necessária uma compreensão sofisticada dos personagens em questão pra ter esses palpites.

Não sei o que, precisamente, a Laura falou, mas deve ter revelado pelo menos duas, senão todas as quatro, informações a seguir:

1. Que transei com outra quando ela estava grávida.
2. Que esse caso que tive contribuiu diretamente pra interrupção da gravidez.
3. Que, depois do aborto, peguei um bom dinheiro emprestado dela e até hoje não devolvi nem uma parte.
4. Que, logo antes dela ir embora, falei que era infeliz na relação e que estava meio que, talvez, procurando outra pessoa.

Fiz e falei mesmo essas coisas? Sim. Há alguma circunstância atenuante? Na verdade, não, a menos que as próprias circunstâncias (em outras palavras, o contexto) possam ser consideradas atenuantes. E, antes que vocês me julguem, embora provavelmente já tenham julgado, tentem escrever uma lista das quatro piores coisas que já fizeram pros seus parceiros, mesmo que eles não saibam de nada — especialmente se não souberem. Não dourem a pílula, nem tentem explicar muito; simplesmente façam a lista, usando a linguagem mais simples possível. Terminaram? Certo, quem é o babaca agora?

8.

“Onde você estava, cacete?”, pergunto pro Barry quando, no sábado de manhã, ele volta pro trabalho. Não via o cara desde o show da Marie no White Lion — nenhum telefonema, nenhuma justificativa, nada.

“Onde é que eu estava? Onde é que *eu* estava? Meu Deus, você é um babaca”, ele diz, à guisa de explicação. “Desculpe, Rob. Sei que as coisas não estão indo muito bem pra você, e que você está com uns problemas e tal, mas, pô. A gente passou horas te procurando aquela noite, porra.”

“Horas? Mais de uma? Duas, pelo menos? Saí de lá às dez e meia, então vocês devem ter interrompido as buscas lá pela meia-noite e meia, certo? Devem ter andado de Putney até Wapping.”

“Deixe de ser babaca.”

Um dia, talvez não nas próximas semanas, mas certamente num futuro não muito distante, alguém será capaz de voltar a se referir a mim sem essa palavra em algum lugar da frase.

“Tá, desculpa. Mas aposto que vocês procuraram por uns dez minutos e, depois disso, foram beber com a Marie e aquele cara. O T-Bone.”

Odeio chamar o cara de T-Bone. Me faz gastar saliva à toa, tipo quando tenho que pedir um Big Heap Buffalo Billburger e tudo o que quero é um sanduíche, ou quando, pra dizer que quero uma fatia de torta de maçã, sou obrigado a pedir uma torta Como Mamãe Costumava Fazer.

“Não é essa a questão.”

“Vocês se divertiram?”

“Foi sensacional. O T-Bone tocou em dois discos do Guy Clark e em outro do Jimmi Dale Gilmore.”

“Incrível.”

“Ah, vai se foder.”

Fico feliz que seja sábado, porque estamos razoavelmente ocupados e não precisamos nos obrigar a conversar. O Dick está fazendo um café e eu, procurando um single antigo da Shirley Brown na sala do estoque quando o Barry vem dizer que o T-Bone tocou em dois discos do Guy Clark e em outro do Jimmi Dale Gilmore.

“E sabe do que mais? Ele é um cara muito legal”, o Barry acrescenta, espantado que um sujeito que tenha chegado a tais estonteantes píncaros se disponha a trocar algumas palavras com estranhos num pub. Mas a interação entre os funcionários da loja não passa disso hoje. Temos muitas outras pessoas com quem conversar.

Ainda que muita gente apareça por aqui, só uma pequena porcentagem efetivamente compra alguma coisa. Os melhores clientes são aqueles que simplesmente *precisam* comprar um disco aos sábados, mesmo que não encontrem nada que queiram realmente; se não voltarem pra casa carregando uma sacola de compras fina, de formato quadrado, se sentem desconfortáveis. Dá pra sacar quem são os viciados em vinil porque, depois de um tempo fuçando numa das seções, ficam impacientes e se encaminham pra outra completamente diferente, puxam uma capa qualquer lá do meio e seguem pro balcão; isso acontece porque haviam pensado numa lista de possíveis aquisições (“Se não achar nada nos próximos cinco minutos, vai ter que ser aquela coletânea de blues que vi faz meia hora”), e de repente se recriminam pelo tanto de tempo que desperdiçaram procurando por algo que, na verdade, não querem. Conheço bem a sensação (essa é a minha turma, e compreendo mais esses caras do que compreendo qualquer outra pessoa neste mundo): é uma sensação pegajosa, uma espécie de comichão, um tipo de pânico, depois do qual você sai da loja cambaleante. Passa a andar muito mais rápido em seguida, tentando

recuperar a parte do dia que deixou escapar, e muito frequentemente sente o impulso de ir ler a seção internacional de um jornal ou assistir a um filme do Peter Greenaway, ou seja, ingerir alguma coisa sólida, com substância, que compense as inutilidades açucaradas com que esteve ocupando a cabeça.

Outro tipo de cliente de que gosto é aquele cuja motivação é encontrar uma melodia que o atormenta e distrai, uma melodia que é capaz de ouvir saindo da própria boca enquanto corre pra pegar um ônibus, ou que acompanha o ritmo do limpador de para-brisa do carro quando o sujeito está voltando do trabalho. Às vezes, algo banal e óbvio responde pela distração: a melodia foi ouvida no rádio ou numa casa noturna. Mas, noutras vezes, surgiu feito mágica. Às vezes apareceu com o sol, ou porque a pessoa viu alguém bonito e, de repente, lá está ela cantarolando um pedaço de uma canção que não ouve faz quinze ou vinte anos; certa vez, apareceu um cara que tinha *sonhado* com um disco, pacote completo, com melodia, título e artista. E, quando encontrei a gravação (um troço antigo de reggae, "Happy Go Lucky Girl", dos Paragons), e era mais ou menos exatamente como havia aparecido enquanto ele dormia, a expressão no rosto do cara me fez sentir não como o dono de uma loja de discos, mas como uma parteira, ou um pintor, alguém cuja vida é rotineiramente transcendental.

É aos sábados que se pode ver pra que servem, de fato, o Dick e o Barry. O Dick é paciente e entusiástico e gentil como um professor de escola primária: vende pras pessoas discos que elas nem sabiam que queriam, pois sabe intuitivamente o que deveriam comprar. Ele bate um papo, depois coloca alguma coisa pra tocar, e logo, distraidamente, o pessoal está lhe entregando notas de cinco como se, desde o início, tivesse entrado ali pra isso. O Barry, por sua vez, simplesmente coloca os clientes em posição de submissão, passando como um trator por cima deles. Espinafra o sujeito por não ter o primeiro disco do Jesus and Mary Chain, e o cara compra, e então ri porque o cliente não tem *Blonde On Blonde*, vendido, e explode, sem acreditar que o outro nunca tenha ouvido falar da Ann Peebles, de quem acaba vendendo alguma coisa também. Lá pelas quatro da tarde, na maior parte dos sábados, exatamente no momento em que

preparo uma xícara de chá pra nós, estou levemente eufórico, talvez porque, afinal, aquele ali seja o meu trabalho e vai bem, talvez por estar orgulhoso da gente, do fato de que, embora o nosso seja um talento menor e peculiar, tiremos dele o máximo proveito.

De modo que, na hora de fechar a loja, enquanto nos preparamos pra sair pra beber, como fazemos todos os sábados, voltamos a ser felizes juntos; temos uma reserva de boa vontade pra gastar no vazio dos dias seguintes, a qual terá se esgotado completamente ali pelo horário de almoço da sexta. A felicidade é tanta, na verdade, que, no intervalo entre expulsar os últimos clientes e ir embora, listamos nossas cinco mais do Elvis Costello (fico com "Alison", "Little Triggers", "Man Out of Time", "King Horse" e uma versão no estilo Merseybeat de "Everyday I Write the Book" que tenho numa fita com material pirata em algum lugar, a obscuridade desta última escolha dando o contrapeso à obviedade da primeira, penso, o que deve desarmar preventivamente o escárnio do Barry) e, depois dos trancos e barrancos da última semana, faz bem voltar a pensar nas coisas desse jeito.

Mas, quando saímos da loja, a Laura está lá, encostada ao naco de parede que nos separa da loja de sapatos ao lado, esperando por mim, e aí me lembro que esta não era pra ser uma época bacana da minha vida.

9.

O dinheiro é fácil de explicar: eu não tinha, ela sim, e queria me emprestar. Isso foi quando ela estava no novo emprego fazia alguns meses e o salário começou a se acumular no banco. Ela me emprestou cinco paus; se não tivesse feito isso, eu acabaria no vermelho. Nunca paguei porque nunca consegui pagar, e o fato dela ter ido embora e estar ficando com outro não me torna cinco paus mais rico. Outro dia, quando a tratei mal no telefone e falei que ela tinha fodido com a minha vida, a Laura mencionou esse dinheiro, se eu não podia começar a devolver o empréstimo em prestações, e respondi que podia, uma libra por semana pelos próximos cem anos. Foi aí que ela desligou.

Quanto ao dinheiro, é isso. O negócio que falei pra ela sobre estar infeliz na relação, sobre meio que estar procurando outra pessoa: foi ela que me levou a dizer isso. Ela me *ludibriou* pra que eu dissesse isso. Pode parecer difícil de acreditar, mas foi o que ela fez. Estávamos discutindo a relação e ela falou, muito espontaneamente, que atravessávamos uma fase bem infeliz no momento, com o que concordei; ela perguntou se eu alguma vez havia pensado em achar outra pessoa, e neguei; ela riu, e disse que, numa situação como a nossa, sempre se está pensando em achar outra pessoa. Aí perguntei se ela estava pensando em achar outra pessoa, e ela disse "claro", então admiti que às vezes eu também devaneava. Na hora, pensei que fosse uma daquelas conversas adultas em que a gente

admite a imperfectibilidade da vida, uma análise abstrata, madura; agora percebo que, na verdade, estávamos conversando sobre a Laura e o Ian, e que ela me induzia a absolvê-la. O truque traiçoeiro de uma advogada, e caí nessa, porque ela é muito mais esperta que eu.

Eu não sabia que ela estava grávida, claro. Ela não tinha me contado porque sabia que eu estava tendo um caso. (Ela sabia que eu estava tendo um caso porque eu tinha contado pra ela. A gente achava que estava agindo de forma adulta, mas aquilo foi ridiculamente ingênuo, infantil até, achar que um ou o outro podia fazer besteira e admitir o malfeito, com os dois ainda morando juntos.) Só fui descobrir um bom tempo depois: estávamos bem de novo, fiz alguma brincadeira sobre ter filhos e ela caiu em prantos. Aí falei pra ela me contar o que era aquilo, e ela contou, o que me levou a ter um arroubo cheio de razão (o de sempre — a criança era minha também, que direito ela tinha, blablabá), até que a incredulidade e o desprezo dela me fizeram calar a boca.

“Na época, você não me parecia uma boa aposta, a longo prazo”, ela disse. “Eu também não estava gostando muito de você. Não queria ter um filho seu. Não queria nem pensar numa relação horrível que ia acabar se resumindo ao direito de visita no futuro. E não queria ser mãe solteira. Não foi uma decisão muito difícil de tomar. Não fazia nenhum sentido te consultar.”

Todos argumentos muito justos. Na verdade, se fosse eu que estivesse grávido de mim na época, teria abortado exatamente pelas mesmas razões. Não consegui pensar em nada pra responder.

Mais tarde, naquela mesma noite, depois de ter repensado a história toda da gravidez a partir das novas informações que tinha à disposição, perguntei por que ela continuou comigo.

Ela ficou pensando um tempão.

“Porque eu nunca tinha sido persistente na vida, e tinha prometido a mim mesma, quando a gente começou a namorar, que aguentaria pelo menos uns maus bocados, pra ver o que acontecia. Então foi o que fiz. E você estava precisando se desculpar sobre

aquele negócio com a tal da Rosie de uma maneira tão patética...” — Rosie, a das quatro trepadas, do orgasmo simultâneo, aquela mala, a garota com quem tive um caso quando a Laura estava grávida — “... que acabou sendo muito legal comigo durante um bom tempo depois disso, e era tudo de que eu precisava. O que existe entre a gente é algo profundo, Rob, no mínimo porque estamos juntos já tem um tempo razoável. E eu não queria pôr tudo a perder pra começar de novo, a menos que realmente fosse obrigada. Foi isso.”

E por que continuei com a Laura? Não por razões como as dela, tão nobres e adultas. (Existe alguma coisa mais adulta do que persistir numa relação que está se desintegrando na esperança de que dê pra consertar? Nunca fiz isso na minha vida.) Continuei com a Laura porque, de repente, quase no fim do negócio com a Rosie, me vi de novo atraído, de verdade, por ela; foi como se eu precisasse da Rosie pra tornar a Laura um pouco mais desejável. E achei que tinha estragado tudo (não sabia, naquele momento, que ela estava dando uma de estoica). Dava pra ver que a Laura estava perdendo o interesse por mim, então me esforcei feito louco pra fazer ela voltar a se interessar e, assim que a consegui de volta, outra vez perdi o interesse totalmente. Esse tipo de coisa acontece muito comigo, acho. Não sei como resolver. E, com isso, voltamos mais ou menos ao ponto em que estávamos. Quando a história toda de infortúnios termina num grande infortúnio desses, até o mais míope dos imbecis, até aquele amante ferido e rejeitado mais propenso ao autoengano e à autopiedade é capaz de enxergar que algum mecanismo de causa e efeito está em curso aqui, que abortos e Rosie e Ian e dinheiro são todas coisas aparentadas que *se merecem*.

O Dick e o Barry perguntam se queremos ir com eles até o pub pra um drinque rápido, mas é difícil imaginar nós quatro sentados ao redor de uma mesa, rindo do cliente que confundiu Albert King com Albert Collins (“O cara não se tocou nem quando estava conferindo se o disco não tinha nenhum risco e viu o selo da Stax”, o Barry nos contou, e balançava a cabeça diante daquela até então insuspeitada profundidade da ignorância humana), e educadamente recuso o



convite. Imagino que vamos até o apartamento, então começo a caminhar na direção do ponto de ônibus, mas a Laura me puxa pelo braço e procura um táxi por ali.

“Eu pago. Pegar o vinte e nove não é uma boa ideia, você não acha?”

Bem observado. A conversa que precisamos ter será melhor conduzida sem um condutor — e sem o ônibus e seus cachorros, crianças e gente gorda carregando sacolas de compras enormes da John Lewis.

Ficamos praticamente em silêncio no táxi. É uma corrida de dez minutos da Seven Sisters Road até Crouch End, mas tão desconfortável e intensa e infeliz que sinto que vou me lembrar dela pelo resto da vida. Está chovendo, e as luzes fluorescentes estampam nossos rostos; o taxista pergunta se tivemos um bom dia, resmungamos em resposta e ele fecha a janelinha que divide a parte traseira do táxi da cabine. A Laura olha lá pra fora pela janela e tento disfarçadamente observá-la, ver se a última semana mudou alguma coisa no rosto dela. Ela cortou o cabelo, o mesmo corte, bem curto, curto tipo anos 60, tipo Mia Farrow, só que — e não digo isso só pra implicar — a Mia Farrow combina mais com esse corte do que ela. Isso porque o cabelo da Laura é muito escuro, quase preto, e, curto, faz parecer que os olhos dela ocupam quase o rosto inteiro. Ela não está usando maquiagem, e acho que é por minha causa. É um jeito fácil de me mostrar que anda abatida, preocupada, sofrida demais pra se preocupar com essas frivolidades. Há uma bela simetria aqui: quando entreguei pra Laura aquela fita com a música do Solomon Burke, lá atrás, há tantos anos, ela estava usando uma tonelada de maquiagem, muito mais do que costumava usar, e muito mais do que tinha usado na semana anterior, e eu soube, ou assim desejei, que era por minha causa também. De modo que temos uma tonelada no começo, pra mostrar que tudo vai bem, pra cima, só empolgação, e nenhuma no final, pra mostrar que tudo é desespero. Fácil, né?

(Mas, depois, exatamente quando dobramos a esquina da minha rua e estou começando a entrar em pânico com a dor e a dificuldade da conversa iminente, o que vejo é uma mulher autoconfiante,

elegantemente vestida pra noite de sábado, saindo pra encontrar alguém em algum lugar, amigos ou um amante. E, enquanto morei com a Laura, estava perdendo... o quê? Quem sabe alguém num ônibus ou no metrô ou num táxi, *fora da rota habitual*, a caminho de me encontrar, a roupa talvez um pouco exagerada, talvez com mais maquiagem do que o normal, talvez até um tiquinho nervosa; quando eu era mais novo, saber que isso tudo era por minha causa, até o percurso de ônibus, me fazia sentir pateticamente agradecido. Quando se está num relacionamento estável, não tem nada dessas coisas: se a Laura quisesse me ver, bastava virar a cabeça, ou caminhar do banheiro até o quarto, e ela nunca se dava ao trabalho de botar uma roupa especial pra isso. E, quando chegava em casa, era porque ela morava no meu apartamento, não porque fôssemos amantes, e, se a gente saía, ela às vezes se arrumava, às vezes não, dependendo de onde estivéssemos indo, mas de novo não tinha nada a ver comigo. Enfim, isso tudo é pra dizer que a mulher que vi desembarcar daquele táxi momentaneamente me inspirou e consolou: talvez eu não esteja tão velho que não possa ser a causa de um deslocamento de uma parte a outra de Londres e, se algum dia vier a namorar outra pessoa, e combinar de encontrá-la, digamos, em Islington, ela tendo que vir de Stoke Newington, um trajeto de uns cinco ou seis quilômetros, vou agradecer à moça do fundo do meu combalido coração de trinta e cinco anos.)

A Laura paga o táxi, abro a porta da rua, acendo a luz e faço ela entrar. Ao passar pelo parapeito da janela interna, onde ficam as correspondências, ela para, simples força do hábito, imagino, mas imediatamente, claro, se vê em dificuldades: vasculhando os envelopes, encontra o aviso de vencimento da assinatura de tevê endereçado ao Ian, e então ela hesita, um segundo apenas, mas o suficiente pra acabar com qualquer vestígio de dúvida remanescente, e aquilo me causa um mal-estar.

“Se quiser, pode levar essa aí”, digo, mas sem conseguir olhar pra ela, que também não olha pra mim. “Me poupa o trabalho de reendereçar.” Mas ela apenas coloca a carta de volta na pilha, em meio aos panfletos de entrega de comida e cartões de centrais de táxi no parapeito da janela, e começa a subir a escada.

Quando entramos no apartamento, é estranho ver a Laura de volta ali. Mas o que é particularmente esquisito é perceber que ela evita fazer as coisas que costumava fazer — dá pra perceber que se policia. Tira o casaco; costumava largá-lo em cima de uma das cadeiras, mas hoje ela não quer fazer isso. Fica ali, o casaco na mão por um momento, então me apresso dele e largo em cima de uma das cadeiras. Faz menção de ir até a cozinha, talvez pra colocar a chaleira no fogo ou se servir de uma taça de vinho, então ofereço um chá, e ela me pergunta educadamente se não dá pra ser alguma coisa mais forte, e, ao me ouvir dizer que tem uma garrafa de vinho aberta e pela metade na geladeira, se controla pra não responder que estava cheia quando ela foi embora, e que ela é quem tinha comprado o vinho. Enfim, não é mais dela, ou não é a mesma garrafa, ou seja o que for. E, ao sentar, ela escolhe a poltrona perto do som — a minha poltrona — em vez da outra, perto da tevê — a dela.

“Já terminou?”, ela aponta com o queixo pras estantes cheias de discos.

“O quê?”, eu sei o quê, claro.

“A Grande Reorganização.” Consigo ouvir as maiúsculas.

“Ah. Terminei. Uma noite dessas.” Não quero contar que foi logo na noite seguinte a ela ter ido embora, mas ainda assim recebo de volta um sorrisinho irritante com a mensagem: mas não me diga!

“Que foi?”, respondo. “O que você quer dizer?”

“Nada. É só que, sabe. Não demorou muito.”

“Você não acha que a gente tem coisa mais importante do que a minha coleção de discos pra conversar?”

“Acho, acho sim, Rob. Sempre achei.”

Sou eu quem, moralmente, tenho razão aqui (ela, afinal, é quem anda dormindo com os vizinhos), mas não consigo nem começar a preparar a artilharia.

“Onde é que você ficou nesta última semana?”

“Acho que você sabe a resposta”, ela diz, a voz baixa.

“Mas tive que descobrir sozinho, né?”

Me sinto mal de novo, mal de verdade. Não sei que efeito isso tem na minha cara, mas de repente a Laura perde um pouco o pé: ela

parece cansada e triste, e olha fixo pra frente com determinação, evitando cair no choro.

“Desculpe. Tomei uns rumos meio errados. Não tenho sido muito justa com você. Foi por isso que apareci lá na loja hoje, porque achei que era hora de ser corajosa.”

“Você está com medo?”

“Estou, claro que estou. Me sinto terrível. Isso tudo é muito difícil, você sabe.”

“Que bom.”

Silêncio. Não sei o que dizer. Tem uma porrada de coisas que quero perguntar, mas são todas perguntas cujas respostas não quero, na verdade, ouvir: quando foi que você começou a ficar com o Ian, e foi por causa dos, é, ruídos aí do andar de cima, e com ele é melhor (Com ele é melhor o quê?, ela perguntaria; Tudo, devolveria eu), e isto aqui é mesmo o fim ou, tipo, só uma fase, e — percebam como estou frágil — você sentiu minha falta, um pouquinho só que seja, você me ama, você ama ele, você quer ficar com ele no final, quer ter filhos com ele, e ele é melhor, é *melhor*, É MELHOR?

“Foi por causa da loja?”

De onde saiu essa? Claro que não foi por causa da porra da loja. Por que perguntei isso?

“Ah. Rob, é claro que não.”

Por isso perguntei. Porque estava sentindo pena de mim mesmo e queria algum tipo de consolo barato: queria ouvir um “é claro que não” dito com um desdém terno, ao passo que, se tivesse feito A Pergunta, talvez recebesse como resposta uma constrangedora negativa, ou um constrangedor silêncio, ou uma constrangedora confissão, e não queria nada disso.

“É isso que você acha? Que te deixei porque você não está à minha altura? Faça-me o favor, mereço mais do que isso.” Mas, outra vez, ela fala num tom de voz agradável, que reconheço de muito tempo atrás.

“Sei lá. Foi uma das coisas que me passou pela cabeça.”

“Quais foram as outras?”

“Só umas ideias óbvias?”

“Que ideias óbvias?”

“Sei lá.”

“Então não são *tão* óbvias.”

“Não.”

Silêncio de novo.

“E você e o Ian, estão se dando bem?”

“Ah, qual é, Rob. Não seja infantil.”

“E por que isso é infantil? Você está morando com o cara. Só queria saber como vão as coisas.”

“Não estou morando com ele. Só estou hospedada por uns dias, até resolver o que vou fazer. Escuta, isso não tem a ver com mais ninguém. Você sabe disso, não sabe?”

É o que elas sempre dizem. Sempre, sempre dizem que não tem nada a ver com mais ninguém. Posso apostar que, se a Celia Johnson tivesse fugido com o Trevor Howard no final de *Desencanto*, diria pro marido dela que nada daquilo tinha a ver com mais ninguém. É a primeira lei do trauma romântico. Dou uma bufada bem repulsiva e inconvenientemente cômica, e a Laura quase ri, mas se controla.

“Saí de casa porque a gente não estava mesmo se dando bem, nem conversando direito, e estou numa idade em que quero me resolver, e não conseguia me ver resolvida com você, principalmente porque você mesmo parece incapaz de se tornar alguém resolvido. E eu estava meio que interessada por outra pessoa, e aí a coisa foi mais longe do que devia, então me pareceu uma boa hora pra ir embora. Mas, a longo prazo, não tenho ideia do que vai acontecer comigo e com o Ian. Provavelmente nada. Talvez você amadureça um pouco e a gente se acerte. Talvez eu nunca mais veja nenhum de vocês dois. Não sei. Só sei que este não é um bom momento pra eu morar aqui.”

Mais silêncio. Por que as pessoas — sejamos diretos, as mulheres — são assim? Não vale a pena pensar desse jeito, todo confuso e indeciso e com esses contornos cinzentos e borrados, quando o quadro deveria estar totalmente claro e distinto. Concordo que seja necessário conhecer uma nova pessoa pra poder se livrar de uma antiga — é preciso ser incrivelmente corajoso e maduro pra terminar só porque a coisa não está funcionando muito bem. Mas não dá pra

agir pela metade, como a Laura está fazendo agora. Quando comecei a ficar com a Rosie, a garota do orgasmo simultâneo, não me comportei desse jeito; pra mim, o potencial ali era sério, ela era a mulher que me conduziria sem sofrimento de uma relação a outra, e o fato de não ter acontecido assim, de que ela se revelou um potencial desastre, foi apenas má sorte. Pelo menos havia um plano de ação na minha cabeça, e não esse negócio irritante de "ah, Rob, preciso de um tempo".

"Mas então você não está decidida a terminar comigo? Ainda existe uma chance da gente voltar?"

"Não sei."

"Ora, se você não sabe, então é porque ainda existe uma chance."

"Não sei se existe."

Pelo amor de Deus.

"É o que eu estou dizendo. Que, se você não sabe se existe uma chance, deve existir, certo? É que nem, tipo, alguém que esteja no hospital, com uma doença grave, e o médico diz que não sabe se há uma chance do paciente sobreviver ou não, então isso quer dizer que não é certeza que ele vá morrer, certo? Significa que pode ser que sobreviva. Mesmo que seja só uma possibilidade remota."

"Acho que sim."

"Então tem chance da gente voltar?"

"Ah, Rob, cala a boca."

"Só quero saber como é que eu fico nisso. Que chance eu tenho?"

"Sei lá que porra de chance você tem, cacete. Estou tentando te dizer que estou confusa, que faz um século que não me sinto feliz, que a gente avacalhou com tudo, que estou com outra pessoa. Essas coisas é que são importantes."

"Pode ser. Mas se você pudesse me dar uma ideia aproximada, pelo menos."

"Tá, tá. Temos nove por cento de chance de voltar. Isso torna a situação mais clara?" Ela está tão cansada de tudo, tão à beira de uma crise de choro, que fechou os olhos bem apertados e está falando num sussurro malévolo e furioso.

"Isso que você está fazendo agora é simplesmente idiota."

Uma parte de mim é capaz de perceber que não é ela quem está agindo como idiota. Compreendo, até certo ponto, que ela não saiba o que vai acontecer, que tudo esteja em suspenso. Mas pra mim não serve. Sabem qual é a pior coisa de ser rejeitado? A falta de controle. Se ao menos eu pudesse controlar quando e como seria chutado por alguém, aí não pareceria uma coisa tão ruim. Mas aí, claro, não se trataria de rejeição, certo? O fim seria por consenso mútuo. Por diferenças artísticas. Eu estaria deixando a parceria pra seguir carreira solo. Sei o quanto pressionar, e pressionar por alguma medida de probabilidade é inacreditável e pateticamente infantil, mas é a única coisa que se pode fazer pra tentar recuperar uma parte do controle que está com ela.

Quando vi a Laura na saída da loja, *absolutamente* entendi, sem sombra de dúvida, que eu a queria de volta. Mas a razão pra isso, provavelmente, é que o rejeitado da história sou eu. Se conseguir que ela diga que existe uma chance da gente consertar a situação, isso vai tornar as coisas mais fáceis pra mim: se não precisar mais andar por aí me sentindo magoado e impotente e sofrendo, serei capaz de me virar sem ela. Em outras palavras, estou infeliz porque ela não me quer; se puder me convencer de que ela me quer, sim, um pouquinho, aí vou ficar legal de novo, porque então eu é que não vou mais querer, o que vai me permitir continuar a procurar por outra pessoa.

Nos últimos meses, passei a conhecer de cor a expressão que a Laura tem no rosto agora, uma expressão que denota, ao mesmo tempo, paciência infinita e frustração irremediável. Não é boa a sensação de saber que tal expressão foi inventada só pra mim. Antes, ela jamais tinha precisado dessa cara. Ela suspira, apoia o rosto numa das mãos e olha fixo pra parede.

“Tudo bem, pode ser que a gente se acerte. Talvez exista uma chance disso acontecer. Não diria que uma chance boa, mas uma chance.”

“Ótimo.”

“Não, Rob, isso não é ótimo. Nada aqui é ótimo. É tudo uma merda.”

“Mas não vai mais ser, você vai ver.”

Ela balança a cabeça, aparentemente incrédula. “Estou cansada demais pra isso agora. Sei que estou pedindo muito, mas será que você não podia voltar pro pub, beber com os caras enquanto separo umas coisas? Pra isso preciso conseguir pensar e, com você aqui, não consigo.”

“Sem problema. Desde que eu possa te fazer uma pergunta.”

“Certo. Uma.”

“Vai parecer idiota.”

“Tudo bem.”

“Você não vai gostar.”

“Faça a pergunta... de uma vez.”

“É melhor?”

“É melhor o quê? O que é melhor do que o quê?”

“Ora. O sexo, né. O sexo com ele é melhor?”

“Meu Deus, Rob. É isso que está te incomodando, sério?”

“Claro que é.”

“Você acha mesmo que a resposta, positiva ou negativa, faria alguma diferença?”

“Sei lá.” E realmente não sei.

“Pois minha resposta também é: sei lá. Porque a gente ainda não transou.”

Viva!

“Nenhuma vez?”

“Não. Não tive vontade.”

“Mas nem antes, quando ele ainda morava aí em cima?”

“Ah, claro, valeu. Não. Eu morava com você na época, tá lembrado?”

Fico envergonhado e não digo nada.

“A gente dormiu juntos, mas não fez amor. Não ainda. Mas vou te dizer uma coisa. A parte de dormir juntos é a melhor.”

Viva! Viva! Que notícia fantástica! O sr. Sessenta Minutos de Duração ainda não começou a girar os ponteiros! Dou um beijo no rosto dela e vou pro pub encontrar o Dick e o Barry. Me sinto um



novo homem, embora não exatamente renascido. Me sinto tão melhor, na verdade, que saio dali direto pra cama da Marie.

## 10.

FATO: mais de três milhões de homens neste país já dormiram com dez ou mais mulheres. E todos eles se parecem com o Richard Gere? São todos ricos como o Crespo, charmosos como o Clark Gable, tão absurdamente bem-dotados como o Errol Flynn ou espirituosos como o Clive James? Negativo. Nada a ver com nenhuma dessas coisas. Talvez, dos três milhões, meia dúzia, mais ou menos, tenha um ou mais desses atributos, mas ainda assim restam... ora, com ou sem a meia dúzia, são três milhões. E eles são apenas caras normais. *Nós* somos apenas caras normais, porque eu, até eu, sou membro desse exclusivo clube de três milhões. Dez não é muita coisa, se o sujeito é solteiro e está na casa dos trinta e tantos. Dez parceiras em duas décadas de atividade sexual é, na verdade, bem fraco, se a gente parar pra pensar: uma a cada dois anos, sendo que, se alguma dessas foi apenas uma trepada, e uma trepada no meio de uma seca de dois anos, ainda que tal histórico não seja exatamente *uma vergonha*, também não estamos falando do maior Garanhão do bairro. Dez não é muito, não pra um solteiro de trinta e poucos. Vinte não é muito, quando se olha por esse ângulo. Qualquer coisa acima de trinta, acho que aí, sim, o cara pode ir na Oprah falar sobre promiscuidade.

A Marie é minha décima sétima parceira. "Como ele consegue?", vocês se perguntam. "O cara usa moletoms horríveis, maltrata a ex-namorada, é rabugento, está sempre duro, anda com dois retardados viciados em música e, ainda assim, consegue ir pra cama

com uma artista americana com discos gravados, parecida com a Susan Dey. Como pode?”

Primeiro de tudo, não vamos nos empolgar demais aqui. Sim, ela tem discos gravados, mas por uma gravadora de Blackpool ironicamente batizada Hit Discos, com aquele tipo de contrato pelo qual tem que vender as próprias fitas nos intervalos de shows em prestigiosas casas londrinas como o Sir Harry Lauder. E, se bem conheço a Susan Dey, e acho que conheço, já que nossa relação já dura mais de vinte anos, ela seria a primeira a admitir que parecer com a Susan Dey em *L.A. Law* não é a mesma coisa que parecer com, digamos, a Vivien Leigh em ...*E o vento levou*.

Mas tá certo: ainda assim, a noite que passei com a Marie é meu triunfo sexual maior, minha *foda mirabilis*. E sabe por que essas coisas acontecem? Porque faço perguntas. É isso. Esse é meu segredo. Se alguém quisesse saber como se dar bem com nada menos que dezessete mulheres, ou mais, eu diria: fazendo perguntas. Funciona precisamente porque, de acordo com a sabedoria masculina coletiva, não é isso que se deve fazer. Ainda tem muitos caras por aí da velha escola, ególatras falastrões e convencidos, de modo que alguém como eu acaba parecendo revigorantemente diferente; a Marie chega até a me dizer algo parecido no meio da nossa noite...

Eu não fazia ideia de que ela e o T-Bone estariam no pub com o Dick e o Barry, e que ele, ao que tudo indica, havia prometido aos dois uma noitada de sábado genuinamente inglesa — pub, curry, ônibus noturno e todos os opcionais. Mas fico feliz em encontrá-los; depois de sair por cima com a Laura, estou bem animado e, uma vez que até agora só me viu caladão e rabugento, a Marie deve estar se perguntando o que aconteceu. Deixe ela imaginar. Não é sempre que tenho a oportunidade de ser enigmático e surpreendente.

Estão todos sentados em torno de uma mesa com seus copos de cerveja. A Marie se reacomoda pra me dar lugar, e é aí que me vejo levado, perdido, entregue. Ali está a mulher dos encontros de sábado à noite, aquela que vi pela janela do táxi e me deu corda. O movimento dela pra se reacomodar é romanticamente significativo: ei, ela fez isso pra mim! Patético, eu sei, mas logo começo a me

preocupar que o Barry ou o Dick — na verdade, Barry — tenham contado pra ela onde eu estava e o que estava fazendo. Porque, se ela souber da Laura, e da separação, e do meu estresse, vai perder o interesse, um interesse que ela nem tem, pra começo de conversa, o que me colocaria no negativo em termos de atrair interesse. Balanço no vermelho.

O Barry e o Dick estão conversando com o T-Bone, querendo saber mais sobre o Guy Clark; a Marie só escuta, mas aí vira pra mim e, em tom conspiratório, pergunta se deu tudo certo. Barry linguarudo filho da mãe.

Dou de ombros.

“Ela só queria pegar uns troços. Nada demais.”

“Meu Deus, odeio essa parte. Esse negócio de ‘aparecer pra buscar umas coisinhas’. Passei por isso pouco antes de vir pra cá. Sabe aquela minha música, ‘Patsy Cline Times Two’? É sobre quando eu e o meu ex separamos nossa coleção de discos.”

“É uma música ótima.”

“Obrigada.”

“E você compôs pouco antes de vir pra cá?”

“Compus na vinda. A letra, pelo menos. Já tinha a melodia fazia um tempo, mas não sabia o que fazer com ela, até que pensei nesse título.”

Começo a me dar conta de que o tal garanhão, T-Bone, não está no páreo, se me permitem o trocadilho.

“Foi por isso que você veio pra Londres, então? Por causa dessa, é... separação de coleções e tudo mais?”

“Ã-hã.” Ela dá de ombros, aí pensa um pouco, então ri, pois aquela confirmação já dizia tudo e não havia nada mais a acrescentar, mas ela tenta, mesmo assim.

“Pois é. O cara me deixou arrasada, e de repente eu não queria mais estar em Austin, então liguei pro T-Bone e ele marcou uns shows e arranjou um apartamento pra mim, e aqui estou eu.”

“Você está dividindo o apê com o T-Bone?”

Ela ri de novo, uma boa risada, o ar saindo pelo nariz dentro do copo de cerveja. “Nem a pau! O T-Bone não ia querer dividir apartamento comigo. Eu seria um empecilho pro estilo de vida dele.”

E também não daria certo eu ficar ouvindo aquelas coisas todas acontecendo do outro lado da parede do quarto. Estou solteira demais pra aguentar um negócio desses.”

Ela está solteira. Eu estou solteiro. Sou um cara solteiro conversando com uma mulher solteira e atraente, que pode ou não ter acabado de confessar certa frustração sexual. Meu Deus.

Um tempo atrás, quando o Dick, o Barry e eu chegamos à conclusão de que o que realmente importa é o que a gente é, e não o que *parece* ser, o Barry veio com a ideia de um questionário pra parceiras em potencial, um documento de duas ou três páginas com perguntas de múltipla escolha cobrindo o máximo possível em termos de músicas/filmes/tevé/livros. Os objetivos eram: a. evitar conversas constrangedoras e b. evitar que o cara fosse pra cama com alguém que, ele talvez descobrisse mais adiante, tinha a coleção completa do Julio Iglesias. A gente se divertiu com a ideia na época, embora o Barry, sendo o Barry, tenha dado um passo além: fez mesmo o questionário e submeteu às perguntas uma das coitadas em quem estava interessado, que acabou batendo nele com o calhamaço. Mas aquilo ali continha uma verdade séria e essencial, a de que essas coisas importam mesmo, e portanto não é legal fingir que uma relação tem futuro quando as coleções de discos divergem violentamente, ou quando os filmes preferidos de cada um nem conversariam caso se encontrassem numa festa.

Se eu tivesse dado um questionário pra Marie responder, ela não teria me batido com ele. Teria entendido a validade de tal exercício. Continuamos a conversar e tudo se encaixa, combina, corresponde, fecha, é uma conversa em que até as pausas, até a pontuação parecem assentir em concordância. Nanci Griffith e Kurt Vonnegut, Cowboy Junkies e hip-hop, *Minha vida de cachorro* e *Um peixe chamado Wanda*, Pee-Wee Herman e *Quanto mais idiota melhor*, esportes e comida mexicana (sim, sim, sim, não, sim, não, não, sim, não, sim)... Lembram daquele jogo infantil, Ratoeira? Aquele ridículo mecanismo que a gente tinha que construir com as peças, em que bolas prateadas desciam por calhas e homenzinhos subiam por escadas, uma coisa batendo em outra que derrubava uma terceira, até que, no fim, a gaiola caía sobre o rato e o prendia? Aquela noite

transcorreu mais ou menos com a mesma precisão divertida, em que meio que dá pra ver o que deve acontecer, mas não se acredita que o resultado vai ser mesmo aquele, ainda que, depois, pareça óbvio.

Quando começo a sentir que estamos nos divertindo, dou chance pra que ela caia fora: num momento de silêncio, fico escutando o T-Bone descrever pro Barry como é Guy Clark na vida real, como ser humano, mas a Marie se encarrega de nos levar de volta à nossa rota particular. E, quando seguimos do pub pro lugar que serve curry, diminuo o passo de modo a me afastar do grupo, pra que ela possa, se quiser, me deixar pra trás, mas ela também desacelera o ritmo. E, na lanchonete, sou o primeiro a sentar, assim ela pode escolher o lugar que quiser, e ela escolhe sentar do meu lado. Somente no final da noite faço alguma coisa que se pode interpretar como uma tomada de iniciativa: digo pra Marie que faz sentido ela e eu pegarmos o mesmo táxi pra ir embora. É mais ou menos verdade, de qualquer modo, porque o T-Bone está hospedado em Camden, e tanto o Dick quanto o Barry moram no East End, então não chega a ser um caso de reinvenção do mapa da cidade em causa própria. E tampouco é a mesma coisa que ter dito pra Marie que faz sentido a gente ir juntos pro apartamento dela — se não quiser que eu continue a lhe fazer companhia, basta ela sair do táxi, tentar me empurrar uma nota de cinco e me mandar pra casa. Mas, quando chegamos ao apê, a Marie me pergunta se não estou a fim de conhecer o lugar, e descubro que estou. E aí...

E aí... que o apartamento dela é bem parecido com o meu, um cubículo no primeiro andar de um predinho de três andares no norte de Londres. Na verdade, é tão parecido com o meu que fico deprimido. Será mesmo tão fácil assim igualar meu estilo de vida? Um rápido telefonema pra um amigo e pronto? Levei uma década ou mais pra criar essas raízes superficiais. A acústica do apartamento é toda estranha, porém; ali não tem livros, não tem uma parede de discos, e tem bem pouca mobília, só um sofá e uma poltrona. Não tem um som, só um toca-fitas com rádio e uns cassetes, alguns dos quais comprados na loja. E, o mais excitante, dois violões encostados a uma parede.

Ela vai até a cozinha, que fica, na verdade, na própria sala, mas à parte, porque é onde acaba o carpete e começa o piso de linóleo, e pega gelo e um par de copos (ela não me pergunta se quero gelo, mas essa é a primeira nota dissonante do nosso dueto desde o começo da noite, de modo que não tenho vontade de me queixar) e senta perto de mim no sofá. Pergunto pra ela sobre Austin, e os lugares pra sair e as pessoas de lá; também faço uma porrada de perguntas sobre o ex, e ela fala *numa boa* do cara. Descreve como era e o infortúnio que acabou sendo, e faz isso com sabedoria e honestidade e um humor seco e autodepreciativo, e então percebo por que suas canções são tão boas. Não falo da Laura do mesmo jeito, ou com a mesma profundidade, ao menos. Aparo as arestas e arredondo as pontas e alargo as margens e amplio a letra pra que tudo pareça um pouco mais detalhado do que realmente é, de modo que ela acaba ouvindo alguma coisa sobre o Ian (ainda que não chegue a escutar os ruídos que eu escutei) e alguma coisa sobre o trabalho da Laura, mas nada sobre abortos ou dinheiro ou mulheres pentelhas com quem tive orgasmos simultâneos. Parece, até pra mim, que estou revelando minha intimidade: falo baixinho, devagar, ponderado, declaro meu arrependimento, digo coisas legais sobre a Laura, sugiro um profundo oceano de melancolia logo abaixo da superfície. Mas é tudo besteira, na verdade, uma caricatura de um cara decente e sensível, o que quebra o galho porque estou em posição de poder inventar minha própria realidade e porque — acho — a Marie já decidiu que gosta de mim.

Esqueci completamente como se passa à próxima etapa, ainda que não chegue a ter certeza de que vai haver uma próxima etapa. Lembro as táticas adolescentes, esticar o braço por cima do encosto do sofá e depois deixá-lo pousar nos ombros da garota, ou pressionar a perna contra a dela; lembro da tática que considerava adulta e decidida que costumava usar quando tinha meus vinte e poucos anos, olhando no olho e perguntando se ela não gostaria de passar a noite comigo. Mas nada disso me parece apropriado agora. O que a gente faz quando já tem idade suficiente pra ter aprendido?

No fim — e, caso vocês estivessem dispostos a apostar, teriam pouquíssimas chances de acertar — o que acontece é uma desastrada colisão quando ficamos de pé no meio da sala. Levanto pra ir ao banheiro, ela diz que vai me mostrar onde é, a gente se esbarra, se agarra, se beija, e lá vou eu de novo adentrar o território da neurose sexual.

Por que será que falhar é a primeira coisa que me vem à cabeça quando estou nesse tipo de situação? Por que não posso simplesmente curtir? Mas, se o cara já se fez essa pergunta, então sabe que está perdido: a autoconsciência é o pior inimigo de um homem. Fico imaginando se ela está tão consciente quanto eu mesmo da minha ereção e, se está, o que sente a respeito; mas nem ao menos consigo me concentrar nessa preocupação, que dirá em todo o resto, por causa das outras preocupações que me invadem, e o estágio seguinte parece difícil e intimidador, aterrador e indecifrável, absolutamente impossível.

Notem quanta coisa pode dar errado pros homens. São vários os possíveis problemas: e se não acontecer nada, e se acontecer coisa demais, e se, depois de um começo promissor, vier a queda? Fora aquela história de que tamanho não é documento, exceto no meu caso, ou o negócio da satisfação da cliente nem sempre ser garantida... E com o que precisam se preocupar as mulheres? Um pouco de celulite? Bem-vindas ao clube. Uma ponta de dúvida sobre ficar abaixo da média? Idem.

Sou feliz sendo homem, acho, mas às vezes não sou feliz sendo homem no final do século xx. Às vezes queria ser meu pai. Ele nunca precisou pensar na satisfação da cliente, pois nunca soube que ela esperava alguma satisfação; nunca precisou se preocupar em ficar na média dos cem mais de todos os tempos da minha mãe, porque foi o primeiro e único dessa lista. Não seria ótimo se desse pra falar com o pai da gente sobre esse tipo de coisa?

Um dia, quem sabe. "Pai, o senhor alguma vez se preocupou com o orgasmo feminino, seja na sua variação clitoral, seja na (possivelmente mítica) variação vaginal? O senhor sabe, aliás, o que é orgasmo feminino? E ponto G? O que significava ser 'bom de cama' em 1955, se é que significava alguma coisa? Quando foi que o



sexo oral chegou à Inglaterra? O senhor inveja minha vida sexual, ou lhe parece que dá um trabalho desgraçado? A preocupação de quanto tempo a coisa deve durar alguma vez lhe ocorreu, ou vocês não pensavam nesse tipo de coisa? Não lhe parece uma sorte nunca ter tido que comprar livros de culinária vegetariana como o primeiro passo pra ver alguém só de calcinha? O senhor não se considera privilegiado por nunca ter precisado responder pelo fato de parecer descolado, mas não encarar a limpeza do banheiro? Não se sente aliviado por ter sido poupado de todas as agruras do parto pelas quais qualquer homem moderno tem que passar?" (E o que será que ele diria, me pergunto, não fossem os entraves de classe e sexo e a timidez? Provavelmente algo como: "Vê se para de resmungar, filho. O conceito de boa trepada nem sequer *existia* no meu tempo, e, com todas as limpezas de banheiro que precisou fazer e receitas de pratos vegetarianos que foi obrigado a aprender, você, por outro lado, se divertiu mais do que jamais nos foi permitido". E ele teria razão.)

Taí uma educação sexual que nunca tive — do tipo que lida com questões como o ponto G e tal. Ninguém nunca me falou sobre qualquer uma das coisas que importam, sobre como tirar as calças com dignidade, ou o que dizer pra alguém quando não se consegue uma ereção, ou o que significava ser "bom de cama" em 1975 ou 1985, pra não falar de 1955. E pasmem: nunca ninguém me falou sobre *sêmen*, esperma puro e simples, e isso faz uma diferença crucial. Até onde eu sabia, os tais girininhos apenas saltavam, invisíveis, da ponta do pinto, e então, quando aconteceu minha primeira... bom, deixa pra lá. Mas o fato é que essa percepção desastrosamente parcial do que se passava com os órgãos genitais masculinos me causou perturbação e embaraço até a tarde em que, numa lanchonete com os amigos, um deles comentou que a saliva que tinha ficado boiando na coca-cola parecia porra, uma observação enigmática que me deixou excitadamente intrigado por uma semana inteira, mas claro que, na hora que ouvi aquilo, ri como se tivesse entendido. Complicado olhar pra matéria alheia flutuando num copo de coca e, desse vestígio mínimo de informação, deduzir o próprio milagre da vida, mas foi o que precisei fazer, e fiz.

Enfim. A gente fica de pé e se beija, aí senta e se beija, e metade de mim diz pra não me preocupar, ao passo que a outra metade me faz sentir todo cheio de mim, e as duas metades formam um todo que não dá muita chance pro aqui e agora, pra qualquer prazer ou lascívia, de modo que começo a me perguntar se *algum dia* eu de fato curti esse negócio, a sensação física em si, não o fato de que esteja acontecendo, ou se não é algo que simplesmente sinto que tenho que fazer, e aí, quando acabo de devanear, descubro que não estamos mais nos beijando, estamos abraçados, e estou de cara pro encosto do sofá. A Marie me afasta dela pra poder olhar pra mim e, antes que me veja com aquela expressão vazia, olhar perdido no espaço, já estou com os olhos bem fechados, o que me salva por ora, mas, a longo prazo, é um erro, pois faz parecer que passei a vida toda esperando por esse momento, e isso, por sua vez, ou vai paralisá-la de terror ou vai levá-la a concluir coisas que não deveria.

“Você tá bem?”, ela pergunta.

Faço que sim com a cabeça. “E você?”

“Por enquanto. Mas não ficaria, se achasse que nossa noite termina aqui.”

Aos dezessete anos, eu costumava sonhar acordado com mulheres me dizendo coisas assim; agora, o único efeito disso é reinstaurar o pânico.

“Tenho certeza de que não termina.”

“Ótimo. Nesse caso, vou preparar mais alguma coisa pra gente beber. Continua no uísque ou quer um café?”

Continuo no uísque, assim tenho uma desculpa se nada acontecer, ou se tudo acontecer rápido demais, ou se blablablá.

“Sabe, cheguei a pensar que você me odiava, sério”, ela diz. “Até hoje à noite, você nunca tinha me dirigido mais do que duas palavras, e bem rabugentas.”

“Foi por isso que você ficou interessada?”

“É, pode ser, acho que foi.”

“Essa não é a resposta certa.”

“Não, mas... se um cara age, tipo, meio estranho comigo, fico querendo descobrir o que rola, sabe?”

“E descobriu?”

“Não. E você?”

Sim.

“Não.”

Rimos entusiasmados; talvez, se eu simplesmente continuar rindo, possa adiar o momento. A Marie conta que já tinha me achado uma gracinha, palavra que nunca ninguém usou antes pra se referir a mim, e um cara pungente também, e o que ela quer dizer com isso, imagino, é que não falo muito e sempre pareço estar um pouco de saco cheio. Respondo que acho ela linda, o que eu meio que acho mesmo, e talentosa, o que acho com certeza. E, durante algum tempo, a gente conversa essas coisas, parabenizando a nós mesmos pela nossa sorte e um ao outro pelo bom gosto, o de sempre nesses papos pós-beijo e pré-sexo, segundo minha experiência; fico grato a cada palavra idiota que dizemos, porque assim ganho tempo.

A ansiedade sexual nunca me atacou tão forte quanto dessa vez. Costumo ficar nervoso, claro, mas nunca tive nenhuma dúvida de que queria ir até o fim; ali, parece mais do que suficiente apenas saber que posso ir, se quiser, e, houvesse uma maneira de tapear, pulando a próxima etapa — fazer a Marie assinar algum tipo de declaração, por exemplo, afirmando que passamos a noite juntos —, era o que eu faria. É difícil imaginar, na verdade, que a emoção de fazer de fato o negócio vá ser maior, pouco que seja, do que a emoção de *poder* fazer, mas talvez, em se tratando de sexo, sempre tenha sido assim pra mim. Talvez eu nunca tenha gostado, de verdade, da parte sem roupa do sexo, só do resto: jantar, café e aquele papo de “Peraí, essa também é a *minha* sequência favorita desse filme do Hitchcock”, desde que sirva de preâmbulo pro sexo e não seja só conversa jogada fora, e...

Quem estou tentando enganar? Só quero não me sentir tão mal. Eu adorava sexo, tudo nele, a parte de ficar pelado e a parte de estar vestido e, num dia bom, com vento favorável, se não tivesse bebido demais, não estivesse muito cansado e fosse a fase certa da relação (não muito no começo, quando ainda haveria o nervosismo das primeiras noites, e não quase no fim, quando a melancolia da rotina tivesse tomado conta), sexo era tranquilo pra mim. (E com isso quero dizer o quê, exatamente? Sei lá. Que não havia queixas,

imagino, mas também, na companhia de alguém educado, nunca há. Certo?) O problema é que faz anos que não passo por isso. E se ela rir? E se meu moletom ficar preso na cabeça quando ela tentar tirá-lo? Sempre acontece isso com esse moletom. Por alguma razão, só a gola encolheu — ou isso, ou minha cabeça engordou mais rápido do que o resto de mim —, e se eu soubesse hoje de manhã que... enfim.

“Tenho que ir”, digo. Não faço ideia de que é isso que vou dizer, mas as palavras fazem perfeito sentido assim que as ouço. Mas claro! Que ideia fantástica! Simplesmente ir pra casa! Você não precisa fazer sexo se não quiser! Que atitude mais *adulta*!

A Marie me encara. “Quando eu falei, antes, que esperava que a noite não terminasse ali, eu estava falando, sabe... da gente ir até o café da manhã e tal. Não estava falando de mais um uísque e dez minutos de conversa mole. Quero que você passe a noite comigo.”

“Ah”, respondo, pouco convincente. “Ah. Tá certo.”

“Jesus, pra que tanta cerimônia? Da próxima vez que convidar um cara pra passar a noite comigo aqui, vou fazer do jeito americano. Achei que vocês, ingleses, fossem os mestres da sutileza e dos rodeios, essa coisa toda.”

“A gente é, mas só que não entende quando são outras pessoas que usam.”

“Você me entendeu agora? Melhor esclarecer, antes que eu tenha que dizer alguma coisa mal-educada de verdade.”

“Não, entendi. Só achei que devia, sabe, esclarecer as coisas também.”

“Então está tudo claro?”

“Está.”

“E você vai ficar?”

“Vou.”

“Ótimo.”

Precisa ser um gênio pra fazer o que acabo de fazer. Tive a chance de ir embora e desperdicei; nesse meio-tempo, me mostrei incapaz de conduzir um cortejo com o mínimo de sofisticação que fosse. Ela usa uma frase bacana e sexy pra me pedir pra passar a noite ali e eu, por minha vez, dou a entender que a frase passou

batida, o que me torna o tipo de cara com quem ela nem gostaria, pensando bem, de dormir. Sensacional.

Milagrosamente, porém, não há mais percalços. Iniciamos a conversa sobre camisinha, na qual digo pra ela que não vim prevenido, ao que ela ri e responde que ficaria espantada se eu tivesse vindo e que, enfim, ela tem uma na bolsa. Ambos sabemos sobre o que estamos falando e por quê, mas não entramos em mais detalhes. (Desnecessário, né? Se alguém pede um rolo de papel higiênico, ninguém precisa ficar discutindo pra que a pessoa vai usar.) E aí ela apanha seu drinque, me pega pela mão e me leva pro quarto.

Más notícias: a primeira parada é no banheiro. Odeio paradas no banheiro, aquela conversa toda tipo: “Você pode usar a escova de dentes verde e a toalha rosa”. Não me entendam mal: higiene é um troço da maior importância, gente que não escova os dentes é muito burra e não pensa no futuro, e eu jamais deixaria que um filho meu etc., e assim por diante. Mas, sabe, será que não dava pra ter uma folga de em vez quando? Supostamente estamos tomados de uma paixão que nenhum dos dois consegue controlar, de modo que não entendo como é que ela encontra tempo pra pensar em cremes e hidratantes em chumaços de algodão e tudo mais. No geral, prefiro aquelas mulheres que estão dispostas a mudar o hábito de metade de uma vida em consideração a mim, sem falar que paradas no banheiro não ajudam em nada a acalmar o sujeito, tampouco a manter seu entusiasmo, se é que vocês me entendem. Fico particularmente decepcionado ao ver que a Marie é adepta da parada no banheiro, porque pensei que ela era um pouco mais boêmia, uma artista com discos gravados e tal; achei que o sexo seria um pouquinho mais sujo, literal e figuradamente. Assim que chegamos ao quarto, ela desaparece imediatamente, e só me resta esperar, enquanto me preocupo se devo ou não ir tirando a roupa.

Vejam bem, se fico pelado e aí ela volta dizendo que é pra eu usar a escova verde, estou perdido: significa que vou ser obrigado ou a fazer a longa marcha da nudez, ou a me vestir de novo e ficar com o moletom entalado na cabeça. (*Recusar* a oferta da escova verde simplesmente não está entre as opções, por razões óbvias.) Pra ela

não tem problema, claro; ela pode evitar esse negócio todo. Pode voltar pro quarto vestindo só uma camiseta do Sting tamanho extragrande, que então vai tirar enquanto eu estiver no banheiro; ela não entrega nada e eu fico arruinado e humilhado. Mas aí lembro que estou usando uma samba-canção até que estilosa (presente da Laura) e uma camiseta até que limpa por baixo, de modo que posso optar pelo traje roupa-de-dormir, grau de comprometimento aceitável. Quando a Marie reaparece, me encontra na pose mais *cool* que sou capaz de manter, folheando a edição de bolso do John Irving que ela está lendo.

E então vou pro banheiro e escovo os dentes; e depois volto; e aí a gente faz amor; e depois conversa um pouco; e aí apaga a luz, e é isso. Não vou me deter naquela outra parte, de quem fez ou deixou de fazer o quê. Sabem aquela música "Behind Closed Doors", do Charlie Rich? É uma das minhas preferidas.

Vocês têm direito de saber alguma coisa, acho. Têm direito de saber que não me deixei abater, que nenhum dos problemas maiores me afetou, que a satisfação da cliente não foi completa, mas a Marie declarou que foi bom pra ela e eu acreditei; e vocês têm direito de saber que foi legal pra mim também, e que, num momento ou outro ao longo da jornada, lembrei por que gosto de sexo: gosto de sexo porque, nele, posso me abandonar completamente. Sexo, na verdade, é a atividade mais absorvente que encontrei na vida adulta. Quando era criança, eu costumava ficar assim, absorto, com todo tipo de coisa — brinquedos, *Mogli*, *o menino lobo*, *Biggles*, *O agente da UNCLE*, cinema aos sábados... Era capaz de esquecer que horas eram, onde e com quem estava. Sexo é a única coisa parecida que encontrei depois de adulto, exceto talvez um ou outro filme: livros já não são mais aquilo tudo passados os anos de adolescência, e certamente nunca encontrei nada comparável no trabalho. Esvaziado de toda aquela terrível autoconsciência pré-sexo, esqueço que horas são, onde e... sim, naquele intervalo, esqueço com quem estou. Sexo é mais ou menos a única coisa que, como adulto, sei fazer; por isso mesmo, é esquisito que seja a única coisa capaz de me fazer sentir como se tivesse dez anos de idade.

\* \* \*

Acordo perto do amanhecer com a mesma sensação da outra noite, aquela de quando saquei o que estava rolando entre a Laura e o Ray: a sensação de que não tenho lastro, de que nada me ancora, de que, se não me segurar, vou sair flutuando à deriva. Gosto muito da Marie, ela é divertida e esperta e bonita e talentosa, mas quem é ela, caramba? Não estou aqui filosofando. Só estou dizendo que não passa de uma estranha, então o que estou fazendo na cama dela? Será que não tem um lugar melhor, mais seguro, mais acolhedor, onde eu pudesse estar? Mas sei que não há, não no momento, e isso me assusta muito.

Levanto, encontro minha cueca descolada e minha camiseta, vou até a sala, fuço o bolso da jaqueta atrás de cigarros e sento no escuro, fumando. Um tempinho depois, a Marie também sai da cama e vem sentar do meu lado.

“Você veio sentar aqui pra pensar no que está fazendo?”

“Não. Estou só, sabe...”

“Porque é pra isso que eu vim, se servir de consolo.”

“Achei que tinha te acordado.”

“Ainda nem dormi.”

“Então quer dizer que está pensando há muito mais tempo que eu. Chegou a alguma conclusão?”

“Uma aqui, outra ali. Descobri que estava muito sozinha e que fui pra cama com a primeira pessoa que me quis. E também que tive sorte de essa pessoa ser você, e não um cara do mal, ou um chato, ou um maluco.”

“Do mal eu não sou, pelo menos. Mas você não teria ido pra cama com ninguém que fosse alguma dessas coisas.”

“Não tenho tanta certeza. Tive uma semana ruim.”

“O que aconteceu?”

“Nada aconteceu. Tive uma semana ruim aqui na minha cabeça, só isso.”

Antes da gente dormir juntos, havia pelo menos alguma simulação de que isso era algo que ambos queríamos, de que seria o início

saudável e vigoroso de uma nova relação. Agora a simulação toda parece que desapareceu, e só nos resta encarar o fato de que estamos sentados aqui porque não temos ninguém mais com quem estar.

“Não me importo de você estar deprimido”, a Marie diz. “Tudo bem. E não me enganou aquela sua atitude desencanada quando falava da... como é o nome dela mesmo?”

“Laura.”

“Laura, isso. As pessoas têm direito de ficar saidinhas quando estão fodidas. Você não devia ter vergonha disso. Eu não tenho. Ter nossos direitos humanos fundamentais negados só porque acabamos de melar um relacionamento? Não está certo.”

Estou começando a me sentir mais constrangido com a conversa do que com qualquer das outras coisas que fizemos. Saidinho? Eles usam mesmo essa palavra? Meu Deus. Minha vida toda querendo ir pra cama com uma americana e, agora que fui, entendo por que o pessoal não faz isso com mais frequência. Fora os americanos, claro, que provavelmente vão pra cama com americanas o tempo inteiro.

“Você acha que sexo é um direito humano fundamental?”

“Certeza. E não vou deixar aquele babaca se enfiar no meio de uma trepada minha.”

Tento não pensar na cena anatomicamente peculiar que ela acaba de esboçar. E também decido não comentar que, embora sexo talvez seja um direito humano fundamental, é meio complicado insistir nesse ponto quando você vive brigando com quem quer transar.

“Que babaca?”

Ela cospe o nome de um cantor/compositor americano razoavelmente famoso, alguém de quem vocês talvez já tenham ouvido falar.

“Foi com ele que você teve que dividir os discos da Patsy Cline?”

Ela faz que sim, e não consigo controlar meu entusiasmo.

“Isso é incrível!”

“O quê? Que você tenha ido pra cama com alguém que foi pra cama com o...” (Ela repete o nome do cantor/compositor americano razoavelmente famoso, que doravante chamaremos de Steve.)



Ela está certa! É exatamente isso! Exatamente isso! Fui pra cama com alguém que foi pra cama com o... Steve! (A frase soa idiota sem o nome verdadeiro dele. É tipo: dancei com um cara que dançou com uma garota que dançou com o... Bob. Mas tentem imaginá-la com o nome de alguém não famoso *de verdade*, mas famosinho — Lyle Lovett, digamos, embora eu deva, por razões legais, esclarecer que não é ele — e vocês terão uma ideia.)

“Não seja boba, Marie. Não sou tão imbecil. Só estava dizendo que, sabe, é incrível que um cara que tenha composto...” (e aqui cito o título de um grande sucesso do Steve, uma balada chorosa e revoltantemente sensível) “... seja um filho da mãe desses.” Pra meu espanto, fico bastante satisfeito com a explicação. Ela não apenas me salva de uma enrascada como é, ao mesmo tempo, afiada e relevante.

“Essa música é sobre a ex dele, sabe, a que veio antes de mim. Era uma sensação muito boa ouvir o cara tocar a canção noite após noite, posso te garantir.”

Isso é sensacional. É bem como imaginei que seria ficar com alguém com discos gravados.

“E aí compus ‘Patsy Cline Times Two’, e ele provavelmente deve estar compondo alguma coisa sobre isso, sobre eu compor uma canção falando disso tudo, e então é ela quem, provavelmente, vai compor uma canção sobre ter uma canção composta sobre ela, e...”

“É assim mesmo. Todos fazemos isso.”

“Todos inventam canções uns sobre os outros?”

“Não, mas...”

Seria muito longo explicar a história toda do Marco e da Charlie, e de como foram eles que inventaram a Sarah, de certo modo, porque sem Marco e Charlie não haveria Sarah, e que foram a Sarah e o ex dela, aquele que queria ser alguém na BBC, que me inventaram, assim como foi a Rosie, a garota mala do orgasmo simultâneo, quem inventou o Ian. A única diferença é que nenhum de nós tem a verve e o talento pra compor canções. A gente inventa na vida mesmo, o que é muito mais complicado, e consome mais tempo, e não resulta em nada que alguém possa sair assobiando.

A Marie fica de pé. “Estou prestes a fazer uma coisa horrível, então, por favor, me perdoe.” Ela avança até o toca-fitas, tira o cassete que está dentro, vasculha ali em volta e coloca outro, e lá ficamos nós dois, no escuro, ouvindo as canções de Marie LaSalle. Acho que também compreendo por quê; acho que, se eu estivesse com saudades de casa e perdido e inseguro, faria a mesma coisa. Admirar a própria obra é ótimo nessas horas. E eu deveria fazer o quê? Ir até a loja, destrancar a porta e ficar circulando lá dentro?

“Isso é muito ridículo?”, ela pergunta, depois de um tempo. “É algum tipo de masturbação escutar a mim mesma por prazer? O que é que você acha, Rob? Faz só três horas que a gente transou e já estou na siririca.”

Preferia que ela não tivesse dito isso. Meio que estragou o clima.

No fim, voltamos a dormir e acordamos tarde, e talvez minha aparência e até meu cheiro estejam mais desagradáveis do que a Marie desejaria num mundo ideal, mas ela é amistosa, embora distante; fico com a sensação de que é improvável que essa noite se repita. Saímos pra tomar café da manhã; vamos a um lugar cheio de jovens casais que passaram a noite juntos e, ainda que não pareçamos peixes fora d’água, sei que somos: todos os outros dão a impressão de estarem felizes e confortáveis e seguros, e não tristes e ansiosos porque mal se conhecem, e a Marie e eu lemos nossos jornais com uma concentração cuja finalidade é evitar uma intimidade maior. Apenas mais tarde, porém, nos diferenciamos do restante dos casais: um rápido e constrangido beijinho no rosto e, querendo ou não, tenho o domingo pela frente só pra mim.

O que deu errado? Nada e tudo. Nada: a gente passou uma noite agradável, o sexo não foi humilhante pra nenhum dos dois, até tivemos uma conversa antes do amanhecer da qual eu e, talvez, ela nos lembraremos por muito tempo. Tudo: aquela chateação idiota de eu não conseguir decidir se ia pra casa ou não e, com isso, ter dado a ela a impressão de estar diante de um imbecil; termos nos entendido tão maravilhosamente bem e depois ficado sem muito o que dizer um pro outro; o jeito como nos despedimos; o fato de que

não é nem um pouco mais provável que agora eu venha a aparecer nos agradecimentos de um encarte do que era quando conheci a Marie. Não é o caso de falar de copo meio cheio ou meio vazio; melhor dizer que entornamos o meio copo que tínhamos. Eu precisava ver o que tinha ali, porém, e agora sei.

## 11.

Minha vida inteira odiei os domingos, pelas razões óbvias pra qualquer britânico (os *Hinos de Louvor* da BBC, as lojas fechadas, o molho congelado perto do qual você nem quer ficar, mas do qual não consegue escapar), assim como pelas razões universais, mas esse domingo é especial. Tem uma porrada de coisas que eu poderia fazer: fitas pra gravar e vídeos pra ver e telefonemas pra retornar. Mas não quero fazer nada disso. Volto pro meu apartamento à uma; lá pelas duas, a coisa está tão feia que decido ir pra casa — pra casa-casa, da minha mãe e do meu pai, aquela do molho congelado e dos *Hinos de Louvor*. Taí o resultado de ter acordado no meio da noite me perguntando qual é o meu lugar: não é lá em casa, não *quero* que seja lá em casa, mas pelo menos lá em casa é um lugar conhecido.

Minha casa-casa fica perto de Watford, acessível de ônibus a partir da estação de metrô homônima na Metropolitan Line. Um lugar horrível pra se passar a infância e a adolescência, acho, mas não me incomodava, na verdade. Até meus treze anos, mais ou menos, foi apenas um lugar onde eu podia andar de bicicleta; dos trezes aos dezessete, um lugar onde podia conhecer garotas. E, aos dezoito, mudei dali, de modo que somente durante um ano vi o lugar como realmente era — um cu de judas suburbano — e odiei. Minha mãe e meu pai se mudaram de casa faz uns dez anos, quando minha mãe

aceitou, relutantemente, que eu tinha ido embora pra não voltar, mas a mudança foi pra uma casa geminada de dois quartos logo na outra esquina e meus pais mantiveram o número de telefone, os amigos e a mesma vida.

Nas músicas do Bruce Springsteen, ou o cara fica no mesmo lugar e mofa, ou escapa e se dá mal. Tudo bem; aqui, afinal, temos um compositor que precisa de escolhas simples pras suas canções. Mas ninguém nunca escreve sobre a possibilidade de escapar e ainda assim mofar — uma fuga a meio caminho, o sujeito sair do subúrbio pra cidade e, no fim, viver uma vida suburbana e chocha de qualquer jeito. Foi o que aconteceu comigo; é o que acontece com a maioria das pessoas.

Pessoas legais, quando se curte esse tipo de coisa, o que não é meu caso. Meu pai é um pouco bronco, mas meio que naquele estilo sabe-tudo, uma combinação bastante fatal; dá pra ver, só pela barba exagerada e excêntrica, que ele é do tipo que não fala coisa com coisa e não escuta a voz da razão. Minha mãe é apenas uma mãe, algo imperdoável de se dizer em qualquer circunstância, exceto a atual. Ela se preocupa, me torra a paciência falando da loja, me enche o saco porque não tenho filhos. Gostaria de querer vê-los mais, mas não quero, e, quando não tenho nada mais pelo que me sentir mal, me sinto mal por isso. Os dois vão ficar felizes com a minha visita hoje, embora as decepções comecem já no momento em que vejo que está passando aquela porra de *Genevieve* na tevê. (Os cinco filmes favoritos do meu pai: *Genevieve*, *Mar cruel*, *Zulu*, *Oh, Mr. Porter!*, que ele acha engraçadíssimo, e *Os canhões de Navarone*. Os cinco filmes favoritos da minha mãe: *Genevieve*, *...E o vento levou*, *Nosso amor de ontem*, *Funny Girl* e *Sete noivas para sete irmãos*. Vocês já devem estar entendendo, e vão entender ainda mais se eu contar que, segundo eles, ir ao cinema é jogar dinheiro fora, porque mais dia, menos dia os filmes acabam passando na tevê.)

Chego em casa e vejo que eles não estão. Só pode ser brincadeira. Enfrento um milhão de paradas na Metropolitan Line, espero oito anos por um ônibus, a porra de *Genevieve* está passando na tevê e os dois não estão aqui. Nem sequer me ligam pra avisar que não vão estar. Não que eu tenha ligado pra dizer que viria. Mas, se eu estivesse a fim, um pouquinho que fosse, de autopiedade, e estou, ia me sentir mal com essa terrível ironia de descobrir que meus pais não estão justo quando finalmente preciso deles.

Mas, exatamente no momento em que me preparo pra voltar ao ponto de ônibus, minha mãe abre a janela da casa do outro lado da rua e grita.

“Rob! Robert! Entre aqui!”

Nunca fui apresentado aos vizinhos da casa em frente, mas logo fica óbvio que sou uma minoria solitária: a casa está cheia.

“Qual o motivo da festa?”

“Degustação de vinho.”

“Não do vinho caseiro do papai, né?”

“Não. Vinho de verdade. Australiano, hoje. A gente faz uma vaquinha e vem um cara pra explicar tudo.”

“Não sabia que você se interessava por vinhos.”

“Ah, sim. E seu pai adora.”

Claro que adora. Deve ser terrível tê-lo como colega de trabalho na manhã seguinte a uma degustação de vinhos: não por causa do miasma de álcool amanhecido, dos olhos vermelhos ou do comportamento irritadiço, mas por conta dos fatos todos que engoliu no dia anterior. Meu pai era capaz de passar metade do dia contando pras pessoas coisas que elas não sabiam. Lá está ele, do outro lado da sala, conversando com um cara de terno — o especialista visitante, presumo — cuja expressão é de desespero. Meu pai me vê, faz uma mímica simulando choque, mas não interrompe a conversa com o homem.

A sala está cheia de gente que não reconheço. Perdi a parte da palestra quando o cara, enquanto falava, distribuiu amostras; cheguei no momento em que o pessoal já parou de degustar pra começar a beber e, embora aqui e ali ainda consiga ver alguém

bochechando um gole e falando qualquer bobagem, no mais estão todos botando vinho goela abaixo o mais rápido que podem. Não era o que eu esperava. Vim em busca de uma tarde de sofrimento silencioso, e não de louca celebração; minha única expectativa quanto a essa tarde era ter uma prova irrefutável de que minha vida até pode ser soturna e vazia, mas não tão soturna e vazia quanto a vida em Watford. Errado outra vez. Nada dá certo, como costumava dizer o Catweazle. A vida em Watford é soturna, sim; mas soturna e agitada. Que direito têm nossos pais de, em tardes de domingo, ir a festas sem motivo?

“Está passando *Genevieve* na tevê, mãe.”

“Eu sei. Deixamos gravando.”

“E desde quando vocês têm um videocassete?”

“Tem uns meses já.”

“Você nunca me contou.”

“Você nunca perguntou.”

“É isso que eu devia fazer toda semana? Perguntar se vocês compraram algum bem durável?”

Uma senhora enorme, vestindo o que parece ser uma túnica oriental amarela, desliza na nossa direção.

“Você deve ser o Robert.”

“Rob, é. Oi.”

“Sou a Yvonne. Dona da casa. Estou no papel de anfitriã.” Ela ri feito louca, sem razão aparente. Quero assistir *Genevieve*. “É você que trabalha na indústria musical, certo?”

Olho pra minha mãe, que olha pro outro lado. “Na verdade, não. Tenho uma loja de discos.”

“Ah, bom. Mais ou menos a mesma coisa.” Ela ri outra vez e, embora pudesse ser consolador pensar que está bêbada, temo que não seja esse o caso.

“É. Assim como a balconista da locadora da esquina trabalha na indústria do cinema.”

“Quer pegar minhas chaves, Rob? Você pode ir pra casa na frente e colocar a água pra ferver.”

“Claro. Deus me livre de acabar sendo convidado pra ficar e me divertir.”

Yvonne murmura qualquer coisa e vaza. Minha mãe não me repreende porque está muito feliz de me ver, mas me sinto um pouco envergonhado de mim mesmo, ainda assim.

“Talvez esteja mesmo na hora de eu ir tomar uma xícara de chá.” Ela vai até onde está Yvonne, que olha pra mim, coloca a cabeça de lado e faz uma cara triste; minha mãe, óbvio, está contando pra ela sobre a Laura, tentando explicar minha falta de educação. Não me importo. Quem sabe a Yvonne não me convida pra próxima degustação?

Vamos pra casa e assistimos o resto de *Genevieve*.

Meu pai aparece talvez uma hora mais tarde. Está bêbado.

“Vamos lá, todo mundo pro cinema.”

Isso é demais.

“Você é contra ir ao cinema, pai.”

“Sou contra ir ver o tipo de lixo que você costuma ver. Sou a favor de filmes bem-feitos. Dos filmes britânicos.”

“O que está passando?”, minha mãe pergunta pra ele.

“*Retorno a Howard’s End*. É a continuação de *Uma janela para o amor*.”

“Ah, que delícia”, diz minha mãe. “Alguém mais dos vizinhos vai com a gente?”

“Só a Yvonne e o Brian. Mas vamos logo. A sessão começa em meia hora.”

“Melhor eu ir andando”, digo. Mal troquei uma palavra com os dois a tarde inteira.

“Você não vai a lugar nenhum”, responde meu pai. “Você vem com a gente. Por minha conta.”

“Não é por dinheiro, pai.” É a porra do filme. “É a hora. Amanhã tenho que trabalhar.”

“Não seja fraco, homem. Às onze você está na cama. Vai te fazer bem. Levantar o astral. Tirar umas coisas da cabeça.” É a primeira referência ao fato de que coisas precisam ser tiradas da minha cabeça.

E, de qualquer maneira, ele está errado. Aos trinta e cinco anos, ir ao cinema com mamãe, papai e os amigos malucos deles não ajuda a tirar nada da cabeça, é o que eu descubro. Ajuda só a enfiar mais



coisas nela. Enquanto esperamos que a Yvonne e o Brian terminem de comprar a bonbonnière inteira, passo por uma experiência terrível, de gelar a espinha e tremer na base: o cara mais patético do planeta sorri pra mim, cúmplice. O Cara Mais Patético do Planeta é dentuço e usa óculos enormes estilo Dennis Johnson; veste uma jaqueta impermeável de um marrom amarelado e encardido e calças de veludo cotelê, também marrons e gastas nos joelhos; assim como eu, ele veio assistir *Retorno a Howard's End* com os pais, apesar de já ter seus vinte e tantos anos. E sorri pra mim aquele sorriso terrível *porque encontrou um igual*. Aquilo me perturba a tal ponto que não consigo me concentrar na Emma Thompson, na Vanessa e no resto, e é tarde demais quando faço um esforço extra: a história já está muito adiantada pra me permitir pegar o fio da meada. No fim, uma estante de livros cai na cabeça de alguém.

Seria capaz de dizer até mesmo que o sorriso do Cara Mais Patético do Planeta se tornou um dos meus cinco fundos de poço mais memoráveis de todos os tempos, sendo que os outros quatro me escapam no momento. Sei que não sou tão patético quanto o Cara Mais Patético do Planeta (por acaso ele dormiu a noite passada com uma artista americana com discos gravados? Duvido muito); o negócio é que a diferença entre a gente não fica imediatamente óbvia pra ele, e posso entender por quê. É essa, na verdade, a constatação final, taí o principal atrativo do sexo oposto pra todos nós, velhos e jovens, homens e mulheres: precisamos de alguém que nos salve de sorrisos solidários na fila de um cinema no domingo à noite, alguém capaz de evitar que a gente despenque no abismo onde os solteirões vivem com suas mães e seus pais. Aqui, não volto mais; prefiro ficar o resto da vida trancado em casa a atrair esse tipo de atenção.

## 12.

Durante a semana, penso na Marie e no Cara Mais Patético do Planeta, e, instigado pelo Barry, penso no cinco melhores episódios de *Cheers*: 1. aquele em que o Cliff acha uma batata que se parece com o Richard Nixon; 2. aquele em que o John Cheese oferece sessões de terapia de casal pro Sam e pra Diane; 3. aquele em que eles pensam que o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas dos Estados Unidos — interpretado por um almirante na vida real — tinha roubado os brincos da Rebecca; 4. aquele em que o Sam arranja emprego como apresentador de um programa de esportes na tevê; 5. aquele em que o Woody canta sua música idiota sobre a Kelly. (Barry disse que quatro das minhas cinco escolhas eram equivocadas, que eu não tinha senso de humor e que ia pedir ao Channel 4 pra cortar meu sinal entre as nove e meia e dez da noite toda sexta, por eu não ser um espectador digno e merecedor.) Mas não penso em nada do que disse a Laura na noite de sábado, não até quarta, quando volto pra casa e encontro uma mensagem dela. Nada de mais, ela apenas pede a cópia de uma conta guardada nos nossos arquivos, mas o som da voz dela me faz perceber que algumas das coisas que conversamos deviam ter me deixado chateado e, por alguma razão, não deixaram.

Primeiro de tudo — na verdade, primeiro e último de tudo — a história dela não ter transado com o Ian. Como é que eu posso saber se a Laura está dizendo a verdade? É possível que ela venha dormindo com ele há semanas, há *meses*, pelo que sei. E a Laura

disse apenas que eles não tinham transado *ainda*, e isso cinco dias atrás. Cinco dias! Ela pode ter transado com ele cinco vezes desde então! (Pode ter transado com ele vinte vezes desde então, mas vocês entendem o que estou querendo dizer.) E, mesmo que não tenha transado, ela definitivamente estava ameaçando. O que significa "ainda", afinal? "Ainda não vi *Cães de aluguel*." O que significa essa frase? Significa que a pessoa vai ver, certo?

"Barry, se eu te dissesse que ainda não vi *Cães de aluguel*, o que isso significaria?"

O Barry olha pra mim.

"Só me diga, vai... O que você entenderia disso? Dessa frase? 'Ainda não vi *Cães de aluguel*'?"

"Entenderia que você é um mentiroso. Ou isso, ou pirou. Você viu duas vezes. Uma com a Laura, outra comigo e com o Dick. A gente até conversou sobre quem matou o sr. Pink, ou seja lá que porra de cor era a dele."

"Tá, tá bom, eu sei. Mas vamos imaginar que eu não tenha visto e digo pra você: 'Ainda não vi *Cães de aluguel*'. O que você pensaria?"

"Pensaria que você é um idiota. E teria pena de você."

"Não, mas a frase não te levaria a pensar que eu vou ver?"

"Espero que sim, né, senão eu ia ter que declarar que você não é meu amigo."

"Não, mas..."

"Desculpa, Rob, mas estou com dificuldades aqui. Não estou entendendo nada dessa conversa. Você me pergunta o que eu pensaria se você me dissesse que não viu um filme que você viu. O que espera que eu diga?"

"Só me escuta um pouco. Se eu dissesse pra você..."

"Ainda não assisti *Cães de aluguel*, tá, tá certo, já escutei você dizer que..."

"Você pensaria... *ficaria com a impressão de que eu estou querendo ver o filme?*"

"Bom... desesperado você não estaria, senão já teria visto."

"Exato. E a gente foi ver na noite de estreia, não foi?"

"Mas a palavra 'ainda'... é, eu ficaria com a impressão de que você está querendo ver. Senão você diria logo que não está a fim."

“Mas, na sua opinião, eu iria com certeza?”

“Como é que eu posso saber? Você podia ser atropelado por um ônibus, ou ficar cego, ou sei lá o quê. Podia esquecer a ideia. Podia estar duro. Podia simplesmente ficar de saco cheio de tanto ouvir as pessoas dizerem que você precisa ver, de qualquer jeito.”

Não gosto do que estou ouvindo. “E por que isso seria da conta delas?”

“Porque é um filme sensacional. É divertido, e violento, e tem o Harvey Keitel e o Tim Roth no elenco, e tudo mais. E uma trilha sonora muito boa.”

Talvez não haja comparação possível, afinal, entre o Ian transar com a Laura e *Cães de aluguel*. O Ian não tem nada de Harvey Keitel ou Tim Roth. E o Ian não é divertido. Nem violento. E a trilha sonora do Ian é um lixo, a julgar pelo que a gente costumava ouvir do andar de cima. Estou levando a comparação até o limite.

Mas isso evita que continue a me preocupar com aquele “ainda”.

Ligo pro trabalho da Laura.

“Ah, oi, Rob”, ela diz, como se eu fosse um amigo que ela está feliz que tenha ligado. (1. Não sou um amigo. 2. Ela não está feliz que eu tenha ligado. Fora isso...) “Como vão as coisas?”

Não vou deixar ela se safar com essa conversinha de “A gente teve um passado juntos, mas está tudo bem”.

“Mal, obrigado.” Ela solta um suspiro.

“A gente pode se ver? Queria conversar de novo sobre umas coisas que você falou na outra noite.”

“Eu não estou a fim de... Não estou pronta pra conversar sobre tudo aquilo outra vez.”

“E eu, o que devo fazer nesse meio-tempo?” Sei bem como soa o que estou dizendo — lamuriendo, chorão, ressentido — mas, aparentemente, não sou capaz de parar.

“Simplesmente... viva sua vida. Não dá pra você ficar aí esperando que eu te diga por que não quero mais te ver.”

“E o que houve com aquela possibilidade da gente voltar?”

“Não sei.”

“Porque, naquela noite, você falou que talvez isso acontecesse.” Não estou ganhando nada com isso, e sei que ela não está com

cabeça pra conceder o que quer que seja, mas forço a barra, mesmo assim.

“Não falei nada disso.”

“Falou! Falou, sim! Falou que a gente tinha uma chance! É a mesma coisa que um ‘talvez’!” Meu Deus. É realmente de dar pena.

“Rob, estou trabalhando. A gente volta a conversar quando...”

“Se você não quer que eu te ligue no trabalho, talvez devesse me dar o número da sua casa. Desculpe, Laura, mas não vou desligar enquanto você não concordar em a gente se encontrar pra beber alguma coisa. Não entendo por que as coisas têm que ser sempre do seu jeito.”

Ela solta um suspiro curto, amargurado. “Tá, tá, tá, tá, tá, tá. Amanhã à noite? Venha me buscar aqui no escritório.” A voz é de derrota absoluta.

“Amanhã à noite? Sexta? Você não tem compromisso? Legal. Ótimo. Vai ser bom poder te ver.” Mas não tenho certeza de que ela percebeu, nesse finalzinho, o tom positivo, conciliador, sincero. Já tinha desligado o telefone.

## 13.

Estamos os três de bobeira no trabalho, nos preparando pra ir embora e esculhambando as listas uns dos outros de melhores primeiras faixas de todos os tempos (as minhas: “Janie Jones”, do Clash, no disco *The Clash*; “Thunder Road”, do Bruce Springsteen, em *Born to Run*; “Smells Like Teen Spirit”, do Nirvana, em *Nervermind*; “Let’s Get It On”, do Marvin Gaye, em *Let’s Get It On*; “Return Of The Grievous Angel”, do Gram Parsons, em *Grievous Angel*. Barry: “Não dava pra ser mais óbvio do que isso, não? Que tal Beatles? Que tal Rolling Stones? Que tal a porra do... a porra do... *Beethoven*? Primeira faixa do primeiro lado do disco da Quinta Sinfonia? Você devia ser proibido de ter uma loja de discos”. E aí entramos na discussão sobre ele ser um obscurantista esnobe — os Fire Engines, que aparecem na lista do Barry, são mesmo melhores que o Marvin Gaye, que não aparece? — ou eu ser um velho chato que nunca arrisca nada além do comum). E então, pela primeira vez desde que começou a trabalhar na Championship Vinyl, exceto talvez uma ou outra ocasião em que tinha viajado quilômetros e quilômetros pra assistir a alguma banda risível —, o Dick fala: “Hoje não vou poder ir no pub com vocês”.

Há um silêncio chocado.

“Para de onda, Dick”, diz o Barry, por fim.

O Dick meio que sorri, constrangido. “Não, sério. Não vou poder.”

“Estou te avisando”, continua o Barry. “A menos que isso tenha uma explicação adequada, vou te dar o Troféu Bundinha da

Semana.”

O Dick não fala nada.

“Vai, diz aí. Que banda você vai ver?”

Ele continua calado.

“Dick, você se deu bem?”

Silêncio.

“Não acredito nisso”, o Barry diz. “Cadê a justiça neste mundo? Cadê? Justiça! Cadê você? O Dick vai sair com uma garota legal, o Rob está trepando com a Marie LaSalle, e para o mais bem-apanhado e mais inteligente dos três sobra absolutamente nada.”

O Barry não está só provocando. Não olha de relance pra ver se acertou o alvo, não hesita, esperando pra saber se quero fazer um aparte; ele sabe, e me sinto ao mesmo tempo vencido e superior.

“Como você sabia?”

“Ah, qual é, Rob. Você acha que a gente é burro? Estou ocupado com o encontro do Dick agora. Como foi que isso aconteceu, Dick? Que explicação racional pode ter? Tá, tá. Domingo à noite você não saiu, porque gravou pra mim aquela fita com os lados B do Creation. Eu estava com você na segunda e ontem à noite, portanto só sobra a... terça!”

O Dick não diz nada.

“Onde é que você foi na terça?”

“Num show com uns amigos, só.”

Tinha ficado assim tão óbvio? Acho que um pouco, no sábado, mas o Barry não tinha como saber se alguma coisa de fato acontecera com a Marie.

“Ora, que tipo de show é esse em que o cara chega lá, simplesmente, e conhece uma pessoa?”

“Não cheguei lá, simplesmente, e conheci uma pessoa. Ela estava com os amigos que fui encontrar.”

“E vocês vão se ver de novo hoje à noite?”

“Sim.”

“Nome?”

“Anna.”

“Ela só tem primeiro nome? Hein? Anna do quê? Anna Banana? Anna das Couves? Anna Conda? Diz aí.”

“Anna Moss.”

“Anna Moss. Moss. Ana Mosstarda.”

Já vi o Barry falar assim de mulheres antes, e não tenho bem certeza de por que não gosto. Conversei sobre isso, certa vez, com a Laura, porque ele tinha feito a mesma brincadeira com o sobrenome dela, algum trocadilho estúpido que não consigo lembrar agora. E foi odioso. Queria que ela fosse só *Laura*, que tivesse um nome legal, bonito, um nome de menina com o qual eu pudesse sonhar quando estivesse no modo sonhador. Não queria que o Barry desse a ela o tratamento que daria a um cara. A Laura, claro, achou que eu estava sendo um pouco sensível demais, que estava tentando defender que mulheres fossem fofinhas e bobinhas e bem menininhas; disse que eu não queria pensar nelas do mesmo jeito que pensava nos meus amigos. Ela estava certa, claro — não quero. Mas não é essa a questão. O Barry não faz esse tipo de coisa pra marcar uma posição de igualdade: faz porque está sendo despeitado, porque quer sabotar qualquer sensação de bem-estar romântico que a Laura ou a Anna ou quem seja possa nos proporcionar. Ele é esperto, o Barry. Esperto e mau. Entende o poder que têm os nomes das garotas, e não gosta disso.

“E ela é assim, toda cremosa e picante?”

A coisa começou como uma brincadeira — o Barry atuando como o demônio da promotoria, o Dick como advogado de defesa — mas agora esses papéis começam a ser levados muito a sério. O Dick está com uma cara de culpado dos infernos, e tudo que fez foi marcar um encontro.

“Para com isso, Barry”, digo pra ele.

“Ah, claro que você ia acabar dizendo isso. Os dois têm que se apoiar agora. Garanhões Unidos, né?”

Tento ser paciente com ele. “Você vai comigo no pub ou não?”

“Não. Que se foda.”

“Você que sabe.”

O Barry vai embora; o Dick agora sente culpa não porque marcou um encontro, mas porque não tenho ninguém pra ir ao pub comigo.

“Acho que dá pra eu tomar uma contigo rapidinho.”



“Não se preocupe, Dick. Você não tem culpa do Barry ser esse imbecil. Divirta-se hoje à noite.”

Ele me lança um olhar de gratidão verdadeira, de partir o coração.

Sinto como se minha vida inteira fosse feita desse tipo de conversa. Já deixamos de ser jovens, mas o que acaba de se passar aqui podia ter acontecido quando eu tinha dezesseis, ou vinte, ou vinte e cinco anos. Chegamos à adolescência e simplesmente estacamos; demarcamos ali nosso território e mantivemos as fronteiras exatamente como eram. E por que incomoda tanto o Barry que o Dick vá encontrar alguém? Porque ele não quer que um cara dentuço de jaqueta impermeável sorria pra ele numa fila de cinema, só por isso; ele se preocupa com o rumo que vem tomando sua vida, e está sozinho, e as pessoas sozinhas são as mais amarguradas de todas.

## 14.

Desde que abri a loja tentamos passar adiante um disco de uma banda chamada Sid James Experience. Geralmente nos livramos do material encalhado — baixando o preço pra dez pence ou jogando fora —, mas o Barry ama esse disco (ele próprio tem duas cópias, pro caso de alguém pedir uma emprestada e não devolver) e diz que é raro, e que um dia vamos fazer alguém muito feliz com ele. Já virou meio que uma piada, na verdade. Os clientes assíduos perguntam como anda a saúde do disco e, quando topam com ele enquanto procuram o que querem, fazem-lhe um afago, às vezes o levam até o balcão como se fossem comprá-lo, e aí dizem: “Brincadeirinha!”, e vão colocar de volta no lugar onde acharam.

Enfim, na sexta de manhã, um cara que nunca vi antes está fuçando “Pop Britânico S-Z”, dá uma ofegada de espanto e corre pro balcão, a capa do disco agarrada contra o peito, como se tivesse medo de que alguém fosse tirar dele. E aí saca a carteira e paga, sete libras, na lata, sem tentar pechinchar nem se dar conta do significado do que está fazendo. Deixo que o Barry atenda o cara — é o momento dele — enquanto o Dick e eu observamos cada gesto, a respiração suspensa; é como se alguém tivesse entrado no recinto, entornado gasolina sobre si mesmo e tirado uma caixa de fósforos do bolso. Não soltamos o ar até que o sujeito acenda o fósforo e ateie fogo no próprio corpo, e, quando ele vai embora, rimos, rimos e rimos. O que nos enche de ânimo: se é possível alguém simplesmente chegar e comprar o disco do Sid James Experience,

então certamente qualquer coisa boa pode acontecer a qualquer momento.

A Laura mudou desde a última vez que nos vimos. Em parte é a maquiagem: ela usa pra trabalhar, e isso a faz parecer menos estressada, menos cansada, mais dona da situação. Mas é mais do que isso. Alguma outra coisa aconteceu, talvez algo real, talvez algo na cabeça dela. Seja o que for, dá pra ver que ela acha que entrou numa nova etapa da vida. Não entrou. Porque eu não vou deixar.

Vamos a um bar perto do trabalho dela — não um pub, um bar, com fotos de jogadores de beisebol nas paredes e o menu do dia escrito com giz num quadro de avisos, e a ausência visível de chope, e caras de terno bebendo cerveja americana de garrafa. Não está cheio, e sentamos numa das mesas, só nós dois.

E então ela é bem direta e pergunta: “E aí, como você está?”, como se eu fosse mais ou menos qualquer um. Balbucio qualquer coisa, e percebo que não vou ser capaz de me controlar, que vou gozar rápido demais, e pronto: “Você já transou com ele?”. Tudo acabado.

“Era pra isso que você queria me ver?”

“Acho que sim.”

“Ah, Rob.”

Só quero fazer a pergunta de novo, sem rodeios; quero uma resposta, e não “Ah, Rob” e um olhar de pena.

“O que você quer que eu diga?”

“Quero que você diga que não transou, e que essa resposta seja verdadeira.”

“Não posso fazer isso.” Ela tampouco consegue olhar pra mim ao dizer a frase.

Laura começa a falar alguma outra coisa, mas já não ouço; saí pra rua, dando encontrões no meio de todos aqueles ternos e sobretudos, furioso, passando mal, a caminho de casa e de alguns discos barulhentos e raivosos que façam com que me sinta melhor.

Na manhã seguinte, o cara que comprou o Sid James Experience aparece pra trocar o disco. Diz que não era o que ele achou que era.

“E o que você achou que era?”, pergunto pro sujeito.

“Sei lá”, ele diz. “Alguma outra coisa.” Ele dá de ombros, depois olha pra nós três, um de cada vez. Ficamos só encarando, devastados, chocados; ele parece constrangido.

“Você ouviu inteiro?”, o Barry pergunta.

“Parei na metade do segundo lado. Não curti.”

“Vai pra casa e tenta de novo”, diz o Barry, em desespero. “Você curte com o tempo. É o tipo de disco que se demora pra curtir.”

O cara balança a cabeça, irredutível. Está decidido. Escolhe um CD de segunda mão do Madness e põe o Sid James Experience de volta no lugar.

À tarde a Laura me liga.

“Você devia saber que ia acontecer, então não é possível que estivesse totalmente despreparado. Você mesmo disse: estou morando com o cara. A gente ia acabar transando, obrigatoriamente.” Ela dá uma risada nervosa e, penso, bastante inapropriada.

“E, enfim, como tenho tentado te dizer, não é essa a questão, né? A questão é que a gente se meteu num atoleiro dos grandes.”

Quero desligar, mas alguém só desliga o telefone esperando que liguem de volta, e por que a Laura faria isso? Motivo nenhum.

“Você ainda está aí? O que está pensando?”

Estou pensando: tomei um banho com essa pessoa (um só, anos atrás, mas, sabem como é, um banho é um banho) e já começo a achar difícil lembrar como ela é. Estou pensando: queria que esse estágio já tivesse passado e que pudéssemos ir pro próximo, aquele em que o cara vê no jornal que vai passar *Perfume de mulher* na tevê e diz pra si mesmo: “Ah, vi esse filme com a Laura”. Estou pensando: devo lutar? E com o que estou lutando, com quem?

“Nada.”

“A gente pode se encontrar de novo pra um drinque. Aí te explico melhor. Te devo ao menos isso.”

Ao menos.

“E quanto seria esse ao menos?”

“O quê?”

“Nada. Olha só, preciso desligar. Eu também trabalho, sabe.”

“Você vai me ligar?”

“Não tenho seu número.”

“Você sabe que pode me ligar no trabalho. Aí a gente então combina de se encontrar pra conversar direito.”

“Certo.”

“Promete.”

“Prometo.”

“Porque não quero que essa seja nossa última conversa. Sei como você é.”

Mas a Laura não sabe como eu sou coisa nenhuma: passo a ligar pra ela o tempo todo. Ligo naquela mesma tarde, quando o Barry saiu pra buscar um lanche e o Dick está ocupado separando uma encomenda na sala dos fundos. Ligo depois das seis, quando o Dick e o Barry já foram embora. Chegando em casa, ligo pro auxílio à lista e consigo o número novo do Ian, deixo chamar umas sete vezes e desligo toda vez que ele atende; por fim, a Laura se dá conta do que está acontecendo e atende ela mesma. Ligo pra ela na manhã seguinte, e duas vezes à tarde, e ligo do pub naquela mesma noite. E, saindo do pub, vou até a casa do Ian, só pra ver como é de fora. (Só mais um predinho de três andares em Londres, embora eu não faça ideia de qual andar é o dele e nenhum esteja com as luzes acesas.) Não há nada mais que eu possa fazer. Em suma, dancei de novo, do mesmo jeito que dancei com a Charlie, tantos anos antes.

Tem caras que ligam e caras que não ligam, e eu preferiria muito, muito mais ser um cara do segundo tipo. Esses é que são *homens* mesmo, o tipo de sujeito que as mulheres têm em mente quando se queixam de nós. Um estereótipo seguro, sólido, que não significa nada: o cara que, aparentemente, não está nem aí, que, depois de tomar um pé na bunda, talvez encare o pub sozinho por algumas noites, e a vida continua; e, embora da próxima vez vá confiar ainda menos do que antes, não fez papel de idiota, nem assustou ninguém — e eu me prestei a ambas as coisas esta semana. Num dia a Laura diz que lamenta e se sente culpada, no outro está com medo e

furiosa, e sou eu o único responsável pela transformação, a qual não me beneficiou em nada. Se pudesse, eu pararia com tudo, mas não me parece que tenha alguma escolha nessa questão: só penso nisso, e o tempo todo. "Sei como você é", a Laura disse, e ela sabe, de certa forma: sabe que sou alguém que não esquenta muito a cabeça, que tem amigos que não vê há anos, que já não fala com ninguém com quem tenha ido pra cama. Mas não sabe quanto esforço isso demanda.

Quero encontrar com elas agora: Alison Ashworth, que me chutou depois de três míseras tardes no parquinho. Penny, que não me deixava passar a mão nela e aí foi direto dar pro filho da mãe do Chris Thomson. Jackie, atraente apenas enquanto ficava com um dos meus melhores amigos. Sarah, com quem firmei um pacto contra todas as possibilidades do mundo de ser chutado, e que no fim me chutou mesmo assim. E Charlie. Especialmente a Charlie, porque é a ela que tenho que agradecer por tudo: meu emprego sensacional, minha autoconfiança sexual e tudo mais. Quero me tornar um ser humano bem resolvido, livre dessas amarras de raiva e culpa e autodepreciação. Por que quero encontrar com elas? Não sei. Só pra conversar. Perguntar como estão e se me perdoaram por ter estragado tudo com elas, nas ocasiões em que estraguei, e dizer que as perdoei por terem estragado tudo comigo, quando foram elas que estragaram. Não seria ótimo? Se eu encontrasse uma de cada vez e não houvesse mais ressentimentos, apenas gentileza e *suavidade*, queijo brie em vez da dureza de um parmesão, então me sentiria como que passado a limpo e calmo e pronto pra começar de novo.

O Bruce Springsteen está sempre fazendo isso com as músicas dele. Talvez não sempre, mas já fez. Sabem "Bobby Jean", aquela do *Born in the USA*? Enfim, ele liga pra garota, mas ela tinha ido embora da cidade fazia anos, e então ele fica puto porque não sabia, porque queria ter se despedido e dito que sentia saudades e desejado boa sorte. E aí entra um daqueles solos de sax, e o cara que gosta de um solo de sax se arrepia todo. E quem gosta do Bruce

Springsteen em geral. Eu gostaria que a minha vida fosse como uma música do Bruce Springsteen. Uma vez só. Sei que não nasci com a estrela do cara, que minha Seven Sisters Road não se compara à Thunder Road dele, mas os *sentimentos* não podem ser assim tão diferentes, certo? Gostaria de ligar pra essas pessoas todas e desejar boa sorte, e dizer adeus, e então ia me sentir bem e elas também. Todo mundo ia se sentir bem. E isso seria legal. Sensacional até.

15.

Sou apresentado à Anna. O Dick vai com ela no pub numa noite em que o Barry não está. Ela é baixinha, quieta, educada e louca pra parecer simpática, e o Dick obviamente a adora. Ele quer minha aprovação e pra mim é fácil fazer isso, porque dou o maior apoio. Por que ia querer ver o Dick infeliz? Não quero. Quero que ele seja feliz como todo mundo. Quero que prove pro resto de nós que é possível manter, simultaneamente, um relacionamento e uma enorme coleção de discos.

“Ela não tem uma amiga pra mim?”, pergunto.

Normalmente, claro, eu me não referiria à Anna na terceira pessoa na presença dela, mas tenho uma desculpa: minha pergunta é ao mesmo tempo um sinal de aprovação e uma alusão, e o Dick sorri, feliz e agradecido.

“Richard Thompson”, ele explica pra Anna. “É de uma música de um disco do Richard Thompson. ‘I Want To See The Bright Lights Tonight’, né, Rob?”

“Richard Thompson”, ela repete o nome, e o tom é de quem, nos últimos dias, teve que absorver muita informação muito rapidamente. “Certo, quem é o cara? O Dick está tentando me instruir.”

“Acho que não chegamos nele ainda”, intervém Dick. “Enfim, é um cantor de folk/rock e o mais refinado guitarrista da Inglaterra. Você não acha, Rob?” Ele fica nervoso ao fazer a pergunta; se o Barry estivesse aqui, teria grande prazer em abater o Dick bem agora.



“É isso aí, Dick”, eu o tranquilizo. Ele assente, aliviado e satisfeito.

“A Anna é fã do Simple Minds”, confia o Dick, encorajado por ter se saído bem com a história do Richard Thompson.

“Ah, certo.” Não sei o que dizer. No nosso universo, aquela é uma informação escandalosa. A gente odeia o Simple Minds. Os caras ficaram em primeiro lugar no nosso top five de bandas ou músicos que terão de ir pro paredão quando chegar o dia da revolução musical. (Michael Bolton, U2, Bryan Adams e, surpresa, Genesis foram os demais escolhidos. O Barry queria fuzilar os Beatles, mas lembrei a ele que isso já tinha sido feito.) Pra mim, é tão difícil entender como foi que o Dick acabou com uma fã do Simple Minds quanto seria se ele namorasse alguém da família real ou um membro do gabinete do governo: não é tanto o fato dos dois se sentirem atraídos um pelo outro que espanta, mas o de que tenham chegado a se conhecer, simplesmente.

“Mas acho que ela está começando a entender por que não devia gostar deles. Né?”

“Talvez. Um pouquinho.” Eles sorriem um pro outro. Pensando bem, é meio assustador.

É a Liz quem me faz parar de ligar pra Laura o tempo todo. Ela me leva no Ship e me passa uma bela descompostura.

“Você está irritando ela, de verdade”, diz. “E ele.”

“Ah, como se eu me importasse com ele.”

“Pois devia.”

“Por quê?”

“Porquê... Porque tudo que você está conseguindo com isso é unir os dois contra você. Antes não tinha essa divisão. Eram só três pessoas num atoleiro. E agora eles têm alguma coisa em comum, e você não vai querer piorar ainda mais as coisas.”

“E por que você está tão preocupada? Pensei que eu era um babaca.”

“É, só que ele também. E um babaca maior ainda, e que ainda não fez nada de errado.”

“Por que ele é um babaca?”

“Você sabe por quê.”

“Como é que  *você* sabe que eu sei que ele é um babaca?”

“Porque a Laura me contou.”

“Vocês tiveram uma conversa sobre o que eu acho que tem de errado com o novo namorado dela? Como é que chegaram a esse ponto?”

“Depois de dar várias voltas.”

“Me mostre um atalho.”

“Você não vai gostar.”

“Ah, qual é, Liz.”

“Certo. Ela me contou que, quando vocês ainda moravam juntos e você começou a tirar sarro do Ian... foi ali que ela decidiu que ia te largar.”

“Não tem como não tirar sarro de um cara daqueles, né? Aquele corte de cabelo do Leo Sayer e aqueles macacões, e a risada idiota e a baboseira de direita e...”

A Liz começa a rir. “A Laura não estava exagerando, então. Você não é muito fã do cara, né?”

“Não suporto.”

“Nem eu. Exatamente pelas mesmas razões.”

“E qual é a dela então?”

“A Laura me falou que os seus pequenos arroubos contra o Ian mostraram pra ela como você se tornou um cara... *azedo*, foi a palavra que ela usou. Disse que te amava por causa do seu entusiasmo e da sua animação, e que isso tudo estava se perdendo. Que você não fazia mais ela rir e deixava ela deprimida. E agora está assustando ela também. Se a Laura quisesse, podia, sabe, até chamar a polícia.”

A polícia. Meu Deus. Uma hora vocês estão dançando na cozinha ao som de Bob Wills and the Texas Playboys (Ei! Fiz a Laura rir nesse dia, e foi há alguns meses apenas!) e, quando vai ver, ela está querendo te botar na cadeia. Fico calado um tempão. Não consigo pensar em nada pra dizer que não soe azedo. “E o que sobrou pra me animar?”, pergunto pra Liz. “De onde pode vir o entusiasmo? Como é possível fazer alguém rir, quando estão querendo colocar a polícia no meu encalço?”

“Mas por que você fica ligando pra ela o tempo inteiro? Por que quer tanto voltar com ela?”

“Por que você acha?”

“Sei lá. A Laura também não sabe.”

“Bom, se ela não sabe, então pra que se importar?”

“Isso é importante, sim. Nem que seja pra evitar esse tipo de confusão da próxima vez, só por isso já é importante.”

“Próxima vez. Você acha que vai ter uma próxima vez?”

“Qual é, Rob. Não seja tão patético. E você acaba de me fazer três perguntas pra evitar responder uma única que te fiz.”

“Qual?”

“Ha, ha. Já vi homens como você nos filmes da Doris Day, mas nunca pensei que eles existissem na vida real.” Ela imita, com voz grave, um americano abobalhado. “Caras que não são capazes de assumir um compromisso, que não conseguem dizer ‘Eu te amo’ mesmo quando é o que querem dizer, que começam a tossir e a balbuciar e mudam de assunto. Mas aí está você. Um espécime de verdade, e vivo. Incrível.”

Sei de que filmes ela está falando, e são filmes idiotas. Aqueles sujeitos não existem. Dizer “Eu te amo” é fácil, moleza, e quase qualquer cara que eu conheço faz isso o tempo todo. *Fingi* algumas vezes que não era capaz de dizer, embora não tenha muita certeza por quê. Talvez porque quisesse emprestar ao momento algo daquela espécie de romantismo piegas estilo Doris Day, tornar a ocasião mais memorável do que seria sem isso. Sabem como é, o cara está com alguém e começa a dizer alguma coisa, aí para e ela pergunta: “Que foi?”. E o cara diz: “Nada”. E ela: “Ah, vai, diz”, e o cara: “Não, vai parecer idiota”. E então ela espreme o sujeito até ele dizer, ainda que desde o começo fosse essa sua intenção, e ela acha que valeu ainda mais por ter sido tão difícil de arrancar dele. Talvez ela soubesse o tempo todo que ele estava de onda, mas não se importa, mesmo assim. É uma fala pronta: o mais perto que conseguimos chegar de atuar no cinema, aqueles poucos dias durante os quais decidimos que amamos a garota o suficiente pra dizer isso a ela, e não queremos estragar tudo com uma gororoba séria, direta e sincera.

Mas vou deixar a Liz pensar que está certa. Não vou contar pra ela que isso tudo é uma tentativa de retomar o controle, que não sei se amo ou não a Laura, mas não é com ela morando com outro que vou descobrir; prefiro que a Liz pense que sou um desses clichês de caras certinhos, encolhidos e devotados que vez ou outra aparecem. Acho que mal não vai me fazer, a longo prazo.

16.

Começo pelo começo, com a Alison. Peço pra minha mãe procurar pelo nome dos pais dela na lista telefônica local, é meu ponto de partida.

“É a sra. Ashworth?”

“Sou eu.” Nunca fui apresentado à sra. Ashworth. O namoro de seis horas com a Alison não chegou à etapa de conhecer os pais.

“Sou um velho amigo da Alison e queria retomar o contato.”

“Você quer o endereço dela na Austrália?”

“Se... se é lá que ela está morando, sim, claro.” Não tenho pressa de perdoar a Alison. Na verdade, vai levar semanas: semanas pra que eu me disponha a escrever uma carta, semanas pra receber uma resposta.

Ela me dá o endereço da filha, e pergunto o que a Alison está fazendo tão longe; fico sabendo que se casou com um cara que tem uma empresa no ramo da construção civil, e que ela trabalha como enfermeira, e que o casal tem duas crianças, ambas meninas, e blablablá. Consigo resistir a perguntar se ela de vez em quando fala em mim. O cara só pode ser autocentrado até certo ponto. E então pergunto sobre o David, e ele está em Londres, onde trabalha numa firma de contabilidade, e está casado, com duas filhas também, que ninguém nessa família parece capaz de produzir meninos! Até a prima da Alison acaba de ter uma menininha! Manifesto minha incredulidade com timing perfeito a cada frase.

“Como você conheceu a Alison?”

“Fui o primeiro namorado dela.”

Há um silêncio, e penso, preocupado por um momento, que talvez os Ashworth tenham me tomado, ao longo dos últimos vinte anos, como o responsável por algum tipo de crime sexual que não cometi.

“Mas ela casou com o primeiro namorado. O Kevin. Ela agora é Alison Bannister.”

A Alison casou com o Kevin Bannister. Fui batido por forças superiores. Isso é extraordinário. Que chance eu podia ter contra o destino? Nenhuma. Não teve nada a ver comigo, ou com algum fracasso meu, e já posso sentir a ferida Alison Ashworth se fechando enquanto conversamos.

“Se essa é a versão que a Alison conta, ela é uma mentirosa.” Era pra ser uma brincadeira, mas sai num tom completamente errado.

“Como é?”

“Não, ha ha, mas falando sério agora: fiquei com ela antes do Kevin. Só uma semana antes, ou algo assim” — tenho que dourar um pouco a pílula, porque, se falasse a verdade, ela ia achar que sou maluco — “mas qualquer experiência conta, né? Uns beijos são sempre uns beijos, afinal, ha ha.” Não posso ser apagado da história, simplesmente. Tive meu quinhão. Fiz minha parte.

“Qual é mesmo seu nome?”

“Rob. Bobby. Bob. Robert. Robert Zimmerman.” Puta que o pariu.

“Bom, Robert, quando falar com a Alison, digo que você ligou. Mas não tenho certeza que ela vá lembrar de você.”

Ela tem razão, claro. A Alison vai se lembrar da tarde em que começou a ficar com o Kevin, mas não da tarde anterior. Provavelmente só eu me lembro da tarde anterior. Acho que já devia ter esquecido séculos atrás, mas não sou muito bom em esquecer as coisas.

Um cara entra na loja pra comprar um disco com o tema de *Fireball XL5*, trilha sonora pro aniversário da esposa (e tenho o original, que vendo por dez libras). O sujeito tem uns dois ou três anos a menos que eu, mas é bem falante, usa terno e balança na mão a chave do carro, e, por alguma razão, essas três coisas me

fazem sentir talvez umas duas décadas mais novo que ele, eu com vinte e poucos, ele com mais de quarenta. E de repente me vem esse desejo ardente de saber o que o cara pensa de mim. Não cedo ao impulso, claro (“Seu troco, seu disco, agora vem cá: você acha que eu sou um imprestável, não acha?”), mas fico pensando nisso um tempão depois, no que devo parecer pra ele.

Pô, o cara é casado, o que é uma coisa assustadora, e tem aquele tipo de chave de carro pra se andar chacoalhando todo cheio de si, uma BMW ou um Batmóvel ou um troço qualquer superveloz, e trabalha com alguma coisa que exige um terno, o qual, aos meus olhos leigos, parece caro. Estou um pouco mais bem vestido que o normal, hoje — coloquei meu jeans preto, mais novo, em vez do azul velho, e estou usando uma camisa polo de manga comprida que, aliás, me dei ao trabalho de passar —, mas, ainda assim, fica patente que não sou um adulto num emprego de adulto. Quero ser como ele? Na verdade, não, acho que não. Mas me pego preocupado, de novo, quanto àquele negócio da música pop, se gosto dela porque sou infeliz, ou se sou infeliz porque gosto dela. Ajudaria saber se esse sujeito algum dia levou o pop a sério, se alguma vez já esteve cercado por milhares e milhares de canções de... de... (vamos lá, diga a palavra, homem)... bom, de amor. Meu palpite é que não. Assim como acho que o Douglas Hurd também não, nem o sujeito que trabalha no Bank of England; tampouco o David Owen ou o Nicholas Witchell ou a Kate Adie ou uma porrada de outros famosos cujos nomes eu devia saber, mas não sei, porque eles nunca tocaram com o Booker T and the MGs. Esse pessoal dá a impressão de que não teria tempo de escutar nem o primeiro lado do *Al Green's Greatest Hits*, que dirá o resto do que ele gravou (dez discos só pelo selo Hi, embora só nove deles produzidos pelo Willie Mitchell); é uma gente ocupada demais com a fixação das taxas base e o processo de paz na antiga Iugoslávia pra ficar ouvindo “Sha La La (Make Me Happy)”.

Portanto, eles podem até levar vantagem quanto às noções convencionais do que é ser uma pessoa séria (ainda que, como todo mundo sabe, o disco *Al Green Explores Your Mind* seja da maior seriedade), mas saio na frente no que tange aos assuntos do

coração. “Kate”, eu devia poder dizer pra ela, “legal essa história toda de explorar zonas de guerra. Mas o que você vai fazer quanto às únicas coisas que importam de verdade? Você *sabe* do que estou falando, baby.” E aí podia repassar a ela toda a expertise emocional que adquiri na Faculdade do Conhecimento Musical. Não tem sido assim, porém. Não sei nada sobre a vida amorosa da Kate Adie, mas não é possível que ela esteja pior do que eu nisso, né? Passei quase trinta anos escutando canções sobre corações partidos, e isso me ajudou em alguma coisa? Porra nenhuma.

Então talvez o que eu disse antes, sobre o quanto ter ouvido discos demais bagunça a vida do sujeito... talvez tenha alguma verdade nisso. O David Owen é casado, não é? Deu conta do recado e agora é um diplomata de alto escalão. O cara que veio aqui na loja de terno e com a chave do carro, casado também, e se tornou um, sei lá, *homem de negócios*. Quanto a mim, solteiro — no momento, mais solteiro impossível — e dono de uma loja de discos indo à falência. Me parece que, se a gente coloca a música (e os livros, provavelmente, assim como filmes e peças e qualquer coisa que provoque *sentimentos*) no centro da existência, não consegue ter uma vida amorosa resolvida, pensar nela como um produto acabado. Tem que ficar cutucando pra mantê-la viva e agitada, cutucando e desenredando até que ela desmorone e a gente seja compelido a começar tudo de novo. Talvez vivamos, todos nós que passamos os dias absorvendo material emocional, num estado de alta intensidade, e conseqüentemente jamais consigamos estar simplesmente *contentes*: precisamos estar infelizes, ou absurda e apaixonadamente felizes, e esses são estados difíceis de se obter numa relação sólida e estável. Talvez o Al Green seja responsável por mais do que eu algum dia me dei conta.

Vejam bem, meus discos me ajudaram a me apaixonar, sem dúvida. Ouço alguma coisa nova, com uma transição de acordes de revirar as entranhas, e, antes mesmo de perceber, já estou procurando alguém, e, quando vejo, já encontrei. Me apaixonei pela Rosie, a dos orgasmos simultâneos, depois de ter me apaixonado por uma música dos Cowboy Junkies que ouvi, ouvi e ouvi, e que me



deixou no modo sonhador, e então precisava de alguém com quem sonhar e encontrei ela e... bom, deu no que deu.

17.

Com a Penny é fácil. Não que ela seja, assim, *fácil* (senão eu não precisaria procurá-la pra falar de encaçapadas e do Chris Thomson, porque eu é que teria encaçapado ela antes, e não deixado que ele, naquela manhã, entrasse corneteando na sala de aula); quero dizer que foi fácil encontrar a Penny. Minha mãe vê a mãe da Penny com bastante frequência, e um tempo atrás me deu o telefone dela e me disse pra entrar em contato, e a mãe da Penny passou meu número pra ela, e nenhum de nós dois fez nada, mas guardei a anotação, mesmo assim. E ela fica surpresa com o telefonema — há um longo silêncio, a memória da máquina processando, enquanto ela tenta ligar o nome à pessoa, e em seguida uma risadinha de reconhecimento —, mas não fica contrariada, acho, e a gente combina de ir ver um filme juntos, uma produção chinesa qualquer que ela precisa ver pro trabalho, e depois sair pra comer.

O filme é legal, melhor do que eu pensei que seria — é sobre uma mulher que é obrigada a ir viver com um cara que já tem uma porrada de esposas, e mostra como ela se dá com as rivais, e no fim tudo acaba muito mal. Claro. Mas a Penny tem uma dessas canetas especiais pra críticos de cinema, com uma luzinha na ponta (embora ela não seja crítica de cinema, apenas jornalista da rádio BBC), e o pessoal fica lançando olhares pra ela e se cutucando, e me sinto meio idiota, sentado ali junto. (Devo dizer, ainda que isso soe deselegante, que ela atrairia olhares de qualquer modo, mesmo sem a caneta de crítico: a Penny sempre foi uma garota despojada, mas

o que ela está usando hoje à noite — um vestido largo, estampa floral, combinado com um sobretudo bege — leva o despojamento à beira do abismo. “O que aquele cara descolado de jaqueta de couro está fazendo ali com a irmã mais velha da Virginia Bottomley?”, a plateia do filme está pensando. Provavelmente.)

Vamos comer num restaurante italiano que ela conhece, e onde a conhecem também, e ficam fazendo uns truques bobos com o moedor de pimenta que parecem diverti-la. É frequente que pessoas muito sérias no trabalho riam de piadas idiotas; é como se tivessem um déficit de humor e, como consequência, sofressem de riso precoce. Mas ela é legal, sério. É uma garota bacana, que leva as coisas na esportiva, o que torna fácil falar sobre o Chris Thomson e a encaçapada. Simplesmente ponho o assunto na mesa, sem uma explicação, propriamente.

Tento contar a história de um jeito leve, rindo de mim mesmo (aquilo diz respeito a mim, não a ele e ela), mas ela fica horrorizada, chateada de verdade: baixa a faca e o garfo e vira o rosto, e dá pra ver que está prestes a chorar.

“Aquele filho da mãe”, ela diz. “Preferia que você não tivesse me contado.”

“Desculpe. Só pensei que, sabe, faz tanto tempo e tudo mais.”

“Pois não parece que faz tanto tempo assim pra você.”

Bem observado.

“Não. É que fiquei pensando, só, em como eu era estranho.”

“Mas por que essa súbita necessidade de me contar a história?”

Dou de ombros. “Sei lá. É só que...”

E aí revelo pra ela que sei muito bem por quê: conto sobre a Laura e o Ian (embora não diga nada sobre a Marie e o dinheiro e o aborto e a mala da Rosie), e sobre a Charlie, talvez mais do que ela quisesse saber sobre a Charlie; e tento explicar que me sinto o Cara Rejeitado, e que a Charlie quis ir pra cama com o Marco e não comigo, que a Laura quis ir pra cama com o Ian e não comigo, e que a Alison Ashworth, tantos anos antes, já queria dar uns pegadas com o Kevin Bannister e não comigo (ainda que eu faça questão de partilhar com ela minha recente descoberta sobre a impossibilidade de vencer o destino), e digo que, como ela, a Penny, quis ir pra

cama com o Chris Thomson e não comigo, talvez pudesse me ajudar a entender por que isso sempre acontece, por que, aparentemente, estou fadado a ser preterido.

E ela me conta, com grande intensidade, com ódio, pra ser bem franco, como se lembra de tudo: que era louca por mim, que queria ir pra cama comigo um dia, mas não aos dezesseis anos, e que quando eu dei um pé na bunda dela — “*Quando você me deu um pé na bunda*”, ela repete, furiosa, “porque eu era, pra usar a expressão adorável que você usou, ‘travada’, chorei um monte e te odiei. E aí aquele bostinha veio e ficou comigo, e eu estava tão cansada de resistir, e não chegou a ser estupro, porque aceitei, mas não foi muito diferente disso. E não transei com mais ninguém até terminar a faculdade, porque tinha odiado aquilo. E agora você vem me falar de rejeição. Ah, vai se foder, Rob”.

De modo que essa é mais uma com que não preciso me preocupar. Devia ter feito isso anos atrás.

18.

Na loja, colado com fita adesiva do lado de dentro da porta, tem um anúncio escrito à mão, amarelado e apagado pelo tempo. Diz o seguinte:

PROCURA-SE: JOVENS DESCOLADOS E VIRTUOSES (BAIXO, BATERIA, GUITARRA) PARA NOVA BANDA. CURTIR R.E.M., PRIMAL SCREAM, FANCLUB ETC. FALAR COM BARRY NA LOJA.

O anúncio tinha ainda, ao final, um intimidante P.S. — NADA DE VAGABUNDOS, POR FAVOR —, mas, com os resultados decepcionantes do recrutamento nos dois primeiros anos, o Barry decidiu que vagabundos eram bem-vindos, no fim das contas, pois não se notaria a diferença; talvez não conseguissem nem mesmo vir da entrada até o balcão da loja. Um tempo atrás, um baterista andou em negociações e, embora o duo minimalista de bateria e vocal até tenha ensaiado algumas vezes (nenhum registro sobreviveu, infelizmente), o Barry, talvez sabiamente, acabou decidindo que precisava de uma banda mais completa.

Mas, desde então, nada... até hoje. O Dick vê o sujeito primeiro — me cutuca e ficamos observando, fascinados, ele ler o anúncio, embora, quando se vira pra ver qual de nós poderia ser o Barry, voltamos aos nossos afazeres rapidinho. O cara não é descolado nem jovem — parece mais um *roadie* do Status Quo do que um

astro em potencial na capa da *Smash Hits*. O cabelo é preto, comprido e escorrido, preso atrás num rabo de cavalo, e a barriga se projeta por sobre o cinto buscando mais espaço. No fim, ele vem até o balcão e gesticula na direção da porta.

“O tal de Barry está por aí?”

“Vou chamar ele pra você.”

Entro na sala do estoque, onde o Barry está dando uma cochilada.

“Ei, Barry. Tem um cara querendo falar com você sobre o anúncio.”

“Que anúncio?”

“Da banda.”

Ele abre os olhos e me encara. “Vai se foder.”

“Sério. O cara quer falar com você.”

Ele levanta e sai pra loja.

“E aí?”

“Você que colocou aquele anúncio?”

“Isso.”

“O que você toca?”

“Nada.” O desejo ardente do Barry de tocar no Madison Square Garden não chegou a impulsioná-lo a algo tão mundano quanto aprender a tocar um instrumento.

“Mas você canta, certo?”

“Certo.”

“A gente está procurando um vocalista.”

“Que tipo de som vocês curtem?”

“O tipo de som que você, tipo, pôs ali. Mas a gente queria fazer uns negócios mais experimentais. Manter nossa sensibilidade pop, mas levando a coisa até o limite.”

Deus nos ajude.

“Parece ótimo.”

“A gente não tem nenhum show marcado nem nada. Acabamos de começar a banda. Pra se divertir, tipo. Mas vamos ver no que dá, né?”

“Legal.”

O *roadie* do Status Quo rabisca um endereço, aperta a mão do Barry e vai embora. O Dick e eu ficamos embasbacados, olhando o

cara se afastar pra ver se ele não entra em autocombustão, ou desaparece, ou cria asas de anjo; o Barry apenas enfia o endereço no bolso do jeans e procura um disco pra colocar, como se o que acaba de acontecer — um estranho misterioso chegar e realizar um de seus desejos mais acalentados — não fosse aquele tipo de pequeno milagre pelo qual a maioria de nós espera em vão.

“Que foi?”, ele diz. “Qual é o problema de vocês dois? É só uma bandinha de garagem. Nada de especial.”

A Jackie vive em Pinner, não muito longe de onde passamos a infância, com meu amigo Phil, claro. Quando ligo, ela me reconhece de imediato, presumivelmente porque sou o único Outro Homem que teve na vida inteira, e no começo ela parece desconfiada, na defensiva, como se eu estivesse querendo reviver a coisa toda. Conto pra ela que minha mãe e meu pai estão bem, que sou dono de uma loja, que não sou casado nem tenho filhos, e a essa altura a suspeita se transforma em simpatia, talvez com um toque de culpa (Será por minha causa?, dá pra ouvir ela pensando. Será que a vida amorosa dele simplesmente acabou em 1975, quando voltei com o Phil?); ela conta que eles têm dois filhos e uma casinha, que ambos trabalham e que não chegou a ir pra faculdade, exatamente como temia que acontecesse. Pra preencher o breve silêncio que se segue a essa atualização, ela me chama pra um jantar na casa deles e, após breve silêncio depois do convite, aceito.

A Jackie está com umas mechas brancas no cabelo, mas fora isso continua bonita e simpática e sensível e todas as outras coisas que costumava ser; dou um beijo nela e estendo a mão pro Phil. Ele agora é um homem, de bigode e camisa social e umas entradas no cabelo e gravata frouxa, mas faz toda uma cena, parando antes de me apertar a mão — quer que eu perceba que o momento é simbólico, que ali ele me perdoa pela minha má conduta de tantos anos atrás. Meu Deus, penso, parece que esses caras são elefantes que nunca esquecem, e não simples atendentes de pós-venda da British Telecom. Mas, também, o que estou fazendo aqui senão revolvendo coisas que a maioria já teria esquecido há muito tempo?

A Jackie e o Phil são as pessoas mais entediadas do sudeste da Inglaterra, possivelmente pelo longo tempo de casamento, e não têm nada sobre o que conversar, exceto sobre seus tantos anos de casados. No fim, só me resta perguntar, em tom meio brincalhão, qual é o segredo do sucesso deles; só pra poupar meu tempo, porque eles fariam disso de qualquer maneira.

“Se você achou a pessoa certa, achou a pessoa certa, não importa a idade.” (Phil)

“Tem que cultivar a relação. Não dá pra simplesmente cair fora cada vez que algo dá errado.” (Jackie)

“Isso mesmo. Seria muito fácil mandar tudo às favas e começar de novo com outra pessoa por quem você perdeu a cabeça, mas ainda assim vai chegar o estágio em que você precisa cultivar a nova relação.” (Phil)

“Posso te dizer que não tem muito essa coisa de jantares à luz de velas e segundas luas de mel. Já passamos dessa fase. Acima de tudo, somos bons amigos.” (Jackie)

“Não importa o que pensem por aí, não dá pro cara ir pra cama com a primeira pessoa que ficar a fim e achar que isso não causa estragos no casamento.” (Phil)

“O problema dos jovens de hoje...” Não. Brincadeira. Mas os dois fazem uma... *pregação* do relacionamento deles, como se eu tivesse vindo do norte de Londres pra demovê-los da condição de monogâmicos. Não vim, mas eles têm razão de pensar que isso é crime no lugar de onde venho: é contra a lei porque somos todos cínicos e românticos, às vezes as duas coisas ao mesmo tempo, e o casamento, com seus clichês e sua luz contínua de baixa potência, pra nós é tão indesejável quanto alho pra um vampiro.

Estou em casa, gravando uma fita com uns singles antigos, e o telefone toca.

“Oi. É o Rob?”

Reconheço a voz como a de alguém de quem não gosto, mas nada além disso.

“Aqui é o Ian. O Ray.”

Não digo nada.



“Pensei que talvez a gente pudesse bater um papo? Acertar umas coisinhas?”

Deu a louca em... *alguma coisa*. Deu a louca em... *lacuna a preencher*. Sabem quando se usa essa expressão que quer dizer que algo ia bem, mas saiu de controle? “Deu a louca na democracia.” Pois quero usar a expressão, mas não tenho certeza a respeito de quê. Do norte de Londres? Da vida? Dos anos 90? Não sei. Tudo o que sei é que, numa sociedade decente e equilibrada, o Ian não estaria me ligando pra acertar umas coisinhas. Nem eu ligaria pro Ian pra acertar umas coisinhas. Acertaria logo *e/e*, e, caso sua intenção seja ter aqueles seus macacões transformados em repasto por uma semana, Ian está no caminho certo.

“Que coisinhas a gente precisa acertar?” Minha fúria é tão grande que a voz está trêmula, do jeito que costumava ficar quando eu entrava numa briga na escola, e conseqüentemente não parece que estou furioso: parece que estou morrendo de medo.

“Qual é, Rob. Minha relação com a Laura claramente te deixou bem perturbado.”

“É engraçado, mas não fiquei muito feliz com ela.” Curto e grosso.

“Não estamos aqui pra brincadeiras, Rob. Estou falando de assédio. Dez ligações numa noite, vigília na porta da minha casa...”

Putá merda. Como foi que ele me viu?

“Tá, já parei com isso tudo agora.” Cadê o curto e grosso? Agora estou balbuciando feito um maluco confessando a culpa.

“A gente percebeu, e isso é bom. Mas, sabe... como é que poderíamos fazer as pazes aqui? A gente quer facilitar as coisas pra você. Tem alguma coisa que a gente possa fazer? É claro que sei o quanto a Laura é especial, e que a situação não deve estar boa pra você no momento. Eu odiaria perder ela. Mas prefiro pensar que, se a Laura decidisse que não queria mais me ver, respeitaria sua decisão. Entende o que eu digo?”

“É, entendo.”

“Ótimo. Então como é que a gente faz?”

“Sei lá.” E aí desligo o telefone — não depois de uma tirada matadora e inteligente, ou de um descarrego furioso de

xingamentos, mas com um simples “sei lá”. Isso deve ter feito ele aprender uma lição que nunca será esquecida.

ELE: Ótimo. Então como é que a gente faz?

EU: Já tá feito, seu imbecil patético. A Liz tem toda razão sobre você. [*Bato o telefone.*]

ELE: Ótimo. Então como é que a gente faz?

EU: A gente não faz, Ian. Eu não, pelo menos. Trocaria de número, se fosse você. Mudaria de endereço. Logo você vai lembrar a vigília e as dez ligações numa noite como uma época tranquila. Te cuida, garoto. [*Bato o telefone.*]

ELE: Mas prefiro pensar que, se a Laura decidisse que não queria mais me ver, respeitaria sua decisão.

EU: Se ela decidisse que não queria mais te ver, eu respeitaria a decisão dela. Respeitaria mais ela. Os amigos respeitariam mais ela. Todo mundo ia comemorar. O mundo se tornaria um lugar melhor.

ELE: Aqui é o Ian. O Ray.

EU: Vai se foder. [*Bato o telefone.*]

Enfim.

Enfim, nada. Eu devia ter dito qualquer uma dessas coisas. Devia ter lançado mão de ao menos uma obscenidade. Devia, certamente, ter ameaçado o cara de alguma violência. Não devia ter desligado com um “sei lá”. Agora o troço vai ficar me corroendo por dentro, e vai continuar a me corroer até eu cair morto de câncer ou infarto ou outra coisa. E não paro de tremer, e reescrevo o diálogo na minha cabeça até virar veneno puro, e nada disso adianta.

19.

A Sarah até hoje me manda cartões de Natal com endereço e número de telefone. (Ela não os escreve, usa aquelas porcarias de etiquetas impressas.) Os cartões nunca dizem nada além de “Feliz Natal! Com amor, Sarah”, naquela letra redonda dela, estilo professora primária. Respondo com cartões também quase em branco. Reparei, faz uns dois anos, que o endereço tinha mudado; também reparei que tinha mudado de rua x, número y, pra alguma coisa com um número mais uma letra, e nem era um “b”, que pode indicar uma casa, mas um “c” ou um “d”, que só pode ser uma sequência de apartamentos. Não pensei muito a respeito, na época, mas agora aquilo me parece um vago presságio. Sugere que a rua x, número y, era o endereço do Tom, e que o Tom não está mais à vista. Como? Satisfeito, eu?

Ela parece igual — um pouco mais magra, talvez (a Penny estava bem mais gorda, mas tem o dobro da idade da última vez que a vi; a Sarah apenas passou dos trinta aos trinta e cinco, e esse não é o momento da vida mais propenso a se engordar), mas continua espiando o mundo por debaixo da franja. Saímos pra uma pizza, e é deprimente ver o quanto tudo é complicado pra ela: não o ato de comer uma pizza em si, mas a saída à noite, o encontro. O Tom *de fato* deu o fora, e de maneira bem espetacular. Ouçam só essa: o cara não disse pra ela que estava infeliz na relação, ou que tinha conhecido outra pessoa com quem queria ficar, ou que estava ficando com outra pessoa, mas sim que ia *se casar* com outra

pessoa. Clássico, hein? Só rindo mesmo, mas consigo me controlar. É uma daquelas ladainhas tristes que, por alguma razão, parecem deixar abatida a vítima que conta, então só balanço a cabeça diante dos cruéis mistérios do universo.

Ela fica olhando pra taça de vinho. "Não acredito que te deixei pra ficar com ele", diz. "Que louca."

Não quero ouvir isso. Não quero que ela rejeite ter me rejeitado; quero uma explicação, pra que eu possa absolvê-la.

Dou de ombros. "Provavelmente parecia uma boa ideia na época."

"Provavelmente. Mas não consigo lembrar por que fiz aquilo."

É até possível que isso acabe em sexo, e essa perspectiva não me choca. Que melhor maneira de exorcizar os demônios de uma rejeição do que transando com a pessoa que te rejeitou? Mas aí não seria apenas ir pra cama com uma pessoa: seria ir pra cama com toda uma cultura da solteirice deprê. Se fôssemos pra casa dela, lá ia ter um gato, o qual saltaria sobre a cama num momento crucial, e então teríamos que interromper tudo enquanto ela o enxotasse e trancasse na cozinha. E provavelmente teríamos que escutar seus discos do Eurythmics, e não haveria nada pra beber. Tampouco o jeito desencanado da Marie LaSalle: "Ei, mulheres também podem ser saidinhas"; e depois haveria ligações e constrangimento e arrependimento. De modo que não vou dormir com a Sarah, a menos que, no decorrer da noite, em algum momento eu perceba que é ela ou nada pelo resto da vida, e não consigo ver esse tipo de premonição baixando em mim hoje: foi por isso, afinal, que viemos parar neste encontro. Foi por isso que ela me deixou pelo Tom. Fez um cálculo, ponderou as probabilidades, apostou no melhor caminho e se jogou. Que ela queira tentar de novo revela mais sobre mim, e sobre ela, do que uma aposta por dinheiro jamais poderia: ela está com trinta e cinco anos e dizendo a si mesma que a vida não vai lhe oferecer muito mais do que tem aqui, hoje à noite, uma pizza e um namorado antigo de quem ela nem gostava tanto assim, pra começo de conversa. É uma constatação bem sombria, mas não é difícil ver como a Sarah chegou a ela.

Ah, sabemos, nós dois, que isso não devia ser o mais importante, que a vida é mais do que achar um parceiro ou parceira, que a culpa

é da mídia, blablablá. Mas fica complicado pensar assim, às vezes, quando é um domingo de manhã e ainda faltam dez horas pra pessoa sair pra beber num pub e lá ter sua primeira conversa do dia.

Não tenho coragem de levar adiante o papo sobre rejeição. Não há ressentimentos aqui, e fico feliz de ter sido ela quem me chutou, e não o contrário. Já me sinto bem culpado do jeito que está. Falamos um pouco sobre filmes — ela adorou *Dança com lobos*, mas não gostou de *Cães de aluguel* —, e sobre trabalho, e um pouco mais sobre o Tom, e outro tanto sobre a Laura, embora eu diga apenas que estamos passando por uma fase difícil. E ela me convida pra voltar outro dia, mas eu não volto, e a gente concorda que a noite foi legal, e que vamos repetir a dose em breve. Agora só falta a Charlie.

20.

“Como vai a experimentação? Vocês estão conseguindo expandir a sensibilidade pop?”

O Barry me encara. Ele odeia falar da banda.

“É. Eles realmente curtem o mesmo som que você, Barry?”, o Dick pergunta, inocente.

“A gente não ‘curte’ nada. A gente faz música. Nossa própria música.”

“Certo”, responde Dick. “Desculpa.”

“Ah, que besteira, Barry”, digo. “E como é essa música de vocês? Parecida com Beatles? Nirvana? Papa Abraham and the Smurfs?”

“Você provavelmente não vai conhecer nossas influências mais diretas”, diz o Barry.

“Manda.”

“A maioria é alemã.”

“O quê, Kraftwerk e tal?”

Ele me olha com pena. “Claro que não.”

“Quem, então?”

“Você nunca vai ter ouvido falar, Rob, então cala a boca.”

“Diga um nome só.”

“Não.”

“As iniciais, então.”

“Não.”

“Você está inventando essa porra, né?”

Ele sai da loja pisando duro.

Sei que essa é a resposta de todo mundo pra tudo, e sinto muito, mas se tem um cara que precisa transar é o Barry.

Ela continua em Londres. Consigo o endereço e o número de telefone no auxílio à lista — mora em Ladbroke Grove, claro. Ligo, mas seguro o fone a poucos centímetros do aparelho, de modo que possa desligar caso alguém atenda. Alguém atende. Desligo. Tento de novo uns cinco minutos mais tarde, embora desta vez mantenha o telefone mais próximo do ouvido, e consigo escutar que é uma secretária eletrônica, e não uma pessoa, que atendeu. Mesmo assim desligo. Não estou pronto pra ouvir a voz dela ainda. Na terceira vez, ouço a mensagem; na quarta, deixo uma. É incrível, sério, que eu pudesse, a qualquer momento da última década, ter feito isso: com a importância que o caso acabou assumindo pra mim, a sensação era de que ela morava em Marte, que qualquer tentativa de comunicação custaria milhões de libras, e que levaria anos-luz pra fazer contato. Ela é uma extraterrestre, um fantasma, um mito, e não uma pessoa com uma secretária eletrônica, uma panela enferrujada e um passe de metrô que cobre duas zonas.

Ela soa mais velha, acho, e um pouquinho mais afetada — Londres se encarregou de eliminar os erres puxados de Bristol —, mas ainda é claramente ela. Não diz se está morando com alguém — não que eu estivesse esperando que uma mensagem de secretária eletrônica fosse dar detalhes da vida romântica dela, mas não diz nada, sabem como é, do tipo: “Nem a Charlie nem o Marco podem atender neste momento”, ou algo assim. Apenas: “Não tem ninguém em casa. Por favor, deixe sua mensagem depois do bipe”. Deixo meu nome, com sobrenome, e meu número de telefone, e digo alguma coisa sobre a gente não se ver há muito tempo etc.

Ela não liga de volta. Uns dias depois, tento novamente, repetindo a mesma mensagem. Também nada. Isso faz sentido, já que estamos falando de rejeição: alguém que não retorna suas mensagens nem uma década depois de ter te rejeitado.

A Marie aparece na loja.

“E aí, rapazes?”

O Dick e o Barry desaparecem, de uma maneira descarada e constrangedora.

“Tchau, rapazes”, ela diz assim que eles saem, e dá de ombros.

A Marie fica me olhando. “Tá me evitando, garoto?”, pergunta, fingindo estar chateada.

“Não.”

Ela franze o cenho e põe a cabeça de lado.

“Sério. Como eu poderia se não sei por onde você andou nos últimos dias?”

“Bom, ficou com vergonha, então?”

“Minha nossa, como fiquei.”

Ela ri. “Não precisa.”

É isso, aparentemente, o que se ganha indo pra cama com uma americana, essa boa vontade toda, sem rodeios. Vocês jamais veriam uma garota britânica aparecer por aqui depois de uma noite e nada mais. Achamos, no geral, que é melhor esquecer essas coisas. Mas, pelo jeito, a Marie quer conversar, investigar o que deu errado; provavelmente já tem um grupo de terapia que quer que a gente frequente, com um monte de outros casais que, desavisados, acabaram juntos numa noite de sábado. Provavelmente vamos ter que tirar nossas roupas e reencenar como aconteceu, e vou ficar com o moletom entalado na cabeça.

“Estava pensando se você não quer vir ver o T-Bone tocar hoje à noite.”

Claro que não. A gente não pode mais se falar, você não entende, mulher? Transamos, e fim. É a lei neste país. Se não gosta disso, volte pro lugar de onde veio.

“Claro. Ótimo.”

“Você conhece um distrito chamado Stoke Newington? Ele vai tocar lá. O nome do lugar é The Weavers Arms.”

“Conheço.” Eu podia simplesmente não dar as caras, mas sei que vou.

E a gente se diverte. Certa está ela de encarar tudo do jeito americano: só porque fomos pra cama não quer dizer que precisemos nos odiar. Curtimos o show do T-Bone, e a Marie canta com ele no bis (quando ela sobe no palco, o pessoal olha pro lugar



de onde ela via o show, e aí olha pra pessoa ali próxima do lugar onde ela via o show, e gosto bastante da sensação). E então nós três voltamos pro apartamento dela, onde conversamos sobre Londres e Austin e discos, mas não sobre sexo, em geral, nem sobre aquela noite, em particular, como se fosse apenas alguma coisa que a gente fez, tipo sair pra comer curry, algo que não merecesse elaboração ou análise. E aí estou indo embora e a Marie me dá um beijo gostoso, e no caminho de volta sinto como se existisse um relacionamento, um só, do qual se pode dizer que tudo bem, é um pequeno recanto tranquilo do qual posso me orgulhar.

A Charlie me liga, enfim; se desculpa por não ter retornado antes, mas estava fora, nos Estados Unidos, a trabalho. Tento fingir que sei como é, mas não sei, claro — já estive a trabalho em Brighton, e em Redditch, e em Norwich, até, mas nunca nos Estados Unidos.

“E aí, como é que você está?”, ela pergunta e sinto vontade, por um momento, só por um momento, mas sinto, de fazer uma ceninha trágica pra ela: “Não muito bem, Charlie, obrigado, mas não se preocupe com isso. Vai pros Estados Unidos, vai, cuidar dos negócios, nem se incomode comigo”. Graças eternas a mim, porém, porque me contengo, e finjo que nos doze anos desde que nos falamos pela última vez tenho conseguido viver a vida como um ser humano em pleno domínio de suas funcionalidades.

“Bem, obrigado.”

“Ótimo. Fico feliz que você esteja bem, você merece estar bem.”

Tem alguma coisa errada em algum lugar aqui, mas não consigo ver onde.

“Como vai você?”

“Muito bem. Ótima. Emprego bom, amigos legais, apartamento bacana e tal. A faculdade e tudo mais parecem tão distantes, hoje. Lembra que a gente costumava ficar no bar, imaginando como seria nossa vida?”

Não.

“Bom... Estou feliz de verdade com a minha, e fico contente que você também com a sua.”

Não falei que estava feliz com a minha vida. Falei que estava bem, tipo quando a gente quer dizer que não está gripado, nem vivendo em liberdade condicional, e que não sofreu nenhum acidente de carro recentemente, mas deixa pra lá.

“Você tem, sabe, filhos e tudo mais, como o resto do pessoal?”

“Não. Poderia ter tido se quisesse, claro, mas não quis. Sou muito jovem, e crianças são tão...”

“Jovem?”

“Ora, claro, jovem, obviamente” — ela ri uma risada nervosa, como se eu fosse um idiota, o que eu sou, mas não do tipo que ela pensa — “mas elas... não sei, *consomem tempo*, acho que é isso que eu queria dizer.”

Não estou inventando nada disso. É assim que ela fala, como se ninguém jamais tivesse conversado sobre essas coisas em toda a história do mundo.

“Ah, certo. Entendi.”

*Acabei de tirar uma onda com a Charlie.* Com a Charlie! Charlie Nicholson! É estranho. Pensei na Charlie na maioria dos dias da última década e pouco, atribuindo a ela, ou ao menos ao nosso rompimento, a maior parte das coisas que deram errado pra mim. Tipo: não teria tomado pau na faculdade; não teria ido trabalhar naquela loja de discos e fitas de segunda mão em Camden; não estaria empacado com essa loja agora; não teria tido uma vida pessoal tão insatisfatória. Essa é a mulher que partiu meu coração, arruinou minha vida, a mulher que, sozinha, é responsável pela minha pobreza e pela minha falta de rumo e pelo meu fracasso, a mulher com quem sonhei constantemente por uns bons cinco anos, e *estou aqui tirando uma com ela*. Tenho que admirar a mim mesmo, sério. Tirar o chapéu e dizer: “Rob, você é uma figura”.

“Enfim, você tá dentro ou não, Rob?”

“O quê?” É reconfortante ouvir que a Charlie continua dizendo coisas que só ela consegue entender. Eu costumava gostar disso, e invejar; nunca conseguia pensar em nada pra dizer que soasse nem remotamente estranho.

“Não, desculpa. É só que... acho essas ligações de namorados antigos um pouco perturbadoras. Tenho recebido uma porção

ultimamente. Lembra aquele cara que namorei depois de você, o Marco?”

“É... é, acho que lembro.” Sei o que vem em seguida, e não acredito nisso. Toda aquela minha fantasia dolorosa de casamento com filhos, anos e anos vivendo com isso, e ela provavelmente acabou chutando o cara seis meses depois da última vez que nos vimos.

“Bom, o Marco ligou faz uns meses, e eu não sabia, na verdade, o que dizer. Acho que ele estava passando por uma daquelas fases, sabe, de se perguntar o significado de tudo, e queria me ver, e conversar sobre coisas, e mais isso e aquilo, e eu não estava a fim, sério. Todos os caras passam por isso?”

“Nunca ouvi falar.”

“Só os que ficam comigo, então. Não quis dizer...”

“Não, não, tudo bem. Deve parecer meio esquisito, eu te ligar assim, do nada. Só pensei que, sabe...” Eu mesmo não sei, então não vejo por que ela deveria. “Mas o que foi aquele negócio de eu estar dentro ou não?”

“Sei lá, queria saber se a gente ainda é amigo ou não. Porque se for, ótimo, mas se não for, não vejo motivo pra ficar de onda no telefone. Você quer vir jantar aqui no sábado? Vou receber uns amigos e preciso de um cara avulso. Você é um cara avulso?”

“Eu...” Pra que mentir? “É, no momento, sou.”

“E aí, tá dentro ou não?”

“Tô.”

“Ótimo. Minha amiga Clara também vem e não tem par, e ela é bem a sua cara. Tipo oito horas?”

E é isso. Agora sei o que estava errado: a Charlie é uma pessoa horrível. Não costumava ser assim, mas alguma coisa aconteceu pra ela dizer essas coisas terríveis e idiotas e não ter, aparentemente, nenhum senso de humor. O que o Bruce Springsteen pensaria da Charlie?

\* \* \*

Conto pra Liz do telefonema do Ian, e ela diz que é revoltante, e que a Laura vai ficar chocada, o que me deixa numa animação danada. E conto pra ela sobre a Alison e a Penny e a Sarah e a Jackie e sua caneta idiota com uma luzinha na ponta, e sobre a Charlie, sobre ela ter acabado de voltar de uma viagem a trabalho pros Estados Unidos, e a Liz responde que *ela* está indo a trabalho pros Estados Unidos, e fico fazendo graça às custas dela, que não ri, porém.

“Por que você odeia mulheres com empregos melhores que o seu, Rob?”

Ela é assim às vezes, a Liz. Ela é legal, mas, sabe, é uma daquelas feministas *paranoicas*, que enxergam o mal em tudo o que a gente diz.

“Do que você está falando agora?”

“Você odeia essa mulher que levou a caneta com luzinha pro cinema, algo que me parece perfeitamente razoável, se ela precisa escrever no escuro. E você odeia que a... Charlie?... Charlie tenha viajado pros Estados Unidos — sei lá, talvez ela nem quisesse ir. Sei que eu não quero. E você não gostava que a Laura usasse roupas que ela *tinha* que usar quando mudou de emprego, e agora sou eu quem recebo seu desprezo porque preciso voar pra Chicago, conversar com uns caras durante oito horas na sala de conferências de um hotel e então voar de volta pra casa...”

“Ora, então sou um machista, é isso? É essa a resposta certa?”

O negócio é sorrir e aguentar, senão você acaba ficando maluco.

21.

Quando a Charlie abre a porta, abandono toda esperança: ela está linda. Ainda usa o cabelo loiro curto, mas o corte é muito mais caro agora, e pra ela a idade vem chegando realmente com muita elegância — em torno dos olhos aparecem de leve uns pés de galinha sexy e simpáticos que a fazem se parecer com a Sylvia Slims, e, muito autoconsciente da mulher madura que é, ela está usando um vestido de noite preto (embora o traje só revele tal maturidade porque, pra mim, ela acabou de colocá-lo no lugar de um jeans folgado e de uma camiseta da Tom Robinson Band). Na mesma hora começo a temer que eu vá me apaixonar por ela outra vez e passar por idiota, e que tudo termine em dor, humilhação e autodepreciação, como aconteceu antes. Ela me dá um beijo, me abraça e me diz que não pareço nem um pouco diferente e que é ótimo me ver, e aí me mostra um cômodo onde posso deixar a jaqueta. É o quarto dela (todo artístico, claro, com uma enorme pintura abstrata numa das paredes e o que parece ser um tapete na outra); de repente sinto certo pânico naquele lugar. Os outros casacos sobre a cama são caros e, por um momento, namoro a ideia de fuçar naqueles bolsos e empreender uma fuga.

Mas quero encontrar Clara, a amiga da Charlie que é a minha cara. Quero conhecê-la porque não sei que cara eu tenho; não faço nem ideia, então quem sabe ela não me sirva de espelho. Também

vai ser interessante ver que cara a Charlie acha que tenho. (Cinco mulheres que, até onde sei, não são a minha cara, mas que eu aceitaria de bom grado na função de espelhos: a Holly Hunter de *Nos bastidores da notícia*; a Meg Ryan de *Sintonia de amor*, uma médica com cabelo encaracolado que, certa vez, num debate de tevê sobre embriões, vi botar no chinelo um parlamentar conservador, mas cujo nome não sei e tampouco fui capaz de encontrar uma foto dela por aí; a Katherine Hepburn de *Núpcias de escândalo*; Valerie Harper, da série de tevê *Rhoda*. Aí estão mulheres com voz ativa, mulheres com ideias próprias, mulheres que agitam... Mas são mulheres que parecem, também, necessitar do amor de um homem bom. Eu seria capaz de resgatá-las. Redimi-las. Elas podiam me fazer rir e talvez, num bom dia, eu a elas, e a gente podia ficar em casa e assistir no vídeo um dos filmes ou programas de tevê ou debates sobre embriões com a participação delas, e adotar crianças com deficiência, e a família inteira podia então ir junta jogar futebol no Central Park.)

Ao adentrar a sala, percebo imediatamente que estou fadado a morrer uma morte lenta, arrastada e sufocante. Tem um cara vestindo uma espécie de paletó vermelho-tijolo e outro com um terno de linho cuidadosamente amarrotado, e a Charlie, com seu vestido de festa, e outra mulher, com legging fluorescente e uma blusa de seda branca estonteante, e ainda outra cujas calças parecem um vestido, mas não é. Não são. Sei lá. E, no momento em que vejo essas pessoas, quero chorar, não apenas porque estou aterrorizado, mas por pura *inveja: por que não tenho uma vida assim?*

As duas mulheres que não são a Charlie são lindas — não é que sejam bonitinhas, atraentes, chamativas, são *lindas* — e, aos meus olhos assustados, que não param de piscar e ter tiques, virtualmente indistinguíveis: quilômetros de cabelos escuros, milhares de brincos enormes, toneladas de lábios vermelhos, centenas de dentes

brancos. A que está usando a blusa de seda branca se remexe no sofá gigante da Charlie, um sofá de vidro, ou chumbo, ou ouro — enfim, algum material intimidante do qual sofás não são feitos —, e sorri pra mim; a Charlie interrompe os outros (“Gente, gente...”) e me apresenta ao restante da festa. Clara é a que está no sofá; o de paletó vermelho-tijolo é o Nick, o de terno de linho é o Barney, a das calças que parecem um vestido é a Emma. Se esse pessoal fosse a minha cara, eu não estaria na pior.

“A gente estava conversando sobre que nome daria pra um cachorro, se tivesse um”, a Charlie explica. “A Emma tem um labrador chamado Dizzy, em homenagem ao Dizzy Gillespie.”

“Ah, certo”, digo. “Não sou muito chegado em cachorro.”

Ninguém fala nada por um momento; não tem muita coisa que eles possam dizer, na verdade, sobre minha falta de entusiasmo por cães.

“Por causa do tamanho do apartamento, de medo quando era criança, do cheiro...?”, a Clara pergunta, muito gentilmente.

“Sei lá. É só que...”, dou de ombros, sem remédio, “não sou chegado, sabe.”

Eles sorriem, educados.

Essa é minha maior contribuição da noite, e no decorrer da conversa, saudoso, eu viria a pensar naquela primeira frase como algo saído da minha Era de Ouro das Boas Tiradas. Até usaria ela de novo, se pudesse, mas os demais temas de discussão não me dão chance — não vi os filmes ou as peças que eles viram, não visitei os lugares que eles visitaram. Descubro que a Clara trabalha no mercado editorial, e o Nick, como relações públicas; fico sabendo que a Emma mora em Clapham. A Emma descobre que moro em Crouch End, enquanto a Clara fica sabendo que sou dono de uma loja de discos. A Emma leu a autobiografia de John McCarthy e Jill Morrell; a Charlie não leu, mas gostaria muito, e talvez até pegue emprestado o exemplar da Emma. O Barney esquiu recentemente. Eu podia lembrar mais algumas coisas, se fosse obrigado a isso. Na maior parte da noite, porém, o que faço é ficar sentado ali feito um mané, me sentindo a criança que deixaram ficar acordada até mais tarde, só desta vez. Comemos coisas que não conheço, e ou o Nick

ou o Barney comentam cada uma das garrafas de vinho que bebemos, menos a trazida por mim.

A diferença entre essas pessoas e eu é que elas terminaram a faculdade e eu não (ninguém ali tinha terminado com a Charlie, só eu); como consequência, elas têm empregos bacanas e eu uma porcaria, são ricos e eu pobre, são autoconfiantes e eu um cagalhão, não fumam e eu fumo, têm opiniões e eu faço listas. Tenho alguma condição de conversar com essa gente sobre o trecho internacional que causa o pior jet lag? Não. Esse pessoal é capaz de me dizer qual era a formação original dos Wailers? Não. Provavelmente não saberiam nem o nome do vocalista.

Mas não são más pessoas. Não defendo a luta de classes e eles, por sua vez, também não são particularmente afetados — é provável que suas mães e seus pais também morem ali por Watford ou em algum lugar equivalente. Queria ter algumas das coisas que eles têm? Com certeza. Queria as opiniões, queria o dinheiro, queria as roupas, queria a capacidade de conversar sobre nomes de cachorros sem nenhum vestígio de constrangimento. Queria voltar a 1979 e começar tudo de novo.

Que a Charlie só fale besteira a noite inteira tampouco ajuda; ela não escuta ninguém, se esforça demais pra ser obtusa, lança mão de toda sorte de sotaques irreconhecíveis e inapropriados. Gostaria de poder dizer que tudo isso são maneirismos recentes, mas não são; já estavam ali, anos atrás. Naquela época, eu confundia o fato de ela não escutar os outros com força de caráter, interpretava equivocadamente a obtusidade como temperamento misterioso, os sotaques, eu via como glamour e dramaticidade. Como foi que não percebi essas coisas ao longo de anos? Como foi que consegui transformá-la na resposta pra todos os problemas do mundo?

Persisto até o fim da noite, ainda que não seja digno do meu lugar no sofá na maior parte dela, e sou o último a sair, depois da Clara e do Nick e do Barney e da Emma. Quando todos já saíram, me dou conta de que passei o tempo inteiro bebendo, em vez de conversar, de modo que já estou vendo tudo torto.

“Tenho razão, não tenho?”, a Charlie pergunta. “Ela faz exatamente o seu tipo.”



Dou de ombros. “Faz o tipo de qualquer um.” Me sirvo de mais café. Estou bêbado, e parece uma boa ideia simplesmente me atirar. “Charlie, por que você me chutou pelo Marco?”

Ela me encara feio. “Eu sabia.”

“O quê?”

“Sabia que você estava na tal fase de se perguntar o significado de tudo.” Ela diz essa última frase com um sotaque americano e a testa enrugada.

Não posso mentir. “Na verdade, estou sim. É, estou mesmo. Muito mesmo.”

Ela ri — de mim, acho, e não junto comigo —, e aí fica brincando com um dos anéis.

“Você pode responder o que quiser”, digo, generoso.

“Tudo aquilo meio que se perdeu na... densa bruma do tempo.” Ela diz “densa bruma do tempo” com um sotaque irlandês, sem nenhum motivo aparente, e faz a mão ondular à frente do rosto, presumivelmente pra indicar a densidade da bruma. “Não foi porque o Marco me atraísse mais, porque eu te achava exatamente tão atraente quanto ele.” (Pausa.) “Só que ele sabia que era bonito, e você não, e isso fez a diferença, por alguma razão. Você costumava agir como se fosse um pouco peculiar da minha parte querer estar contigo, e isso meio que me cansou, não sei se você me entende. A imagem que você fazia de si mesmo começou a me contaminar, e acabei *de fato* achando que o que eu estava fazendo era peculiar. E eu sabia que você era gentil, e ponderado, e que me fazia rir, e adorava aquele seu jeito de se deixar consumir pelas coisas que amava, mas... o Marco me parecia um pouco mais, sei lá, glamoroso? Mais seguro de si, mais enturmado com a galera descolada?” (Pausa.) “Menos cansativo, porque eu sentia que tinha meio que te arrastar comigo.” (Pausa.) “Um cara um pouco mais solar, mais aceso.” (Pausa.) “Não sei. Você sabe como a gente é nessa idade. Os julgamentos são muito superficiais.”

Superficial, onde? Eu era, e portanto sou, sombrio, soturno, um encosto, fora de moda, pouco atraente, desajeitado. Não me parece uma análise superficial. Não estamos falando de arranhões. Isso aí são lesões dos órgãos internos com risco de morte.

“Isso te magoa? Ele era um idiota, se servir de consolo.”

Não serve, mas eu não estava atrás de consolo. Queria o serviço completo, e consegui. Nada a ver com destino, como no caso da Alison; nada de reescrever a história, como queria a Sarah; e nada de lembretes sobre eu ter entendido tudo errado, como foi com a Penny. Apenas uma explicação perfeitamente clara de por que algumas pessoas se dão bem e outras não. Mais tarde, no banco de um táxi, me dei conta de que tudo o que a Charlie fez foi expressar, com outras palavras, o que sinto a respeito daquele meu lance de gênio: ser normal; talvez esse talento em particular — meu único, aliás — tenha sido superestimado.

22.

A banda do Barry vai fazer um show e ele quer colocar um cartaz na loja.

“Não. Vai se foder.”

“Obrigado pelo apoio, Rob. Brigadão mesmo.”

“Pensei que a gente tinha uma regra quanto a bandas ruins.”

“Tá, mas é pra esses caras que entram pela porta implorando. Pros manés.”

“Hum... vamos ver. O Suede, você mandou embora. The Auteurs, St. Etienne. Esse tipo de mané, você quer dizer?”

“Que negócio é esse de *eu* ter mandado embora? A regra era sua.”

“É, mas você adorava, né? Te dava o prazer de falar pros coitados daqueles garotos todos vazarem daqui.”

“Eu estava errado, tá bom? Ah, qual é, Rob. A gente precisa que os clientes apareçam nesse show, senão não vai ninguém.”

“Tudo bem, qual é o nome da banda? Se for bom, você pode colocar o cartaz.”

Ele me enfia um cartaz na cara — só o nome da banda escrito num garrancho.

“‘Barrytown’. ‘Barrytown’? Puta que o pariu. Não há limites pra sua arrogância?”

“Não tem a ver comigo. É por causa da música do Steely Dan. E que também toca em *The Commitments*.”

“Olha só, Barry. Você não pode se chamar Barry e ser o vocalista de uma banda chamada Barrytown. Soa simplesmente...”

“A banda já tinha essa porra de nome antes de eu entrar, tá bom? Não foi ideia minha.”

“Foi por isso que você conseguiu entrar na banda, não foi?”

Barry da Barrytown fica calado.

“Não foi?”

“Essa foi uma das razões por que eles me convidaram, sim. Mas...”

“Sensacional! Do caralho! Só te convidaram pra ser o vocalista por causa do nome! Claro que você pode colocar o cartaz, Barry. Quanto mais gente souber, melhor. Na janela não, tá? Pode colocar em cima dos suportes, ali.”

“Quantos ingressos separo pra você?”

Rio desenfreadamente, até minha barriga doer. “Ha, ha, ha. Ho, ho, ho. Para, Barry, você está me matando.”

“Você nem vai assistir?”

“Claro que não. Pareço alguém que ia querer sair de casa pra escutar barulheira experimental num pub horrível do norte de Londres? Onde vai ser?” Confiro no cartaz. “Na porra do Harry Lauder! Ha!”

“Grande parceiro, Rob. Você é um filho da puta cheio de amargura, sabia disso?”

Azedo. Amargo. Todo mundo parece concordar que meu sabor não é lá essas coisas.

“Amargura? Por que não vivo em Barrytown? Não achei que fosse tão óbvio. E você foi muito legal com o Dick e a Anna, né? Fez ela se sentir realmente parte da família Championship Vinyl.”

Eu tinha esquecido que desejava os mais puros votos de felicidade pro Dick e pra Anna. Como aquilo se enquadrava no meu azedume? Onde estava a amargura ali?

“O negócio com a Anna foi só brincadeira. Ela ficou numa boa. O problema é que... Não é minha culpa que você esteja se fodendo a torto e a direito na sua vida.”

“Ah, e você seria o primeiro da fila pra me ver tocar, né?”

“Talvez não o primeiro. Mas estaria lá.”

“O Dick vai?”

“Claro. E a Anna. E a Marie e o T-Bone.”

O mundo é assim tão generoso? Eu não fazia ideia.

Acho até que se alguém quisesse poderia entender isso como amargura. Não me vejo como um cara amargo, mas decepcionei a mim mesmo; pensei que acabaria me tornando uma pessoa um pouco melhor, e talvez essa decepção se manifeste da pior forma. Não é só o trabalho; não é só a história de chegar solteiro aos trinta e cinco, embora nada disso ajude. É... ah, sei lá. Vocês já olharam alguma vez pra uma foto de quando eram crianças? Ou fotos de famosos quando eram crianças? Me parece que esse tipo de fotografia é capaz de deixar a gente feliz ou triste. Tem uma foto adorável do Paul McCartney ainda molequinho, e da primeira vez que a vi me fez sentir bem: todo aquele talento, todo aquele dinheiro, todos aqueles anos de uma vida doméstica abençoada, um casamento sólido que nem rocha e filhos lindos, e ele ainda não sabia de nada. Mas aí tem outras — JFK e todos os fodidos e desaparecidos do rock, gente que ficou louca, gente que perdeu o rumo, gente que se tornou assassina, que sofreu ou causou sofrimento de inúmeras maneiras — e a vontade é dizer: parem por aí mesmo! Melhor do que isso não fica!

Nos últimos anos, minhas fotos de criança, aquelas que eu nunca queria que as antigas namoradas vissem... bom, essas fotografias passaram a provocar certo sentimento — não de infelicidade, exatamente, mas uma espécie de arrependimento profundo e silencioso. Tem uma em que estou de caubói, com um revólver apontado pra câmera, tentando parecer um caubói e não conseguindo, e hoje em dia mal posso olhar pra ela. A Laura achava uma doçura (ela usou essa palavra! Doçura, o contrário de azedo!) e pregou a foto na cozinha, mas coloquei de volta em alguma gaveta. Fico querendo me desculpar com o molequinho: “Desculpa, te decepcionei. Era eu a pessoa que devia ter cuidado de você, mas fiz besteira: tomei decisões erradas nas horas erradas, e você se transformou em mim”.

Sabe, ele teria gostado de ver a banda do Barry; não teria se incomodado tanto com os macacões do Ian, com a caneta com

luzinha da Penny (teria adorado a caneta com luzinha da Penny) ou com as viagens da Charlie pros Estados Unidos. Não teria entendido, na verdade, por que sou tão chato com coisas assim. Se ele pudesse estar aqui agora, se pudesse saltar dessa foto pra dentro da loja, sairia correndo direto pra porta, e dali pra rua e de volta a 1967, o mais rápido que suas perninhas permitissem.

23.

Um mês mais ou menos depois que foi embora, finalmente a Laura vem buscar as coisas dela. Não há discussão sobre o que pertence a quem; os discos bons são meus, enquanto a mobília melhor, a maior parte das coisas da cozinha e os livros de capa dura são dela. A única coisa que fiz foi separar uma boa pilha de discos e alguns CDs que dei pra ela de presente, coisas que eu é quem queria mas achei que ela ia gostar e que acabaram, de algum jeito, indo parar na minha coleção. Fui bem escrupuloso: ela não teria se lembrado de metade dos itens, e eu até podia ter ficado com eles, mas tirei um a um das estantes.

Estava com medo que ela trouxesse o Ian junto, mas não. Na verdade, a Laura se mostra muito desconfortável com o fato dele ter ligado.

“Esquece.”

“O Ian não tinha esse direito, e eu disse isso a ele.”

“Vocês ainda estão juntos?”

Ela olha pra mim pra ver se estou brincando, e então faz uma careta de “azar o seu” que, na verdade, não é lá muito atraente, pensando bem.

“E como vocês estão?”

“Não quero falar sobre isso, pra ser franca.”

“Tão mal assim, é?”

“Você entendeu.”

A Laura pegou emprestada a perua Volvo do pai durante o fim de semana, e aproveitamos cada centímetro do carro; quando terminamos, ela entra pra tomar uma xícara de chá.

“Está uma bagunça, né?” Vejo que passeia os olhos pelo apartamento, olhando pros espaços empoeirados e desbotados que suas coisas deixaram na parede, de modo que sinto que é melhor me prevenir das críticas.

“Por favor, dê uma ajeitada, Rob. Não vai te custar muito e deve fazer você se sentir melhor.”

“Aposto que você não está conseguindo entender por que ainda morava aqui.”

“Consigo, sim. Era porque queria estar com você.”

“Não, quero dizer, sabe... Quanto você está ganhando hoje? Quarenta e cinco paus? Cinquenta? E vivia neste buraco apertado em Crouch End.”

“Você sabe que eu não me importava. E a casa do Ray não é muito melhor.”

“Desculpa, será que dá pra gente esclarecer isso? Qual é o nome do cara, Ray ou Ian? Como é que você chama ele?”

“Ray. Odeio Ian.”

“Certo. Só pra saber. Enfim, como é a casa do Ian?” Infantil, mas me deixa feliz. A Laura faz sua cara de estoica sofredora. Já vi essa cara algumas vezes, posso garantir pra vocês.

“Pequena. Menor que aqui. Mas mais arrumada, e menos entulhada.”

“Isso porque o cara deve ter só uns dez discos. CDs.”

“O que faz dele uma pessoa horrível, é isso?”

“Pelos meus critérios, sim. O Barry, o Dick e eu chegamos à conclusão de que a pessoa não pode ser legal se tem...”

“Menos de quinhentos. É, eu sei. Você já me falou isso muitas e muitas vezes. Discordo. Acho que é possível ser legal sem ter um disco que seja.”

“Tipo a Kate Adie.”

Ela me encara, franze o cenho e abre a boca, seu jeito de indicar que sou um bobo. “Você sabe, com toda a certeza, que a Kate Adie não tem nenhum disco?”



“Bom, *nenhum*, não. Ela provavelmente tem alguns. Pavarotti e tal. Talvez alguma coisa da Tracy Chapman e um *Bob Dylan’s Greatest Hits*, e dois ou três dos Beatles.”

Ela começa a rir. Eu não estava brincando, pra ser franco, mas, se ela acha que sou engraçado, então posso numa boa fingir que estava.

“E aposto que ela é dessas pessoas que, nas festas, faz ‘ooh!’ no finzinho de ‘Brown Sugar’.”

“Pra você não existe crime maior do que esse, né?”

“A única coisa que se compara é cantar junto o refrão de ‘Hi Ho Silver Lining’ a plenos pulmões.”

“Eu fazia isso.”

“Não fazia.”

Agora a brincadeira acabou, e olho pra ela chocado. Ela grita.

“Você acreditou! Acreditou em mim! Acha que sou capaz de *qualquer coisa*.” Ela ri de novo, percebe que está se divertindo e para.

Dou a deixa. “É aqui que você deveria dizer que não ri assim faz séculos, e é aqui, também, que deveria perceber o erro que está cometendo.”

Ela faz uma cara de “e daí?”. “Você me faz rir muito mais do que o Ian, se é isso que está insinuando.”

Sorriso, fingindo estar satisfeito. Só que não estou fingindo estar satisfeito, estou satisfeito de verdade.

“Mas isso não faz nenhuma diferença, Rob. Sério. A gente podia rir até eu precisar de uma ambulância: não significa que vou tirar minhas coisas todas do carro e me mudar de volta pra cá. Eu já sabia que você me faz rir. É todo o resto que eu não sei.”

“Por que você simplesmente não admite que o Ian é um babaca e acaba com essa história? Ia fazer você se sentir melhor.”

“Você andou conversando com a Liz?”

“Por quê? Ela também acha que ele é um babaca? Interessante.”

“Não estrague tudo, Rob. A gente estava se dando bem hoje. Vamos continuar assim.”

Vou buscar a pilha de discos e CDs que separei pra ela. Ali está *The Nightfly*, do Donald Fagen, porque ela nunca tinha ouvido, e

algumas amostras de blues em coletâneas que resolvi que ela precisava ter, e um pouco de jazz pra dançar que comprei quando ela começou a frequentar uma academia de dança, embora o jazz de lá tenha acabado por se revelar bem diferente e francamente do pior gosto, e umas coisas de country, minha vã tentativa de fazer ela mudar de ideia sobre esse som, e...

Ela não quer ficar com nada.

"Mas são *seus*."

"Só que não são, na verdade, né? Sei que você comprou pra mim, e foi muito bacana da sua parte, mas isso era você tentando me transformar em você. Não posso levar. Já sei que eles vão ficar lá, só olhando pra mim e me deixando constrangida, e... esses discos não combinam com o resto do que é meu, entende? Aquele disco do Sting que você comprou... aquilo foi um presente *pra mim*. Gosto do Sting e você odeia. Mas o resto dessas coisas..." Ela pega a coletânea de blues. "Quem é Little Walter, meu Deus? Ou Junior Wells? Não conheço esses caras. Eu..."

"Tá, tá. Já entendi."

"Desculpa insistir nisso. Mas, sei lá, tem uma lição aqui, em algum lugar, e quero ter certeza de que você captou."

"Captei. Você gosta do Sting, mas não gosta do Junior Wells porque nunca ouviu falar dele."

"Você está sendo deliberadamente obtuso."

"É, na verdade, estou."

Ela levanta pra ir embora.

"Pois pense nisso."

E, mais tarde, penso: pra quê? De que serve pensar nesse troço? Se algum dia eu voltar a ter um relacionamento fixo, vou comprar pra ela, seja quem for, coisas que ela precisa gostar, mas não conhece; é pra isso que servem namorados novos. E não vou pegar dinheiro emprestado dela, espero, nem vou ter um caso, e ela não vai precisar de um aborto nem vai fugir com o vizinho, e aí não vai haver nada sobre o que pensar. A Laura não foi embora com o Ray porque comprei pra ela CDs que não faziam muito sua cabeça, e fingir que foi esse o motivo é simplesmente... simplesmente... *babaquice psicótica*. Se ela acha mesmo isso, então está vendo as

árvores da Amazônia sem enxergar a floresta. Se não posso comprar coletâneas pras minhas novas namoradas, melhor desistir, porque não tenho certeza se sei fazer outra coisa.

24.

Normalmente gosto do meu aniversário, mas hoje não estou muito no clima. Deviam cancelar o aniversário da pessoa em anos como este: devia haver uma lei, dos homens, senão da natureza, pela qual a idade da gente só pudesse aumentar com as coisas indo bem na vida. Pra que vou querer chegar aos trinta e seis num momento desses? Não quero. Não é conveniente. A vida de Rob Fleming está em suspenso, e ele se recusa a ficar mais velho. Por favor, guardem todos os cartões, bolos e presentes pra outra ocasião.

Na verdade, parece que é isso mesmo que o pessoal resolveu fazer. Lei de Murphy: meu aniversário caiu num domingo este ano, de modo que não há cartões e presentes; tampouco no sábado chegou alguma coisa. Não estava esperando nada do Dick ou do Barry, embora tenha contado pra eles no pub, depois do trabalho, e, com caras de culpados, eles me pagaram uma cerveja e me prometeram mundos e fundos (bom, fitas gravadas, pelo menos); mas nunca me lembro dos aniversários deles — ninguém lembra mesmo, só as mulheres —, então não tenho do que reclamar. Mas e a Laura? E os parentes? E os amigos? (Ninguém que vocês conheçam, mas tenho, sim, alguns, e vejo o pessoal de vez em quando, e um ou outro sabe o dia do meu aniversário.) Padrinhos? Mais alguém? Recebo um cartão da minha mãe, assinado também em nome do meu pai, mas pais não contam; se nem os amigos do sujeito mandam cartões, é porque ele deve estar mal mesmo.

Na manhã do dia propriamente dito, passo tempo demais fantasiando uma enorme festa surpresa organizada pela Laura, talvez ajudada pelos meus pais, que teriam fornecido os endereços e telefones de algumas pessoas que ela não conhecesse; chego a me pegar irritado por eles terem me enganado. Imagina se, sem avisá-los, resolvo me dar de presente uma ida solitária ao cinema? O que é que eles iam fazer então, hein? Iam ficar lá, todos escondidos dentro de algum armário qualquer, enquanto eu via a trilogia de *O poderoso chefão*, sessão única, no Scala. Seria bem feito. Decido não contar pra ninguém onde estou indo; vou deixar eles todos se espremendo no escuro, apertados e de mau humor. (“Pensei que você tinha ficado de ligar pra ele.” “Eu te disse que não ia ter tempo de fazer isso.” Etc.) Depois de algumas xícaras de café, porém, percebo que esse tipo de ideia não leva a nada, quer dizer, é provável que me leve à loucura, na verdade, e decido arranjar algo de bom pra fazer.

Tipo o quê?

Pra começar, vou até a locadora e alugo uma porrada de coisas que vinha guardando especialmente pra uma ocasião deprê como essa: *Corra que a polícia vem aí 2 1/2*, *O exterminador do futuro 2*, *Robocop 2*. Depois vou ligar pra uma galera e ver se tem alguém a fim de sair pra beber hoje à noite. O Barry e o Dick, não. A Marie, talvez, ou gente que eu não vejo há muito tempo. Aí é ver um ou dois dos filmes, beber uma cerveja e comer uns salgadinhos, talvez até umas Kettle Chips. Parece bom. Parece bem o tipo de aniversário que um cara de trinta e seis anos fresquinhos *deveria* ter. (Na verdade, é o único tipo de aniversário que um cara de trinta e seis anos fresquinhos pode ter — se for esse tipo de cara de trinta e seis anos fresquinhos sem esposa, família, namorada ou dinheiro, enfim. Kettle Chips! Vai se foder!)

Vocês pensaram que eu não ia encontrar nada disponível na locadora, né? Acharam que, sendo esta figura trágica, ia ser obrigado a ver alguma comédia de mistério com a Whoopi Goldberg que jamais foi lançada comercialmente nos cinemas deste país. Mas não! Está tudo lá, e saio da locadora com todas as porcarias que queria debaixo do braço. Acabou de dar meio-dia, de modo que

posso comprar umas cervejas; vou pra casa, abro uma latinha, fecho as cortinas pra me ver livre do sol de março e vejo *Corra que a polícia vem aí 2 1/2*, que se revela bem divertido.

Minha mãe liga justo quando estou colocando *Robocop 2* no videocassete, e mais uma vez fico decepcionado porque era ela, e não outra pessoa. Se o sujeito não consegue receber um telefonema nem da mãe no aniversário, aí sim está mal.

Mas ela é legal comigo. Acha bacana a ideia de eu passar o dia sozinho, ainda que deva estar magoada de eu preferir ficar sozinho a com ela e com meu pai. (“Você não quer ir ao cinema hoje à noite comigo, seu pai, a Yvonne e o Brian?”, ela me pergunta. “Não”, respondo. Só. Simplesmente “não”. Controlado, o rapaz?) Ela não consegue, na verdade, pensar em nada pra dizer depois disso. Deve ser difícil pros pais, acho, ver que as coisas não vão bem pros filhos, e que suas crianças não estão mais ao alcance de antigas vias pelas quais costumavam chegar a eles, que agora se tornaram estradas longas demais. Ela começa a falar de outros aniversários meus, aniversários em que acabei passando mal por comer centenas, milhares de sanduíches ou beber batidas de frutas demais, mas, apesar do vômito, aquelas foram ocasiões felizes, e não me anima muito ouvir minha mãe falar delas agora, por isso peço pra ela parar. E aí minha mãe passa àquela conversa lamurienta sobre como é que eu fui acabar desse jeito, resultado, eu sei, de impotência e pânico, mas hoje é meu dia, do jeito que for, e não estou preparado pra ouvir esse tipo de coisa também. Minha mãe fica numa boa quando eu mando ela calar a boca. Como ela ainda me trata como uma criança, meu aniversário é uma ocasião em que posso me comportar como uma.

A Laura liga no meio de *Robocop 2*, de um telefone público. Isso é interessante, mas talvez não seja o momento pra falar sobre o motivo — não com a Laura, de qualquer maneira. Talvez mais tarde, com a Liz ou alguém, mas não agora. É óbvio pra qualquer um que não seja um idiota completo que agora não é o momento.

“Por que você está ligando de um telefone público?”

"Estou?", ela diz. A resposta não é das mais suaves.

"Você precisou comprar um cartão ou colocar moedas pra falar comigo? Tem um cheiro horrível de mijó aí do lado? Se a resposta pra qualquer uma das duas perguntas for sim, é um telefone público. Por que você está ligando de um telefone público?"

"Pra te desejar feliz aniversário. Desculpe ter esquecido de te mandar um cartão."

"Não quis dizer..."

"É só que estava a caminho de casa, e..."

"Por que não chegou primeiro e ligou de lá?"

"De que serve eu te responder alguma coisa? Você pensa que já sabe a resposta mesmo."

"Só queria confirmar."

"Você está tendo um dia legal?"

"Nada mal. *Corra que a polícia vem aí 2 ½*: muito engraçado. *Robocop 2*: não tão bom quanto o primeiro. Até agora, pelo menos."

"Você está vendo filmes?"

"Estou."

"Sozinho?"

"É. Quer dar um pulo aqui? Ainda não vi *O exterminador do futuro 2*."

"Não posso. Preciso ir embora."

"Certo."

"Enfim."

"Como está seu pai?"

"No momento, não está tão mal, obrigada por perguntar."

"Que bom."

"Aproveite o dia, tá? Vá fazer alguma coisa legal. Não desperdice ele inteiro aí, na frente da tevê."

"Certo."

"Qual é, Rob. Não é minha culpa você estar sozinho. Não sou a única pessoa que você conhece. E estou pensando em você, não abandonei o barco, simplesmente."

"Manda um oi pro Ian, tá?"

"Muito engraçado."

"Sério."

“Sei. Muito engraçado.”

Peguei ela. Ele não quer que ela ligue, e ela não vai contar pra ele que ligou. Boa.

Fico um pouco perdido quando acaba *O exterminador do futuro 2*. Não são nem seis horas ainda e, embora eu tenha visto três ótimas porcarias em vídeo e bebido a maior parte de um pacote de cervejas, ainda não consegui me livrar da sensação de que não estou exatamente curtindo meu aniversário. Tenho jornais pra ler e fitas pra gravar, mas, sabem como é. Em vez disso, pego o telefone e começo a organizar minha própria festa surpresa no pub. Junto umas pessoas, esqueço que fui eu quem liguei pra elas, me mando pro Crown ou pro Queen’s Head ali pelas oito pra uma cerveja solitária e então acabo saudado por tapinhas nas costas de pessoas que jamais imaginaria encontrar ali, nem em um milhão de anos.

A coisa é mais difícil do que eu pensei, porém. Londres, né? Convidar as pessoas pra um ano sabático e uma viagem de volta ao mundo ou pra uma cerveja rápida mais tarde dá quase na mesma: mais tarde significa sempre mais tarde naquele mês, ou naquele ano, ou nos anos 90, mas nunca mais tarde naquela mesma noite. “Hoje?”, é o que todo mundo responde, o pessoal todo com quem não falo há meses, ex-colegas ou velhos amigos de faculdade. “Mais tarde *hoje à noite?*” Reagem espantados, chocados, meio que se divertindo com a ideia, mas a maioria simplesmente não acredita. Alguém que liga convidando pra um drinque hoje à noite, do nada, sem agenda à mão, sem relação de datas alternativas, sem uma demorada confabulação com o cônjuge? Ridículo.

Mas um ou outro mostra sinais de fraqueza, e os exploro sem piedade. E não são daquele tipo de gente fraca que diz: “Putz, eu não devia, mas estou mesmo a fim de uma cerveja”; são do tipo que não sabe dizer não. Não querem sair hoje, mas conseguem perceber o desespero na voz do outro, sem conseguir encontrar forças pra responder com a firmeza necessária.



Dan Maskell (verdadeiro primeiro nome Adrian, mas era inevitável) é o primeiro a fraquejar. Casado e com um filho, mora em Hounslow, é domingo à noite, mas foi fisgado e não vou deixar ele escapar.

“Alô, Dan? É o Rob.”

“E aí, cara?” (Agradavelmente surpreso até aqui, o que já quer dizer alguma coisa, acho.)

“Como é que tá?”

Aí conto pra ele como tenho passado, e então explico a triste situação — desculpa ligar assim, de última hora, meio atrapalhado aqui com os preparativos (consigo resistir a acrescentar que estou meio atrapalhado com a vida em geral), seria legal te ver mesmo assim, e por aí vou etc., e já posso sentir a hesitação na voz dele. E então — o Adrian é grande fã de música, daí termos nos achado na faculdade, daí termos mantido contato — tiro um coringa da manga e coloco no jogo.

“Já ouviu falar da Marie LaSalle? É uma cantora muito boa, faz um folk/country.”

Ele nunca ouviu falar dela, o que não surpreende, mas dá pra ver que ficou interessado.

“Bom, enfim, ela é uma... bom, uma amiga, e também vai aparecer lá, então... ela é ótima, vale a pena conhecer, e... não sei se...”

E praticamente está feito. Pra ser franco com vocês, o Adrian é meio idiota, por isso imaginei que a Marie seria uma boa isca. Por que quero passar a noite do meu aniversário bebendo com um idiota? É uma longa história, a maior parte da qual vocês já conhecem.

Steven Butler mora no norte de Londres, não tem esposa nem muitos amigos. Então por que não pode dar uma chegada hoje à noite? Porque já alugou um vídeo, por isso.

“Putá que o pariu, Steve.”

“Pô, você devia ter me ligado antes. Acabei de voltar da locadora.”

“Por que você não vê o filme agora?”

“Não. Me sinto meio estranho vendo vídeos antes do chá. É como se estivesse vendo só por ver, não sei se você me entende. E cada filme que vejo de dia é um a menos pra ver à noite.”

“De onde você tirou isso?”

“É um desperdício, né?”

“Vê de novo depois.”

“Ah, claro, tô cheio da grana, pra ficar dando duas libras pro cara da locadora todo dia.”

“Não estou falando pra você fazer isso todo dia. Estou... Escuta, te dou as duas libras, certo?”

“Sei não. Tem certeza?”

Tenho, e pronto: Dan Maskell e Steve Butler. Os dois não se conhecem, não vão gostar um do outro e não têm nada em comum, exceto uns poucos itens coincidentes em sua coleção de discos (o Dan não se interessa muito por música negra, o Steve não tem muito interesse por música de branco, cada um tem um punhado de discos de jazz). E o Dan espera encontrar a Marie, mas a Marie não espera encontrar o Dan, nem mesmo sabe da existência do cara. Acho que vai ser uma noite e tanto.

A Marie agora tem telefone, e o Barry tem o número, e ela fica feliz de eu ter ligado, e mais do que satisfeita por poder sair pra beber, e, se soubesse que é meu aniversário, provavelmente explodiria de alegria, mas, por alguma razão, decido não contar. Não tenho que convencê-la, o que ajuda, porque não acho que, a essa altura, pudesse aceitar uma recusa. Ela precisa fazer outra coisa antes, porém, de modo que passo uma angustiante hora completa só com o Dan e o Steve. Converso com o Dan sobre rock, enquanto o Steve observa um cara que deu sorte no caça-níqueis, e aí converso com o Steve sobre soul, enquanto o Dan faz aquela brincadeira com as bolachas da cerveja que só pessoas verdadeiramente irritantes sabem fazer. E aí os três falamos de jazz, e em seguida a conversa fica meio sem rumo, naquela linha “você trabalha com quê?” e tal, até o gás acabar outra vez e só nos restar observar todos juntos o sortudo do caça-níqueis.

A Marie, o T-Bone e uma moça muito jovem e muito loira e muito glamorosa, também americana, finalmente aparecem, em torno de quinze pras dez, de modo que só temos mais quarenta e cinco minutos de venda de bebida permitida. Pergunto o que querem

beber, mas a Marie não sabe e vai até o balcão comigo pra ver o que tem.

“Agora entendi o que você disse sobre a vida sexual do T-Bone”, digo enquanto esperamos.

Ela revira os olhos. “Ela não é uma coisa de louco? E sabe do que mais? É a mais feia que ele já namorou.”

“Fiquei feliz que você pôde vir.”

“O prazer é nosso. Quem são aqueles caras?”

“O Dan e o Steve. Conheço os dois faz anos. São meio chatos, infelizmente, mas sou obrigado a sair com eles, às vezes.”

“Uns pés de bagre, certo?”

“Como?”

“Chamo esse tipo de gente de pé de bagre. Mistura de pé no saco com cabeça de bagre. Gente que você não quer ver, mas que se sente obrigado.”

Pés de bagre. Na mosca. E tive que implorar, *pagar* pra saírem pra beber comigo no meu aniversário.

Nunca paro pra pensar nessas coisas, nunca. “Feliz aniversário, Rob”, o Steve diz quando coloco um copo cheio na frente dele. A Marie tenta me encarar — com cara de surpresa, imagino, mas também de profunda simpatia e compreensão infinita, só que não correspondo ao olhar dela.

A noite acaba sendo uma droga. Quando eu era criança, minha avó costumava passar a tarde do dia seguinte ao Natal com a avó de um amigo meu; minha mãe e meu pai iam beber com a mãe e o pai do Adrian, e ele e eu ficávamos brincando, enquanto as duas velhotas, sentadas na frente da tevê, trocavam amenidades. O problema é que as duas eram surdas, mas não importava: cada uma já ficava bem feliz com a versão da conversa que entendia, uma conversa com os mesmos vazios e assentimentos e sorrisos de qualquer conversa, só que sem as conexões entre uma coisa e outra. Fazia anos que não pensava nisso, mas é delas que me lembro hoje à noite.

O Steve me irrita do começo ao fim: ele tem essa mania de esperar até que a conversa esteja animada, e aí murmura alguma coisa no meu ouvido bem quando estou tentando falar ou escutar o

que alguém está dizendo. De modo que posso ou ignorá-lo e parecer mal-educado, ou responder, compartilhar com os outros o que estamos falando e mudar completamente o rumo do papo. E, assim que ele consegue que todo mundo esteja falando sobre soul ou *Star Trek* (o cara frequenta as convenções e tudo mais), ou sobre as melhores cervejas do norte da Inglaterra (o cara frequenta as convenções e tudo mais), assuntos sobre os quais nenhum de nós sabe nada, voltamos ao início do processo. O Dan não para de bocejar, a Marie é paciente, o T-Bone está irritadiço e a namorada dele, Suzie, está definitivamente chocada. O que veio fazer num pub xexelento com esses caras? Ela não tem ideia. Nem eu. Talvez a Susie e eu devêssemos sumir pra algum lugar mais reservado, esses fracassados aqui que se entendam. Eu podia continuar contando pra vocês como foi o resto da noite, mas vocês não iam curtir muito, então apresento uma amostra monótona e muito representativa:

MARIE:... simplesmente inacreditável, sério, uns *animais*. Eu estava cantando "Love Hurts" e um cara grita: "Comigo não vai doer nada, gata", e aí vomita na camiseta inteira, *sem sair do lugar*. Continua lá, gritando na direção do palco e dando risada com os amigos. [*Risos.*] Você estava lá, né, T-Bone?

T-BONE: Acho que sim.

MARIE: O T-Bone *sonha* com uns fãs assim delicados, né? Os lugares em que ele toca, vocês precisavam... [*Inaudível por causa de uma interrupção do...*]

STEVE: [*Cochichando no meu ouvido.*] Acabou de sair *The Baron* em vídeo, tá sabendo? Seis episódios. Lembra o tema de abertura?

EU: Não. Não lembro. [*Marie, T-Bone e Dan riem.*] Desculpa, Marie, perdi o que você disse. Você teve que fazer o quê?

MARIE: Eu estava contando desse lugar em que o T-Bone e eu...

STEVE: Era sensacional. Dã-dã-DÃ! Dã-dã-dã-DÃ!

DAN: Estou reconhecendo. *Man in a suitcase*?

STEVE: Não. *The Baron*. Acabou de sair em vídeo.

MARIE: *The Baron*? Quem era o ator?

DAN: Steve Forrest.

MARIE: Acho que essa série passava lá nos Estados Unidos. Não era aquela em que o cara... [*Inaudível por causa de uma interrupção do...*]

STEVE: [*Cochichando no meu ouvido.*] Você costuma ler *Voices from the Shadow*? Aquela revista de soul? Sensacional. É o Steve Davis o dono, sabia? O jogador de sinuca.

[*A Suzie faz uma careta pro T-Bone, que olha pro relógio.*]

Etc.

Nunca mais na vida essa combinação de pessoas vai se repetir em torno de uma mesa; fica óbvio que é simplesmente impossível de acontecer. Pensei que mais pessoas me proporcionariam uma sensação de segurança e conforto, mas não. Não conheço, na verdade, nenhuma delas, nem mesmo aquela com quem fui pra cama, e, pela primeira vez desde que terminei com a Laura, sinto uma vontade real de me jogar no chão e chorar. Estou com saudade de casa.

Geralmente são as mulheres que se deixam isolar mais nos relacionamentos: são elas que acabam vendo mais os amigos do namorado e fazendo mais as coisas que ele gosta de fazer (a pobre da Anna, tentando lembrar quem era Richard Thompson e sendo corrigida em seu gosto musical simplório), e então, quando são chutadas ou dão um pé na bunda do companheiro, descobrem que se afastaram demais dos amigos, pessoas que viram pela última vez três ou quatro anos antes. E, antes da Laura, assim era a vida pra mim e pras minhas parceiras, a maioria delas.

Mas a Laura... Não sei o que aconteceu. Eu gostava da galera dela, da Liz e dos outros que costumavam frequentar o Groucho. E, por alguma razão — imagino que o sucesso maior na carreira, comparativamente, e o adiamento de certas coisas que isso traz —, a galera dela era, em geral, mais solteira e mais flexível do que a minha. De modo que, pela primeira vez na vida, acabei no papel da mulher, deixando de lado os amigos por causa da pessoa com quem estava. Não que ela não gostasse dos meus amigos (não de amigos tipo o Dick e o Barry e o Steve e o Dan, mas dos amigos *mesmo*,

aqueles que deixei se afastarem). Só que gostava mais dos seus, e queria que eu gostasse deles, e eu gostava. Gostava mais dos amigos dela do que dos meus e, antes que me desse conta (nunca me dei conta, na verdade, até ser tarde demais), meu relacionamento com a Laura era o que me dava um lugar no mundo. E, se a gente perde o lugar no mundo, fica com saudade de casa. Faz sentido.

E agora? Sinto como se tivesse chegado ao fim da linha. Não como os suicidas do rock 'n' roll americano; mais no estilo inglês de Thomas, a Locomotiva. Fiquei sem vapor e fui parando devagar, no meio do nada.

"Aqueles caras são seus amigos?", a Marie pergunta no dia seguinte, quando me leva pra comer um sanduíche de pós-aniversário: bacon crocante e abacate.

"Não foi tão ruim assim. Eram só dois deles."

Ela olha pra mim pra ver se estou brincando. Quando dá risada, fica claro que estou.

"Mas era seu *aniversário*."

"Bom. Pois é."

"Seu *aniversário*. E aquilo é o melhor que você consegue fazer?"

"Digamos que fosse seu aniversário hoje e você quisesse sair pra beber. Quem você convidaria? O Dick e o Barry? O T-Bone? Eu? A gente não é bem os melhores amigos do mundo, certo?"

"Qual é, Rob. Aqui não é nem o meu *país*. Estou a milhares de quilômetros de casa."

Exatamente o que eu estava dizendo.

Observo os casais que entram na loja, e os casais que vejo em pubs, e em ônibus, e pela janela. Alguns, aqueles que conversam e se tocam e riem e ficam querendo saber um do outro, são obviamente novos e não contam: como a maioria das pessoas, não tenho problemas sendo uma das partes de um novo casal. São os mais estabelecidos, quietos, aqueles casais que já começaram a encarar a vida dando-se as costas ou lado a lado, em vez de cara a cara, que me interessam.

Não há muito o que decifrar nos rostos dessas pessoas, na verdade. Não tem nada muito diferente nelas, que as distinga de pessoas solteiras; tentem separar as pessoas com quem cruzarem ao acaso nas quatro categorias da vida — casadas e felizes, casadas e infelizes, solteiras e desesperadas — e vocês vão descobrir que não conseguem. Ou melhor, que conseguem, mas sem muita certeza da divisão que estão fazendo. Me parece incrível. A coisa mais importante da vida, e não dá pra afirmar quem tem e quem não tem. Será que isso não está errado? Certamente as pessoas que são felizes deviam *parecer* felizes, o tempo inteiro, não importando quanto dinheiro tenham ou se seus sapatos estão apertados ou se o bebê dormiu pouco à noite; e pessoas que estão numa boa, mas sem ter encontrado ainda sua cara-metade, deviam parecer, sei lá, numa boa mas ansiosas, como o Billy Crystal em *Harry & Sally*; e as pessoas desesperadas deviam usar alguma coisa, quem sabe uma fita amarela, que permitisse serem identificadas por outras pessoas igualmente desesperadas. Quando eu não estiver mais desesperado, quando tiver resolvido essa situação toda, prometo pra vocês, aqui e agora, que nunca, jamais volto a reclamar de que a loja está indo mal, ou da falta de alma da música pop moderna, ou do recheio mirrado do sanduíche aqui da esquina (uma libra e sessenta por maionese com bacon crocante, e nenhum de nós, até hoje, foi premiado com mais do que quatro pedaços de bacon), ou de coisa nenhuma. Vou andar por aí radiante, beatificado, de puro *alívio*.

Nada demais — e com isso quero dizer menos ainda do que o normal — acontece por algumas semanas. Encontro a gravação de “All Kinds of Everything” numa loja de bugigangas usadas perto do apartamento, compro o disco por quinze pence e, quando o Johnny aparece, dou de presente pra ele, com a condição de que vá se foder e deixe a gente em paz pra sempre. O cara volta no dia seguinte dizendo que estava riscado e pedindo seu dinheiro de volta. A Barrytown faz uma estreia triunfal no Harry Lauder, abalando as estruturas do lugar com uma farra inacreditável, e vários caras ali davam pinta de ser da gravadora A&R, e ficaram absolutamente

pirados, e sério, Rob, você devia ter visto (a Marie dá risada quando pergunto pra ela como foi o show, e ela diz que todo artista já teve um início de carreira). O Dick tenta arranjar companhia pra mim, uma amiga da Anna de vinte e um anos, mas não aceito o convite dele pra sairmos de casal; vemos a Marie tocar numa casa especializada em folk em Farringdon, e penso na Laura muito mais do que na Marie nas músicas tristes, mesmo ela tendo dedicado uma das canções "aos caras da Championship Vinyl"; saio pra beber com a Liz e ela mete a boca no Ray a noite toda, o que é ótimo; e aí o pai da Laura morre e tudo muda.



25.

Recebo a notícia na mesma manhã que ela. Ligo da loja com a intenção de deixar uma mensagem; é mais fácil assim, e só quero mesmo avisá-la de uma ex-colega dela que deixou um recado na nossa secretária eletrônica. Na minha secretária eletrônica. Na secretária eletrônica dela, se o critério for a propriedade legal da máquina. Enfim. Não estava esperando que a Laura atendesse, mas ela atende e o som da voz parece que vem do fundo do mar. Abafado, baixo, grave, enterrado em muco da primeira à última sílaba.

“Meu Deus, isso aí é um resfriado e meio. Espero que você esteja na cama com um livrinho e uma boa bolsa de água quente. Aqui é o Rob, aliás.”

Ela não diz nada.

“Laura? É o Rob.”

Nada.

“Tá tudo bem?”

E aí vem um momento terrível.

“Pocilga”, ela diz, embora o início da palavra não soe melhor do que um ruído, na verdade, então o “pocil” é apenas uma estimativa aproximada.

“Não esquente com isso”, digo. “Só vá pra cama e esqueça. Deixe pra se preocupar quando estiver melhor.”

“Pocil morreu”, ela responde.

“Quem é esse Pocil, cacete?”

Desta vez consigo ouvir. “Meu pai morreu”, ela soluça. “Meu pai, meu pai.”

E então desliga.

Penso em gente morrendo o tempo todo, mas esses pensamentos são sempre com pessoas ligadas a mim. Já pensei em como ia me sentir se a Laura morresse, e como ela ia se sentir se eu morresse, e como seria se minha mãe ou meu pai morressem, mas nunca se fossem a mãe ou o pai da Laura. Não teria por quê, né? E, ainda que ele estivesse doente durante todo o tempo do nosso relacionamento, isso nunca me incomodou realmente: era meio que a mesma coisa que meu pai usar barba — o dela tinha angina. Nunca pensei que isso fosse chegar a ter uma *consequência*. Agora que ele se foi, claro, queria ter... o quê? Queria o quê? Ter sido mais amistoso com ele? Fui perfeitamente amistoso nas poucas vezes em que nos encontramos. Que tivéssemos sido mais próximos? Era meu sogro, e éramos muito diferentes, e ele estava doente, e... éramos próximos na medida em que precisávamos ser. Quando as pessoas morrem, a gente deve, supostamente, desejar coisas, se encher de remorsos, se culpar por todos os erros e omissões, e aqui estou, fazendo o melhor que posso. Só que não consigo achar erros ou omissões. Ele era o pai da minha namorada, entendem? O que eu deveria sentir?

“Tá tudo bem?”, pergunta o Barry, quando me vê olhando fixo pro nada. “Com quem você estava falando?”

“Com a Laura. O pai dela morreu.”

“Ah, certo. Que droga.” E ele toma o rumo do correio com uma pilha de encomendas pra postar. Estão vendo? Da Laura pra mim, de mim pro Barry: do luto à confusão a um leve e passageiro interesse. O Barry é o cara certo pra esse negócio de anestésiar a dor da morte. Por um momento parece estranho que essas duas pessoas, uma delas tão alucinada de sofrimento que mal consegue falar, a outra sem demonstrar suficiente curiosidade nem pra um dar de ombros, se conheçam; estranho que seja eu a ligação entre essas duas pessoas, estranho até que vivam no mesmo lugar e na mesma época. Mas o fato é que o Ken era o pai da ex-namorada do chefe do Barry. O que ele deveria sentir?

A Laura liga de volta mais ou menos uma hora mais tarde. Não esperava que ela ligasse.

“Desculpa”, ela diz. Continua difícil entender o que está falando, com o muco e as lágrimas e o tom e o volume.

“Não, não.”

Aí ela chora durante um tempo. Não digo nada até que se aquiete um pouco.

“Quando você vai pra casa?”

“Daqui a um minuto. Assim que me acalmar.”

“Posso fazer alguma coisa?”

“Não.” E então, depois de um soluço: “Não”, repete, como se ela se desse conta, afinal, de que não tem nada que ninguém possa fazer por ela, e que fosse a primeira vez na vida em que se via nessa situação. Sei que eu mesmo nunca me vi. Tudo o que deu errado pra mim até hoje pôde ser resolvido pelo passe de mágica de um gerente de banco, ou pela súbita mudança de ideia de uma namorada, ou por alguma virtude — determinação, autoconsciência, capacidade de recuperação — que, procurando bem, era possível encontrar em mim mesmo. Não quero ter que encarar o tipo de infelicidade que a Laura está sentindo nunca. Se as pessoas precisam morrer, que não seja perto de mim. Quanto a minha mãe e meu pai, isso está resolvido. Quando eles se forem, nem vou chegar a sentir direito.

No dia seguinte ela liga de novo.

“Minha mãe quer que você vá ao funeral.”

“Eu?”

“Meu pai gostava de você. Parece. E minha mãe não contou que a gente tinha se separado, porque ele não estava em condições e... ah, sei lá. Não entendo bem, na verdade, e não vou me dar ao trabalho de discutir. Acho que ela pensa que ele vai ver tudo. É tipo...” Ela faz um ruído estranho, parecido com uma risadinha maníaca. “Ela está agindo como se, depois de tudo o que meu pai passou, tendo morrido agora e tudo mais, não quisesse chatear ele ainda mais do que em vida.”

Eu sabia que o Ken gostava de mim, mas nunca consegui descobrir muito por quê, exceto por aquela vez em que ele estava atrás da gravação de *My Fair Lady* com o elenco do musical original em Londres e eu achei o disco numa feira e mandei pra ele. Estão vendo o que se pode conseguir com atos de bondade gratuitos? Ir parar numa porra de um funeral, é isso o que se consegue.

“Você quer que eu vá?”

“Não me importo. Desde que você não espere ficar de mão dada comigo.”

“O Ray vai?”

“Não, o Ray não vai.”

“Por que não?”

“Porque não foi convidado, tá bom?”

“Por mim não tem problema, sabe, se você quiser que ele vá.”

“Ah, isso é tão bacana da sua parte, Rob. Afinal, hoje é sobre você.”

Meu Deus.

“Escuta, você vai ou não?”

“Vou, claro.”

“A Liz te dá uma carona. Ela sabe onde é e tudo mais.”

“Legal. E como você está?”

“Não estou com tempo pra conversar, Rob. Tenho muito o que fazer.”

“Claro. Te vejo na sexta.” Desligo sem dar tempo pra alguma resposta, só pra ela saber que estou magoado, e aí quero ligar de volta pra me desculpar, mas sei que não devo. Parece que a gente nunca consegue fazer a coisa certa por uma pessoa depois que não está mais indo pra cama com ela. Não consegue enxergar um caminho de volta, um acesso direto ou um desvio até lá, não importa o quanto tente.

Não existe quase nenhuma música pop sobre a morte — quase nenhuma música pop boa, pelo menos. Talvez seja por isso que gosto de pop, e a razão pela qual acho música clássica um pouco atemorizante. Teve aquela música instrumental do Elton John, “Song

For Guy”, mas, sabem como é, era só aquele blim-blim de piano que funcionaria tão bem num aeroporto quanto num funeral.

“Tá, as cinco melhores músicas pop sobre a morte.”

“Sensacional”, diz o Barry. “Uma lista como tributo ao pai da Laura. Tá, tá. ‘Leader of The Pack’. O cara morre num acidente de moto, certo? E tem também ‘Dead Man’s Curve’, do Jan & Dean, e ‘Terry’, da Twinkle. Hummm... aquela do Bobby Goldsboro, sabem qual? ‘And Honey, I Miss You...’” Ele canta a música fora de tom, ainda mais desafinado do que normalmente, e o Dick ri. “E que tal ‘Tell Laura I Love Her’. Essa traria a plateia abaixo.” Que bom que a Laura não está aqui pra ver como estamos nos divertindo com a morte do pai dela.

“Eu estava tentando pensar em músicas sérias, sabe. Alguma coisa um pouco mais respeitosa.”

“O quê, vai dizer que você é o DJ do funeral? Ih. Que roubada. Mas, ainda assim, a do Bobby Goldsboro podia ser uma das baladas. Pra quando o pessoal precisasse de um respiro, sabe. A mãe da Laura podia cantar.” Ele mesmo canta, o mesmo verso, de novo desafinado, mas desta vez em falsete pra mostrar que quem cantaria seria uma mulher.

“Vai se foder, Barry.”

“Já resolvi as que vou querer no meu funeral. ‘One Step Beyond’, do Madness. ‘You Can’t Always Get What You Want.’”

“Só porque tem uma cena com ela em *O reencontro*.”

“Nem vi *O reencontro*, tá?”

“Seu mentiroso filho da mãe. Viu, sim, naquela sessão dose dupla do Lawrence Kasdan, junto com *Corpos ardentes*.”

“Ah, é. Mas já tinha esquecido, sério. Não estava simplesmente roubando a ideia.”

“Não muito.”

E por aí vai.

Mais tarde tento de novo.

“‘Abraham, Martin and John’”, arrisca o Dick. “Essa é bem legal.”

“Qual era o nome do pai da Laura?”

“Ken.”

“‘Abraham, Martin, John and Ken’. Não, acho que não fica bom.”

“Vai se foder.”

“Black Sabbath? Nirvana? Só gente ligada em morte.”

E assim velamos o Ken na Championship Vinyl.

\* \* \*

Já pensei no que ia querer que tocasse no meu funeral, embora nunca tenha deixado vazar o *set list* pra não matar ninguém de rir. ‘One Love’, do Bob Marley; ‘Many Rivers To Cross’, do Jimmy Cliff; ‘Angel’, da Aretha Franklin. E sempre fantasiei que alguém linda e toda chorosa insistiria pra tocar ‘You’re the Best Thing that Ever Happened to Me’, da Gladys Knight, mas não consigo imaginar quem seria essa pessoa linda e toda chorosa. No meu funeral mando eu, porém, e tenho direito de ser generoso e sentimental. Isso não resolve a questão levantada pelo Barry, ainda que ele não tenha percebido o que fazia: temos alguns zilhões de horas de gravações aqui, e nem um só minuto de toda essa música é capaz de expressar o que a Laura está passando neste momento.

Tenho apenas um terno, cinza-escuro, usado pela última vez num casamento, há três anos. Não me serve mais direito, está apertado em todos os lugares mais óbvios, mas vai ter que ser esse mesmo. Passo minha camisa branca, acho uma gravata que não seja de couro com saxofones estampados e fico esperando a Liz vir me pegar. Não estou levando nada — os cartões que vi na banca de jornais eram horríveis. Pareciam o tipo de coisa que os membros da Família Adams mandariam uns pros outros de aniversário. Se pelo menos eu já tivesse ido num funeral alguma vez na vida... Um dos meus avôs morreu antes de eu nascer, o outro quando eu era muito pequeno; ambas as avós ainda estão vivas, se é que se pode definir assim, mas nunca vejo elas. Uma vive numa casa de repouso, a outra com a tia Eileen, irmã do meu pai. E, quando as duas morrerem, não dá pra dizer que vai ser o fim do mundo. Tipo, sabem como é, uau, parem as máquinas, morre pessoa muito idosa.

E, embora eu tenha amigos que tiveram amigos que morreram — um cara gay com quem a Laura estudou na faculdade tinha aids, um amigo do meu amigo Paul morreu num acidente de moto, e muitos outros amigos perderam pais —, taí uma coisa da qual sempre consegui me esquivar. Mas agora começo a ver que, pelo resto da vida, vou fazer o que estou fazendo hoje. Duas avós, minha mãe e meu pai, tias e tios e, a menos que eu seja a última pessoa do meu círculo mais próximo a partir, um dia — mais cedo do que tarde, se a gente considerar que um ou outro vai acabar sendo chamado antes do que deveria — uma porrada de gente da minha idade. Começo a pensar nisso e a sensação é terrivelmente opressiva, como se eu tivesse pela frente três ou quatro dias assim por semana pelos próximos quarenta anos, e nem tempo nem vontade pra fazer outra coisa da vida. Como é que as pessoas conseguem? A gente é obrigado a comparecer? O que acontece se a gente se recusar, alegando que é simplesmente uma porra de um troço assustador demais? (“Sinto muito por você e tudo mais, Laura, mas não é bem o tipo de ambiente que eu curto, entende?”) Acho que não sou capaz de aguentar ter que envelhecer mais, e começa a crescer em mim uma admiração ressentida pelos meus pais, só pelo fato deles já terem ido numa porrada de funerais e nunca terem se queixado disso, ao menos não pra mim. Talvez não tenham imaginação pra enxergar que funerais são, na verdade, mais deprimentes ainda do que parecem.

Se é pra ser franco, devo dizer que só estou indo porque isso pode me trazer alguma vantagem a longo prazo. Será que é possível dar uma escapada com a ex-namorada durante o funeral do pai dela? Tendo a achar que não. Mas nunca se sabe.

“Então o vigário diz umas coisas legais, e aí o que mais? A gente segue em cortejo ao ar livre e vai enterrar ele?”

A Liz está me instruindo a respeito.

“Lá é um crematório.”

“Tá de sacanagem.”

“Claro que não estou, bobo.”

“Um crematório? Meu Deus.”

“Que diferença faz?”

“Bom, nenhuma, mas... meu Deus.” Eu não estava preparado pra isso.

“Que foi?”

“Não sei, mas é que... puta que o pariu.”

Ela solta um suspiro. “Quer que eu te deixe em alguma estação de metrô?”

“Não, claro que não.”

“Então cala a boca.”

“É que não quero acabar desmaiando, só isso. Se eu desmaiar por não estar bem preparado, a culpa é sua.”

“Que espécime patético você é. Você sabe que ninguém *gosta* dessas coisas, não sabe? Sabe que todos nós vamos passar uma manhã das mais terríveis e inquietantes, né? Que não é só você. Fui numa cremação só na vida e odiei. E não seria mais fácil mesmo se tivesse comparecido a mais de cem. Pare de se comportar feito um bebê.”

“Por que o Ray não vai? O que você acha?”

“Não foi convidado. Ninguém da família conhece ele. O Ken simpatizava com você, e a Jo te acha o máximo.” A Jo é a irmã da Laura, e acho ela o máximo. É parecida com a Laura, mas sem os terninhos da moda, ou a língua afiada, ou os certificados e diplomas.

“Só isso?”

“O Ken não morreu pra você se dar bem, sabe. Até parece que todos têm que ser coadjuvantes no filme da sua vida.”

Claro. E não é assim com todo mundo?

“Seu pai já morreu, né?”

“Sim. Faz um tempão. Eu tinha dezoito anos.”

“A morte dele te deixou abalada?” Terrível. Idiota. “Por muito tempo?” Salvo. Por um triz.

“Ainda abala.”

“De que jeito?”

“Não sei. Continuo a sentir falta dele, e penso nele. Falo com ele, às vezes.”

“O que você diz?”



“Isso só interessa a ele e a mim.” Mas ela diz a frase com delicadeza e um sorrisinho. “Ele sabe mais de mim agora que está morto do que sabia quando era vivo.”

“E de quem é a culpa disso?”

“Dele. Era um Pai Estereótipo, sabe, sempre ocupado demais, cansado demais. Eu costumava me sentir mal com isso, depois que ele se foi, mas no fim me dei conta de que era só uma garotinha, e uma garotinha bem boazinha, aliás. A coisa era com ele, não comigo.”

Isso é incrível. Vou começar a cultivar amizades com pessoas cujos pais, ou amigos, ou cônjuges, tenham morrido. São as pessoas mais interessantes do mundo. E acessíveis também! Estão aí, à nossa volta! Mesmo que astronautas ou ex-Beatles ou sobreviventes de naufrágios possam ter mais o que contar — e duvido —, a gente nunca encontra com um deles mesmo. Pessoas que conhecem pessoas mortas, algo que a Barbra Streisand podia ter cantado, mas não cantou, são as pessoas mais sortudas do planeta.

“E ele foi cremado?”

“Que importância isso tem?”

“Sei lá. Só fiquei interessado. Porque você falou que já foi numa cremação, aí fiquei pensando, sabe...”

“Eu esperaria uns dias antes de começar a encher a Laura com perguntas como essas. Não é o tipo de experiência de vida que se presta a papinhos casuais.”

“Esse é seu jeito de me dizer pra calar a boca, certo?”

“Certo.”

Certo.

O crematório fica no meio do nada, e deixamos o carro num estacionamento enorme, quase vazio, depois caminhamos até edifícios recém-construídos horrorosos, chamativos demais. Falta seriedade neles. Não dá pra imaginar que vão queimar pessoas ali; dá pra imaginar, sim, algum novo e suspeito grupo religioso se reunindo toda semana pra uma cantoria animada. Não deixaria meu velho ser enterrado neste lugar. Acho que precisaria da ajuda de certa atmosfera pra dar um empurrãozinho no sofrimento, e não ia conseguir isso cercado de tijolinhos aparentes e pinho.

É um multiplex com três capelas. Tem até um cartaz na parede pra dizer qual é a atração em cada uma e o horário:

CAPELA 1 — 11h30 sr. E. Barker

CAPELA 2 — 12h00 sr. K. Lydon

CAPELA 3 — 12h00

Boas notícias na capela três, ao menos. Cremação cancelada. Número de mortos superestimado, ha ha. Sentamos na recepção e esperamos, o lugar começando a encher. A Liz faz um cumprimento de cabeça pra algumas pessoas que não conheço; tento pensar em nomes de homens começados por E. Minha esperança é que na Capela 1 o velório seja de um velho, pois, quando as pessoas daquele velório saírem, não quero vê-las transtornadas demais. Eric. Ernie. Ebenezer. Ethelred. Ezra. Tá tudo bem. Todo mundo rindo. Bom, rindo não, exatamente, mas o cara tem pelo menos quatrocentos anos, seja ele quem for, e ninguém vai estar muito abalado nessas circunstâncias, certo? Ewan. Edmund. Edward. Caralho. Pode ser alguém de qualquer idade.

Ninguém chorando na recepção ainda, mas tem algumas pessoas num canto que, dá pra ver, antes que a manhã acabe já terão superado. São todas de meia-idade e conhecem o negócio. Falam baixo, apertam mãos, distribuem sorrisos cansados, aqui e ali beijos; e aí, sem motivo algum que eu possa detectar, e me sinto irremediavelmente sem noção de nada, perdido, ignorante, levantam e marcham porta adentro de onde está escrito Capela 2.

Pelo menos ali dentro está escuro, de modo que fica mais fácil entrar no clima. O caixão está posicionado lá adiante, levemente elevado do nível do chão, mas não consigo ver o que tem dentro; Laura, Jo e Janet Lydon ocupam a primeira fila, cada uma bem perto da outra, ao lado de uns homens que não conheço. Cantamos um hino, rezamos, o vigário faz um breve e insatisfatório sermão, alguma coisa que consulta no livro dele, e aí outro hino e, de repente, o estrondo de um mecanismo nos dá um sobressalto, e é o

caixão que desce lento, desaparecendo no chão. E é nesse momento que, de um ponto à nossa frente, vem um uivo terrível, um ruído tenebroso que não quero escutar: mal consigo distinguir, naquilo, a voz da Laura, mas sei que é a voz dela, e que na mesma hora quero correr até lá e me prontificar a ser uma pessoa diferente, a apagar qualquer vestígio do que sou, em troca apenas de que a Laura me deixe cuidar dela e tentar fazê-la se sentir melhor.

Quando saímos pra luz, o pessoal se junta em torno da Laura e da Jo e da Janet e as abraça; quero fazer a mesma coisa, mas não vejo jeito. A Laura, porém, percebe que a Liz e eu estamos por ali, circundando o grupo, e vem até a gente, e agradece por termos vindo e fica abraçada conosco um tempão e, quando nos deixa, sinto que não preciso me prontificar a ser outra pessoa: isso já aconteceu.

26.

Na casa dos pais dela, a coisa melhora. Dá pra sentir que o pior já passou, e a sala é preenchida por uma calma cansada, tipo a calma cansada do estômago depois que a gente passa mal. Já é até possível escutar o pessoal conversando sobre outros temas, embora ainda grandes temas — trabalho, filhos, a vida. Ninguém conversa sobre o consumo de gasolina do seu Volvo, ou sobre os nomes que escolheriam pra um cachorro. A Liz e eu pegamos uma bebida e nos encostamos numa estante de livros no canto exatamente oposto à entrada, e conversamos uma coisinha aqui, outra ali, mas na maior parte do tempo ficamos observando as pessoas.

É gostoso estar nesta sala, ainda que a razão pra estar aqui não seja das melhores. Os Lydon vivem numa casa vitoriana grande, velha e caída e abarrotada de coisas — mobília, quadros, ornamentos, plantas — que não combinam, mas é óbvio que foram escolhidas com cuidado e bom gosto. A sala em que estamos exhibe um enorme e esquisito retrato de família pendurado na parede sobre a lareira. Nele, as meninas têm dez e oito anos. As duas estão usando o que parecem ser vestidos de damas de honra, e posam acanhadas ao lado do Ken; há um cachorro, Allegro, Allie, que morreu antes de eu começar a namorar a Laura, e ele aparece na frente delas, tapando-as em parte. O cachorro tem as patas apoiadas na barriga do Ken, que está afagando o pelo do bicho e sorrindo. A Janet surge um pouquinho atrás, afastada dos outros, e

observa o marido. A família inteira está bem mais magra (e borrada, mas pintura é isso aí) do que é na vida real. É arte moderna, inteligente e divertida, e claramente feita por alguém que conhecia o ofício (a Laura me contou que a pintora fez exposições e tudo mais), mas é obrigada a competir com a lontra empalhada, apoiada no consolo da lareira, abaixo, e com aquele tipo de mobília antiga e escura que odeio. Ah, e tem uma rede num canto, lotada de almofadas, e uma enorme parede preta de equipamentos de som de alta fidelidade no outro, o maior tesouro do Ken, apesar das pinturas e das antiguidades. É tudo uma bagunça, mas a gente é compelido a amar a família que vivia ali, porque simplesmente vê que era um pessoal interessante e bom e afável. Me dou conta agora de que curtia fazer parte dessa família e, embora costumasse reclamar de ter que vir aqui em fins de semana e tardes de domingo, nenhuma vez me entediei. Passados uns minutos, a Jo vem se juntar a nós, nos beija e agradece por termos vindo.

“Como você está?”, a Liz quer saber, mas a pergunta soa solidária porque tem aquela ênfase significativa em *está*. A Jo dá de ombros.

“Estou bem. Acho. E a mamãe até que não está mal, mas a Laura... sei não.”

“As últimas semanas já vinham sendo bem dureza sem isso”, observa Liz, e sinto uma pequena onda de algo parecido com orgulho: a referência é a *mim*. Sou eu quem tem feito a Laura se sentir assim. Eu e mais uns outros, enfim, inclusive ela própria, mas não importa. Tinha esquecido que era capaz de fazer a Laura sentir o que quer que seja e, de qualquer forma, é esquisito ser lembrado da própria força emocional no meio de um funeral que, pela minha pouca experiência, é quando se perde a noção dessas coisas de uma vez.

“Ela vai ficar bem”, continua a Liz, assertiva. “Mas é duro quando a gente está empenhada com todas as forças num lado da vida que, de repente, percebe que é o lado errado.” Ela me olha de relance, subitamente constrangida, ou se sentindo culpada, ou coisa parecida.

“Não se incomodem comigo”, digo pra elas. “Sério. Sem problemas. Simplesmente finjam que estão falando de outra

pessoa.” Falei na boa, de verdade. Só estava dizendo que, se elas quisessem conversar sobre a vida amorosa da Laura, sob qualquer aspecto, não me importaria, hoje certamente não.

A Jo sorri, mas a Liz me dá uma encarada. “Estamos falando de outra pessoa. Da Laura. Da Laura e do Ray, na verdade.”

“Isso não é justo, Liz.”

“Ah, não?”, ela arqueia uma sobrancelha, como se eu estivesse sendo insubordinado.

“E não me venha com essa porra de ‘ah, não?’” Algumas pessoas olham em volta ao ouvir o palavrão, e a Jo põe a mão no meu braço. De repente estou enfurecido e não sei como me acalmar. Parece que passei as últimas semanas inteiras com a mão de alguém no meu braço: não posso conversar com a Laura porque ela está morando com outro e me liga de telefones públicos e tenta fingir que não, e não posso conversar com a Liz porque ela sabe do dinheiro e do aborto e que tive um caso, e não posso conversar com o Barry e com o Dick porque eles são o Barry e o Dick, e não posso conversar com os meus amigos porque não converso com os meus amigos, e não posso falar nada agora porque o pai da Laura morreu, e tenho que simplesmente engolir, porque senão viro um sujeitinho mau, com ênfase no sujeitinho, autocentrado, cego e idiota. Pois *não sou* isso, não o tempo todo, pelo menos, e sei que este não é o lugar certo pra dizer essas coisas — não sou tão tapado —, mas quando é que vou dizer então?

“Desculpa, Jo. Desculpa mesmo.” Volto a falar no volume murmurante do funeral agora, ainda que pareça que estou gritando. “Mas, sabe, Liz... Minha escolha é entre me defender às vezes ou acreditar em qualquer coisa que você diga sobre mim e acabar me odiando cada minuto do dia. E talvez você ache que é o que eu devia fazer, mas isso não é vida, entende?”

A Liz dá de ombros.

“Não é o suficiente, Liz. Você está muito errada e, se não percebe, é mais tapada do que eu achava.”

Ela solta um suspiro teatral, então percebe a expressão no meu rosto.

“Talvez eu tenha sido um pouco injusta. Mas agora não é hora.”

“Porque nunca é hora. A gente não pode seguir se desculpando o resto da vida, sabe?”

“Se ‘a gente’ significa os homens, uma vez só já estaria bom.”

Não vou sair pisando firme do funeral do pai da Laura. Não vou sair pisando firme do funeral do pai da Laura. Não vou.

Saio pisando firme do funeral do pai da Laura.

Os Lydon vivem a alguns quilômetros da cidadezinha mais próxima, Amersham, que não sei pra que lado fica, de qualquer forma. Viro uma esquina, depois outra, e chego a uma espécie de rua principal onde vejo um ponto de ônibus, mas não daquele tipo animador: não tem ninguém esperando, nem muito mais coisa por ali — uma fileira de casas grandes de um lado da via, um campo pra esportes do outro. Fico esperando um tempo, congelando dentro do terno, mas justo quando acabei de me dar conta de que aquele é o tipo de ponto de ônibus que requer um investimento de alguns dias, e não de alguns minutos, enxergo um Volkswagen verde conhecido entrando na rua. É a Laura vindo me procurar.

Sem pensar, pulo o muro que separa um dos casarões da calçada e deito estirado em cima do canteiro de alguém. Está úmido. Mas prefiro ficar encharcado até os ossos do que ver a Laura ensandecida porque desapareci, então permaneço onde estou pelo tempo que é humanamente possível. Cada vez que penso que cheguei ao fundo do poço, arranjo um jeito de descer ainda mais, só que sei que pior que isso não fica, e que seja lá o que me acontecer daqui pra frente, por mais pobre ou imbecil ou solteiro que eu venha a me tornar, esses poucos minutos vão permanecer comigo como um farol luminoso de alerta. “É pior do que ficar deitado de cara pro chão num canteiro depois de ter saído do funeral do pai da Laura?”, vou me perguntar quando o oficial de justiça bater na loja, ou quando a próxima Laura for embora com o próximo Ray, e a resposta há de ser, sempre: “Não”.

Quando não estou mais aguentando, quando minha camisa já ficou translúcida e meu paletó rajado de lama, quando sinto pontadas de dor — câimbra ou reumatismo ou artrite, sabe Deus —

nas pernas, levanto e bato a roupa; e aí a Laura, que, óbvio, tinha ficado o tempo todo esperando estacionada junto ao ponto de ônibus, baixa o vidro e me diz pra entrar no carro.

O que aconteceu comigo durante o funeral foi alguma coisa assim: percebi, pela primeira vez, o quanto a ideia de morrer me assusta, e a ideia de outras pessoas morrerem, e o quanto esse medo tem me impedido de fazer todo tipo de coisa, tipo parar de fumar (porque, se a gente leva a morte a sério demais ou não a leva suficientemente a sério, como eu vinha fazendo até agora, pra que parar?), e pensar sobre a vida, especialmente o trabalho, de modo que incluía o conceito de futuro (por demais atemorizante, porque o futuro conduz à morte). Mas, acima de tudo, isso tem me impedido de manter um relacionamento, porque, se o relacionamento começa a durar, você fica dependente da vida daquela pessoa, e aí, se ela morre, o que vai acabar acontecendo, a menos que haja circunstâncias excepcionais, tipo ela ser um personagem de livro de ficção científica... bom, é como estar no lago sem o pedalinho, né? Tudo bem se eu morrer primeiro, imagino, mas ter que morrer antes que outra pessoa morra não é uma necessidade que me anime muito: como é que vou saber o dia da morte dela? Pode ser amanhã, atropelada por um ônibus, como diz a sabedoria popular, o que significa que eu seria obrigado a me atirar debaixo de outro hoje mesmo. Quando vi a cara da Janet no crematório... como é que alguém consegue ser tão corajosa? E agora, o que ela vai fazer? Pra mim, faz mais sentido ficar pulando de mulher em mulher até estar velho demais pra continuar, e então ir viver sozinho e morrer sozinho, o que, olhando pras alternativas, será que é tão terrível assim? Certas noites, com a Laura na cama, eu me aninhava às suas costas, ela adormecida, e era tomado de um terror gigantesco, inominável, mas acabei de dar um nome pra ele: Brian. Ha, ha. Certo, não um nome, de verdade, mas consegui perceber de onde ele vinha e o motivo pelo qual eu quis ir pra cama com a mala da Rosie, a dos orgasmos simultâneos, e me desculpem se isso soa frágil e conveniente ao mesmo tempo — Ah, claro! Ele dorme com



outras mulheres porque tem medo da morte! —, mas é assim que as coisas são.

Quando me aninhava às costas da Laura à noite, tinha medo porque não queria perdê-la, e a gente sempre perde alguém, ou alguém perde a gente, no final. Prefiro não correr o risco. Prefiro não ter que chegar do trabalho um dia, daqui a dez ou vinte anos, e encontrar uma mulher pálida e assustada dizendo que cagou sangue — *Desculpem, desculpem, mas é o que acontece com as pessoas* —, e aí vamos ao médico e ele diz que é inoperável e então... eu não teria coragem, entendem? Provavelmente pularia fora, ia viver em outra cidade com um nome falso, e a Laura daria entrada no hospital pra morrer e o pessoal lá diria: “Seu companheiro não vem te visitar?”, e ela responderia: “Não, quando soube do câncer, ele me abandonou”. Grande sujeito! “Câncer? Desculpa, não é pra mim! Não curto!” Melhor não se colocar numa situação dessas. Melhor deixar pra lá.

E qual é a minha, então? A lógica disso tudo é que jogo com as probabilidades. Estou com trinta e seis anos agora, certo? E digamos que as doenças mais fatais — do coração, câncer, sei lá — chegam depois dos cinquenta. O cara pode ter azar e ser pego antes, mas o grupo dos acima de cinquenta está sujeito a mais coisas ruins, proporcionalmente. De modo que, pra jogar com margem de segurança, é melhor parar por aqui: uma relação a cada dois anos pelos próximos catorze anos, depois chega, deu, desisto. Faz sentido. Será que explico isso pra pessoa com quem estiver? Talvez. É mais justo, provavelmente. E menos emocional, de qualquer forma, do que a confusão em que normalmente acabam os relacionamentos. “Você vai morrer, então não tem muito sentido a gente continuar junto, certo?” É perfeitamente aceitável quando alguém está emigrando, ou voltando pro seu país, terminar uma relação sob a justificativa de que qualquer envolvimento maior seria doloroso demais, então por que não pode ser assim com a morte? A separação decorrente da morte há de ser mais dolorosa, com certeza. Quero dizer, se alguém está deixando o país, sempre dá pra ir junto. Sempre dá pra dizer pra si mesmo: “Ah, foda-se, vou mandar tudo às favas e ir com ela, virar caubói no Texas/ catador de

chá na Índia” etc. Mas não dá pra fazer a mesma coisa com a dama de preto, né? A não ser que se tome o mesmo rumo de Romeu e, quando a gente para pra pensar nisso...

“Pensei que você ia ficar deitado naquele canteiro a tarde inteira.”

“Hã? Ah. Ha ha. Não. Ha.” Fingir um ar indiferente nesse tipo de situação é mais difícil do que parece, embora ficar deitado no canteiro de flores de um estranho pra se esconder da ex-namorada no dia que o pai dela foi enterrado — cremado — provavelmente não seja mesmo um *tipo* de situação, e mais algo pra não se repetir, não classificável.

“Você está encharcado.”

“Hummm.”

“E é um idiota, também.”

Outras batalhas virão, não há por que entrar nessa, quando todas as evidências conspiram contra mim.

“Entendo por que você diz isso. Escuta, desculpa. Mesmo. A última coisa que eu queria era... foi por isso que saí de lá, porque... me descontrolei, e não queria perder as estribeiras... Escuta, Laura, a razão por que eu fui pra cama com a Rosie e estraguei tudo é que tenho medo que você morra. Ou que eu morra. Ou sei lá. E sei como isso deve estar parecendo, mas...” O impulso de falar vai embora do jeito que veio, e fico simplesmente olhando pra ela de boca aberta.

“Pois eu vou morrer. Nesse ponto nada mudou.”

“Não, não, entendo totalmente, e não estou esperando que você me diga alguma coisa diferente. Só queria que você soubesse, só isso.”

“Obrigada.”

Ela não faz menção de ligar o carro.

“Não posso dizer que é recíproco.”

“Como assim?”

“Não fui pra cama com o Ray por medo de você morrer. Fui pra cama com ele porque estava de saco cheio de você e precisava fazer algo.”

“Ah, claro, não, entendo. Escuta, não quero tomar mais o seu tempo. Você pode voltar que fico aqui esperando um ônibus.”

“Não quero voltar. Também dei um show lá.”

“Ah. Certo. Ótimo. Quero dizer, ótimo não, mas... sabe.”

A chuva recomeça e ela liga o limpador de para-brisa, de modo que não conseguimos ver muita coisa lá fora.

“Quem te irritou?”

“Ninguém. Só não sinto que tenho idade suficiente pra isso. Quero alguém pra cuidar de mim porque meu pai morreu, e não tem ninguém lá que seja capaz, então, quando a Liz me falou que você tinha desaparecido, usei como desculpa pra sair.”

“A gente se merece, né?”

“Quem te irritou?”

“Ah. Ninguém. Bom, a Liz. Ela estava...” Não consigo pensar numa expressão adulta, aí uso a que mais se aproxima. “Ela estava me enchendo.”

A Laura ri com desdém. “Ela estava te enchendo e você está dedurando ela.”

“Mais ou menos isso.”

Ela ri de novo, sem alegria. “Não admira que esteja todo mundo nesse atoleiro, né? A gente parece o Tom Hanks em *Quero ser grande*. Meninos e meninas aprisionados em corpos adultos e obrigados a seguir adiante. E é muito pior na vida real, porque não é só dar uns beijos e depois dormir cada um numa cama do beliche, né? Tem tudo isso aqui também.” A Laura faz um gesto, apontando lá pra fora pelo para-brisa, pro espaço aberto e pro ponto de ônibus e pra um cara que está levando o cachorro pra passear, mas entendo o que ela quer dizer. “Vou te falar um negócio, Rob. Sair daquele funeral foi a pior coisa que já fiz e também a mais divertida. Nem consigo dizer o quanto me fez sentir bem e mal. Consigo, na verdade: é a sensação de ser um sorvete quente.”

“Você não saiu no meio do funeral. Saiu da recepção. É diferente.”

“Mas a minha mãe, e a Jo, e... elas não vão esquecer isso, nunca. Não me importo. Pensei tanto nele e falei tanto dele, e agora nossa casa está cheia de gente que quer me dar tempo e oportunidade pra pensar nele e falar dele um pouco mais, e tudo o que eu quero é gritar.”

“Ele entenderia.”

“Você acha? Não tenho certeza se eu entenderia. Ia querer que as pessoas ficassem, que amargassem até o fim. Seria o mínimo que podiam fazer.”

“Mas seu pai era mais gente boa que você.”

“Era mesmo, não era?”

“Umas cinco ou seis vezes mais gente boa.”

“Não abusa.”

“Desculpa.”

Observamos um cara que tenta acender um cigarro enquanto segura a guia do cachorro, um jornal e um guarda-chuva. Não dá, mas ele não vai desistir.

“Quando você vai voltar pra lá?”

“Não sei. Uma hora eu volto. Mais tarde. Escuta, Rob, você transaria comigo?”

“Como é?”

“É que sinto que preciso de sexo. Quero sentir alguma outra coisa que não seja sofrimento e culpa. Ou é sexo, ou vou pra casa e meto a mão no fogo. A menos que você prefira queimar meu braço com um cigarro.”

A Laura não é assim. A Laura é advogada por profissão e natureza, e agora se comporta como se estivesse tentando um papel de coadjuvante num filme do Harvey Keitel.

“Só tenho mais alguns. Estava guardando pra depois.”

“Vai ter que ser sexo então.”

“Mas onde? E quanto ao Ray? E quanto a...” Quero dizer “tudo”. E quanto a tudo mais?

“Vamos ter que fazer aqui no carro. Vou levar a gente pra outro lugar.”

Ela nos leva pra outro lugar.

Sei o que vocês estão dizendo: *Você é patético com suas fantasias, Fleming, você bem que queria, só em sonho* etc. Mas eu jamais, nem em um milhão de anos, usaria nada do que aconteceu comigo hoje como base pra algum tipo de fantasia sexual. Estou molhado, pra começar, e, mesmo sabendo que esse estado tem um sem-número de conotações sexuais, seria difícil até pro mais determinado dos pervertidos se excitar estando molhado desse jeito

que estou, com frio, a pele irritada (a calça do terno não tem forro, então minhas pernas sofrem o atrito direto), mau cheiro (nenhum dos maiores fabricantes de perfume até hoje tentou capturar a essência de calças molhadas, por óbvias razões), e com folhas grudadas em mim. E também nunca tive ambição nenhuma de transar dentro de um carro (minhas fantasias sempre, sempre envolveram camas), e esse funeral pode até ter tido um efeito curioso sobre a filha do falecido, mas pra mim está sendo meio que deprimente, pra falar com bastante franqueza, e não estou muito certo do que penso sobre fazer sexo com a Laura quando ela está morando com outro (ele é melhor ele é melhor ele é melhor?), e enfim...

Ela para o carro, e aí me dou conta de que, no último minuto ou pouco mais do trajeto, vínhamos aos solavancos.

“Meu pai costumava trazer a gente aqui, quando eu era criança.”

Estamos encostados numa rua comprida, enlameada e esburacada com marcas de pneus, que leva a uma casa grande. De um lado, há uma selva de mato alto e arbustos, do outro, uma fileira de árvores; estamos parados junto às árvores, embicados na direção da casa, seguindo a inclinação da rua.

“Era uma pequena escola particular, mas foram à falência uns anos atrás e, desde então, a casa ficou aí, vazia.”

“E pra que ele trazia vocês aqui?”

“Só pra gente andar um pouco. No verão, tinha amoras-pretas, e castanhas no outono. Aqui é propriedade privada, o que tornava a coisa mais excitante.”

Meu Deus. Que bom que não sei nada sobre psicoterapia, sobre Jung e Freud e esses caras. Se soubesse, eu provavelmente estaria extremamente alarmado a essa altura: a mulher que quer fazer sexo no lugar onde costumava caminhar com o pai morto provavelmente é muito perigosa.

Parou de chover, mas os pingos que caem das árvores tamborilam no teto do carro e o vento balança pra valer os galhos, de modo que, aqui e ali, nacos grandes de folhagem voam sobre nós.

“Quer ir pro banco de trás?”, a Laura pergunta, num tom distraído e neutro, como se estivéssemos prestes a embarcar mais um

passageiro.

“Acho que sim. Acho que vai ficar mais fácil.”

Ela parou perto demais das árvores, então é obrigada a sair pela minha porta.

“Coloca esses troços todos no porta-malas.”

Tem um guia de ruas, um mapa rodoviário grande, uma ou outra caixinha de fita cassete vazia, um saco de balas aberto e um punhado de papéis das balas. Tiro tudo do caminho devagar.

“Sabia que tinha uma boa razão pra vestir uma saia hoje de manhã”, ela diz enquanto entra. Se debruça sobre mim e me beija na boca, de língua e tudo mais, e consigo ter algum interesse, mesmo sem querer.

“Fica aí.” Ela dá uma ajeitada na roupa e vem por cima. “Olá. Parece que nem faz tanto tempo que não te vejo daqui.” Ela sorri pra mim, me beija de novo, põe a mão por baixo dela pra alcançar meu zíper. Fazemos as preliminares e tal, e então — não sei por quê — lembro uma coisa que a gente devia lembrar sempre, mas raramente lembra.

“Você, sabe, com o Ray...”

“Ah, Rob, não vamos começar com isso outra vez.”

“Não, não. Não é... você ainda está tomando pílula?”

“Sim, claro. Você não tem com que se preocupar.”

“Não quis dizer isso. Quero dizer... vocês não usaram mais nada?”

Ela não responde, começa a chorar.

“Escuta, a gente pode fazer outras coisas”, digo. “Ou pode ir até a cidade comprar.”

“Não estou chorando porque a gente não pode fazer”, ela diz. “Não é isso. É só que... eu morava com você. Há apenas algumas semanas estávamos juntos. E agora se preocupa que eu possa te matar, e tem direito de se preocupar. Não é terrível isso? Não é triste?” Ela balança a cabeça e soluça, e desmonta de cima de mim e ficamos ali, sentados lado a lado no banco de trás, sem dizer nada, só observando os pingos de chuva que escorrem pelos vidros.

Mais tarde, me pergunto se realmente estava preocupado com os antecedentes do Ray. Ele é bissexual ou usuário de drogas intravenosas? Duvido. (Não teria coragem pra nenhuma das duas

coisas.) Será que já foi pra cama com algum usuário de drogas intravenosas, ou com alguém que já transou com um homem bissexual? Não faço ideia, e essa ignorância dos fatos me dá todo direito de insistir em ter proteção. Mas, no fundo, era o simbolismo, mais do que o medo, que me interessava. Queria magoar a Laura, logo nesse dia, simplesmente porque é a primeira vez, desde que ela foi embora, que posso fazer isso.

Vamos até um pub, um lugar arrumadinho, metido a rural, que serve boa cerveja e sanduíches caros, sentamos num canto e conversamos. Compro mais cigarros e ela fuma metade deles, ou melhor, acende um, dá uma ou duas tragadas, faz uma careta, apaga no cinzeiro e, depois de cinco minutos, pega outro. Esmaga cada ponta com tal violência que não dá mais pra salvar nada, e não consigo me concentrar no que ela está falando quando faz isso, porque estou ocupado demais vendo meus cigarros irem pro saco. No fim, ela repara e diz que vai me comprar outro maço, e me sinto mesquinho.

Falamos sobre o pai dela, principalmente, ou melhor, sobre como será a vida sem ele. E aí falamos sobre como será a vida sem pais em geral, e se é isso que faz a gente se sentir adulto, afinal. (A Laura acha que não, pelo que pôde observar até hoje.) Não quero falar sobre isso, claro: quero falar sobre o Ray e eu, e sobre se algum dia a gente vai ficar de novo tão perto de fazer sexo, e sobre se o afeto e a intimidade dessa conversa significam alguma coisa, mas consigo me controlar.

E então, justo quando já tinha começado a me conformar que nada do que estamos tratando aqui diz respeito a mim mim mim, ela suspira, se recosta na cadeira e diz, meio que sorrindo, meio que em desespero: “Estou cansada demais pra não ficar com você”.

Há um tipo de dupla negativa aqui — “cansada demais” é uma negativa porque não é algo muito positivo — e levo um tempo pra entender o que ela está dizendo.

“Então, espera aí: se você tivesse um pouco mais de energia, a gente continuaria separado. Mas, do jeito que você está, arrebatada, quer que a gente volte.”

Ela assente. “Está tudo muito difícil. Talvez num outro momento eu tivesse coragem de ficar sozinha, mas não agora, agora não tenho.”

“E quanto ao Ray?”

“O Ray é um desastre. Não sei o que foi aquilo, sério, exceto que, às vezes, a gente precisa de alguém que caia no meio de uma relação que vai mal como se fosse uma granada e faça tudo explodir.”

Gostaria de conversar, com algum detalhe, sobre todos os aspectos em que o Ray é um desastre; na verdade, gostaria de fazer uma lista na bolacha da cerveja e guardar pra sempre. Talvez outra hora.

“E agora que você saiu da relação que ia mal e fez tudo explodir, quer voltar e consertar ela.”

“É. Sei que nada disso é muito romântico, e vai haver romantismo em algum momento, tenho certeza. Mas preciso estar com alguém, e com alguém que eu conheça e com quem me dê bem, e você já deixou claro que me quer de volta, então...”

E adivinhem? De repente fico enjoado e entro em pânico, e quero de novo pintar logos de gravadoras nas minhas paredes e ir pra cama com artistas americanas com discos gravados. Pego a mão da Laura e dou um beijo no rosto dela.

Quando voltamos à casa dos Lydon, a reação é terrível, claro. A sra. Lydon está em prantos, e a Jo está brava, e os poucos convidados que restaram baixam o olhar pras suas bebidas e não dizem nada. A Laura leva a mãe dela até a cozinha e tranca a porta, enquanto fico na sala com a Jo, dando de ombros e balançando a cabeça e arqueando as sobrancelhas e passando de um pé pro outro e fazendo tudo mais em que consigo pensar pra sugerir constrangimento, solidariedade, desaprovação e infortúnio. Quando minhas sobrancelhas já estão doídas e quase desparafusei minha cabeça do pescoço, e depois de ter caminhado mais de um quilômetro sem sair do lugar, a Laura ressurgue da cozinha, nervosa e chateada, e me pega pelo braço.



“Vamos pra casa”, ela diz, e é assim que retomamos nossa relação.

27.

Cinco conversas:

1. (Terceiro dia, saída pra comer um curry, Laura paga.)

“Aposto que você fez isso. Aposto que, cinco minutos depois de eu ter ido embora, ficou lá sentado, fumando um *careta*” — ela enfatiza a palavra pra mostrar que a desaprova — “e pensando consigo mesmo, caramba, tá tudo bem, consigo me virar. E aí parou e pensou em alguma ideia idiota pro apartamento... Já sei, já sei, você estava querendo chamar um cara pra pintar logos de gravadoras na parede antes de eu me mudar, não estava? Aposto que ficou lá, fumando um *careta* e pensando: será que ainda tenho o telefone daquele cara?”

Viro o rosto pra que ela não possa ver que estou sorrindo, mas não adianta. “Meu Deus, acertei na mosca, né? Tão na mosca que não consigo acreditar. E então — peraí, peraí —”, ela posiciona os dedos sobre as têmporas, como se estivesse captando imagens no cérebro, “e aí você pensou: tem muita gente no mundo, faz séculos que eu estou a fim de novidade, e então colocou alguma coisa pra tocar e tudo ficou bem na sua vidinha patética.”

“E depois?”

“Depois você foi pro trabalho e não disse nada pro Barry e pro Dick, e estava bem até que a Liz deu com a língua nos dentes, e aí começou a pensar em suicídio.”

“E aí fui pra cama com outra.”

Ela não me escuta.

"Enquanto você andava por aí com aquele imbecil do Ray, eu estava trepando com uma cantora/ compositora americana parecida com a Susan Dey de *L.A. Law*."

Ela continua sem ouvir. Simplesmente quebra um pedaço do *poppadom* e molha no *chutney* de manga.

"E eu estava numa boa. Nada mal. Bem legal, na verdade."

Nenhuma reação. Talvez eu devesse tentar outra vez, desta vez em alto e bom som, usando a voz, em vez de só falar dentro da minha cabeça.

"Você sabe tudo, né?"

Ela dá de ombros, sorri e faz sua cara de convencida.

2. (Sétimo dia, na cama, depois de transar.)

"Você não espera de verdade que eu te conte."

"Por que não?"

"Porque... ia te servir pra quê? Eu podia descrever cada segundo de cada uma das vezes, e nem foram tantas, e você ia ficar magoado, mas ainda assim não ia ter a menor noção das coisas que realmente importam."

"Não interessa. Só quero saber."

"Saber o quê?"

"Como era."

Ela fecha a cara. "Era sexo. O que poderia ter de diferente?"

Mesmo essa resposta já acho dolorosa. Esperava que não tivesse sido nem parecido com sexo; esperava que tivesse sido parecido com alguma coisa muito mais chata ou desagradável.

"Mais pra sexo bom ou pra sexo ruim?"

"Qual a diferença?"

"Você sabe a diferença."

"Nunca perguntei sobre as suas atividades extracurriculares."

"Perguntou, sim. Eu lembro. 'Curtiu bastante, querido?'"

"Era uma pergunta retórica. Escuta, a gente está bem agora. Foi legal agora há pouco. Vamos parar por aqui."

"Tá, tá. Mas o que a gente acabou de fazer... você curtiu mais, a mesma coisa ou menos do que estava curtindo há algumas

semanas?”

Ela não diz nada.

“Ah, qual é, Laura. Só diga alguma coisa. Minta, se quiser. Ia me fazer sentir melhor, tirar essas perguntas da minha cabeça.”

“Eu ia mentir, mas agora não posso, porque você saberia que estou mentindo.”

“E por que você mentiria?”

“Pra te fazer sentir melhor.”

E por aí vai. Quero saber (só que não, claro) sobre os orgasmos múltiplos e as dez vezes por noite e as chupadas e as posições de que nunca ouvi falar, mas não tenho coragem de perguntar, e ela jamais me contaria. Sei que os dois fizeram, e isso já é bem ruim; tudo o que posso esperar agora é minimizar os danos. Quero que ela diga que foi chato, que foi simplesmente comum, o tipo de sexo em que o jeito era relaxar e pensar no Rob, que a Meg Ryan curtiu mais na cena do orgasmo falso do que a Laura na casa do Ray. Isso é pedir demais?

Ela se apoia num dos cotovelos e me beija no peito. “Escuta, Rob. Aconteceu. E em muitos aspectos foi bom que tenha acontecido, porque a gente não estava indo pra lugar nenhum, e agora talvez esteja indo pra algum lugar. E, se sexo sensacional fosse tão importante quanto você pensa, e se eu tivesse tido esse tipo de sexo com ele, a gente não estaria junto nesta cama. E não se fala mais nisso, tá?”

“Tá.” As últimas palavras sobre o assunto até podiam ter sido piores, mas eu sei que ela não vai dizer muito mais.

“Mas bem que o seu pênis podia ser grande que nem o dele.”

Essa, aparentemente, a julgar pela extensão e pelo volume das bufadas, risadinhas, gargalhadas e gritos que se seguem, é a tirada mais engraçada da vida da Laura — na verdade, a tirada mais engraçada da história do mundo. Um exemplo, presumo, do famoso senso de humor feminista. Hilário, não?

3. (No carro, a caminho da casa da mãe dela, segundo fim de semana, ouvindo uma fita que ela gravou e tem Simply Red e Genesis e Art Garfunkel cantando “Bright Eyes”.)

“Não tô nem aí. Você pode fazer cara feia quanto quiser. O carro é *meu*. O som do carro é *meu*. A fita é *minha*. Estamos indo visitar *meus* pais.”

O “s” ressoa no ar, acompanhamos sua tentativa de rastejar de volta pro lugar de onde saiu, então deixamos pra lá. Dou um tempo antes de voltar à carga na batalha mais amarga entre as batalhas amargas que podem ser travadas entre homens e mulheres.

“Como você pode gostar de Art Garfunkel e Solomon Burke? É como dizer que apoia israelenses e palestinos.”

“Não é a mesma coisa de jeito nenhum, Rob. Art Garfunkel e Solomon Burke gravaram música pop, israelenses e palestinos, não. Art Garfunkel e Solomon Burke não estão enredados numa disputa cruel por territórios, israelenses e palestinos, sim. Art Garfunkel e Solomon Burke...”

“Tá, tá. Mas...”

“E quem disse que eu gosto do Solomon Burke, aliás?”

Isso é demais.

“Solomon Burke! ‘Got to Get You Off My Mind’! É a nossa música! Solomon Burke é o responsável pela nossa relação de cabo a rabo!”

“Ah, é? Você tem o telefone dele? Queria dar uma palavrinha.”

“Mas você não lembra?”

“Me lembro da música. Só não conseguia lembrar quem cantava.”

Balanço a cabeça, incrédulo.

“Olha, esse é o tipo de situação em que um homem quer simplesmente entregar os pontos. Você não consegue mesmo ver a diferença entre ‘Bright Eyes’ e ‘Got to Get You Off My Mind’?”

“Consigno, claro. Uma é sobre coelhos e a outra tem uma banda marcial tocando.”

“Banda marcial! Uma banda marcial! É um *naipe de metais*! Puta que o pariu.”

“Que seja. Posso ver por que você prefere o Solomon Burke. Compreendo, sério, compreendo mesmo. E, se me perguntassem qual dos dois é melhor, escolheria o Solomon toda vida. Ele é autêntico, e negro, e lendário, e tudo mais desse tipo. Mas eu gosto de ‘Bright Eyes’. Acho que tem uma melodia bonita, e não me importo muito pra além disso. Tem tantas outras coisas com que se

preocupar. Sei que pareço sua mãe falando, mas são apenas canções pop, e daí se uma é melhor que a outra, quem se importa, sério, a não ser você, o Barry e o Dick? Pra mim é que nem discutir a diferença entre o McDonald's e o Burger King. Sei que deve existir alguma, mas quem vai se dar ao trabalho de descobrir qual é?"

O mais terrível, claro, é que eu sei a diferença, é que tenho um ponto de vista complicado e sofisticado sobre o assunto. Mas, se começar a comparar aqui os BKS e quarteirões da vida, ambos vamos acabar achando que ela tem razão, de modo que não me dou ao trabalho de retrucar.

Mas a discussão prossegue, vira esquinas, atravessa ruas, dá meia-volta e termina, no fim, num lugar onde nenhum dos dois jamais esteve — pelo menos não sóbrios nem à luz do dia.

"Você costumava dar mais importância pra coisas como o Solomon Burke do que dá hoje", digo pra ela. "Quando te conheci, gravei aquela fita e te dei, você ficou entusiasmada de verdade. Você disse, e cito literalmente: 'É uma seleção tão boa que faz a gente ter vergonha da própria coleção de discos'."

"Cara de pau, né?"

"Como assim?"

"Ora, eu estava a fim. Você era DJ, e eu te achava interessante, não tinha namorado e queria arranjar um."

"Então você não estava nem um pouco interessada na música?"

"Bom, estava. Um pouco. E mais do que hoje. Mas é a vida, né?"

"Mas olha... *Eu sou só isso*. Não tem mais nada. Se você não se interessa mais, perdeu o interesse por tudo. Por que continuar juntos?"

"Você acredita mesmo nisso?"

"Acredito. Olha pra mim. Olha pro nosso apartamento. O que mais tem lá, além de discos, CDs e fitas?"

"E você gosta dele assim?"

Dou de ombros. "Na verdade, não."

"*Por isso* continuamos juntos. Você tem potencial. Estou aqui pra fazer você desenvolver."

"Potencial pra quê?"

“Como ser humano. Você tem todos os ingredientes básicos. É um cara que, quando se esforça, pode ser realmente muito afável. Quando resolve, faz as pessoas rirem, e você é gentil, e, quando gosta de alguém, essa pessoa se sente como se fosse o centro do mundo, o que é uma sensação muito sexy. O problema é que, na maior parte do tempo, você não se dá ao trabalho.”

“Não”, é tudo o que consigo pensar pra dizer.

“Você simplesmente... simplesmente *não faz*. Fica absorto na própria cabeça, parado, pensando, em vez de agir, e quase sempre está pensando besteira. Parece sempre deixar passar o que realmente está acontecendo.”

“É a segunda música do Simply Red nessa fita. Uma é imperdoável. Duas é crime de guerra. Posso adiantar?” Adianto a fita sem esperar pela resposta dela. Vou parar em alguma porcaria horrível da Diana Ross pós-Motown, solto um gemido. A Laura me ignora e continua a falar.

“Você tem tempo demais e fica só viajando nessas coisas.”

“E o que eu devia estar fazendo?”

“Sei lá. Alguma coisa. Trabalhando. Vendo gente. Liderando um grupo de escoteiros, ou até administrando uma casa noturna. Alguma coisa além de esperar a vida mudar e deixar várias opções em aberto. Se pudesse, você ficaria assim o resto da vida, sem decidir nada. Vai estar lá, no leito de morte, morrendo de alguma doença causada pelo cigarro, e pensando: bom, pelo menos deixei minhas opções em aberto. Pelo menos não acabei fazendo alguma coisa da qual não poderia recuar depois. E o tempo todo em que você deixou suas opções em aberto, nunca pôde escolher nada. Você tem trinta e seis anos e não tem filhos. Então quando vai ter? Aos quarenta? Aos cinquenta? Digamos que você seja pai aos quarenta e seu filho não queira ser pai até os trinta e seis. Significa que ia precisar viver muito mais que o tempo de vida médio só pra ter um *vislumbre* dos seus netos. Tá vendo o que você nega a si mesmo?”

“Então a questão toda é essa?”

“Qual?”

“É ter filhos ou separar. A ameaça mais antiga do mundo.”

“Vai se *foder*, Rob. Não é isso que estou dizendo pra você. Não me importa se você quer ou não ter filhos. Eu quero, e sei disso, mas não sei se com você, e não faço ideia se você quer. Preciso resolver isso por mim mesma. Só estou tentando te acordar. Só estou tentando te mostrar que metade da sua vida já foi, mas, pelo que tem pra mostrar dela, você podia muito bem estar com dezenove anos, e não estou falando de dinheiro, bens ou mobília.”

Sei que ela não está. Está falando das pequenas coisas, do acúmulo, daquela tralha que não deixa a gente se desgarrar.

“Fácil pra você falar, né, Senhora Advogada Bem-Sucedida. Não é minha culpa que a loja não esteja indo muito bem.”

“Céus.” Ela troca de marcha com bastante violência e fica sem falar comigo por um tempo. Sei que a gente quase chegou a algum lugar; sei que, se tivesse coragem, eu diria pra ela que tem razão, que ela é uma pessoa sensata, que preciso dela e amo ela, e teria proposto da gente se casar ou algo do tipo. É só que, sabe, quero deixar várias opções em aberto e, também, não dá tempo, porque ela ainda não terminou.

“Sabe o que me irrita de verdade?”

“Sei. Esse negócio todo que você acabou de me dizer. De eu querer deixar várias opções em aberto e tudo mais.”

“Fora isso.”

“Putaque o pariu.”

“Sou capaz de te dizer exatamente — exatamente — o que tem de errado com você e o que você devia fazer a respeito, enquanto você não acertaria nem o começo se tentasse fazer a mesma coisa por mim. Certo?”

“Errado.”

“Quero ver, então.”

“Você está de saco cheio do trabalho.”

“É isso que tem de errado comigo?”

“Mais ou menos.”

“Tá vendo? Você não tem ideia.”

“Me dá uma chance. A gente acabou de voltar a morar juntos. Provavelmente vou perceber mais alguma coisa nas próximas semanas.”



“Mas nem de saco cheio do trabalho eu estou. Gosto bastante dele, na verdade.”

“Você só está dizendo isso pra eu me sentir um idiota.”

“Não, não estou. Curto meu emprego. É estimulante. Gosto das pessoas com quem trabalho, me acostumei a ter dinheiro... Mas não gosto do fato de gostar. Me deixa confusa. Não sou quem eu queria ser quando mais jovem.”

“Quem você queria ser?”

“Não uma mulher de terninho, com uma secretária, tentando virar sócia da firma. Queria trabalhar com assistência jurídica e ter um namorado DJ, e tudo isso deu errado.”

“Então ache um DJ. O que você quer que eu faça?”

“Não quero que você faça nada. Só quero que perceba que não é só a nossa relação que me define. Quero que você perceba que não é só porque a gente se acertou que estou bem resolvida. Tenho outras dúvidas e preocupações e ambições. Não sei que tipo de vida eu quero, e não sei em que tipo de casa quero morar, e a grana que vou ganhar em dois ou três anos me assusta, e...”

“Por que você não falou logo essas coisas? Como é que eu podia adivinhar? Pra que tanto segredo?”

“Não é segredo. Só estou comentando que o que acontece com a gente não é a história toda. Que continuo a existir mesmo quando não estamos juntos.”

Eu ia acabar descobrindo isso sozinho, no fim. Ia perceber que não é só porque fico todo desnorteado quando estou sem ninguém que todo mundo tem que ser igual.

4. (Na frente da tevê, na noite seguinte.)

“... pra algum lugar legal. Itália. Estados Unidos. Caribe até.”

“Excelente ideia. Vou fazer o seguinte: amanhã mesmo cato uma caixa cheia de setenta e oito rotações novinhos do Elvis, gravados pela Sun, e vendo pra pagar a viagem.” Me vem a lembrança da mulher de Wood Green, do marido em fuga e sua fantástica coleção de singles, e sinto uma pontada de arrependimento.

“Imagino que essa tenha sido alguma piadinha sarcástica pra homens colecionadores de discos.”

“Você sabe que estou duro.”

“Você sabe que eu posso pagar. Muito embora você ainda esteja me devendo aquele dinheiro. Pra que ter esse emprego se sou obrigada a passar minhas férias numa barraca na Ilha de Wight?”

“Ah, claro, e onde é que eu vou arrumar dinheiro pra meia barraca?”

Vemos o Jack Duckworth tentando esconder da Vera uma nota de cinquenta libras que ganhou nas corridas de cavalo.

“Não importa, sabe, essa coisa do dinheiro. Não me importo que você ganhe pouco. Queria que você fosse mais feliz no trabalho, mas, fora isso, você pode fazer o que quiser.”

“Mas não era pra ser assim. Quando te conheci, a gente era do mesmo tipo, e agora não é mais, e...”

“Como assim a gente era do mesmo tipo?”

“Você era do tipo que frequentava o Groucho, e eu, do tipo que botava discos pra tocar. Você usava jaquetas de couro e camisetas, eu também. E ainda uso, e você não.”

“Porque não *posso*. À noite eu uso.”

Estou tentando encontrar uma maneira diferente de dizer que não somos as mesmas pessoas de antes, que a gente se distanciou, blablablá, mas isso está além da minha capacidade.

“Não somos as mesmas pessoas de antes. A gente se distanciou.”

“Por que você está falando com essa voz boboca?”

“É pra indicar as aspas. Estava tentando achar um jeito novo de dizer isso. Igual a você tentando achar um jeito novo de dizer que ou a gente tem filhos, ou se separa.”

“Eu *não*...”

“Brincadeira.”

“Então a gente devia terminar? É isso que você está argumentando? Porque se for, minha paciência vai acabar.”

“Não, mas...”

“Mas o quê?”

“Mas por que não é importante que a gente não seja mais as mesmas pessoas de antes?”

“Em primeiro lugar, sinto que deveria esclarecer que você não tem culpa nenhuma.”

“Obrigado.”

“Você é exatamente a mesma pessoa que costumava ser. Nesses anos que te conheço, você não chegou a mudar um par de meias. Se a gente se distanciou, então quem se afastou fui eu. E tudo que fiz foi trocar de emprego.”

“E de corte de cabelo e de roupas e de atitude e de amigos...”

“Isso não é justo, Rob. Você sabe que não daria pra eu ir pro trabalho com o cabelo espetado. E agora posso comprar mais coisas. E conheci umas pessoas de quem eu gosto, neste último ano, pouco mais. Só sobra a atitude.”

“Mais durona.”

“Mais autoconfiante, talvez.”

“Mais difícil.”

“Menos neurótica. Você pretende continuar o mesmo pelo resto da vida? Mesmos amigos, ou a mesma falta deles? Mesmo emprego? Mesma atitude?”

“Estou bem assim.”

“É, você tá bem. Mas não é perfeito, e certamente não é feliz. Então o que acontece se você *for* feliz, e sim, sei que acabei de dizer o título de um disco do Elvis Costello, usei a referência de propósito, pra chamar sua atenção, você acha que sou uma completa idiota? Quer dizer então que a gente devia se separar porque estou acostumada a ver você infeliz? O que acontece se você, sei lá, abrir seu próprio selo e for um sucesso? Hora de arranjar namorada nova?”

“Você está sendo idiota.”

“Por quê? Me mostre a diferença entre você virar dono de um selo e eu passar da assistência jurídica pra uma firma grande.”

Não consigo pensar em nenhuma.

“Tudo o que estou dizendo é que, se você acredita em relações monogâmicas duradouras, então precisa deixar que coisas

aconteçam às pessoas, e deve permitir que coisas não aconteçam a elas. Senão, pra quê?”

“Pra nada.” Digo isso num tom que sugere que estou entregue, e ela realmente me subjugou — com sua inteligência, sua ferocidade, seu jeito de estar sempre certa. Ou, ao menos, ela sempre tem razão suficiente pra calar a minha boca.

5. (Na cama, duas noites depois, meio que nas preliminares, meio que durante, se é que vocês me entendem.)

“Não sei. Desculpa. Acho que é porque me sinto inseguro.”

“Desculpa, Rob, mas não acredito nisso nem por um momento. Acho que é porque você está bêbado. Das outras vezes que a gente teve esse problema, normalmente era por causa disso.”

“Desta vez não. Desta vez é por insegurança.” Pronuncio a palavra “insegurança” errado, o que não ajuda a convencer a Laura.

“E por que você acha que se sente inseguro?”

Solto um breve e sem humor “rá!”, demonstração perfeita da arte do riso cínico.

“Continuo perdida.”

“Estou cansada demais pra não ficar com você’ e tudo mais. E o Ray, e o fato de você parecer... *irritada* comigo o tempo todo. Com raiva por eu ser tão imprestável.”

“Desistimos?”, ela se refere ao sexo, e não à conversa ou à nossa relação.

“Acho que sim.” Rolo sobre ela de volta pro meu lugar na cama e fico deitado ali, um braço ainda a envolvendo, olhando o teto.

“Eu sei. Desculpa, Rob. Não fui muito... Não estava mesmo passando a impressão de estar a fim.”

“E por que isso, você acha?”

“Espera. Quero tentar explicar esse negócio direito. Tá. Eu pensava que era uma ligação só que mantinha a gente juntos, nosso relacionamento, e que, se eu cortasse essa ligação, pronto. Então cortei, mas não era assim. Não tinha uma ligação apenas, tinham centenas, milhares, pra onde quer que eu me virasse — a Jo ficando quieta quando contei que tínhamos nos separado, e eu me sentindo

esquisita no dia do seu aniversário, e me sentindo esquisita... não *durante* o sexo com o Ray, mas depois, e me sentindo mal quando coloquei pra tocar uma fita que você tinha feito pra mim e estava no carro, e ficava me perguntando como você estaria e... ah, milhões de coisas. E aí vi que você estava mais chateado do que eu pensava, e isso tornou as coisas mais difíceis... e depois, no dia do funeral... fui eu quem quis que você estivesse lá, não a minha mãe. Quero dizer, ela ficou bem contente, acho, mas nunca me ocorreu convidar o Ray, e foi aí que me senti cansada. Não estava preparada pra toda a trabalhadeira. E não valia a pena, só pra me livrar de você." Ela ri um pouquinho.

"Esse é o jeito bacana de dizer isso?"

"Você sabe que não sou muito boa com esse papinho romântico." Ela me dá um beijo no ombro.

Ouviram essa? Ela não é muito boa com esse papinho romântico? Isso, pra mim, é um problema, como seria pra qualquer homem que tenha escutado a Dusty Springfield cantando "The Look of Love" naquela idade em que a gente é impressionável. Aquilo era como eu pensava que seriam as coisas quando me casasse (eu dizia "casar" naquela época — hoje digo "assentar" ou "sossegar"). Imaginava uma mulher sexy com uma voz sexy e um montão de maquiagem sexy enfeitando os olhos, cuja devoção por mim exalasse por cada poro. E existe mesmo uma "cara" do amor, como cantava a Dusty — mas ela não levou a gente até o fim do caminho para o paraíso —, só que não era a cara que eu esperava que fosse. Não eram os olhos enormes quase em prantos de saudade, espiando de algum lugar no meio de uma cama de casal ao pé da qual, convidativamente, as cobertas se embolassem; bem mais provável é que seja a cara de indulgente benevolência que a mãe faz pra uma criança pequena, ou uma cara de exasperação divertida, mesmo de penosa preocupação. Mas a cara do amor da Dusty Springfield? Esqueçam. Um mito, como as calcinhas exóticas.

As mulheres se equivocam quando reclamam da imagem delas que é passada pela mídia. Os homens sabem que nem todas têm os peitos da Bardot, ou o pescoço da Jamie Lee Curtis, ou o traseiro da Felicity Kendall, e a gente não se incomoda com isso. Claro que,

entre a Kim Bassinger e a Hattie Jacques, ficaríamos com a primeira, do mesmo jeito que as mulheres escolheriam o Keanu Reeves em vez do Bernard Manning, mas não é o corpo o mais importante, é o grau de discrepância. Bem rápido descobrimos que uma *Bond girl* não é pro nosso bico, mas perceber que as mulheres nunca olham pra gente do jeito que a Ursula Andrews olhava pro Sean Conery, ou mesmo do jeito que a Doris Day olhava pro Rock Hudson, leva muito mais tempo, pra maioria de nós. No meu caso, não tenho nem um pouco de certeza de já ter entendido disso.

Começo a me acostumar com a ideia de que a Laura talvez seja a pessoa com quem vou passar o resto da minha vida, acho (ou, ao menos, começo a me acostumar com a ideia de que sou tão infeliz sem ela que não vale a pena pensar em alternativas). Mas é muito mais complicado me acostumar com a ideia de que minha noção de romance de quando era menino — robes femininos transparentes e rendados, jantares à luz de velas, olhares demorados e abrasivos — não corresponde nem um pouco à realidade. Isso é que devia deixar as mulheres furiosas; é por isso que não conseguimos nos comportar direito numa relação. Não é pela celulite nem pelos pés de galinha. É pelo... pelo... pelo *desrespeito*.

28.

Depois de duas semanas, mais ou menos, e de muita conversa e muito sexo e um número considerável de discussões, vamos jantar com o Paul e a Miranda, amigos da Laura. Isso pode não parecer muito empolgante pra vocês, mas é realmente um negócio importante pra mim: um voto de confiança, uma confirmação, um sinal de que continuo firme na relação por mais alguns meses, pelo menos. A Laura e eu nunca entramos num acordo sobre o Paul e a Miranda, a ponto de eu não ter conhecido nenhum dos dois. A Laura e o Paul entraram na firma de advocacia mais ou menos ao mesmo tempo e se deram bem, de modo que ela (e eu) já tínhamos sido convidados por eles, e eu me recusei a ir. Não gostava do que ouvia sobre o cara, nem do entusiasmo da Laura com ele, embora, quando soube que havia uma Miranda na história, percebi que estava sendo idiota, então inventei um monte de outras coisas. Falei que ele parecia ser o caso típico de uma gente que ela agora ia conhecer o tempo inteiro, naquele novo emprego chique, e que eu estava sendo deixado de lado, e aí ela ficou irritada, então resolvi arriscar mais e passei a dizer o nome dele precedido das palavras “aquele” e “babaca” sempre que o mencionava, e associei ao sujeito um tom de voz de quem se acha superior e uma série de interesses e atitudes que ele provavelmente não tinha, e foi quando a Laura se irritou *mesmo* e saiu com eles sem mim. E, tendo chamado o cara de babaca tantas vezes, eu sentia que o Paul e eu já começáramos com o pé esquerdo, por isso, quando a Laura convidou os dois pra irem lá

em casa, fiz questão de ficar fora até as duas da manhã, só pra garantir que não ia esbarrar com eles, mesmo sabendo que, por causa do filho pequeno, não teriam voltado pra casa depois das onze e meia. De modo que, quando a Laura falou que tínhamos sido convidados pra jantar, eu sabia que era algo importante, não só porque ela estava disposta a uma nova tentativa, mas porque significava que havia comentado sobre a gente estar morando de novo juntos, e os comentários não podiam ter sido de todo ruins.

Enquanto esperamos, parados à porta da casa deles (nada muito extravagante, um sobrado de três quartos em Kensal Green), fico brincando com o botão do meu jeans, um hábito nervoso que a Laura desaprova seriamente, talvez por razões compreensíveis. Mas hoje ela olha pra mim e sorri, e me aperta de leve a mão (a outra mão, aquela com a qual não estou cutucando freneticamente o saco), e aí, antes que eu me dê conta, já é o interior da casa, em meio a uma onda de sorrisos e beijos e apresentações.

O Paul é alto e bem-apanhado, cabelo comprido preto (do tipo desleixado, e não da modinha, comprido no estilo nerd de computador, sem cuidados de salão de beleza) e a barba mais do que por fazer. Está usando umas calças gastas de veludo cotelê marrom e uma camiseta da Body Shop com alguma coisa verde estampada, um lagarto ou uma árvore ou um vegetal ou algo assim. Quem dera minha calça estivesse desabotoada, pra eu me sentir tão à vontade quanto ele. A Miranda, como a Laura, está vestida com um moletom folgado e legging, e usa um par de óculos estilosos, sem aro, e é loira e cheinha e bonita, não tão cheinha quanto a Dawn French, mas o suficiente pra que se repare de cara. De modo que não fico intimidado pelas roupas, nem pela casa, nem por aquelas pessoas que, enfim, são tão legais comigo que quase me dá vontade de chorar: fica óbvio, até pro mais inseguro dos seres, que o Paul e a Miranda estão encantados que eu tenha vindo, seja porque resolveram que sou Do Bem, seja porque a Laura disse pra eles que está feliz do jeito que as coisas estão (e, caso eu tenha entendido errado e tudo não passe de encenação deles, quem se importa, com atores tão bons?).



Não falamos de nada parecido com os nomes que daríamos aos nossos cachorros, em parte porque todo mundo já sabe o que os demais fazem da vida (a Miranda é professora universitária de literatura), em parte porque em nenhum momento o encontro dá chance pra esse tipo de coisa. Eles perguntam sobre o pai da Laura, e ela conta do funeral, ou de partes dele, ao menos, e também umas coisas que eu não sabia — por exemplo, ela ter se sentido um pouquinho empolgada, antes de todo aquele sofrimento e dor e tudo mais, pensando: “Meu Deus, é a coisa mais adulta pela qual já passei na vida”.

E a Miranda fala um pouco sobre quando a mãe dela morreu, e o Paul e eu fazemos umas perguntas a respeito, e o Paul e a Miranda perguntam sobre minha mãe e meu pai, e aí, por algum motivo, o assunto muda completamente pras nossas aspirações, e conversamos sobre o que queremos da vida e com o que não estamos felizes, e... sei lá. Parece idiota dizer uma coisa dessas, mas, apesar do assunto ser esse, estou me divertindo — não estou com medo de ninguém, e eles prestam atenção em tudo o que eu falo, e flagro a Laura, aqui e ali, me olhando com carinho, o que ajuda a levantar o moral. Não que nenhum de nós tenha dito nada de memorável, ou sábio, ou extremamente inteligente; era mais uma coisa de atmosfera. Pela primeira vez na vida me senti num episódio de *Thirtysomething*, e não num de... de... de alguma série que ainda não foi produzida, sobre três caras que trabalham numa loja de discos e passam o dia inteiro conversando sobre recheios de sanduíches e solos de sax, e adorei a sensação. E sei que *Thirtysomething* é um novelão americano antiquado e cheio de clichês, consigo perceber isso. Mas, quando o cara está lá, na sua quitinete em Crouch End, com um comércio indo pelo ralo e abandonado pela namorada, que fugiu com o cara do apartamento de cima, ter um dos papéis principais num episódio da vida real de *Thirtysomething*, filhos e casamentos e empregos e churrascos e cds da k.d. lang e tudo mais que isso implica, parece mais do que ele podia querer da vida.

A primeira vez que me apaixonei por alguém foi quatro ou cinco anos antes da Alison Ashworth aparecer. Passávamos férias em Cornwall, e um casal em lua de mel costumava tomar café da manhã na mesa ao lado da nossa, e nós conversávamos, e me apaixonei pelos dois. Não por um ou pelo outro, mas por ambos, pela unidade que formavam. (E, agora que parei pra pensar sobre isso, talvez tenham sido aqueles dois, tanto quanto a Dusty Springfield, que me fizeram criar expectativas irrealistas quanto aos relacionamentos.) Acho que ambos estavam tentando, como às vezes fazem os recém-casados, mostrar que eram ótimos com crianças, que ele daria um excelente pai e ela, uma fantástica mãe, e quem ganhou com isso fui eu: me levaram pra nadar e pra brincar nas piscinas naturais que se formavam nas rochas e me compraram uma lanterna e, quando foram embora, fiquei de coração partido.

É meio que a mesma coisa hoje à noite, com o Paul e a Miranda. Me apaixono por ambos — pela vida que têm, e pelo jeito como tratam um ao outro, e pela maneira como me fazem sentir como seu eu fosse o novo centro do mundo deles. Acho os dois sensacionais, e quero vê-los duas vezes por semana, toda semana, pelo resto da minha vida.

Só bem no final da noite é que me dou conta de que caí numa armadilha. A Miranda subiu pro andar de cima pra ver o filhinho deles; o Paul foi ver se não tem alguma garrafa velha de licor mofando no fundo de um armário, pra gente alimentar o fogo no nosso estômago.

“Vai dar uma olhada nos discos deles”, a Laura diz.

“Não preciso. Sou capaz de sobreviver sem torcer o nariz pras coleções de discos de outras pessoas, sabe.”

“Por favor, quero que você faça isso.”

Então vou até a estante, deito a cabeça de lado e estreito a vista, e o que encontro, claro, é um desastre, o tipo de coleção de CDs tão horrivelmente tóxico que devia ser colocado num contêiner de aço e embarcado pra algum lixão do Terceiro Mundo. Está tudo ali: Tina Turner, Billy Joel, Kate Bush, Pink Floyd, Simply Red, Beatles, claro Mike Oldfield (*Tubular Bells I e II*), Meat Loaf... Não tenho muito

tempo pra examinar os vinis, mas vejo alguns discos dos Eagles e vislumbro o que suspeito ser um disco da Barbara Dickson.

O Paul volta pra sala.

“Acho que não tenha muita coisa aí que você aprova, né?”

“Ah, sei lá. Eles eram uma banda legal, esses Beatles.”

Ele ri. “Temo que a gente não esteja muito atualizado. Vamos precisar dar uma passada na loja pra você nos colocar em dia.”

“Cada um na sua, é o que eu sempre digo.”

A Laura me encara. “Nunca te ouvi dizer isso. Pensei que ‘cada um na sua’ fosse o tipo de opinião que leva alguém à forca no admirável mundo de Rob Fleming.”

Consigo manter o sorriso amarelo, enquanto seguro minha taça de licor e sou servido de um velho Drambuie saído de uma garrafa toda pegajosa.

“Você fez de propósito”, digo pra ela a caminho de casa. “Sabia o tempo todo que eu ia gostar deles. Foi um truque.”

“É. Te enganei pra que você conhecesse uma pessoas que ia achar o máximo. Te enfiei na armadilha de uma noite agradável.”

“Você entendeu.”

“Todo mundo precisa ter suas convicções testadas de tempos em tempos. Achei que ia ser divertido te apresentar pra alguém com discos da Tina Turner, e aí ver se você ainda pensava igual.”

Tenho certeza de que penso. Ou, ao menos, de que vou voltar a pensar. Mas, hoje, sou obrigado a confessar (só pra mim mesmo, obviamente) que talvez, dadas as circunstâncias peculiares, bizarras e provavelmente irrepetíveis desta noite, o importante não é do que a pessoa gosta, mas o que ela é. Mas eu é que não vou explicar pro Barry como é que isso pode acontecer.

29.

Levo a Laura pra assistir a Marie; ela adora.

"Mas ela é sensacional!", diz. "Por que mais pessoas não conhecem ela? Por que o pub não estava lotado?"

Acho uma ironia e tanto, uma vez que passei nosso relacionamento inteiro tentando fazer ela escutar gente que devia ser famosa mas não é, embora resolva não me dar ao trabalho de comentar.

"Precisa ter bastante bom gosto pra perceber como ela é boa, acho, e a maioria das pessoas não tem."

"E ela apareceu na loja?"

É. E fui pra cama com ela. Superlegal, né?

"É. Fui eu quem atendi. Superlegal, né?"

"Comedor de popstars." Quando a Marie termina a música, a Laura aplaude batendo no dorso da mão que está segurando um copo de Guinness. "Por que você não põe ela pra tocar na loja? Num pocket show? Você nunca fez uma coisa assim."

"Nunca tive oportunidade."

"E por que não? Ia ser divertido. Ela provavelmente nem precisaria de microfone."

"Só se tivesse um problema sério nas cordas vocais pra ter que cantar com microfone na Championship Vinyl."

"E você provavelmente ia vender algumas fitas dela, e outras coisinhas junto. E podia conseguir que o show aparecesse no guia da *Time Out*."

“Opa, opa, Lady Macbeth. Calminha aí, escuta ela tocando.” Marie estava cantando uma balada sobre um tio morto, e uma ou duas pessoas olharam quando a Laura se entusiasmou um pouco demais.

Mas gosto da ideia. Um pocket show! Que nem fazem na HMV! (As pessoas autografam fitas cassete? Acho que sim.) E, quem sabe, se o da Marie der certo, outras pessoas não queiram fazer? Bandas, talvez, e, se for verdade que o Bob Dylan está comprando uma casa no norte de Londres... ora, por que não? Sei que estrelas do pop não costumam dar showzinhos particulares em lojas pra ajudar a desovar discos usados do catálogo, mas, se conseguisse me livrar daquela cópia mono de *Blonde On Blonde* com algum ágio, daria metade do valor pra ele. Aceitaria até uma divisão sessenta-quarenta, se ele autografasse.

E a partir daí, desse pequeno evento único, um acústico do Bob Dylan na Championship Vinyl (com lançamento do disco ao vivo, edição limitada, quem sabe? Talvez tivéssemos que resolver uns probleminhas contratuais complicados, mas nada impossível, acho que não), fica fácil enxergar dias melhores, maiores, mais luminosos pela frente. Talvez eu pudesse reabrir o Rainbow. Fica logo ali na esquina e ninguém mais quer reativar. Então eu podia relançar a casa com uma apresentação única e beneficente, quem sabe com o Eric Clapton repetindo o Rainbow Concert...

Vamos até a Marie durante o intervalo, quando ela está vendendo suas fitas.

“Oh, oi!!! Vi o Rob ali com alguém e esperava que fosse você”, ela diz pra Laura com um grande sorriso.

Estava tão ocupado com a história toda dos eventos rolando na minha cabeça que esqueci de ficar nervoso com o encontro cara a cara da Laura e da Marie (Duas Mulheres. Um Homem. Qualquer idiota perceberia problemas à vista. Etc.), e já tenho que me explicar. Atendi a Marie na loja algumas vezes, de acordo comigo mesmo. De onde, então, a expectativa dela de que a Laura fosse a Laura? (“São cinco libras e noventa e nove, por favor. Ah, minha namorada tem uma carteira igual a essa. Ex-namorada, na verdade. Queria muito que você conhecesse ela, mas a gente terminou.”)

A Laura parece confusa, mas segue com a conversa.

“Adoro suas músicas. E o jeito que você canta.” Ela fica um pouquinho corada e balança a cabeça, impaciente.

“Fico feliz que você tenha gostado. O Rob estava certo. Você é mesmo especial.” (“Seu troco: quatro libras e um pence. Minha ex-namorada é uma garota especial.”)

“Não tinha me dado conta de que vocês eram tão próximos”, a Laura diz, com mais acidez do que o recomendável pro meu estômago.

“Ah, o Rob tem sido um bom amigo desde que cheguei aqui. E o Dick e o Barry. Eles têm me feito sentir realmente bem-vinda.”

“Melhor a gente deixar a Marie vender as fitas dela, Laura.”

“Marie, você faria um pocket show na loja do Rob?”

A Marie dá risada. Ri e não responde. Ficamos lá, parados que nem uns patetas.

“Você está brincando, certo?”

“Na verdade, não. Num sábado à tarde, quando a loja tem bastante movimento. Você podia subir no balcão pra cantar.” Esse último requinte fica por conta da Laura, e dou uma encarada nela.

A Marie dá de ombros. “Tá. Mas fico com tudo o que arrecadar com as fitas.”

“Claro.” A Laura outra vez. Continuo encarando-a desde a frase anterior, de modo que tenho que me contentar com uma encarada mais intensa.

“Obrigada, legal te conhecer.”

Voltamos pro lugar de onde assistíamos ao show.

“Viu?”, ela diz. “Fácil.”

De vez em quando, durante as primeiras semanas após a Laura ter voltado, tento decidir como está minha vida agora: se melhor ou pior, se meus sentimentos por ela estão diferentes e quanto, se estou mais feliz do que estava, quanto falta pra voltar a me sentir inquieto, com vontade de mudar, se a Laura está mudada, como é viver com ela. As respostas são fáceis — melhor, mais ou menos, sim, bastante, na verdade não, bem legal —, mas também insatisfatórias, porque sei que não são muito profundas. Mas, por alguma razão, o tempo pra pensar está menor desde que ela voltou. Ficamos ocupados demais conversando, ou trabalhando, ou fazendo

sexo (está rolando um montão no momento, na maior parte das vezes iniciativa minha, como forma de espantar a insegurança), ou comendo, ou indo no cinema. Talvez eu devesse parar de fazer essas coisas, assim poderia responder aquelas questões todas direito, pois sei que esta é uma fase importante. Mas, pensando bem, talvez não devesse; talvez as coisas sejam assim mesmo. Talvez seja assim que as pessoas conseguem manter seus relacionamentos.

“Ah, ótimo. Você nunca convidou a gente pra tocar aqui, né?”

O Barry. Mané. Devia saber que ele ia acabar achando do que se queixar quanto ao showzinho da Marie na loja.

“Não convidei? Achei que tinha convidado e você tinha dito não.”

“Como é que a gente vai chegar a algum lugar se nem os amigos dão uma chance?”

“O Rob deixou você colocar o cartaz, Barry. Seja justo.” Bastante assertivo, vindo do Dick, mas alguma coisa nele não gosta da ideia do Barry estar numa banda. Pra ele, acho, uma banda é ação demais, é se afastar muito do papel de fã.

“Ah, do caralho. Grande porcaria de merda. Um cartaz.”

“Como é que uma banda ia caber aqui? Eu precisaria comprar a loja do lado, e não estou disposto a isso só pra você poder fazer uma bagunça aqui num sábado à tarde.”

“A gente podia preparar um set acústico.”

“Ah, certo. Kraftwerk *unplugged*. Ficaria legal.”

Dick ri da tirada, o que faz o Barry virar pra ele irado.

“Cala a boca, babaca. Já falei, não estamos mais trabalhando com as influências alemãs.”

“E pra que esse show? O que vocês iam vender? Já gravaram alguma coisa? Não? Bom, taí então.”

Minha lógica é tão poderosa que o Barry é obrigado a se contentar com uns cinco minutos batendo o pé pela loja pra, em seguida, se alojar no balcão com a cara enterrada num exemplar antigo da *Hot Press*. Aqui e ali, ele dá alguma resposta chocha — “Só porque você trepou com ela”, por exemplo, e “Como é que você pode ser dono de uma loja de discos sem nem gostar de música?”.

Mas, na maior parte do tempo, fica quieto, perdido em pensamentos sobre como seria se eu tivesse dado à Barrytown a oportunidade de tocar ao vivo na Championship Vinyl.

É uma bobagem, esse show. Não vai passar, afinal, de meia dúzia de canções tocadas num violão pra meia dúzia de pessoas. O que me deprime é como já estou ansioso, e o tanto que curti nossa modesta e escassa divulgação (uns cartazes, uns telefonemas pra ver se conseguia umas fitas). E se eu acabar insatisfeito com o que tenho? O que faço então? A noção de que o tanto de... de *vida* a que tenho direito pode não ser suficiente pra me satisfazer, me deixa alarmado. Pensei que a gente devesse se livrar de tudo o que é supérfluo e se virar com o resto, e não parece nem um pouco que seja esse o caso.

O grande dia vira um borrão na memória, como deve ser pro Bob Geldof o Live Aid. A Marie aparece e uma porrada de gente aparece pra ver ela (a loja está apinhada e, embora a Marie não tenha que subir no balcão pra tocar, acaba que precisamos arranjar uns engradados pra ela ficar em cima), e o pessoal aplaude, e, no final, alguns compram fitas e outros levam outras coisas da loja; minhas despesas foram de dez libras e vendo umas trinta ou quarenta em itens do estoque, de modo que estou rindo à toa. Às sacudidelas. Com um largo sorriso, enfim.

A Marie vende o peixe pra mim. Toca mais ou menos uma dúzia de músicas, somente metade delas composições suas; antes de começar, passa algum tempo fuçando nos suportes pra conferir se tenho à venda todas as canções cujas versões cover ela pretende tocar e anotando os títulos e os preços dos discos onde foram gravadas originalmente. Se não temos o disco, ela risca a música do *set list* e escolhe outra que possa ser encontrada na loja.

“Essa canção da Emmylou Harris se chama ‘Boulder to Birmingham’”, a Marie anuncia. “É do disco *Pieces Of The Sky*, que o Rob está oferecendo pelo inacreditável preço de cinco libras e noventa e nove e pode ser encontrado logo ali, na seção ‘Cantoras Country’.” “Agora uma música do Butch Hancock chamada...” E, quando acaba e as pessoas querem comprar os discos, mas esqueceram os títulos, a Marie está lá pra ajudar. Ela é demais e,



quando canta, minha vontade é de não estar morando com a Laura, e que a noite que passamos juntos tivesse sido melhor do que foi. Talvez da próxima vez, se houver uma, eu não esteja me sentindo tão infeliz por ver a Laura indo embora, e então as coisas possam ser diferentes com a Marie, e... mas sempre vou ficar infeliz com a Laura indo embora. Foi isso que aprendi. Então deveria estar feliz por ter ela comigo, certo? É assim que as coisas deveriam funcionar, certo? E é assim que funcionam. Mais ou menos. Quando não fico pensando muito.

Daria pra argumentar que, guardadas as proporções, meu pequeno evento é mais bem-sucedido que o Live Aid, pelo menos do ponto vista técnico. Nada de picos de luz nem cagadas técnicas (embora, admita-se, seja difícil ver o que poderia ter dado errado, exceto uma corda arreventada ou um tombo da Marie), e apenas um incidente inesperado: depois de duas músicas, uma voz familiar surge no fundo da loja, bem perto da porta.

"Toca 'All Kinds of Everything'."

"Não sei essa", responde Marie, gentil. "Mas se soubesse eu tocaria pra você."

"Você não sabe?"

"Nã-não."

"*Você não sabe?*"

"Nã-não de novo."

"Meu Deus, mulher, a música ganhou o Festival da Canção Eurovision."

"Então acho que sou bem ignorante, né? Prometo que, da próxima vez que tocar aqui ao vivo, já vou ter aprendido essa."

"Cacete, espero que sim."

E então abro caminho até a porta, e o Johnny e eu fazemos nossa pequena coreografia, e boto ele pra fora. Mas nem se compara ao microfone do Paul McCartney falhando durante "Let It Be", né?

"Foi muito bacana", a Marie diz, ao final. "Não pensei que fosse dar certo, mas deu. E todo mundo ganhou dinheiro! Isso sempre me faz sentir bem."

Eu mesmo não me sinto bem, não mais, agora que acabou. Por uma tarde trabalhei num lugar pra onde as pessoas queriam vir, e

isso fez diferença pra mim — me senti, me senti, me senti, vai, diz logo, *mais homem*, uma sensação ao mesmo tempo chocante e reconfortante.

Homens não trabalham em ruas pequenas, quietas e desertas de Holloway; trabalham na City ou no West End, ou em fábricas, ou em minas, ou em estações ou aeroportos ou escritórios. Trabalham em lugares onde outras pessoas também trabalham, e precisam batalhar pra chegar lá, e talvez, como consequência, não fiquem com a sensação de que a vida real acontece em outro lugar. Não sinto nem mesmo que sou o centro do meu mundo, então como me sentir o centro do mundo de qualquer outra pessoa? Quando o último cliente sai da loja e tranco a porta, de repente entro em pânico. Sei que vou ter que tomar uma atitude em relação a este lugar — passar pra frente, botar fogo, sei lá — e encontrar uma carreira.

30.

Mas vejam:

### **Meus cinco empregos dos sonhos**

1. Jornalista da NME, 1976-1979

Conhecer o Clash, os Sex Pistols, a Chrissie Hynde, o Danny Baker etc. Ganhar uma porrada de discos grátis — e bons também. Seguir carreira com meu próprio programa de perguntas e respostas ou algo do tipo.

2. Produtor da Atlantic Records, 1964-1971 (aproximadamente)

Conhecer a Aretha, o Wilson Pickett, o Solomon Burke etc. Ganhar uma porrada de discos grátis (provavelmente) — e bons também. Ganhar montes de dinheiro.

3. Qualquer tipo de músico (menos erudito ou de rap)

Dispensa comentários. Mas já ficaria feliz fazendo parte dos Memphis Horns — não estou pedindo pra ser Hendrix, Jagger ou Otis Redding.

4. Diretor de cinema

De novo, de qualquer tipo, embora preferivelmente não de filmes alemães ou mudos.

5. Arquiteto

Uma opção surpreendente, a número cinco, eu sei, mas é que eu costumava ser muito bom em desenho geométrico na escola.

E é isso. E, também, essa não é uma lista dos cinco mais: não tem um número seis ou sete que precisei deixar de fora por causa

das regras da brincadeira. Pra ser honesto, nem teria grandes pretensões de ser arquiteto — só pensei que, se não conseguisse achar cinco empregos pra lista, ia parecer meio fraco.

Foi ideia da Laura que eu fizesse a lista, e não consegui pensar em opções sensatas, então coloquei só as idiotas. Não tinha intenção de mostrar pra ela, mas alguma coisa naquilo me irritou — autopiedade, inveja, alguma coisa — e, enfim, acabo mostrando.

Ela não reage.

“Vai ter que ser arquitetura então, né?”

“Acho que sim.”

“Sete anos de estudos.”

Dou de ombros.

“Você está preparado pra isso?”

“Na verdade, não.”

“Achei mesmo que não.”

“Não tenho certeza de que quero realmente ser arquiteto.”

“Ou seja, você tem aí uma lista de cinco coisas em que trabalharia se qualificação, época, história e salário não importassem, e uma delas nem te interessa.”

“Bom, coloquei como número cinco.”

“Você preferia mesmo ter sido um jornalista da NME do que, sei lá, um explorador do século XVI, ou o rei da França?”

“Nossa, claro.”

Ela balança a cabeça.

“O que você colocaria na sua lista, então?”

“Centenas de coisas. Dramaturga. Bailarina clássica. Música, sim, mas também pintora ou catedrática de uma universidade ou romancista ou uma grande chef.”

“Chef?”

“É. Adoraria ter esse tipo de talento. Você não?”

“Até podia ser. Mas não ia querer trabalhar à noite.” Não ia mesmo.

“Então é melhor você continuar com a loja.”

“Por que você diz isso?”

“Você não prefere ficar lá a ser arquiteto?”

“Acho que sim.”

“Bom, taí então. Arquiteto é o número cinco da lista de empregos dos sonhos, as outras quatro opções são totalmente impraticáveis, melhor você continuar onde está.”

Não conto pro Dick e pro Barry que estou pensando em largar tudo. Mas pergunto pros dois quais seriam seus cinco empregos dos sonhos.

“Pode subdividir?”, o Barry pergunta.

“Como assim?”

“Tipo, saxofonista e pianista são empregos diferentes?”

“Acho que sim.”

Silêncio na loja; por alguns momentos, aquele é o ambiente de uma sala de aula de escola primária durante uma concentrada sessão de desenho. Canetas na boca, opções riscadas, testas enrugadas, e eu espiando por sobre ombros.

“E baixista e guitarrista solo?”

“Não sei. Acho que vale como um.”

“Quê, então o Keith Richards tinha o mesmo emprego do Bill Wyman, segundo você?”

“Não falei que tinham...”

“Alguém devia ter dito isso pra eles. Um dos dois podia ter se poupado de uma porção de encrencas.”

“E quanto a crítico de cinema e de música?”, pergunta Dick.

“Um emprego só.”

“Ótimo. Assim sobra mais espaço pra outras coisas.”

“Ah, é? Tipo o quê?”

“Pianista e saxofonista, pra começar. E ainda tenho duas vagas.”

E por aí a coisa vai e vai. Mas a questão é que a minha lista não era bizarra. Podia ter sido pensada por qualquer pessoa. Quase qualquer pessoa. Qualquer pessoa que trabalhe aqui, enfim. Ninguém fala nada sobre “procurador”. Ninguém pergunta se “médico” e “veterinário” são opções distintas. Ambos estão viajando, perdidos em fantasias com estúdios de gravação e camarins e bares do Holiday Inn.

31.

A Laura e eu vamos visitar minha mãe e meu pai, e a sensação é de uma ocasião oficial, como se a gente fosse anunciar alguma coisa. Acho que a sensação é mais deles do que nossa. Minha mãe colocou um vestido e meu pai não fica zanzando pra lá e pra cá, tomando providências quanto a seu vinho caseiro horrível e idiota, nem está à procura do controle remoto da tevê; senta numa cadeira e fica ouvindo e faz perguntas e, numa passada de olhos ligeira, pareceria um ser humano normal tendo uma conversa com as visitas.

É mais fácil lidar com os pais quando se tem uma namorada. Não sei por que é assim, mas é. Minha mãe e meu pai gostam mais de mim quando estou com alguém, e parecem mais à vontade; é como se a Laura se transformasse numa espécie de microfone humano, no qual falamos pra sermos ouvidos.

“Você tem visto *Inspetor Morse*?”, a Laura pergunta, começando um assunto do nada.

“Não”, responde meu pai. “Estão reprisando, né? A gente gravou tudo em vídeo da primeira vez que passou.” Vejam, isso é típico do meu pai. Não basta ele dizer que nunca assiste reprises, que não perde logo na primeira vez; precisa dar uma enfeitada desnecessária e mentirosa.

“Vocês nem tinham videocassete da primeira vez que passou”, observo, não sem razão. Meu pai finge que não escutou.

“Pra que você diz isso?”, pergunto pra ele, que dá uma piscadela pra Laura, como se ela estivesse sacando alguma piada em família particularmente impenetrável. Ela sorri em resposta. De quem é essa família, afinal?

“Dá pra comprar”, ele diz. “As fitas já gravadas.”

“Eu sei. Mas você não tem nenhuma, né?”

Meu pai finge que não ouviu e, a essa altura, se estivéssemos só nos três, teríamos começado uma briga. Eu teria dito que ele estava maluco e/ ou era um mentiroso; minha mãe teria retrucado que eu não fizesse tempestade em copo d’água etc., e eu teria perguntado pra ela se era obrigada a escutar esses troços o dia inteiro, e dali a coisa continuaria.

Quando a Laura está aqui, porém... Não chegaria ao ponto de dizer que ela gosta especialmente dos meus pais, mas com certeza acha que pais, em geral, são uma coisa boa e que, portanto, suas pequenas manias e tolices devem ser amadas, e não expostas. Trata as mentirinhas e as invenções e o nonsense do meu pai como se fossem ondas, rebentações gigantes, nas quais surfa com habilidade e prazer.

“Mas são muito caras, não são, essas fitas?”, ela diz. “Comprei pro Rob umas coisas em vídeo, num aniversário dele uns anos atrás, e me custaram quase vinte e cinco libras!”

É muita cara de pau. Ela não acha que vinte e cinco libras seja muito dinheiro, mas sabe que eles vão achar, e minha mãe, conforme o esperado, solta um guincho horrorizado e alto, à altura das vinte e cinco libras. E lá vamos nós falar dos preços das coisas — chocolates, casas, qualquer coisa que um de nós se lembre, na verdade — e as insultuosas mentiras do meu pai são esquecidas.

E, quando vamos lavar a louça do almoço, mais ou menos a mesma coisa acontece com a minha mãe.

“Fico feliz que você tenha voltado pra dar um jeito nele”, ela diz. “Sabe Deus como ia ficar aquele apartamento se o Rob tivesse que tomar conta dele sozinho.”

Isso me deixa realmente muito puto, a. porque eu tinha dito pra ela não mencionar o recente período de ausência da Laura, b. porque não se diz pra mulher nenhuma, e especialmente não pra

Laura, que um dos grandes talentos dela é cuidar de mim, e c. porque sou o mais organizado de nós dois, e o apartamento ficou, na verdade, mais limpo enquanto ela esteve fora.

“Não sabia que você tinha invadido a casa pra conferir o estado da nossa cozinha, mãe.”

“Não preciso, obrigada. Sei como você é.”

“Você sabia como eu era quando tinha dezoito anos. Não sabe como eu sou agora, que pena.” De onde saiu esse — infantil, impicante, petulante — “que pena”? Ah, já sei. Saiu direto de 1973.

“Ele é muito mais organizado que eu”, a Laura diz, simples e séria. Já escutei essa frase umas dez vezes, exatamente no mesmo tom, desde que fui obrigado a trazê-la aqui pela primeira vez.

“Ah, ele é um bom menino, no fundo. Só queria que tomasse jeito.”

“Ele vai tomar.” E as duas me olham cheias de carinho. De modo que, sim, fui espinafado e tratado como imbecil e motivo de preocupação, mas brilha uma luz naquela cozinha agora, genuíno afeto entre três pessoas, onde antes talvez houvesse simplesmente mútuo antagonismo e minha mãe chorando enquanto eu saía batendo a porta. Prefiro assim como está agora, sério; fico feliz que a Laura esteja aqui.



32.

Cartazes. Sou um entusiasta. A única ideia criativa que já tive na vida foi a de montar uma exposição com fotos de cartazes. Levaria duas ou três décadas pra reunir material suficiente, mas ia ser muito legal quando ficasse pronta. Importantes documentos históricos estão colados no tapume da loja desativada em frente à minha: cartazes anunciando uma luta do Frank Bruno e uma manifestação antinazista e o novo single do Prince e um comediante caribenho e uma porrada de shows, e todos vão ter sumido em algumas semanas, cobertos pelas areias do tempo — ou, no mínimo, por um anúncio do novo disco do U2. O espírito da época está ali, certo? (Vou revelar um segredo pra vocês: na verdade, comecei o projeto. Em 1988, com uma câmera barata, tirei umas três fotos da fachada de outra loja vazia na Holloway Road, mas aí alugaram o lugar e meio que perdi a empolgação. As fotos saíram legais — legazinhas, enfim —, mas ninguém vai querer fazer uma exposição com três fotografias, né?)

De qualquer forma, faço um teste comigo mesmo, de vez em quando. Dou uma olhada no tapume da loja em frente pra ter certeza de que já ouvi falar das bandas cujos shows estão anunciados pra breve, mas a triste verdade é que estou ficando desatualizado. Costumava conhecer todas, cada um dos nomes, por mais idiotas que fossem, não importando o tamanho do lugar em que a banda ia tocar. E aí, três ou quatro anos atrás, quando parei de devorar palavra por palavra das revistas especializadas, comecei

a perceber que não reconhecia mais as bandas se apresentando em pubs e em casas menores; no ano passado, algumas bandas cujos nomes não significavam absolutamente nada pra mim tocaram na Forum. Na Forum! Uma casa com capacidade pra mil e quinhentas pessoas! Mil e quinhentas pessoas indo ver uma banda da qual eu nunca tinha ouvido falar! A primeira vez que aconteceu, passei a noite inteira deprimido, provavelmente porque cometi o erro de confessar minha ignorância pro Dick e pro Barry. (O Barry quase explodiu de escárnio; o Dick baixou os olhos pra bebida que estava tomando, constrangido demais até pra me olhar nos olhos.)

Enfim. Estou fazendo meu teste (o Prince está ali, ao menos, então não vou zerar a pontuação — um dia isso vai acontecer, aí eu me enforco) e reparo num cartaz que parece familiar. “ATENDENDO AO CLAMOR POPULAR!” E embaixo: “A VOLTA DO GROUCHO CLUB!”. E mais embaixo: “TODA SEXTA A PARTIR DE 20 DE JULHO, NO THE DOG AND PHEASANT”. Fico séculos parado ali, olhando pro cartaz, de boca aberta. É do mesmo tamanho e tem as mesmas cores do nosso, antigamente, e tiveram a pachorra de copiar também o layout e a logo — os óculos e o bigode do Groucho Marx no segundo “o” de “Groucho”, e o charuto saindo do “cofrinho” (esse não é, provavelmente, o termo tecnicamente correto, mas era como a gente chamava) formado pelo “b” no final de “club”.

Nos nossos cartazes antigos, costumávamos colocar uma linha, bem embaixo, enumerando os tipos de música que eu tocava; e, no pé do cartaz, eu emendava o nome do brilhante e talentoso DJ, na vã esperança de criar um culto de seguidores. Não dá pra ver o pé deste cartaz aqui, porque alguma banda colou um monte de pequenos *flyers* em cima; aí arranco alguns e lá está: “STAX ATLANTIC MOTOWN R&B SKA MERSEYBEAT E ALGUNS SINGLES DA MADONNA — DANCE MUSIC PARA IDOSOS — DJ ROB FLEMING”. Legal ver que continuo na ativa depois de todos esses anos.

O que está acontecendo? Só tem três possibilidades, na verdade: a. esse cartaz está colado aí desde 1986 e arqueólogos de cartazes acabam de descobri-lo; b. decidi reabrir a casa noturna, mandei fazer os cartazes, coleí e, em seguida, sofri um surto bastante abrangente de amnésia; c. outra pessoa decidiu reinaugar o

Groucho por mim. Concluo que essa alternativa “c” é a melhor aposta e vou pra casa esperar pela Laura.

“É um presente de aniversário atrasado. Tive a ideia quando estava morando com o Ray, e era tão boa que fiquei realmente chateada da gente não estar mais junto. Talvez seja por isso que voltei com você. Você gostou?”, a Laura pergunta. Ela saiu pra beber com um pessoal depois do trabalho e está um pouco bêbada.

Não tinha pensado sobre isso ainda, mas gostei. Fiquei nervoso e com medo — desenterrar os discos todos, arranjar o equipamento —, mas gostei. Adorei, na verdade.

“Você não tinha o direito”, digo pra ela. “Imagina só se...” Se o quê? “Imagina só se eu tivesse alguma coisa marcada que não pudesse ser cancelada?”

“Que coisas você faz que não podem ser canceladas?”

“Não é essa a questão.” Não sei por que tenho que ser assim, sempre inflexível e rabugento, dizendo pra não se meterem na minha vida. Eu devia estar chorando de amor e gratidão, em vez de bancar o rabugento.

“Bom, azar. Você vai tocar.”

“Talvez.”

Um dia, quando alguma coisa assim acontecer, vou ser capaz de simplesmente chegar e agradecer, isso é sensacional, que boa ideia, já estou ansioso. Mas ainda não.

“Tá sabendo que a gente vai tocar no intervalo?”, diz o Barry.

“Porra nenhuma.”

“A Laura falou que a gente podia. Se eu ajudasse com os cartazes e tudo mais.”

“Meu Deus. Vocês não levaram a sério?”

“Claro que levamos.”

“Dou dez por cento da bilheteria pra vocês não tocarem.”

“Já estamos ganhando isso.”

“Que porra de brincadeira da Laura é essa? Tá, vinte por cento.”

“Não. A gente precisa desse show.”

“Cento e dez por cento. Minha última oferta.”

Ele ri.

“Estou falando sério. Se der cem pagantes a cinco libras cada um, são quinhentas e cinquenta libras que vou te pagar. É quanto eu acho que vale não ter que ouvir vocês tocarem.”

“A gente não é tão ruim quanto você pensa, Rob.”

“Não conseguiriam ser mesmo. Escuta, Barry. Vai ter gente do trabalho da Laura lá, gente com cachorros e bebês e discos da Tina Turner em casa. Como é que vocês vão encarar esse pessoal?”

“Como é que eles vão encarar a gente, é o que eu quero saber. Aliás, a banda não chama mais Barrytown. Os caras ficaram de saco cheio daquela história de Barry/ Barrytown. Agora somos a SDM. Sonic Death Monkey.”

“Sonic Death Monkey.”

“O que você acha? O Dick gostou.”

“Barry, você já passou dos trinta. E, pro seu próprio bem, pro bem dos seus amigos, da sua mãe e do seu pai, não pode ser o vocalista de uma banda chamada Sonic Death Monkey.”

“Pro meu próprio bem, o que eu preciso é desafiar limites, Rob, e essa banda realmente desafia limites. Passa dos limites, na verdade.”

“Vocês vão mesmo estar passando da porra dos limites só de chegar perto de mim na sexta à noite.”

“É isso que a gente quer. Reação. E, se os amigos advogados burgueses da Laura não tolerarem, fodam-se eles. Deixa eles se rebelarem que a gente aguenta. Vamos estar preparados.” Ele solta o que, ridiculamente, imagina ser a gargalhada demoníaca de um alucinado em drogas.

Algumas pessoas adorariam uma história como essa. Transformariam a coisa toda numa anedota, começariam a contá-la na cabeça quando o pub ainda estivesse sendo posto abaixo, enquanto advogados chorosos com os tímpanos sangrando se dirigissem à saída. Não sou como essas pessoas. Simplesmente acumulo tudo numa bola maciça de ansiedade nervosa que se aloja

nas minhas entranhas, em algum lugar entre o umbigo e o cu, pra ser mantida em segurança. Nem a Laura parece estar tão preocupada.

“É só a reabertura. E falei pra eles que não podem tocar mais do que meia hora. E tá, pode até ser que você perca alguns dos meus amigos, mas eles não conseguiriam mesmo arranjar uma babá toda semana.”

“Tenho que deixar uma caução, sabe. Além do aluguel do espaço.”

“Já cuidei de tudo.”

E essa pequena frase, apenas, dispara alguma coisa em mim. De repente engasgo. Não é só o dinheiro, é ela ter pensado em tudo: acordei, uma manhã, e encontrei a Laura catando alguns dos meus singles, coisas que se lembrava de me ouvir colocar pra tocar, e pondo tudo em pequenos estojos de carregar discos que eu costumava usar e enfiei em algum armário já faz uns anos. Ela sabia que eu precisava de um empurrãozinho. Sabia também o quanto eu era feliz quando trabalhava com isso; e, de qualquer ângulo que examino a questão, sempre parece que ela está fazendo essas coisas porque me ama.

Procuro em mim um negócio que venho remoendo há algum tempo, e a envolvo nos braços.

“Desculpa ter sido um pouco babaca. Valorizo muito o que você está fazendo por mim, e sei que é pelas melhores razões possíveis que você faz, e te amo, mesmo que me comporte como se não amasse.”

“Tudo bem. Mas você parece tão puto o tempo todo.”

“Eu sei. Não consigo me entender.”

Mas, se tivesse que chutar uma resposta, diria que estou puto porque sei que empaquei e não gosto disso. Seria mais legal, sob alguns aspectos, se eu não estivesse tão ligado a ela; seria mais legal se essas encantadoras possibilidades, se essa expectativa sonhadora que se tem aos quinze anos ou vinte ou vinte e cinco, até, quando a gente sabe que a pessoa mais perfeita do mundo pode, a qualquer momento, aparecer na loja ou no escritório ou na festa de um amigo... seria mais legal se tudo isso ainda fosse possível de achar em algum lugar, num bolso da calça ou no fundo

de uma gaveta. Mas essas coisas todas já eram, acho, e isso basta pra me deixar puto. A Laura é quem eu sou agora, e não ajuda em nada fingir que é diferente.

33.

Conheço a Caroline quando ela vem me entrevistar pro seu jornal e me apaixono na mesma hora, sem brincadeira, ela ainda no bar do pub, esperando pra me pagar um drinque. É um dia quente, o primeiro dia de calor do ano — saímos pra uma mesa de madeira fora e ficamos observando o tráfego —, e ela está com o rosto rosado e usa um vestido folgado e sem mangas e botinas pesadas, combinação que, por alguma razão, cai muito bem nela. Mas acho que acabaria me interessando por qualquer uma hoje. O clima me faz voltar a sentir todas as terminações nervosas que barravam sensações e, enfim, como não se apaixonar por alguém que quer te entrevistar pra um jornal?

Ela escreve no *Tufnell Parker*, um desses jornaizinhos grátis, cheios de anúncios, que o pessoal atira na porta de casa e dali vai pra lata de lixo. Na verdade, ela é estudante — está fazendo jornalismo, e aquele é seu estágio. E ela conta que, na verdade, o editor não tem certeza se vai querer o material, porque nunca ouviu falar nem da loja nem da casa noturna, e Holloway fica bem na divisa de paróquia, ou jurisdição, ou área-alvo, ou seja lá o que for do jornal. Mas a Caroline costumava frequentar o lugar nos velhos tempos e adorava, então estava querendo nos dar uma força.

“Eu não devia ter te deixado entrar”, digo. “Você devia ter uns dezesseis anos.”

“Nossa”, ela reage, e não me dou conta do porquê até que penso no que acabei de dizer. Não disse a frase querendo passar algum

tipo patético de cantada, ou qualquer tipo de cantada, na verdade; só quis dizer que, se ela está na faculdade agora, devia estar na escola naquela época, ainda que pareça ter uns vinte e tantos anos, ou trinta e pouquinhos. Quando descubro que ela resolveu cursar faculdade mais velha e foi secretária de uma editora ligada à esquerda, tento corrigir a impressão que devo ter passado sem apagá-la totalmente, não sei se vocês me entendem, e meio que estrago tudo.

“Quando falei aquilo sobre não te deixar entrar, não quis dizer que você parece jovem. Não parece.” Jesus. “Também não parece muito velha. Parece ter a idade que você tem.” Puta que o pariu. E se ela tiver quarenta e cinco? “Bom, parece mesmo. Um pouco mais jovem, talvez, mas não muito mais. Não demais. Na medida exata. Tinha esquecido esse negócio de gente que faz faculdade mais tarde, sabe.” Preferia mil vezes ser um conquistador cheio de lábia do que esse idiota bajulador incoerente e desajeitado.

Passados alguns minutos, porém, já olho com saudades pro idiota bajulador; ele parece infinitamente preferível à minha encarnação seguinte, a de Homem Tosco.

“Você deve ter uma coleção de discos enorme”, a Caroline diz.

“É”, respondo. “Quer dar uma chegada lá em casa pra conferir?”

E foi isso mesmo que eu quis dizer! Isso mesmo! Pensei que talvez eles estivessem interessados numa foto minha junto às estantes ou algo do tipo! Mas, quando a Caroline me olha por cima dos óculos escuros, volto a fita e ouço o que acabei de dizer, e só consigo soltar um gemido de desespero. Que, pelo menos, faz ela rir.

“Geralmente não sou assim, sério.”

“Não se preocupe. Não acho que ele vá me deixar escrever um daqueles perfis no estilo do *Guardian*.”

“Não era por isso que eu estava preocupado.”

“Tudo bem, sério.”

Tudo é esquecido quando ela faz a pergunta seguinte, porém. Minha vida toda esperei por esse momento e, quando acontece, mal posso acreditar: estou despreparado, sou pego de calças curtas.

“Quais são seus cinco discos favoritos de todos os tempos?”, ela pergunta.



“Como é?”

“Seus cinco melhores discos de todos os tempos? Os discos que você levaria pra uma ilha deserta menos — quantos? Três?”

“Menos três o quê?”

“Não são oito discos que eles escolhem naquele programa *Desert Island Discs*? Oito menos três dá cinco, certo?”

“É. Só que mais três, não menos três.”

“Não, eu só disse que... enfim. Seus cinco discos de todos os tempos.”

“Na pista ou em casa?”

“Tem diferença?”

“ÓBVIO...” Agressivo demais. Finjo que tem alguma coisa incomodando minha garganta, pigarreio e retomo. “Bom, sim, alguma. Tem os meus cinco discos favoritos de todos os tempos pra dançar, e aí tem os cinco favoritos de todos os tempos. Veja, um dos meus favoritos é *Sin City*, dos Flying Burrito Brothers, mas não colocaria pra tocar na pista. São baladas country rock. Faria todo mundo ir embora.”

“Que seja. Cinco só. Então mais quatro.”

“Como assim, mais quatro?”

“Se um deles é esse *Sin City*, então faltam quatro.”

“NÃO!” Desta vez nem tento disfarçar meu pânico. “Não falei que entrava no meu top five! Só disse que era um dos meus favoritos! Pode ser que fique em sexto ou sétimo lugar!”

Estou meio que fazendo papel de idiota, mas não consigo evitar: o negócio é importante demais, e faz muito tempo que espero por isso. Mas onde estão eles, os discos todos que guardei na cabeça ao longo dos anos, só pro caso do Roy Plomley ou do Michael Parkinson ou da Sue Lawley ou de quem quer que estivesse apresentando o *My Top Twelve* na Radio One me chamasse como convidado de última hora e, é preciso admitir, um desconhecido substituto de algum famoso? Por alguma razão, mal consigo lembrar qualquer título além de *Respect*, que não é, definitivamente, minha música favorita da Aretha.

“Posso ir pra casa, pensar um pouco e depois te dizer? Daqui mais ou menos uma semana?”

“Escuta, se você não está conseguindo pensar em nada, não faz mal. Eu mesma faço a lista. Meu top five do velho Groucho Club ou algo do tipo.”

Ela vai fazer a lista! Vai roubar minha única chance de fazer uma lista pra ser publicada num jornal! De jeito nenhum!

“Ah, tenho certeza de que consigo pensar em alguma coisa.”

*A Horse With No Name. Beep Beep. Ma Baker. My Boomerang Won't Come Back.* De repente minha cabeça é inundada por títulos horrorosos, e já estou quase sem ar.

“Tá, pode colocar *Sin City*.” Deve haver algum outro single decente em toda a história do pop.

“*Baby Let's Play House!*”

“De quem?”

“Elvis Presley.”

“Ah. Claro.”

“E...” Aretha. Pense na Aretha.

“*Think*, da Aretha. Franklin.”

Uma chatice, mas serve. Já foram três. Mais dois. Vamos lá, Rob.

“*Louie, Louie*, do Kingsmen. *Little Red Corvette*, do Prince.”

“Legal. Ótimo.”

“Só isso?”

“Bom, não me importaria da gente bater um papinho, se você estiver com tempo.”

“Claro. Mas e a lista, acabou?”

“São cinco. Você quer mudar alguma coisa?”

“Coloquei *Stir It Up?* Do Bob Marley?”

“Não.”

“Melhor colocar.”

“E quem você quer deixar de fora?”

“O Prince.”

“Sem problema.”

“E vou preferir *Angel*, em vez de *Think*.”

“Certo.” Ela olha pro relógio. “Melhor eu te fazer umas perguntinhas antes de voltar pro jornal. Por que você resolveu reabrir o clube?”

“Foi ideia de uma amiga, na verdade.” Uma amiga. Patético. “Ela organizou tudo sem me contar, uma espécie de presente de aniversário. Acho que quero colocar um James Brown aí também. *Papa’s Got a Brand New Bag*. No lugar do Elvis.”

Observo cuidadoso ela riscar um e anotar o outro.

“Que amiga bacana.”

“É.”

“Como é o nome dela?”

“Humm... Laura.”

“Sobrenome?”

“Só... Lydon.”

“E aquela história de dance music para idosos? É dela também?”

“Também da Laura.”

“O que significa?”

“Olha só, desculpa, mas queria colocar na lista *Family Affair*, do Sly and Family Stone. Em vez de *Sin City*.”

Ela risca e escreve.

“Dance music para idosos?”

“Ah, sabe como é... tem um monte de gente que não está velha demais pra sair à noite, mas já não tem idade pra *acid jazz* e *garage* e *ambient* e tudo mais. Querem ouvir um pouco de Motown e funk das antigas e material da Stax e alguma coisa nova, tudo misturado, e não tem um lugar pra esse pessoal frequentar.”

“Tá certo. Acho que já está bom.” Ela termina seu suco de laranja. “Valeu. Estou ansiosa pela sexta-feira. Eu adorava te ouvir tocar.”

“Faço uma fita pra você, se quiser.”

“Você faz? Sério? Eu ia poder ter meu próprio Groucho Club pra tocar em casa.”

“Sem problemas. Adoro gravar fitas.”

Sei que vou fazer essa coletânea, hoje à noite, provavelmente, e sei também que, ao tirar a fita cassete da embalagem e apertar o botão de pause, já vou me sentir traído.

“Não acredito nisso”, a Laura diz, ao me ouvir contar sobre a Caroline. “Como você pôde fazer isso?”

“O quê?”

“Desde que te conheço você me fala que *Let’s Get It On*, do Marvin Gaye, é o maior disco de todos os tempos, e agora ele nem entra nos seus cinco melhores.”

“Merda. Porra. Caralho. Sabia que tinha...”

“E o que aconteceu com o Al Green? E com o Clash? E com o Chuck Berry? E com aquele cara que a gente estava discutindo outro dia? Solomon não sei o quê?”

Meu Deus.

Ligo pra Caroline na manhã seguinte. Ela não está. Deixo uma mensagem. Ela não liga de volta. Ligo outra vez. Deixo nova mensagem. A coisa está ficando meio constrangedora, mas *Let’s Get It On* não pode faltar de jeito nenhum nesse top five. Na terceira tentativa, consigo falar com ela, que soa constrangida, mas cheia de dedos, e, quando se dá conta de que só estou ligando pra mudar a lista, relaxa.

“Tá. Meu top five definitivo. Número um, *Let’s Get It On*, do Marvin Gaye. Número dois, *This Is the House that Jack Built*, da Aretha Franklin. Número três, *Back in the USA*, do Chuck Berry. Número quatro, *White Man in the Hammersmith Palais*, do Clash. E o último, mas não menos importante, ha ha, *So Tired of Being Alone*, do Al Green.”

“Não posso mais mudar agora, você sabe. Essa vai ser a lista.”

“Tudo bem.”

“Mas estava pensando que talvez fizesse sentido colocar seus favoritos do Groucho Club. Aliás, o editor gostou da história, daquele negócio da Laura.”

“Ah.”

“Será que consigo te arrancar uma lista rápida de músicas de lotar a pista, ou é pedir demais?”

“Não. Sei quais são elas.” Dito as cinco pra Caroline (embora, quando o artigo é publicado, saia “*In the Ghetto*”, como na música do Elvis, um erro que o Barry finge ter acontecido por ignorância minha).

“Sua fita está quase pronta.”

“É mesmo? Muito legal da sua parte.”

“Mando pra você? Ou nos encontramos pra um drinque?”

“Humm... Um drinque seria ótimo. Te pago um, como agradecimento.”

“Ótimo.”

Fitas, né? Sempre funcionam.

“Pra quem é?”, a Laura pergunta, ao me ver às voltas com passagens de música e a sequência do repertório e ajustes de volume.

“Ah, é pra mulher que me entrevistou pro jornalzinho gratuito. Carol? Caroline? Uma coisa assim. Ela disse que ficaria mais fácil, sabe, se pudesse ter uma amostra do tipo de música que tocamos lá.” Mas não consigo dizer isso sem corar e ficar olhando fixo pro toca-fitas, e sei que ela não acredita em mim, na verdade. Ela, mais do que qualquer pessoa, sabe o que uma coletânea dessas significa.

Na véspera do dia em que combinei de encontrar a Caroline pra um drinque, desenvolvo todos os sintomas clássicos de um apaixonado: ansiedade no estômago, longos períodos sonhando acordado, incapacidade de lembrar qual é a cara dela. Consigo recuperar a imagem do vestido e das botinas, e ainda uma franja, mas o rosto é um vazio, de modo que o preencho com algumas características anônimas e clichês — lábios pronunciados e vermelhos, ainda que tenha sido o rosto limpo típico de uma garota inglesa inteligente que me atraiu nela, pra começar; olhos amendoados, ainda que ela estivesse usando óculos escuros a maior parte do tempo; pele clara e perfeita, ainda que eu saiba que ela é bem sardentinha. Quando encontrá-la, sei que vai haver decepção imediata — era *por isso* toda aquela confusão interior? —, e então vou achar algo que me anime de novo: o simples fato dela ter aparecido, uma voz sexy, inteligência, perspicácia, alguma coisa. E,

entre o segundo e o terceiro encontros, todo um novo conjunto de mitos terá sido criado.

Desta vez acontece algo diferente, porém. E é por causa dos momentos sonhando acordado. Estou lá fazendo o de sempre — imaginando em detalhes minuciosos a trajetória inteirinha do relacionamento, do primeiro beijo à cama, a irmos morar juntos, ao casamento (antigamente, costumava organizar até o repertório das fitas pra tocar na festa), a como ela vai ficar bonita quando estiver grávida, aos nomes das crianças — até que, de repente, me dou conta de que não tem mais nada pra, tipo, *acontecer*. Já fiz tudo, já vivi toda a relação na minha cabeça. Já vi o filme em velocidade acelerada; conheço o enredo inteiro, o final, todas as partes legais. Agora vou precisar rebobinar e ver tudo de novo na velocidade real, mas qual é a graça disso?

E porra... quando é que essa merda vai acabar? Vou ficar pulando de galho em galho a vida toda até que não tenha mais nenhum galho pro qual pular? Vou sair correndo cada vez que me der aquela coceirinha da mudança? Porque sinto isso a cada tanto, como as contas que chegam em casa periodicamente. Com mais frequência ainda durante o verão. Desde os meus catorze anos que penso com as entranhas e, pra ser franco, que fique só entre nós, cheguei à conclusão de que minhas entranhas têm merda no lugar do cérebro.

Sei o que tem de errado com a Laura. O que tem errado com a Laura é que nunca mais vou vê-la pela primeira ou segunda ou terceira vez. Nunca mais vou passar dois ou três dias pensando pra tentar lembrar qual é a cara dela, nunca mais vou chegar num pub meia hora antes do combinado pra encontrá-la e ficar olhando fixo pro mesmo artigo de uma revista e consultando o relógio a cada trinta segundos, nunca mais pensar nela vai provocar em mim algo como o que "Let's Get It On" provoca. E, claro, amo ela e gosto dela e a gente tem boas conversas, sexo bacana e brigas intensas, e ela cuida de mim e se preocupa comigo e organiza pra mim a volta do Groucho, mas o que vale tudo isso, quando alguém com os braços à mostra, um sorriso legal e um par de Doc Martens nos pés aparece na loja e diz que quer me entrevistar? Nada, é isso que vale, mas talvez devesse valer um pouco mais.

Foda-se. Vou mandar a fita pelo correio. Provavelmente.

34.

Ela está quinze minutos atrasada, o que significa que já estou no pub olhando fixo pro mesmo artigo de uma revista há quarenta e cinco minutos. Ela se desculpa, embora não com muita ênfase, pensando bem; mas não comento. Hoje não é o dia adequado.

“Saúde”, ela diz, e toca seu copo de drinque na minha Sol longneck. Um pouco da maquiagem dela derreteu com o suor e o calor do dia, e as bochechas estão rosadas; ela está uma graça. “Que surpresa boa essa.”

Não digo nada. Estou nervoso demais.

“Você está inquieto por causa de hoje à noite?”

“Não muito.” Me concentro em tentar empurrar a fatia de limão pra dentro da garrafa.

“Você vai conversar comigo ou leio meu jornal?”

“Vou conversar.”

“Certo.”

Mexo a cerveja pra pegar bem o gosto do limão.

“Sobre o que você vai conversar comigo?”

“Vou conversar sobre se você quer casar ou não. Comigo.”

Ela ri que se acaba. “Ha ha ha. Hu hu hu.”

“Sério.”

“Sei.”

“Ah, valeu. Do caralho.”

“Ah, desculpa. Mas dois dias atrás você estava apaixonado por aquela mulher que te entrevistou pro jornalzinho local, não estava?”



"Não exatamente *apaixonado*, mas..."

"Bom, me perdoe se não consigo te ver como a aposta mais segura do planeta."

"E você casaria comigo se eu fosse?"

"Não, acredito que não."

"Certo. Tá, então. Vamos pra casa?"

"Não faça birra. De onde saiu essa história agora?"

"Sei lá."

"Muito convincente."

"E dá pra te convencer?"

"Não. Acho que não. Só estava curiosa pra saber como é que o cara passa de gravar uma fita pra uma pessoa a um pedido de casamento pra outra em apenas dois dias. Tenho esse direito?"

"Tem."

"E?"

"Só estou de saco cheio de ficar pensando nesse negócio todo o tempo inteiro."

"Negócio todo?"

"Esse negócio. Amor e casamento. Quero pensar em alguma outra coisa."

"Mudei de ideia. É a coisa mais romântica que já ouvi. Caso. Aceito."

"Cala a boca. Só estou tentando explicar."

"Desculpa. Continua."

"É que sempre tive medo do casamento por causa da, sabe, do negócio da prisão, queria minha liberdade, e tudo mais. Mas, quando estava pensando naquela garota idiota, de repente percebi que era o contrário: que, se a gente casa com alguém que sabe que ama, e se toma jeito, fica livre pra outras coisas. Sei que você não tem certeza do que sente por mim, mas eu, sim, sei o que sinto por você. Sei que o que eu quero é estar com você e fico fingindo que não, pra mim mesmo e pra você, e a gente segue patinando no mesmo lugar. É como se, a cada poucas semanas ou algo assim, assinasse um contrato novo, e não quero mais isso. E sei que, se a gente casasse, eu levaria a sério, e não ia querer ficar de bobeira por aí."

“E você é capaz de tomar essa decisão assim, do nada, é isso? A sangue frio, pá-pum, se faço isso, a consequência é tal? Não tenho certeza de que as coisas funcionam desse jeito.”

“Mas *funcionam*, percebe? Só porque se trata de um relacionamento, de uma coisa sentimental, não quer dizer que não dê pra tomar decisões racionais a respeito. Às vezes é o que a gente precisa fazer, ou não chega a lugar nenhum. Aí é que está o meu erro. Ter permitido que o clima e os músculos do meu estômago e uma sensacional passagem de acordes num single dos Pretenders decidam por mim, e agora quero passar a decidir eu mesmo.”

“Talvez.”

“Como assim, talvez?”

“Quero dizer que talvez você tenha razão. Mas isso não me ajuda em nada, né? Você é sempre assim. Chega a alguma conclusão e todo mundo que se adapte. Você esperava de verdade que eu dissesse sim?”

“Sei lá. Não pensei nisso, na verdade. Perguntar era o mais importante.”

“Pois agora já perguntou.” Mas ela diz isso com delicadeza, como se soubesse que o que perguntei foi uma coisa boa, que tem uma espécie de significado, ainda que não do seu interesse. “Obrigada.”

35.

Até a banda entrar, tudo sensacional. Eu costumava demorar um pouco pra fazer o público esquentar, mas hoje o pessoal já começa quente. Em parte porque a maioria aqui está alguns anos mais velha do que alguns anos atrás, não sei se vocês me entendem — em outras palavras, é exatamente a mesma galera, e não uma equivalente à de 1994 —, e ninguém quer esperar até meia-noite e meia ou uma hora pra começar a curtir: estão cansados demais pra isso hoje e, também, alguns vão precisar ir pra casa quando der o horário da babá. Mas a animação surge, principalmente, porque a atmosfera é festiva, de genuína celebração, de “vamos aproveitar enquanto é tempo”, como se estivéssemos numa festa de casamento ou de aniversário, em vez de numa casa noturna que, na semana que vem, vai estar funcionando aqui mesmo, e talvez na semana seguinte também.

Mas tenho que dizer que sou bom pra caralho nesse negócio, que não perdi nem um pouco da velha magia. Uma das sequências — O’Jays (“Back Stabbers”), Harold Melvin and the Bluenotes (“Satisfaction Guaranteed”), Madonna (“Holiday”), “The Ghetto” (a galera vibra como se a música fosse minha, e não do Donny Hathaway) e “Nelson Mandela”, dos Specials — faz o pessoal pedir arrego. E então é hora da banda.

Mandaram que eu fizesse uma apresentação dos caras; o Barry até escreveu o que devo dizer: “Senhoras e senhores, podem ficar com medo. Muito medo. Com vocês... SONIC DEATH MONKEY!”. Mas pra

puta que o pariu com isso, e no fim acabo apenas meio que resmungando o nome da banda no microfone.

Eles estão vestidos de terno, com gravatinhas finas, e, quando ligam os instrumentos, soa uma terrível microfonia que, por um momento, temo que seja o número de abertura. Mas a Sonic Death Monkey não é mais o que era. Na verdade, nem é mais Sonic Death Monkey.

“A gente não se chama mais Sonic Death Monkey”, o Barry diz ao pegar o microfone. “Talvez logo nos tornemos os Futuristics, mas ainda não decidimos. Hoje, porém, o nome é Backbeat. Um dois três... WELL SHAKE IT UP BABY...” E atacam “Twist and Shout”, afinação perfeita, e a plateia vem abaixo.

E o Barry sabe cantar.

Tocam “Route 66” e “Long Tall Sally” e “Money” e “Do You Love Me?”, e as do bis são “In the Midnight Hour” e “La Bamba”. Em suma, todas as canções populares e reconhecíveis, satisfação garantida pra uma plateia na faixa dos trinta e tantos anos que acha que hip-hop é alguma coisa que seus filhos fazem na aula de artes. O público fica tão satisfeito, na verdade, que esvazia a pista nas músicas seguintes, escolhidas pra erguer de novo o moral de uma galera que estaria assustada e confusa com a apresentação da Sonic Death Monkey.

“O que foi aquilo?”, pergunto pro Barry quando ele aparece no meu espaço, suado e bêbado e cheio de si.

“Estava bom?”

“Melhor do que eu esperava.”

“A Laura falou que a gente só podia tocar se aprendesse umas músicas decentes pra hoje. Mas adoramos. Os rapazes já estão falando em jogar pro alto a história de ser pop star e começar a tocar em festas de bodas de prata.”

“O que você acha disso?”

“É, legal. Já estava começando a me perguntar pra onde íamos, musicalmente, enfim. Prefiro ver o pessoal dançando com ‘Long Tall Sally’ do que correndo pra saída com os ouvidos tapados.”

“Está gostando daqui?”

“Passa. Um pouco, sabe, populista pro meu gosto”, ele diz. E não está brincando.

O resto da noite é como o final de um filme. O elenco inteiro dançando: o Dick com a Anna (o Dick fica parado e meio que se remexe, a Anna segura as mãos dele e tenta fazê-lo se soltar um pouco), a Marie com o T-Bone (a Marie está bêbada, o T-Bone fica olhando pra trás, procurando alguém — a Caroline! — por quem está obviamente interessado), a Laura com a Liz (que fala animada e, ao que parece, furiosa com alguma coisa).

Coloco pra tocar “Got to Get You Off My Mind”, do Solomon Burke, e todo mundo tenta dançar, só por tentar, porque apenas os melhores dançarinos são capazes de fazer alguma coisa com essa música e ninguém, no salão, pode se dizer um dançarino dos melhores, ou mesmo dos mais medianos. Quando a Laura escuta os acordes de abertura, ela se vira e sorri e faz sinal de positivo várias vezes, e começo, na minha cabeça, a compilar uma coletânea pra ela, uma com um monte de coisas de que ela já tenha ouvido falar, de músicas que ela mesma colocaria pra tocar. Hoje, pela primeira vez, eu meio que consigo ver como se faz isso.



SIGRID ESTRADA

NICK HORNBY nasceu em 1957, em Redhill, Inglaterra. Formado na Universidade de Cambridge, publicou uma dezena de livros, entre os quais *Alta fidelidade* e *Um grande garoto*, que ganharam versões cinematográficas, assim como *Febre de bola*, suas memórias de torcedor fanático por futebol. Em 1997 fundou, com outros pais, a TreeHouse, um centro de excelência no tratamento de crianças autistas na Inglaterra.

Copyright © 1995 by Nick Hornby  
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
High Fidelity

*Capa*  
Alceu Chiesorin Nunes

*Preparação*  
Lígia Azevedo

*Revisão*  
Thaís Totino Richter  
Luciane Helena Gomide  
ISBN 978-85-8086-746-6

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

Antes

1. ALISON ASHWORTH (1972)

2. PENNY HARDWICK (1973)

3. JACKIE ALLEN (1975)

4. CHARLIE NICHOLSON (1977-1979)

5. SARAH KENDREW (1984-1986)

Hoje

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7.

8.

9.

10.

11.

12.

13.



- 14.
- 15.
- 16.
- 17.
- 18.
- 19.
- 20.
- 21.
- 22.
- 23.
- 24.
- 25.
- 26.
- 27.
- 28.
- 29.
- 30.
- 31.
- 32.
- 33.
- 34.
- 35.

Sobre o autor